

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA**

O casamento enganoso e O colóquio dos cães

tradução anotada e estudo preliminar de duas novelas exemplares cervantinas

Silvia Massimini

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Augusta da Costa Vieira

**São Paulo
2006**

*Ao Jeferson,
pela infinita paciência*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Augusta da Costa Vieira, pelo carinho e atenção, desde os tempos de graduação, e por compartilhar tão generosamente com seus orientandos de todo o seu imenso conhecimento.

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida, o que me permitiu a dedicação integral a este trabalho.

À minha mãe, Mercêdes, e às minhas irmãs, Adriana e Daniela, por todo o apoio durante esses anos.

Ao Prof. Dr. Pedro Garcez Ghirardi e à Profa. Dra. María Teresa Celada, pelas valiosas sugestões feitas na ocasião de meu exame de qualificação.

À Profa. Dra. María de la Concepción Piñero Valverde, pelas sugestões na tradução de algumas expressões e refrães.

A todas as colegas do Grupo de Estudos Cervantes, pelas inúmeras discussões bastante frutíferas sobre Cervantes e teoria literária; especialmente a Marta Pérez Rodríguez, amiga de todas as horas, pela paciência e por todo o apoio.

À tradutora Lia Wyler, pelas sugestões em relação aos nomes das personagens.

Às amigas Kátia Angelotti e Clara Quintela, que leram este trabalho com toda a atenção.

RESUMO

Esta dissertação consiste na tradução anotada de duas novelas de Cervantes: *O casamento enganoso* e *O colóquio dos cães*, que fazem parte da coleção de doze novelas publicadas pelo autor em 1613 sob o título *Novelas exemplares*. As traduções são precedidas de um estudo no qual se discutem: a origem, a cronologia e a classificação das novelas, sua originalidade e exemplaridade, bem como os conceitos de *admiratio* e verossimilhança, aos quais os escritores do século XVII dedicavam especial atenção.

Palavras-chave: literatura espanhola; Cervantes; *Novelas exemplares*; tradução; linguagem.

RESUMEN

Este trabajo consiste en la traducción, con notas, de dos novelas de Cervantes: *El Casamiento engañoso* y *El coloquio de los perros*, que forman parte de la colección de doce novelas publicadas por el autor en 1613 bajo el título *Novelas ejemplares*. Las traducciones están precedidas de un estudio en que se discuten: el origen, la cronología y la clasificación de las novelas, su originalidad y ejemplaridad, y también los conceptos de *admiratio* y verosimilitud, a los cuales los escritores del siglo XVII dedicaban especial atención.

Palabras llave: literatura española; Cervantes; *Novelas ejemplares*; traducción; lenguaje.

ABSTRACT

This dissertation consists of the annotated translation of two short novels by Cervantes: *El casamiento engañoso* e *El coloquio de los perros*, both part of the collection of twelve short novels published by the author in 1613, *Novelas ejemplares*. The translations are preceded by a study in which the following topics are examined: the origin, the chronology and the classification of the short novels, their originality and exemplariness, as well as the concepts of *admiratio* and verisimilitude, to which XVII century writers dedicated especial attention.

Key words: spanish literature; Cervantes; *Novelas ejemplares*; translation; language.

ÍNDICE

Introdução	6
Estudo preliminar	
<i>As Novelas exemplares</i> : origem, cronologia e classificação.....	8
A originalidade das <i>Novelas ejemplares</i>	11
A exemplaridade das <i>Novelas exemplares</i>	14
<i>A admiratio</i> e a verossimilhança	17
<i>O casamento enganoso</i> e <i>O colóquio dos cães</i>	19
Considerações sobre a tradução das novelas	23
Traduções	
<i>O casamento enganoso</i>	31
<i>O colóquio dos cães</i>	52
Notas	141
Bibliografia	173

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é a tradução de duas novelas exemplares de Cervantes, *El casamiento engañoso* e *El coloquio de los perros*, que será precedida por um estudo cujo objetivo é contextualizar o leitor não familiarizado com o universo cervantino. Leitor este que é de fundamental importância em tal universo: de fato, ao analisarmos o conjunto formado por estas duas novelas, podemos observar que Cervantes, há quatro séculos, já manifestava o desejo de que o leitor tivesse uma participação ativa na interpretação do texto.

É interessante notar que Cervantes, um dos maiores escritores da literatura ocidental e considerado pela maioria dos críticos como o iniciador de um gênero literário novo, o romance, é pouco estudado no Brasil. São escassos os trabalhos acerca da obra de Cervantes em língua portuguesa e, além disso, a maioria deles é sobre o *Quixote*; sobre as *Novelas exemplares*, praticamente, não há bibliografia. Outro fato que nos chama a atenção é que há três edições das *Novelas exemplares* no Brasil, mas em nenhuma delas há a tradução de *El coloquio de los perros*¹.

Há, sim, a tradução de *El casamiento engañoso*, mas trata-se de uma tradução incompleta, já que os 18 últimos parágrafos da novela, nos quais se faz alusão à novela *El coloquio de los perros*, foram simplesmente suprimidos. A meu ver, portanto, faz-se necessária uma tradução integral das duas novelas consideradas como um conjunto, para que possamos entender plenamente seu sentido e as muitas reflexões sobre poética que Cervantes inseriu nessas páginas.

Este trabalho divide-se em três partes: a primeira delas é dedicada a um estudo preliminar sobre as *Novelas exemplares*, no qual se discutem: a origem, a cronologia e a classificação das novelas, sua originalidade e exemplaridade, bem como os conceitos de *admiratio* e verossimilhança, aos quais os escritores do século XVII dedicavam especial atenção. A segunda parte enfoca algumas considerações sobre o ato tradutório, em geral, e os critérios utilizados na tradução das duas novelas, em particular. A terceira parte apresenta a tradução das novelas *O casamento enganoso* e *O colóquio dos cães*.

A tradução das novelas foi baseada nas seguintes edições das *Novelas ejemplares*: a de Jorge García López (Barcelona, Crítica, 2001), a de Florencio Sevilla Arroyo e Antonio Rey Hazas (Madrid, Espasa Calpe, 1996), e a de Harry Sieber (Madrid, Cátedra, 1990). Todas elas

¹ As três edições a que me refiro são as da Editora Boa Leitura (São Paulo, 1970), da Abril Cultural (São Paulo, 1983) e da Ediouro (Rio de Janeiro, 1993), todas traduzidas por Darly Nicolanna Scornaienchi. É curioso notar que na edição da Boa Leitura há um prefácio do prof. Julio García Morejón, no qual ele se refere à novela *O casamento enganoso* como uma espécie de prólogo ao *Colóquio dos cães*... não incluído na edição. Além de *El coloquio de los perros*, em nenhuma das edições brasileiras aparecem outras duas novelas: *La gitanilla* e *La ilustre fregona*.

reproduzem o texto *princeps* das *Novelas ejemplares* (Madrid, Juan de la Cuesta, 1613). Trata-se de edições elaboradas criteriosamente, com excelentes introduções e inúmeros comentários e anotações que ilustram o sentido e o conteúdo do texto. Também recorrem aos dicionários mais autorizados (como, entre outros, o de Corominas, *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, o de Correas, *Vocabulario de refranes e frases proverbiales*, o de Covarrubias, *Tesoro de la lengua castellana o española*, e o *Diccionario de Autoridades*, da Real Academia Española), esclarecendo o significado concreto de cada um dos termos com sentido obscuro para o leitor contemporâneo, o que facilita o entendimento de expressões específicas da época utilizadas por Cervantes.

As notas que complementam esta tradução foram elaboradas tendo como principais fontes de pesquisa as edições anteriormente citadas, especialmente a de Jorge García López, considerada hoje a mais completa edição das *Novelas ejemplares* e uma fonte de referência obrigatória não apenas para os estudiosos de Cervantes, mas também para o público leitor em geral.

ESTUDO PRELIMINAR

As *Novelas exemplares*: origem, cronologia e classificação

A primeira edição das *Novelas exemplares* de Cervantes foi aprovada pela censura em 1612 e impressa em 1613, oito anos depois do surgimento da primeira parte do *Quixote* e quando seu autor já contava com sessenta e seis anos, achando-se no último e mais frutífero decênio de vida no que diz respeito à sua produção literária impressa. Trata-se, portanto, de uma obra de absoluta maturidade, não apenas pela data de sua publicação, mas também pela plenitude literária que o escritor atingiu na composição das doze novelas, que aparecem com os seguintes títulos, nesta ordem: *La gitanilla*, *El amante liberal*, *Rinconete y Cortadillo*, *La española inglesa*, *El licenciado Vidriera*, *La fuerza de la sangre*, *El celoso extremeño*, *La ilustre fregona*, *Las dos doncellas*, *La señora Cornelia*, *El casamiento engañoso* e *El coloquio de los perros*.

As *Novelas exemplares* eram uma novidade não apenas para Cervantes, mas para a literatura espanhola da época, na qual não havia tradição de narrativas curtas. Existiam relatos próximos ao conto, de tradição medieval e com raízes folclóricas, como os do *Conde Lucanor*, de Don Juan Manuel, e os de *Patrañuelo*, de Juan de Timoneda. E também haviam se difundido muitas novelas adaptadas e traduzidas de escritores italianos, como Boccaccio². Contudo, a primeira coleção de novelas espanholas, a maior parte delas com personagens e ambientes nacionais, é sem dúvida a de Cervantes.

A gênese das *Novelas exemplares* é tão mal conhecida como a do teatro cervantino, mas possivelmente a coleção tenha sido escrita em diversos momentos entre 1590 e 1612, época em que Cervantes redige também outras narrativas curtas, como as incluídas na primeira parte do *Quixote* (*O curioso impertinente*, *O capitão cativo*). A crítica considera que as novelas *Rinconete y Cortadillo* – mencionada em 1605 no *Quixote* – e *El celoso extremeño* tenham sido escritas por volta de 1590. Uma primeira versão desses dois relatos aparece na *Miscelánea* manuscrita que Francisco Porrás de la Cámara fez para o arcebispo de Sevilha, dom Fernando Niño de Guevara, em 1604. Essas duas novelas aparecem depois entre as *Exemplares* com importantes variações em seu texto, sobretudo em *El celoso extremeño*, o que permite pensar que, para a coleção de *Novelas exemplares*, Cervantes recuperou e retocou várias obras que escrevera em épocas distintas³. Quanto à data de composição das outras dez novelas, sempre foi motivo de hipóteses

² Ángel Basanta, *Cervantes y la creación de la novela moderna*, Madrid, Anaya, 1992, pp. 38-39.

³ Antonio Rey Hazas, “Novelas ejemplares”. In: CLOSE, Anthony et alii, *Cervantes*, Madrid, Centro de Estudios Cervantinos, 1995, pp. 179-182.

contraditórias. *El amante liberal* e *La española inglesa*, que durante muito tempo foram consideradas as mais antigas da coleção, na atualidade são consideradas posteriores ao regresso do escritor a Madri. *La gitanilla*, *El licenciado Vidriera*, *La ilustre fregona*, *El casamiento engañoso* e *El coloquio de los perros* fazem referência a acontecimentos notáveis da primeira década do século XVII (êxito do *Guzmán de Alfarache*, expulsão dos mouriscos), mas algumas dessas alusões podem ter sido introduzidas em uma última revisão⁴. Pois, como afirma E. C. Riley, em poucas ocasiões as datas ou fatos históricos que aparecem nos relatos servem para identificar o momento em que foram escritas, porque, por um lado, Cervantes retificou de última hora obras de época bastante anterior e, por outro, estava mais preocupado em escrever uma série de acontecimentos que contribuíssem para criar um ambiente verossímil na estrutura narrativa, gerando freqüentemente anacronismos e contradições em relação ao tempo real, tal como podemos observar, por exemplo, em *La española inglesa*⁵. Em razão disso, portanto, é praticamente impossível estabelecer uma cronologia aplicável à data de composição das novelas.

Também houve inúmeras tentativas, por parte dos críticos, de dividir em grupos característicos as doze narrativas, levando-se em consideração seu valor literário e o critério artístico de Cervantes. Entretanto, também nesse terreno é quase impossível chegar a um acordo, pois entre os relatos encontram-se marcadas diferenças: há uma grande variedade de assuntos, temas e formas – alguns estão próximos a modelos italianos e outros supõem um notável aprofundamento, seja psicológico, social ou estilístico. Para Peter N. Dunn, em geral a história da crítica das *Novelas ejemplares* segue os interesses acadêmicos de sua época: do lado “científico”, a crítica estudou detalhadamente as fontes de Cervantes, sua influência sobre os escritores posteriores, seu vocabulário e seu estilo: do lado “humanístico”, analisou as personagens, seus valores e suas relações com o autor. As classificações das *Novelas*, portanto, sempre refletiram fielmente as polaridades da época dos críticos: realismo-idealismo, observação-fantasia, verdade-artifício⁶.

Ao longo dos anos, surgiram vários critérios de classificação: novelas amatórias, de costume, satíricas, picarescas, de caráter, humorísticas. Uma das distinções mais aceitas, atualmente, é a de novelas idealizantes e novelas realistas. Do primeiro tipo seriam as histórias bizantinas, com tramas complicadas, viagens e naufrágios: *El amante liberal*, *La española inglesa*, *Las dos doncellas*. Do segundo tipo seriam aquelas centradas em quadros de costume, espaços próximos e contemporâneos ao leitor, com aspectos irônicos e satíricos: *Rinconete y Cortadillo*, *El coloquio de los perros*. Valbuena-Prat coloca, entre os dois extremos, um território

⁴ Peter N. Dunn, “Las Novelas ejemplares”. In: AVALLE-ARCE, J. B. e RILEY, E. C.(org.), *Suma Cervantina*, Londres, Tamesis, 1973, pp. 81-82.

⁵ Edward C. Riley, *Teoría de la novela en Cervantes*, Madrid, Taurus, 1962, p. 189.

⁶ Peter N. Dunn, op. cit., p. 89.

intermediário de novelas ideorrealistas, em que o processo idealizador toma como ponto de partida a realidade e não a convenção literária: *La gitanilla*, *La ilustre fregona*, *El celoso extremeño*⁷.

A verdade é que a representação do mundo proposta pelas novelas cervantinas foge às classificações que a crítica tentou estabelecer em diversas épocas. Opor as novelas realistas às novelas idealistas, por exemplo, significa multiplicar as distinções aparentes a partir de critérios anacrônicos. Como diz Antonio Rey Hazas,

no sé si tienen otra utilidade que la meramente pedagógica las clasificaciones y agrupaciones de novelas que se han hecho y se hacen, a no ser que indaguen una determinada trayectoria poética, a la búsqueda del “camino” cervantino hacia la novela corta perfecta; pero aun en estos casos, dadas las insalvables dificultades cronológicas, es difícil ir más allá de la pura hipótesis o de la simple conjetura⁸.

As narrações curtas cervantinas são, simultaneamente, críticas e conformistas, realistas e idealistas, oniscientes e autocriadoras, sérias e burlescas, perspectivistas e fechadas, tuteladas e livres. Além disso, nelas coincidem as duas concepções opostas da natureza que havia na época: 1) a que via o mundo como um caos no qual os elementos tendiam à corrupção ou à luta entre si e na qual o homem estava dividido com relação a si próprio, aos demais seres humanos e à sociedade, também caótica, injusta e pervertida; 2) a interpretação do universo como um conjunto consoante, ordenado e guardado por Deus, presidido pela harmonia e pela hierarquia, pela concórdia entre corpo e alma, dentro do homem, ou entre este e a sociedade à sua volta, sem fissuras entre os seres humanos e seus sentimentos, suas paixões, sua sociedade, seu amor, sua religião, sua origem, sua família, etc. Concepção à qual correspondem fórmulas narrativas como a pastoril ou a cavalheiresca⁹. Contudo, isso não implica dissociação alguma de grupos narrativos opostos, antes o contrário, unidade na dualidade, da maneira usual nos séculos XVI e XVII. Porque

Cervantes, evidentemente, no estaba satisfecho con ninguno de estos dos tipos de narraciones; en las *Novelas ejemplares* no hay ni novelas picarescas ni verdaderas novelas de aventuras (...) En todas las novelas están presentes ambos conceptos de naturaleza, ambos órdenes de realidad¹⁰.

⁷ Juan Manuel Oliver Cabañes, “Las *Novelas ejemplares*”. In: CERVANTES, M. de, *Novelas ejemplares* (Rinconete y Cortadillo, La española inglesa, El licenciado Vidriera), Madrid, Castalia, 1987, p. 38.

⁸ Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, “Introducción”. In: CERVANTES, M. de, *Novelas ejemplares*, Madrid, Espasa Calpe, 1996, p. 15.

⁹ Idem, p. 17.

¹⁰ Peter N. Dunn, op. cit., p. 93.

A originalidade das *Novelas exemplares*

Na época de Cervantes, a prosa narrativa desfrutava de pouca estima entre os cultos, e essa falta de apreço era compartilhada inclusive pelos próprios escritores. Tal fato se devia à escassa atenção que o gênero havia merecido dos tratadistas retóricos clássicos, os quais, em suas preceptivas, consideravam-no uma manifestação literária de nível menor, derivada do poema épico. Em tais termos haviam se pronunciado Aristóteles em sua *Poética* e Pinciano, máxima autoridade espanhola nesse campo, em sua *Philosophía antigua poética*, que desenvolve as doutrinas do primeiro. Conseqüentemente, não havia, como nos outros gêneros literários, um corpo de regras consagradas pela autoridade dos clássicos que o narrador devia seguir para escrever suas obras¹¹. Portanto Cervantes, ao compor sua produção narrativa, enfrenta o desafio de abordar um gênero praticamente novo, que consegue dignificar e elevar à alta consideração de que já desfrutavam os mais sublimes, como o teatro e a poesia. Consciente de seu trabalho, além disso, ele preenche seus textos com reflexões críticas pessoais sobre a literatura em geral e, muito em particular, sobre a arte narrativa.

Deve-se recordar que no Século de Ouro se distinguiam claramente vários tipos de relatos, os quais eram divididos em subgêneros diferentes. O primeiro era constituído pelas narrações longas, cujos expoentes mais significativos eram os livros de cavalaria, o gênero sentimental ou a picaresca; o segundo era formado pelos contos breves, de freqüente filiação folclórica, em que se distinguiu Juan de Timoneda; o último, de aparição mais tardia, era o formado pelas novelas, único ao que se aplicava concretamente tal nome, de origem italiana e composto por obras de menor extensão que as primeiras e maior que as segundas. Precisamente a esse último grupo é que pertencem as *Novelas exemplares* de Cervantes.

Na Itália, esse gênero havia conhecido seu esplendor com o *Decameron* de Boccaccio, obra que alcançou extraordinária difusão na Europa e cujas histórias foram traduzidas e imitadas em muitas ocasiões. Vários outros narradores italianos alcançaram fama e popularidade, em especial Mateo Bandello e Giraldi Cinthio, que possivelmente influenciaram a obra cervantina. Naturalmente, sua influência não é importante quanto a fatos argumentais, mas sim em relação à concepção do gênero e às características que definem o mesmo diante das demais manifestações narrativas. Pode-se afirmar, portanto, que Cervantes tomou dessas novelas o modelo formal e sua arquitetura estrutural, aceitando seu paradigma de extensão, a unidade e a continuidade do argumento, e a necessidade de que este fosse verossímil¹².

¹¹ Juan Manuel Oliver Cabañes, op. cit., pp. 33-34.

¹² Idem, p. 35.

De acordo com o próprio autor, as doze novelas constituem o primeiro exemplo de relato curto na literatura espanhola, levando-se em consideração o significado, naquela época, da palavra “novela”. No prólogo às *Novelas ejemplares*, Cervantes proclama sua novidade com bastante orgulho:

[...] yo soy el primero que he novelado en lengua castellana, que las muchas novelas que en ella andan impresas, todas son traducidas de lenguas extranjeras, y éstas son mías propias, no imitadas ni hurtadas; mi ingenio las engendró, y las parió mi pluma, y van creciendo en los brazos de la estampa¹³.

Tais afirmações são exatas, pois, em primeiro lugar, a obra teve um êxito imediato: quatro edições no primeiro ano, contando as edições “piratas”; vinte e três edições durante o século XVII, e também inúmeras traduções e adaptações. Em segundo lugar, Cervantes acerta ao dizer que foi o primeiro a “novelar” em língua castelhana por várias razões, entre as quais se destaca a profunda meditação que realizou sobre todas as formas literárias que o haviam precedido, tanto na Espanha como fora dela.

De fato, as *Novelas ejemplares* trazem grandes novidades. É certo que elas foram concebidas a partir das italianas, com estruturas narrativas similares, mas o escritor inventou argumentos originais e introduziu modificações importantes, podendo ser apontados vários aspectos que aperfeiçoam tecnicamente o gênero com relação aos modelos italianos: a importância maior concedida ao diálogo, que raramente era utilizado pelos *novellieri*; deles tomou boa parte das características externas do gênero, mas não respeitou sua ordem cronológica geralmente estrita, inclinando-se pelo início “in media res”; ateu-se mais que eles ao princípio de captar a atenção do leitor por meios muito originais, entre os quais se sobressaem os procedentes do teatro e, sobretudo, superou a objetividade dos italianos. Além disso, nota-se a ausência de comentários, citações eruditas e sentenças, de que os italianos abusavam, distraindo a atenção do leitor do assunto principal; a redução da presença de elementos fantásticos em favor da atenção à vida real; sua extraordinária pintura da psicologia das personagens; sua preocupação pela verossimilhança do narrado; seu interesse pela honestidade dos relatos; seu gosto por ampliar o assunto único, interpolando peripécias secundárias que animam a narração, evitando a monotonia sem prejudicar sua unidade; a nacionalização de assuntos e personagens; a supressão de elementos maravilhosos ou sobrenaturais, como modo de potencializar o realismo que gera verossimilhança; o otimismo e a generosidade vitais que o levam a evitar temas trágicos e finais

¹³ Miguel de Cervantes, *Novelas ejemplares*. Ed. de Jorge García López. Barcelona, Crítica, 2001, p. 19.

infelizes...¹⁴ Além disso, Cervantes assimilou, sintetizou e fundiu, de diversas maneiras, as tradições do relato já apresentadas com todos os gêneros literários espanhóis anteriores, sem esquecer a comédia barroca ou o diálogo renascentista. Ao lado da *novella* e da bizantina, aparecem a pastoril e a cavalheiresca; junto à novela picaresca estão o relato filosófico e o diálogo lucianesco¹⁵. Praticamente não há forma ou gênero anterior que não tenha sido assimilado profundamente pela poética cervantina da prosa. Pode-se afirmar com certeza que, apesar da variedade e do número de seus modelos, a fórmula da novela curta a que o autor do *Quixote* chegou foi radicalmente anticonvencional e “irreduzível a um modelo pré-formado”¹⁶.

Assim, pode-se ver como *Rinconete y Cortadillo* funde originalmente a jácara com a picaresca, gênero este que também está presente em *La ilustre fregona*, ao lado da tradição mais idealista, bem como na esplêndida bilogia de que nos ocuparemos mais detalhadamente, *El casamiento engañoso* e *El coloquio de los perros*, só que junto à chacota e ao diálogo lucianesco, neste caso. *La española inglesa*, por sua vez, leva a novela bizantina ao Atlântico, enquanto que *El amante liberal* mantém o gênero grego em seu âmbito natural do mar Mediterrâneo, embora unido à tradição mourisca e de relato de cativo, já iniciada pela história do capitão cativo do primeiro *Quixote*. *La fuerza de la sangre*, *Las dos doncellas* e *La señora Cornelia* se movem nos terrenos do modelo da *novella* italiana, embora rejuvenescida nos três casos por elementos procedentes da comédia, próximos à farsa no primeiro caso e bastante mais sérios no último. A fórmula italiana também está presente em *El celoso extremeño*, embora a peculiaridade dessa novela a torne quase inclassificável entre as formas narrativas de sua época. A original *El licenciado Vidriera* sintetiza a narração satírico-filosófica, o folclore e a novela de transformações. *La gitanilla*, enfim, integra coerentemente elementos cortesãos, cavalheirescos e pastoris. Se a tudo isso acrescentamos as novelas intercaladas em torno à estalagem do primeiro *Quixote*, comprovaremos que não se pode detectar a falta de nenhum gênero narrativo da época¹⁷.

Como diz Antonio Rey Hazas, tal esforço de reflexão, meditação, assimilação e, sobretudo, de inovação narrativa não pode dever-se à casualidade. Trata-se, sem dúvida, do resultado magistral de um plano de renovação da novela quinhentista. De um projeto consciente, bem concebido e bem-acabado de rejuvenescimento de todas as formas narrativas existentes, cujo fruto geral é simplesmente o romance¹⁸.

¹⁴ Jorge García López, “Prólogo”. In: CERVANTES, M. de, *Novelas ejemplares*, Barcelona, Crítica, 2001, pp. LXXIX-LXXXVIII.

¹⁵ Ángel Basanta, op. cit., p. 42.

¹⁶ Jean Canavaggio, *Cervantes*, Madrid, Espasa Calpe, 1987, p. 215.

¹⁷ Harry Sieber, “Introducción”. In: CERVANTES, M. de, *Novelas ejemplares*, Madrid, Cátedra, 1990, pp. 11-38.

¹⁸ Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, *Cervantes. Vida y literatura*, Madrid, Alianza Editorial, 1995, pp. 78-79.

A exemplaridade das *Novelas ejemplares*

Muito foi escrito acerca da exemplaridade dessas narrações. A diversidade de interpretações é proporcionada pela cervantina ambigüidade do prólogo:

Heles dado nombre de ejemplares, y si bien lo miras, no hay ninguna de quien no se pueda sacar algún ejemplo provechoso; y si no fuera por no alargar este sujeto, quizá te mostrara el sabroso y honesto fruto que se podría sacar, así de todas juntas, como de cada una de por sí. Mi intento ha sido poner en la plaza de nuestra república una mesa de trucos, donde cada uno puede llegar a entretenerse, sin daño de barras; digo, sin daño del alma ni del cuerpo, porque los ejercicios honestos y agradables antes aprovechan que dañan. [...] Una cosa me atreveré a decirte, que si por algún modo alcanzara que la lección destas Novelas pudiera inducir a quien las leyera a algún mal deseo o pensamiento, antes me cortara la mano con que las escribí que sacarlas en público¹⁹.

Pouco antes, no mesmo “Prólogo al lector”, Cervantes havia formulado uma idéia bastante semelhante:

Quiero decir que los requebros amorosos que en algunas hallarás, son tan honestos y tan medidos con la razón y discurso cristiano, que no podrán mover a mal pensamiento al descuidado o cuidadoso que las leyere²⁰.

Parte da crítica cervantina, interpretando a exemplaridade em sentido moral, aceitou a sinceridade do autor no prólogo citado. Também se pensou que a proposta de exemplaridade moralizante poderia ser um tópico e responder às exigências habituais na literatura de sua época, isto é, à necessidade de impor valores morais à criação literária profana manifestada no Barroco espanhol ou a uma atitude de cautela adotada por Cervantes com a finalidade de manter a estima que obtivera junto aos poderosos depois do êxito da primeira parte do *Quixote*²¹.

No entanto, a exemplaridade das novelas não está totalmente clara, se entendemos o termo em sua acepção comum. Cervantes não moraliza diretamente salvo no caso de *La española inglesa* e, talvez, nos de *Rinconete y Cortadillo* e *El celoso extremeño*. Não segue, além disso, os esquemas da literatura exemplar e se afasta da seqüência “sentença/exemplo” sistematicamente²². Desse modo, deve-se buscar a exemplaridade cervantina – se é que ela existe – por vias distintas às habituais na novela de sua época, já que tem muito pouco (ou nada) em

¹⁹ Miguel de Cervantes, op. cit., pp. 18-19.

²⁰ Idem, p. 18.

²¹ Juan Bautista Avall-Arce, “Introducción”. In: Cervantes, Miguel de. *Novelas ejemplares*. Madrid, Castalia, 1987, p. 13.

²² Juan Manuel Oliver Cabañes, op. cit., p. 41.

comum com obras como o *Guzmán de Alfarache* (1599-1604), de Mateo Alemán, que se atém estritamente aos modelos didáticos retóricos e medievalizantes, ou como *La pícaro Justina* (1605), de Francisco López de Úbeda, inversão paródica da obra alemaniana.

Para Américo Castro, a reiteração da finalidade moral nas *Exemplares* é excessiva, sobretudo se comparada com o *Quixote*, no qual não há tamanha insistência. Isso o leva a defender a hipótese de que Cervantes, um cristão novo, ateve-se inicialmente à característica atitude crítica e inconformista dos de sua casta, mas depois do êxito do *Quixote* modificou seus critérios e se adaptou às exigências moralizadoras da casta dominante, dos cristãos velhos, razão pela qual se tornou muito mais conformista. Protegido por pessoas como o arcebispo Bernardo de Sandoval y Rojas ou o conde de Lemos, Cervantes terminaria por ceder às imposições conservadoras e aristocráticas destes, decorrendo daí a insistência na moralidade e exemplaridade de suas novelas. Daí procedem, também, as modificações que fez na novela *El celoso extremeño*, que Castro acredita ser devidas aos conselhos do arcebispo de Sevilha, Niño de Guevara, a quem, como já foi dito, era dedicada a *Miscelánea* manuscrita de Porras de la Cámara na qual se incluiu a primeira redação²³.

Infelizmente, a hipótese de Castro não resiste à menor análise, porque Cervantes não apenas não atenuou seu sentido crítico, mas o acentuou cada vez mais, como demonstra a segunda parte do *Quixote* em relação à primeira. Portanto, a explicação do sentido de exemplaridade deve ser buscada por outros meios.

Possivelmente Cervantes tinha um conceito artístico da exemplaridade. Para ele, era impossível a moralização se esta não viesse acompanhada de uma fruição estética, porque ética e estética coincidiam na verdade artística. Como diz Riley:

Por encima y por debajo de los avisos y ejemplos edificantes existía una región en que lo poéticamente verdadero y lo ejemplar se reconciliaban, y éste debe haber sido el sentido amplio en que Cervantes entendía la ejemplaridad. Al fin y al cabo, la literatura imaginativa era ejemplar simplemente por ser representación de la vida²⁴.

A insistência se devia, pois, ao novo e peculiar sentido da exemplaridade que suas novelas traziam; era uma advertência ao leitor para que se fixasse nela, para que se desse conta de que a obra bem-feita, verossímil, harmônica e consoante, a que implica a fruição intelectual da verdade artística e literária, comporta inevitavelmente a satisfação exemplar que produz a

²³ Américo Castro, "La ejemplaridad de las novelas cervantinas", in *Hacia Cervantes*, Madrid, Taurus, 1967, pp. 451-474.

²⁴ Edward C. Riley, op. cit., p. 170.

verdade moral anexa²⁵. Independentemente do fato de que às vezes coincida, parcial e episodicamente, com a imoralidade. “Para Cervantes, la verdad poética y la moralidad eran [...], en último término, inseparables”, como afirma Riley²⁶.

Apesar da necessária declaração expressa para a censura, de que “había que justificarse ante la mala prensa del género”²⁷ herdada da tradição italiana, o certo é que se faz necessário unir ética e estética para compreender a exemplaridade das novelas cervantinas. E por isso também é imprescindível levar em consideração que tal exemplaridade não se revela nunca com clareza (pois o autor adverte: “si bien lo miras”), dado que é ao leitor, ao seu olhar, que corresponde encontrá-la, sempre, além disso, em torno à vida e às suas instâncias, à luz dos acontecimentos da novela. O leitor, como acontece habitualmente na narrativa cervantina, de acordo com sua perspectiva individual e com liberdade, deve interpretar e completar o texto, que precisa de sua colaboração ativa. E, visto que a trama artística-literária é indissociável da moralidade, ao leitor também corresponde, simultaneamente, encontrar a exemplaridade. Portanto, como já recomendava Casaldueiro, “las novelas ejemplares no deben buscarse para aprender algo [...], no hay que buscar en ellas moral o moraleja alguna”²⁸, e sim lê-las como narrações de entretenimento, com pleno conhecimento de que tal deleite implicará um proveito, de que o entretenimento será, sem dúvida, “honestíssimo”. A grande qualidade literária de Cervantes garante isso²⁹.

Por causa da imensa qualidade dessas criações narrativas, não é raro que alguns estudiosos tenham chegado a pensar que novelas ejemplares não signifique, enfim, mais que exemplos de novelas. Assim o fez A Valle-Arce, ao dizer que: “Son ejemplares, evidentemente, porque pueden servir de ejemplo y modelo a las nuevas generaciones artísticas españolas”³⁰. Da mesma forma Jean Canavaggio, para quem “las doce novelas [...] merecen ser llamadas ejemplares: son en efecto doce ficciones experimentales que exploran de forma sistemática las vías de la creación novelesca”³¹.

A exemplaridade, enfim, é um tópico que não pode ser resolvido satisfatoriamente e, para Harry Sieber,

posiblemente no merezca solución, porque llega a ser un obstáculo en la lectura de las Novelas ejemplares como obra literaria. Cervantes sabía bien que si hubiera escrito nada

²⁵ Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, op. cit., p. 21.

²⁶ Idem, p. 173.

²⁷ Alberto Bleca, “Las Novelas Ejemplares”. In: AAVV, *Cervantes. La invención poética de la novela moderna*, *Anthropos*, 98-99 (1989), p. 73b.

²⁸ Joaquín Casaldueiro, *Sentido y forma de las “Novelas ejemplares”*, Madrid, Gredos, 1969, p. 54.

²⁹ Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, op. cit., pp. 21-22.

³⁰ Juan Bautista A Valle-Arce, “Introducción”. In: CERVANTES, Miguel de, *Novelas ejemplares*, Madrid, Castalia, 1987, p. 17.

³¹ Jean Canavaggio, op. cit., p. 216.

más que libros de ejemplos, no habría podido decir en serio que era el primero en novelar en lengua castellana. Creía ciertamente que fabricó algo nuevo y original y que no era imitación de otros libros, sino imitable. En este sentido [...] sus novelas ejemplares son novelas originales, compartiendo quizá una definición que ofrece Covarrubias de la palabra ejemplar: ‘Exemplo, lo que se copia de un libro o pintura, y ejemplar, el original’³².

A admiratio e a verossimilhança

Uma das características poéticas que melhor define as *Novelas ejemplares* é a união dos elementos básicos da poética áurea, o admirável e o verossímil, que são a chave para a compreensão da extraordinária habilidade criativa de Cervantes.

As novelas, de fato, mostram a preocupação de Cervantes pela verossimilhança, o que podemos entender como um artifício em busca da credibilidade, e não do realismo³³. Pensava-se, de acordo com Aristóteles, que, enquanto o apropriado para a história era o particular (as coisas como eram, por singulares que fossem), o apropriado para a arte seria o provável, o típico, o universal. Isso se refere tanto aos personagens como aos acontecimentos. Os personagens que povoam as novelas cervantinas não são indivíduos (embora haja alguns toques de psicologia individual): são característicos de seus tipos – o enamorado de alma nobre, o jovem fioso, etc. –, e o que Cervantes tem a dizer à humanidade é geral e não particular. A distração que as narrativas oferecem não deve ser buscada no realismo psicológico, mas nos aspectos formais da narração: situações estranhas e surpreendentes, mas não impossíveis, inesperados encontros e reconhecimentos, engenhosos esquemas narrativos, não visíveis e, por isso, mais agradáveis ao leitor quando são percebidos. É evidente que Cervantes projetou seu livro como um mostruário da arte de narrar, ao que se soma o prazer do estilo: elegante, variado – às vezes simples, outras retórico –, solene ou humorístico, segundo pedia o relato³⁴.

Todos os tratadistas literários, todos os escritores barrocos defenderam a necessidade da admiração e se deram conta das dificuldades que implicava sua harmonização com a verossimilhança. Cascales, um dos mais inteligentes estudiosos da poética clássica e áurea, dizia que³⁵:

³² Harry Sieber, op. cit., p. 16.

³³ Félix Martínez-Bonati, *El Quijote y la poética de la novela*, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1995, p. 195.

³⁴ Peter N. Dunn, op. cit., pp. 85-86.

³⁵ Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, op. cit., p. 23.

La admiración es una cosa importantísima en cualquier especie de poesía [...] Si el poeta no es maravilloso, poca delectación puede engendrar en los corações [...] Para engendrar, pues, maravilla, suelen los buenos poetas hazer ficciones de cosas probables y verisímiles; porque si la cosa no es probable, ¿quién se maravillará de aquello que no aprueba³⁶?

Lugo y Dávila, por sua vez, mas se referindo especificamente à poética narrativa, compartilhava de tal opinião:

La mayor valentía y primor en la fábula que compone la novela es mover a la admiración con suceso dependiente del caso y la fortuna; mas esto tan próximo a lo verisímil, que no haya nada que repugne al crédito³⁷.

Pinciano, enfim, talvez o mais influente de todos, e o único anterior a Cervantes, recomendara em sua *Philosophía antigua poética* que a obra literária fosse “admirable y verosímil. Ha de ser admirable porque los poemas que no traen admiración no mueven cosa alguna, y son como sueños fríos algunas veces”. Havia, sem dúvida, uma importante dificuldade na harmonização proposta por ambos os conceitos que não escapava ao tratadista: “parece que tienen contradicción lo admirable y lo verosímil”³⁸.

Certamente, não era simples solucionar essa equação, já que equivalia, na maior parte dos casos, a converter em verossímil o inverossímil, em realidade literária o irreal. Cervantes, com sua inteligência narrativa ímpar, superou com brilhantismo tamanho problema, como não o fizeram seus contemporâneos, em boa parte dos casos. Dessa forma, em seus relatos a admiração torna-se verossímil mediante a sábia utilização de artificios literários, criando assim sua própria “realidade” poética³⁹.

Cervantes nos oferece uma extraordinária lição de teoria e prática narrativas, aplicando os conceitos de *admiratio* e de verossimilhança com grande maestria, nos dois relatos entrelaçados de *El casamiento engañoso* e *El coloquio de los perros*, novelas que constituem o objeto de tradução deste trabalho e as quais analisaremos mais detalhadamente a seguir.

³⁶ Francisco Cascales, *Tablas poéticas*, ed. de B. Brancaforte, Madrid, Espasa-Calpe, 1975, pp. 169-171 (citado por Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, op. cit., p. 23).

³⁷ Francisco de Lugo y Dávila, *Teatro popular*, ed. de Cortarelo, Madrid, 1906, pp. 24-26 (citado por Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, op. cit., p. 23).

³⁸ Alonso López Pinciano, *Philosophía antigua poética*, Madrid, CSIC, 1953, vol. II, p. 61 (citado por Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, op. cit., p. 24).

³⁹ Antonio Rey Hazas e Florencio Sevilla Arroyo, op. cit., p. 24.

O casamento enganoso e O colóquio dos cães

Estas duas novelas mantêm uma relação muito estreita, a ponto de alguns estudiosos as considerarem um só relato⁴⁰, pois a primeira funciona como uma espécie de prólogo que apresenta o interessante diálogo mantido entre os cães Cipião e Berganza, protagonistas da segunda.

O casamento enganoso é uma brevíssima novela que conta, de maneira divertida e animada, um fato da vida do alferes Campuzano. A história se inicia quando o licenciado Peralta, amigo do protagonista, encontra-o saindo do hospital da Ressurreição, em Valladolid, no qual esteve durante vários dias para curar-se de sífilis. Como Campuzano adquiriu a doença é o tema da novela, narrada em primeira pessoa pelo próprio alferes, por insistência de Peralta. Assim, ficamos sabendo de que maneira Campuzano conheceu dona Estefânia de Caicedo que, apesar de não ser muito jovem e nem muito bela e de admitir um passado duvidoso, parece ser uma mulher de posses. O soldado, enganado pelas aparências de bem-estar econômico que a dama exhibe, decide cortejá-la e casa-se com ela. Vão viver na casa da esposa, mas no final descobre-se que a casa era, na verdade, de uma amiga de dona Estefânia, que, por sua vez, foge com o amante e o baú que continha todas as posses e jóias do alferes (que, na verdade, também eram falsas e não valiam nada). Assim, a única herança que Campuzano tem do casamento é a sífilis contraída. Entretanto, durante sua forçada estadia no hospital, ocorre a ele uma aventura que ainda é mais surpreendente que seu desgraçado matrimônio: em uma noite de insônia, é testemunho do diálogo entre dois cães do hospital, chamados Cipião e Berganza. Campuzano resolve escrever a substância do relato e entrega as anotações ao amigo Peralta, para que as leia e expresse sua opinião. Após diversos protestos de incredulidade, o licenciado senta-se e começa a leitura, enquanto o alferes dorme. Tem início então, a “Novela e colóquio que ocorreu entre Cipião e Berganza, cães do hospital da Ressurreição, que fica na cidade de Valladolid, além da porta do Campo, a quem comumente chamam os cães de Mahúdes” (ou, como se tornou conhecida, *O colóquio dos cães*). A novela é, sem sombra de dúvida, o mais audaz experimento narrativo de toda a série, um triunfo total em todos os sentidos e uma pequena obra-prima. Berganza conta suas aventuras a Cipião, que as comenta e impõe seus limites, evitando os extremismos de seu companheiro. Este, em razão de sua trajetória vital, chegou a conhecer profundamente a vida humana. Serviu a diversos senhores: um magarefe do Matadouro de Sevilla; alguns pastores, que matam o rebanho e culpam o lobo; um rico comerciante, que Berganza abandona por não poder permitir que uma criada negra da casa se divirta com um outro empregado diante de seus próprios olhos; um aguazil, que está combinado com sua amante para chantagear estrangeiros

⁴⁰ Peter. N. Dunn, op. cit., p. 113.

ingênuos; um soldado, com o qual viaja pelos povoados e que o leva a Montilla, onde acontecerá a curiosa cena com a bruxa Cañizares; um mourisco, ao qual tacha de avaro; um poeta; alguns cômicos e, finalmente, Mahúdes, que o leva ao hospital. No final da história, o cão conta o diálogo entre quatro internos do hospital: um matemático, um arbitrista, um poeta e um alquimista.

Trata-se de uma série de quadros satíricos que inevitavelmente nos fazem lembrar a narrativa picaresca. Mas, apesar das semelhanças evidentes – Berganza foi “cão de muitos amos”, seu relato tem um caráter itinerante... –, as diferenças são muitas: o elemento mágico que permite o diálogo entre os dois cães, as interrupções de Cipião, a bondade de Berganza...

Como disse Amezúa, o artifício dos cães falantes permite ao autor converter-se em espectador e fiscal da sociedade de seu tempo. Fazer com que um cão critique a conduta do homem é evidentemente uma ironia. O homem se comporta, aos olhos desse espectador imparcial, de uma maneira absurda e contradiz constantemente os princípios morais mais elementares. Os humanos, para Berganza, destruíram completamente a ordem lógica e natural do mundo, e o cão se admira ao refletir sobre o que ocorre ao seu redor⁴¹.

Apesar de apresentar um esplêndido quadro de costumes da Espanha do século XVII, a maioria dos críticos concorda que *O colóquio dos cães* está dedicado, principalmente, à teoria e à prática narrativas. O episódio central da vida de Berganza e o descrito com maiores detalhes “é uma certa história que me passou com uma grande feiticeira, discípula da Camacha de Montilla”, ou seja, a bruxa Cañizares. Esse episódio é a chave argumentativa do *Colóquio*, porque, se aceitarmos as explicações da feiticeira, tanto Cipião como Berganza são seres humanos, filhos da bruxa Montiel que foram metamorfoseados em sua atual forma canina por meio de feitiçaria. Explica-se assim o dom da palavra nos cães, que é analisado em todos os sentidos possíveis, em particular em suas aplicações literárias, ao longo de toda a narração. Porque a palavra é o órgão da criação literária, e nesta reside a verdade poética, cuja definição e conteúdos foram a obsessão da vida artística de Cervantes. Por isso, Peter N. Dunn escreve a respeito de *O colóquio dos cães*:

Esta novela es, seguramente, una metanovela. Está más francamente dedicada al estudio de las relaciones entre vida y ficción que cualquier otra obra cervantina, salvo el Quijote, y más intimamente comprometida con la experiencia del escribir en sí, en particular al valorar las muy fuertes y ambiguas imágenes de la fantasía⁴².

O casamento enganoso e *O colóquio dos cães* são as duas últimas narrações contidas nas *Novelas exemplares* e formam um todo indissolúvel, na medida em que representam o processo

⁴¹ Blanco Aguinaga et alii, *Historia social de la literatura española*, Madrid, Castalia, 1979, pp. 129-30.

⁴² Peter N. Dunn, op. cit., p. 118.

completo da criação literária: o alferes Campuzano se apresenta como autor do *Colóquio*; o cão Berganza é o narrador do mesmo ao contar sua vida; seu companheiro Cipião atua como interlocutor crítico que corrige e matiza o narrador; e o licenciado Peralta intervém como leitor do texto escrito por Campuzano⁴³. Trata-se, como bem assinalou Avalor-Arce, de um “maravilloso juego de cajas chinas”: temos um conto (o da Montiel), que funciona dentro de outro conto (o da Cañizares), que funciona dentro de outro conto (o de Berganza), que funciona dentro de outro conto (o diálogo canino), que funciona dentro de outro conto (a leitura do licenciado Peralta), que funciona dentro de outro conto (o engano sofrido pelo alferes Campuzano)⁴⁴. Somando-se a tudo isso o fato de que o delírio produzido pela doença de Campuzano em *O casamento enganoso* dá verossimilhança poética a seus desvarios acerca do diálogo racional entre dois cães, apreciaremos melhor a extraordinária lição de teoria e prática narrativas que Cervantes nos presenteou com esta obra genial.

Segundo Rey Hazas, apenas vistas como um único relato é que podemos compreender totalmente a grandeza e a genialidade da obra, pois é exatamente na relação interna das narrações que se acha a chave de verossimilhança das mesmas. É claro que, do ponto de vista dos materiais que constituem as narrações, trata-se de duas novelas, de duas histórias diferentes e independentes. Contudo, de suas perspectivas narrativas, as duas novelas se fundem, já que estabelecem indubitáveis nexos de reduplicação entre emissor e receptor. Nas palavras do crítico, “el problema de la unidad o no de estas dos novelas no depende de su materia narrativa, sino de su perspectiva”⁴⁵.

Cervantes nos ensina, por meio do entrelaçamento das duas novelas, que a verossimilhança literária depende apenas de suas regras poéticas, e não do confronto com a realidade externa. O escritor consegue unir as duas novelas por meio da inteligente e sábia utilização de recursos narrativos, como já dissemos, vistos como essenciais na teoria literária de sua época: a *admiratio* e a verossimilhança.

Na fusão *O casamento enganoso/O colóquio dos cães*, o caráter não usual da peripécia narrativa é absoluto, pois se trata de dois cães capazes de falar e pensar como seres humanos. A *admiratio* está, então, garantida. A verossimilhança é conseguida por Cervantes mediante uma complexa questão de técnica literária: o alferes Campuzano, protagonista do *Casamento*, é o autor do *Colóquio*, e estabelece nexos diretos entre os dois relatos, do ponto de vista da verossimilhança, pois diz a Peralta, após a narração de sua lamentosa história matrimonial, que “outros sucessos me restam por dizer que excedem toda a imaginação”, ou seja, o diálogo entre

⁴³ Ángel Basanta, op. cit., p. 44.

⁴⁴ Juan Bautista Avalor-Arce, op. cit., p. 26.

⁴⁵ Antonio Rey Hazas, op. cit., p. 195.

Cipião e Berganza. Entretanto, o alferes não tem certeza se viu, ouviu ou sonhou que os cães de Mahúdes falavam. Conseqüentemente, o licenciado coloca em dúvida inclusive a veracidade do relato do casamento de seu amigo, embora no final da leitura reconheça o artifício e a invenção do fabuloso colóquio. As duas novelas são uma cadeia de relatos cuja verossimilhança depende da integração de suas narrativas. Assim, o “admirável” casamento do soldado e Estefânia torna-se “realíssimo”, visto sob a ótica fantástica e maravilhosa do colóquio entre dois cães inteligentes, capazes de articular palavras com sabedoria. Por sua vez, esse inaceitável diálogo vê-se dotado de verossimilhança se projetarmos sobre ele a luz absolutamente incrível do relato da Canhizares, que afirma que uma bruxa, a Camacha, havia transformado os filhos de Montiel em dois cães. Dessa maneira, Cervantes demonstra que a verossimilhança literária depende integralmente das normas internas da própria obra de arte, e não de sua comparação com o mundo externo ao texto. E, de acordo com essa ótica metanarrativa, o leitor entra também como participante do texto, ao perceber que é sua leitura que modifica o ponto de vista único de um relato. Como bem aponta Rey Hazas, o objetivo de Cervantes, ao fundir as duas novelas e colocá-las como marco de toda a coleção das *Novelas exemplares*, é o de que

el lector vea que la verosimilitud es una cuestión literaria, y pueda distanciarse y proyectar su distanciamiento sobre las demás novelas. Para que el lector, en suma, perciba buena parte de las claves novelescas teóricas y prácticas del volumen al mismo tiempo que adquiere conciencia de su posición medular en ellas, y de su capacidad para trasladar dichas claves a las demás novelas⁴⁶.

Obviamente, as questões poéticas elaboradas por Cervantes em suas narrativas são indissociáveis da visão do mundo que espelham, e tal visão se apóia em uma percepção aberta, flexível e ampla da realidade. Para Cervantes, a realidade é perspectivista, multifacetada e interpretável. Toda narração de um fato é a escolha de uma leitura – entre outras muitas possíveis – para tal fato, porque qualquer acontecimento admite tantas leituras quantos são os espectadores. Ler Cervantes, e especialmente ler as *Novelas exemplares* de Cervantes, é uma aventura que nos converte em espectadores privilegiados do processo de reflexão sobre os limites e a natureza da criação narrativa.

⁴⁶ Antonio Rey Hazas, op. cit., p. 196.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DAS NOVELAS

O conto “Pierre Menard, autor do *Quixote*”, de Jorge Luis Borges, entre suas várias possíveis interpretações, pode ser lido como um metatexto narrativo sobre as dificuldades e hesitações psicológicas e históricas presentes em cada passagem de um texto de partida a um outro de chegada. O conto se apresenta como uma resenha póstuma de um crítico literário que nos dá a conhecer as obras de Menard, fictício autor francês que viveu na metade do século XX. Entre essas obras, encontra-se seu projeto mais ambicioso e fantástico: a tentativa de reescrever, palavra por palavra, o *Quixote*. De fato, Menard, “não queria compor outro *Quixote* – o que seria fácil –, mas o *Quixote*. Inútil acrescentar que nunca enfrentou uma transcrição mecânica do original; não se propunha copiá-lo. Sua admirável ambição era produzir algumas páginas que coincidissem – palavra por palavra e linha por linha – com as de Miguel de Cervantes”⁴⁷. Inicialmente, pensou em ser o próprio Cervantes, porém descartou essa idéia por julgá-la fácil demais. Seria mais interessante “continuar sendo Pierre Menard e chegar ao *Quixote* mediante as experiências de Pierre Menard”⁴⁸. Ou seja, o escritor quer reproduzir “fielmente” um texto escrito por outro autor, em outra língua e em outra época, sem deixar de ser ele mesmo, sem poder anular seu próprio contexto e as circunstâncias em que vive. Embora seja um esforço aparentemente impossível, Menard chega a produzir alguns fragmentos idênticos ao *Quixote* de Cervantes. No entanto, estes mesmos trechos assumem valores diferentes quando relacionados aos respectivos contextos de Cervantes e Menard: ao repetir o texto de Cervantes, Menard deixa entrever a impossibilidade da reprodução fiel, pois as palavras do texto cervantino não conseguem delimitar seu significado original independentemente de um contexto, de uma leitura, ou de uma interpretação.

Ao esboçar minhas primeiras tentativas de tradução das novelas cervantinas *El casamiento engañoso* e *El coloquio de los perros*, inicialmente – e com grande dose de ingenuidade – pensei em proceder como uma espécie de Pierre Menard. Ou seja, identificar-me totalmente com Cervantes, reproduzir “fielmente” a idéia e o estilo do texto original, fazer uma tradução tão fluente e natural do original que apagasse quaisquer vestígios de minha presença no texto de chegada. Obviamente, assim como Pierre Menard, muito cedo dei-me conta da total inviabilidade do projeto, uma vez que a tradução de qualquer texto é fiel não ao texto original, mas àquilo que o tradutor *considera ser* o texto original, o que depende, supostamente, de sua

⁴⁷ Jorge Luis Borges, “Pierre Menard, autor do *Quixote*”, in *Ficções*. Trad. de Carlos Nejar. 4 ed. São Paulo, Globo, 2000 (Obras completas de Jorge Luis Borges, volume 1), p. 493.

⁴⁸ Idem, p. 494.

leitura desse texto, sempre condicionada por sua concepção de mundo, seu contexto histórico e social. Assim, de acordo com Rosemary Arrojo,

ainda que um tradutor conseguisse chegar a uma repetição total de um determinado texto, sua tradução não recuperaria nunca a totalidade do “original”: revelaria, inevitavelmente, uma interpretação desse texto que, por sua vez, será, sempre, apenas *lido e interpretado*, e nunca totalmente decifrado ou controlado⁴⁹.

Portanto, o sentido de um ato de tradução, ao estar condicionado pelo contexto lingüístico, cultural e histórico no qual é recebido, varia no tempo, no espaço e na cultura. Dessa maneira, um texto é um fenômeno cultural que, dentro de sua cultura, exerce e sofre muitas influências. Nesse sentido dialógico, tanto o original quanto sua tradução compartilham igual importância. Cada leitura, cada reescritura, cada tradução enriquece o texto. Toda obra estabelece um diálogo com outros textos e com um contexto; os textos são relações que necessariamente evoluem em outros contextos⁵⁰.

O mundo que damos como conhecido em nossa vida cotidiana é apenas uma de suas possíveis interpretações. A cultura (e a língua como seu instrumento) modela nossa visão de mundo e é importante, em especial para um tradutor, ter em conta essas diferenças entre culturas para oferecer ao leitor, mediante sua tradução, uma janela, o mais ampla possível, para as outras culturas do mundo.

Nas palavras de Georges Mounin,

cada língua constitui um vasto sistema de estruturas, diferente do das outras línguas, no qual são ordenadas culturalmente as formas e as categorias graças às quais o indivíduo não somente comunica como também analisa a natureza, percebe esse ou aquele tipo de fenômenos ou de relações, nas quais molda a sua maneira de raciocinar, e através das quais constrói o edifício de seu conhecimento do mundo⁵¹.

Ou seja, toda língua é um sistema que realiza uma seleção através da realidade objetiva. Na verdade, cada língua cria uma imagem da realidade, configura a realidade à sua própria maneira, incorporando em sua estrutura formal e em seu uso social e histórico todo um repositório cultural, antropológico, imagético, que delineia um primeiro quadro de apreensão e expressão do mundo, com um determinado conjunto de matizes, difíceis, para não dizer

⁴⁹ Rosemary Arrojo, *Oficina de tradução: a teoria na prática*, São Paulo, Ática, 1986, p. 22.

⁵⁰ Suzanne Jill Levine, *Escriba subversiva: una poética de la traducción*, México, Fondo de Cultura Económica, 1998, p. 28.

⁵¹ Georges Mounin, *Os problemas teóricos da tradução*, São Paulo, Cultrix, 1975, p. 53.

impossíveis, de serem reencontradas em outro idioma, na mesmíssima configuração de valores⁵². Assim, os elementos de realidade da linguagem em uma língua determinada nunca reaparecem exatamente sob a mesma forma em uma outra língua nem constituem uma cópia direta da realidade. Representam, pelo contrário, a realização lingüística e conceitual de uma visão da realidade, conduzindo o ser humano a pensar, sentir e dizer o mundo de determinada maneira percebida como típica de seu complexo língua/cultura.

Portanto, cada língua-cultura, cada domínio cultural tem a sua historicidade, sem contemporaneidade com as outras. Já mencionamos o fato de que cada língua, produto e veículo de uma cultura, mantém as especificidades dessa cultura, e as diferenças entre línguas-culturas constituem uma barreira à tradução. Contudo, tais barreiras são intransponíveis? Concordamos com Aubert, para quem a visão de mundo configurada por cada idioma não é tão inerente e específica a ponto de condenar ao fracasso qualquer tentativa de tradução que inclua, entre seus propósitos, o resgate dessa mesma visão de mundo. Por outro lado, o autor concorda que não é possível aceitar a tese de uma neutralidade na relação língua/visão de mundo. Porém, afirma que essa relação, motivada e essencial em vários planos, não é nem inflexível nem estática: impõe dificuldades evidentes, não muralhas intransponíveis⁵³. Seriam se a tradução visasse à identidade absoluta; mas, se aceitarmos a simples equivalência, as barreiras podem ser transpostas, pois, apesar das especificidades socioculturais, permanecem em grande porcentagem os universais antropológicos, biológicos, sociológicos, culturais e lingüísticos, dos quais o tradutor irá se valer para reconstruir o texto.

Por outro lado, se uma das questões primordiais no campo da tradução é saber como dar forma equivalente em línguas diferentes a objetos invariantes, não é menos pertinente saber em que medida se constata a própria permanência dos objetos em diferentes culturas. Assim, avaliar o grau de literalidade em uma tradução, bem como sua possibilidade, equivale a determinar a disparidade não só de códigos, mas também de culturas e cosmovisões. Se a tradução literal implica uma convergência quase automática de significados e significantes de duas línguas, a impossibilidade da literalidade, em contrapartida, transforma-se em um índice das divergências dessas duas línguas, indicando as variantes léxico-gramaticais, sociolingüísticas e antropoculturais que as separam.

Assim, o processo de informação recíproca e de inclusão em um mundo cultural geral não somente aproxima as diferentes culturas, mas também destaca suas diferenças. Ao aderir a um mundo cultural geral, uma cultura começa a cultivar principalmente sua própria originalidade.

⁵² Francis Aubert, *As (in)fideliades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*, 2 ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1994, pp. 40-41.

⁵³ Idem, p. 42.

Uma cultura separada existe sempre “por si mesma”, de modo natural e regulada por normas estabelecidas. Quando passa a fazer parte de um sistema mais amplo, obtém um ponto de vista externo de si mesma e constata sua própria especificidade. De acordo com tal visão, a tradução é um instrumento de crescimento e fecundação recíproca entre culturas. O fato de ler a própria realidade sob pontos de vista diferentes enriquece enormemente as capacidades cognitivas e sugere leituras ainda diferentes e novas soluções de problemas.

De acordo com Paulo Rónai,

devido à dessemelhança das condições de vida, é impossível que qualquer tradução dê a mesma impressão do original. Pois é precisamente esse argumento irrespondível que salienta uma das mais importantes razões de ser da tradução: permitir às pessoas formular idéias sobre a maneira de viver e de sentir das que vivem noutras partes do mundo⁵⁴.

O tradutor, então, tem uma missão crucial: pode conservar as diferenças culturais e introduzi-las como tais na cultura receptora, ou negar a existência de tais diferenças e apropriar-se sub-repticiamente do que pertence à outra cultura.

Holmes, o fundador da tradutologia como disciplina, propôs um modelo muito eficaz para descrever as opções do tradutor nesse contexto de dialética próprio/alheio. Holmes sustenta que o tradutor se move em três âmbitos distintos: o contexto lingüístico, o intertexto literário e a situação sociocultural. Nessas três esferas, o tradutor pode optar por uma maior ou menor conservação dos elementos alheios no texto traduzido ao longo de dois eixos: a exotização frente à naturalização e a historicização frente à modernização. Em outras palavras, e segundo a perspectiva de Holmes, existe um eixo diacrônico, ao longo do qual se mede a distância cronológica ou histórica entre o original e a tradução. Ao longo desse eixo, o tradutor pode optar pela conservação do elemento histórico (historicização) ou por sua adaptação ao tempo da tradução (modernização). Por outro lado, há um eixo sincrônico, ao longo do qual se medem e contrastam as diferenças culturais, não em períodos históricos concretos, mas em diversas áreas. Ao longo desse eixo, o tradutor pode optar pela conservação dos elementos alheios (exotização) ou por sua adaptação à cultura receptora (naturalização ou, melhor ainda, familiarização ou domesticação). Como é óbvio, a historicização e a exotização são opções que tendem a manter os elementos alheios na tradução, enquanto a modernização e a naturalização tendem a ocultar as diferenças diacrônicas e sincrônicas⁵⁵.

Na relação com um elemento estranho à própria cultura, as duas atitudes são assim resumíveis: quando o elemento estranho é apropriado, negando-lhe a identidade de elemento

⁵⁴ Paulo Rónai, *A tradução vivida*. 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981, p. 50.

⁵⁵ J. S. Holmes, *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*, Amsterdã, Rodopi, 1988, pp. 37-38.

estranho e, ao mesmo tempo, apresentando-o como se fosse próprio da cultura receptora, a preocupação principal é com a *aceitabilidade* do elemento estranho na cultura receptora; quando, em vez disso, o mesmo é importado, conservando a sua identidade de elemento proveniente de uma cultura externa, a preocupação principal do mediador cultural é a *adequação* do texto importado em relação à sua identidade na cultura emissora⁵⁶.

A adaptação focalizada na aceitabilidade do texto para a cultura receptora se arrisca a cancelar a identidade, a origem do texto, a não considerar o fato de que se trata de um texto importado, traduzido, que na sua cultura de origem tem uma identidade bem precisa. Deste modo, todas as características do texto que poderiam fazê-lo parecer diferente são eliminadas ou embotadas, e a cultura que o recebe não se enriquece de elementos novos, de novas categorias, de modos novos de conceber o mundo.

A adaptação focalizada na adequação do texto à cultura emissora se arrisca a tornar difícil a sua fruição por parte do modelo de leitor; no entanto, quando tem sucesso, torna-se um canal muito importante para importar elementos estrangeiros à própria cultura, enriquecendo-a.

Especificamente em relação à tradução das novelas de Cervantes, objeto prático das reflexões esboçadas acima, acreditamos que o caminho a ser seguido é, obviamente, o da adequação do texto em relação à sua identidade na cultura emissora. As duas novelas, especialmente *O colóquio dos cães*, são um dos mais preciosos documentos que possuímos para conhecer, em detalhes, a cultura e os costumes espanhóis do século XVII. Portanto, o desejável é apresentar de modo interessante elementos dessa cultura remota estimulando a curiosidade do leitor e, ao mesmo tempo, criar um aparato metatextual constituído de um prefácio e de notas de rodapé para explicitar as partes do texto que são intraduzíveis, as opções de interpretação encobertas ao leitor da tradução, a presença de termos culturais que dificultam a compreensão na cultura receptora. A tarefa, sem dúvida, não é fácil, sobretudo pelas diferenças diacrônicas marcantes, não apenas de natureza linguística como também de unidade referencial, de visão de mundo, apresentando problemas de interpretação e de decisões estratégicas sobre o encaminhamento a dar ao ato tradutório.

Entretanto, como afirma Sérgio Molina no posfácio à sua tradução do *Quixote*, apesar dos quatrocentos anos que nos separam de Cervantes, o texto suscita familiaridade mesmo considerando essa distância. Molina explica que no século XVII, em Portugal, a própria língua da época

apresentava algumas características que o aproximavam do idioma dos vizinhos peninsulares, sobretudo no padrão rítmico e na colocação dos pronomes. Curiosamente,

⁵⁶ Gideon Toury, *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdã-Filadélfia, Benjamins, 1995, p. 142.

esses traços perdurariam no português do Brasil [...] O idioma falado no Brasil manteve mais semelhanças com o português clássico – ao menos escrito – que a língua do Portugal moderno”⁵⁷.

Assim, para o tradutor, ao ler o texto original de Cervantes sente-se um misto de estranhamento e proximidade que teria de ser recriado de algum modo na nossa língua⁵⁸.

George Steiner chama de “idioma-centauro” um idioma tradutório como que a meio caminho da língua de partida e da língua de chegada, muito mais perto desta, evidentemente, mas contaminado, sem desfigurá-la, com o espírito da outra. Tal interlíngua já tinha sido sonhada por um dos primeiros teóricos modernos da tradução, o filósofo Schleiermacher, para quem esta “devia conduzir a língua do original, adotando-lhe as formas sintáticas, mesmo que isso a obrigasse a forçar a tolerância do idioma de tradução, a fim de tornar patentes não só as modalidades do texto de origem, mas também a distância que os separa”⁵⁹. Eis aqui uma justificativa da adoção, em nossa tradução, dos pronomes *vós* e *vossa mercê*, hoje obsoletos tanto na língua falada quanto na escrita: através deles, cria-se um distanciamento temporal entre o leitor e o texto.

A preocupação primordial ao longo de toda a tradução foi a de ser o mais fiel possível às novelas cervantinas. Assim, a maioria das palavras utilizadas constava do léxico da língua portuguesa até o século XVII, apesar de ter, às vezes, um sentido obscuro para o leitor de hoje. Quando julguei que o emprego de determinados termos ou expressões linguísticas pudesse gerar problemas de compreensão, procurei explicar seu significado em nota à parte.

Uma das maiores dificuldades encontradas diz respeito às alterações de tom (ou tons) à medida que o texto caminha. Se a linguagem utilizada no *Casamento enganoso* é solta, leve, graciosa, no *Colóquio dos cães* ela se transforma: é uma linguagem filosófica, composta de longos períodos e inversões sintáticas radicais, que foram preservados na medida do possível. Parece-me que a linguagem se transforma conforme as andanças do cão Berganza: a cada novo amo, novo universo, nova utilização de palavras, nova semântica e novo léxico. Assim, o episódio do magarefe reconstitui a linguagem da gente que povoava as ruas da Sevilha da época; com seu amo mercador, Berganza reproduz a linguagem jurídica da época; no episódio da Colindres e do aguazil, destacam-se o linguajar e as gírias dos rufiões, que já fora tão vivamente explorado por Cervantes na novela *Rinconete y Cortadillo*; o episódio do tamborileiro nos deixa

⁵⁷ Sérgio Molina, “Posfácio do Tradutor”. In: CERVANTES, M. de, *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*, São Paulo, Editora 34, 2002, p. 730.

⁵⁸ Obviamente, refere-se ele ao *Quixote* e não às *Novelas exemplares*, mas tais considerações podem ser também aplicadas a estas últimas, haja vista tratar-se do mesmo autor, configurando-se nos dois textos as mesmas características semânticas, estilísticas, etc.

⁵⁹ José Paulo Paes, *Tradução: a ponte necessária*, São Paulo, Ática, 1990, p. 43.

entrever a linguagem soldadesca da época... enfim, procurou-se manter, acima de tudo, essa variedade lingüística relativa a cada episódio.

Outra dificuldade foi a compreensão do significado atual de algumas expressões que aparecem no texto, dificuldade esta, inclusive, apontada pelos editores das várias edições espanholas com as quais trabalhei. Quando isso ocorreu, a única alternativa foi seguir a escolha feita por essas edições: manter a expressão e explicá-la (quando possível) em nota à parte.

Por último, duas observações: 1) Os topônimos e nomes próprios foram adaptados ou mantidos de acordo com o que tradicionalmente se usa no Brasil (por exemplo: Sevilla > Sevilha; San Llorente > São Lourenço; Cipión > Cipião) ou quando sua manutenção causasse demasiado estranhamento (por exemplo: doña Estefanía > dona Estefânia; Cañizares > Canhizares); 2) Os refrões foram alterados por seus equivalentes portugueses ou, na inexistência destes, foram traduzidos literalmente, mesmo que isso implicasse incompreensão ao leitor contemporâneo. Neste caso, a expressão foi explicada em nota, como por exemplo no refrão “del lobo un pelo, y ése de la espuerta”, alteração cervantina do refrão “del lobo un pelo, y ése de la frente”, cujo significado é longamente comentado na nota 95.

Gostaria, enfim, de dizer que esta tradução é o fruto de quatro anos de um longo trabalho de pesquisa; como Cervantes orgulha-se, no prólogo às suas *Novelas*, de ser o primeiro a “novelar” em língua castelhana, assim também me orgulho eu da tradução destas novelas, podendo dizer, com ele, que elas “são minhas próprias, nem imitadas nem furtadas; meu engenho as engendrou e as pariu minha pluma”. Resta-me, pois, esperar que a frase final da sentença cervantina, “vão crescendo nos braços da estampa”, se cumpra.

TRADUÇÕES

NOVELA DEL CASAMIENTO ENGAÑOSO

Salía del hospital de la Resurrección, que está en Valladolid, fuera de la puerta del Campo, un soldado que, por servirle su espada de báculo, y por la flaqueza de sus piernas y amarillez de su rostro, mostraba bien claro que, aunque no era el tiempo muy caluroso, debía de haber sudado en veinte días todo el humor que quizá granjeó en una hora. Iba haciendo pinitos y dando traspies como convaleciente, y, al entrar por la puerta de la ciudad, vio que hacia él venía un su amigo a quien no había visto en más de seis meses, el cual, santiguándose como si viera alguna mala visión, llegándose a él le dijo:

– ¿Qué es esto, señor alférez Campuzano? ¿Es posible que está vuesa merced en esta tierra? ¡Como quien soy, que le hacía en Flandes, antes terciando allá la pica que arrastrando aquí la espada! ¡Qué color! ¡Qué flaqueza es ésa!

A lo cual respondió Campuzano:

– A lo si estoy en esta tierra o no, señor licenciado Peralta, el verme en ella le responde; a las demás preguntas no tengo que decir sino que salgo de aquel hospital de sudar catorce cargas de bubas que me echó a cuestras una mujer que escogí por mía, que non debiera.

– Luego ¿casóse vuesa merced? – replicó Peralta.

– Sí, señor – respondió Campuzano.

NOVELA DO CASAMENTO ENGANOSO¹

Saía do hospital da Ressurreição, que fica em Valladolid, além da porta do Campo², um soldado que, por servir-lhe a espada de báculo, e pela fraqueza de suas pernas e palidez de seu rosto, demonstrava claramente que, embora o tempo não estivesse muito quente, devia ter suado³ em vinte dias todo o humor⁴ que, talvez, granjeara em uma hora. Ia cambaleando⁵ e dando traspés como convalescente e, ao entrar pela porta da cidade, viu que em sua direção vinha um seu amigo a quem não encontrava há mais de seis meses, o qual, benzendo-se como se vira alguma má visão⁶, aproximou-se dele e disse:

– Que é isto, senhor alferes Campuzano⁷? É possível que esteja vossa mercê nesta terra? Imaginava-o em Flandres, antes terçando ali a lança⁸ que arrastando aqui a espada. Que palidez, que fraqueza é essa?!

Ao qual respondeu Campuzano:

– Se estou nesta terra ou não, senhor licenciado Peralta⁹, ver-me nela lhe responde; às demais perguntas nada tenho a dizer, senão que acabo de sair daquele hospital, depois de suar catorze cargas de bubos¹⁰ que me deixou no corpo uma mulher a quem escolhi por minha, e não deveria.

– Então vossa mercê se casou? – replicou Peralta.

– Sim, senhor – respondeu Campuzano.

– Sería por amores – dijo Peralta –, y tales casamientos traen consigo aparejada la ejecución del arrepentimiento.

– No sabré decir si fue por amores – respondió el alférez –, aunque sabré afirmar que fue por dolores, pues de mi casamiento, o cansamiento, saqué tantos en el cuerpo y en el alma que los del cuerpo, para entretenerlos, me cuestan cuarenta sudores y los del alma no hallo remedio para aliviarlos siquiera. Pero, porque no estoy para tener largas pláticas en la calle, vuesa merced me perdone, que otro día con más comodidad le daré cuenta de mis sucesos, que son los más nuevos y peregrinos que vuesa merced habrá oído en todos los días de su vida.

– No ha de ser así – dijo el licenciado –, sino que quiero que venga conmigo a mi posada y allí haremos penitencia juntos, que la olla es muy de enfermo, y aunque está tasada para dos, un pastel suplirá con mi criado, y, si la convalecencia lo sufre, unas lonjas de jamón de Rute nos harán la salva, y sobre todo la buena voluntad con que lo ofrezco, no sólo esta vez, sino todas las que vuesa merced quisiere.

Agradecióselo Campuzano y aceptó el convite y los ofrecimientos. Fueron a San Llorente, oyeron misa, llevóle Peralta a su casa, dióle lo prometido y ofrecióselo de nuevo, y pidióle en acabando de comer le contase los sucesos que tanto le había encarecido. No se hizo de rogar Campuzano, antes comenzó a decir desta

– Talvez tenha sido por amor – disse Peralta –, e tais casamentos sempre vêm acompanhados de arrependimento.

– Não saberei dizer se foi por amor – respondeu o alferes –, embora saberei afirmar que foi por dor, pois do meu casamento, ou cansamento, carrego tantas dores no corpo e na alma que as do corpo, para curá-las, me custaram quarenta suadouros, e as da alma, não encontro remédio para sequer as aliviar¹¹. Mas, como não posso manter longas conversas na rua, vossa mercê me perdoe, que outro dia, mais comodamente, lhe darei conta de meus sucessos, que são os mais novos e peregrinos que vossa mercê talvez tenha ouvido em todos os dias de sua vida.

– Não há de ser assim – disse o licenciado –, pois quero que venha comigo à minha casa e ali faremos penitência juntos¹², porque o cozido é próprio para convalescentes e, embora tenha sido feito para dois, meu criado se contentará com um pastel¹³ e, se a convalescência permitir, umas fatias de presunto de Rute¹⁴ nos farão a salva¹⁵, e sobretudo a boa vontade com que o ofereço, não somente desta vez, mas todas as que vossa mercê quiser.

Agradeceu-lhe Campuzano e aceitou o convite e os oferecimentos. Foram a São Lourenço¹⁶, ouviram missa, levou-lhe Peralta à sua casa, deu-lhe o prometido e ofereceu-lho de novo, e pediu-lhe, em acabando de comer, que contasse os sucessos que tanto lhe havia encarecido. Campuzano não se fez de rogado, antes

manera:

– Bien se acordará vuesa merced, señor licenciado Peralta, como yo hacía en esta ciudad camarada con el capitán Pedro de Herrera, que ahora está en Flandes.

– Bien me acuerdo – respondió Peralta.

– Pues un día – prosiguió Campuzano – que acabábamos de comer en aquella posada de la Solana donde vivíamos, entraron dos mujeres de gentil parecer con dos criadas. La una se puso a hablar con el capitán en pie, arrimados a una ventana; y la otra se sentó en una silla junto a mí, derribado el manto hasta la barba, sin dejar ver el rostro más de aquello que concedía la rareza del manto.

Y aunque le supliqué que por cortesía me hiciese merced de descubrirse, no fue posible acabarlo con ella, cosa que me encendió más el deseo de verla. Y para acrecentarle más – o ya fuese de industria o acaso – sacó la señora una muy blanca mano con muy buenas sortijas. Estaba yo entonces bizarrísimo, con aquella gran cadena que vuesa merced debió de conocerme, el sombrero con plumas y cintillo, el vestido de colores a fuer de soldado, y tan gallardo a los ojos de mi locura que me daba a entender que las podía matar en el aire. Con todo esto le rogué que se descubriese, a lo que ella me respondió: «No seáis importuno. Casa tengo, haced a un paje que me siga que aunque yo soy más honrada de lo que promete esta respuesta, todavía a trueco de ver si responde

começou a dizer desta maneira:

– Bem deve se lembrar vossa mercê, senhor licenciado Peralta, como eu, nesta cidade, era colega¹⁷ do capitão Pedro de Herrera, que agora está em Flandres.

– Bem me lembro – respondeu Peralta.

– Pois um dia – prosseguiu Campuzano – em que acabávamos de comer naquela pousada da Solana¹⁸, onde morávamos, entraram duas mulheres de gentil parecer, com duas criadas. Uma delas se pôs a falar com o capitão em pé, encostados em uma janela; e a outra se sentou em uma cadeira junto a mim, declinado o manto até o queixo, sem deixar ver de seu rosto mais do que aquilo que permitia a rareza do manto¹⁹.

E embora eu lhe tenha suplicado que, por cortesia, me fizesse a mercê de descobrir-se, não foi possível convencê-la, coisa que me atiçou ainda mais o desejo de vê-la²⁰. E, para acrescentar – fosse de propósito²¹ ou por acaso –, exibiu a senhora uma mão muito branca, com excelentes anéis. Estava eu então bizarríssimo, com aquela grande corrente que vossa mercê já deve ter visto, o chapéu com plumas e cordões, o traje colorido comum aos soldados²², e tão galhardo aos olhos de minha loucura que me julgava irresistível²³. Contudo, roguei-lhe que se descobrisse, ao que ela respondeu: «Não sejais importuno. Tenho minha casa; ordenai a um pajem que me siga, pois, embora eu seja mais honrada do que faz crer esta resposta, permitirei que

vuestra discreción a vuestra gallardía, holgaré de que me veáis».

»Beséle las manos por la grande merced que me hacía, en pago de la cual le prometí montes de oro. Acabó el capitán su plática; ellas se fueron; siguiólas un criado mío. Díjome el capitán que lo que la dama le quería era que le llevase unas cartas a Flandes a otro capitán, que decía ser su primo, aunque él sabía que no era sino su galán.

»Yo quedé abrasado con las manos de nieve que había visto y muerto por el rostro que deseaba ver. Y así otro día, guiándome mi criado, dióseme libre entrada. Hallé una casa muy bien aderezada y una mujer de hasta treinta años, a quien conocí por las manos. No era hermosa en extremo, pero éralo de suerte que podía enamorar comunicada, porque tenía un tono de habla tan suave, que se entraba por los oídos en el alma. Pasé con ella luengos y amorosos coloquios; blasoné, hendí, rajé, ofrecí, prometí y hice todas las demonstraciones que me pareció ser necesarias para hacerme bienquisto con ella. Pero como ella estaba hecha a oír semejantes o mayores ofrecimientos y razones, parecía que les daba atento oído antes que crédito alguno. Finalmente, nuestra plática se pasó en flores cuatro días que continué en visitalla, sin que llegase a coger el fruto que deseaba.

»En el tiempo que la visité, siempre hallé la casa desembarazada, sin que viese visiones

me vejais, apenas para confirmar se vossa discricção corresponde à vossa galhardia».

»Beijei-lhe as mãos pela grande mercê que me fazia, em troca da qual lhe prometi montes de ouro. Terminou o capitão sua conversa; elas se foram; seguiu-as um criado meu. Disse-me o capitão que o que a dama queria era que ele levasse umas cartas a Flandres para outro capitão, que ela dizia ser seu primo, embora ele soubesse que não era nada mais que seu amante.

»Eu fiquei abrasado pelas mãos de neve que havia visto e cobiçoso pelo rosto que desejava ver. E assim, no dia seguinte, guiado pelo meu criado, deu-se-me livre entrada. Encontrei uma casa muito bem aparelhada e uma mulher de quase trinta anos, a quem reconheci pelas mãos. Não era extremamente bonita, mas de tal sorte que podia prender pelo trato, porque tinha um tom de voz tão suave que penetrava pelos ouvidos até a alma. Passei com ela longos e amorosos colóquios; alardeei, ostentei, insisti, ofereci, prometí e dei todas as demonstrações que me pareceram ser necessárias para tornar-me benquisto por ela²⁴. Porém, como ela estava acostumada a ouvir semelhantes ou maiores oferecimentos e razões, parecia que lhes escutava atentamente, mas não lhes dava crédito algum. Finalmente, nossos encontros floresceram durante quatro dias em que continuei a visitá-la, sem que eu chegasse a colher o fruto que desejava.

»Nos momentos em que a visitei, sempre encontrei a casa livre, sem que

en ella de parientes fingidos, ni de amigos verdaderos; servíala una moza más taimada que simple. Finalmente, tratando mis amores como soldado que está en víspera de mudar, apuré a mi señora doña Estefanía de Caicedo – que éste es el nombre de la que así me tiene – y respondiome: «Señor alférez Campuzano, simplicidad sería si yo quisiese venderme a vuesa merced por santa.

Pecadora he sido y aún ahora lo soy, pero no de manera que los vecinos me murmuren, ni los apartados me noten. Ni de mis padres, ni de otro pariente heredé hacienda alguna, y con todo esto vale el menaje de mi casa, bien validos, dos mil y quinientos escudos; y éstos en cosas que, puestas en almoneda, lo que se tardare en ponellas se tardará en convertirse en dineros.

Con esta hacienda busco marido a quien entregarme y a quien tener obediencia, a quien juntamente con la enmienda de mi vida le entregaré una increíble solicitud de regalarle y servirle, porque no tiene príncipe cocinero más goloso ni que mejor sepa dar el punto a los guisados que le sé dar yo cuando mostrando ser casera me quiero poner a ello. Sé ser mayordomo en casa, moza en la cocina y señora en la sala. En efeto, sé mandar, y sé hacer que me obedezcan. No desperdicio nada y allego mucho; mi real no vale menos, sino mucho más, cuando se gasta por mi orden. La ropa

vislumbrasse nela parentes falsos ou amigos verdadeiros²⁵; servia-lhe uma criada mais astuta que simplória. Finalmente, tratando meus amores como soldado em véspera de partir, pressionei minha senhora dona Estefânia de Caicedo – que este é o nome da que assim me deixou –, que me respondeu: «Senhor alferes Campuzano, tola seria eu se quisesse vender-me a vossa mercê por santa.

Pecadora fui e ainda hoje o sou, mas não de maneira que os vizinhos próximos murmurem e os mais afastados me critiquem²⁶. Nem de meus pais nem de outro parente herdei herança alguma, e, contudo, os móveis de minha casa valem, bem contados, dois mil e quinhentos escudos²⁷; e isto em coisas que, postas em almoeda²⁸, quanto mais se tardar em leiloá-las, mais tardarão a se converter em dinheiro.

Com estes bens procuro marido a quem me entregar e a quem obedecer, a quem, juntamente com o meu bom comportamento, entregarei uma incrível solicitude em cuidar e servir, pois não tem príncipe algum cozinheiro mais desejável nem que melhor saiba dar o ponto nos guisados que eu, quando me decido a ser dona de casa. Sei ser mordomo na porta, criada na cozinha e dama na sala. De fato, sei mandar e sei fazer com que me obedçam. Não desperdiço nada e economizo muito; meu dinheiro não vale menos, e sim muito mais, quando gasto por

blanca que tengo, que es mucha y muy buena, no se sacó de tiendas ni lenceros: estos pulgares y los de mis criadas la hilaron; y si pudiera tejerse en casa, se tejiera.

Digo estas alabanzas mías porque no acarrear vituperio cuando es forzosa la necesidad de decirlas. Finalmente, quiero decir que yo busco marido que me ampare, me mande y me honre, y no galán que me sirva y me vitupere. Si vuesa merced gustare de aceptar la prenda que se le ofrece, aquí estoy moliente y corriente, sujeta a todo aquello que vuesa merced ordenare, sin andar en venta, que es lo mismo andar en lenguas de casamenteros, y no hay ninguno tan bueno para concertar el todo como las mismas partes».

»Yo, que tenía entonces el juicio no en la cabeza, sino en los carcañares, haciéndoseme el deleite en aquel punto mayor de lo que en la imaginación le pintaba, y ofreciéndoseme tan a la vista la cantidad de hacienda que ya la contemplaba en dineros convertida, sin hacer otros discursos de aquellos a que daba lugar el gusto, que me tenía echados grillos al entendimiento, le dije que yo era el venturoso y bien afortunado en haberme dado el cielo, casi por milagro, tal compañera para hacerla señora de mi voluntad y de mi hacienda, que no era tan poca que no valiese, con aquella cadena que traía al cuello y con otras joyuelas que

minha ordem. A roupa branca que tenho, que é muita e da melhor, não foi comprada em lojas nem de mercadores: estes polegares e os de minhas criadas a fiaram; e se fosse possível tecê-la em casa, assim seria.

Digo estes louvores em meu favor porque não causam vitupério quando há necessidade de dizê-los. Finalmente, quero dizer que eu procuro marido que me ampare, governe e honre, e não galanteador que me sirva e vitupere. Se vossa mercê quiser aceitar a dádiva que se lhe oferece, aqui estou pura e simplesmente²⁹, sujeita a tudo aquilo que vossa mercê ordenar, sem me pôr à venda³⁰, que é o mesmo que andar em língua de casamenteiros³¹, e não há nada tão bom para completar o todo como suas próprias partes».

»Eu, que tinha então o juízo não na cabeça, mas nas nuvens³², parecendo-me o deleite, na ocasião, ainda maior do que na imaginação o pintava³³, e oferecendo-se-me à vista tal quantidade de bens que já os contemplava convertidos em dinheiro, sem fazer mais discursos do que aqueles a que dava lugar o prazer, que me havia colocado grilhões ao entendimento, lhe disse que eu era venturoso e afortunado por ter-me dado o céu, quase por milagre, tal companheira, para torná-la senhora da minha vontade e dos meus bens, que não eram tão poucos que não valessem, com aquela corrente que trazia no pescoço e com outras pequenas jóias que tinha em casa, além de

tenía en casa, y con deshacerme de algunas galas de soldado, más de dos mil ducados, que juntos con los dos mil y quinientos suyos eran suficiente cantidad para retirarnos a vivir a una aldea de donde yo era natural y adonde tenía algunas raíces; hacienda tal, que sobrellevada con el dinero, vendiendo los frutos a su tiempo, nos podía dar una vida alegre y descansada. En resolución, aquella vez se concertó nuestro desposorio y se dio traza cómo los dos hiciésemos información de solteros, y en los tres días de fiesta que vinieron luego juntos en una pascua se hicieron las amonestaciones, y al cuarto día nos desposamos, hallándose presentes al desposorio dos amigos míos y un mancebo que ella dijo ser primo suyo, a quien yo me ofrecí por pariente con palabras de mucho comedimiento, como lo habían sido todas las que hasta entonces a mi nueva esposa había dado, con intención tan torcida y traidora que la quiero callar; porque aunque estoy diciendo verdades, no son verdades de confesión que no pueden dejar de decirse.

»Mudó mi criado el baúl de la posada a casa de mi mujer; encerré en él delante della mi magnífica cadena; mostréle otras tres o cuatro, si no tan grandes, de mejor hechura, con otros tres o cuatro cintillos de diversas suertes; hícele patentes mis galas y mis plumas y entreguéle para el gasto de casa hasta cuatrocientos reales que tenía. Seis días gocé del pan de la boda, espaciándome

me desfazer de algumas galas de soldado, mais de dois mil ducados que, juntos com os dois mil e quinhentos seus, eram suficiente quantia para retirarmo-nos a uma aldeia de onde eu era natural e onde tinha algumas raízes; fortuna tal que, bem administrada com o dinheiro, vendendo os frutos a seu tempo, nos podia dar uma vida alegre e descansada. Enfim, naquela ocasião acertamos nosso desponsório e esclarecemos nossa vida de solteiros, e nos três dias de festas que vieram a seguir, em uma Páscoa, fizeram-se os proclamas³⁴ e no quarto dia nos desposamos, achando-se presentes ao desponsório dois amigos meus e um mancebo que ela disse ser primo seu, a quem eu tratei como parente, com palavras de muito comedimento, como haviam sido todas as que até então eu havia dirigido à minha nova esposa, com intenção tão falsa e traiçoeira que prefiro ficar calado; porque, embora esteja dizendo somente verdades, não são verdades de confessionário, que não podem deixar de ser ditas.

»Conduziu meu criado o baú da pousada para a casa de minha mulher; guardei nele, diante dela, minha magnífica corrente; mostrei-lhe outras três ou quatro, se não tão grandes, de melhor feitura, assim como três ou quatro cordões de diversos tipos; patentei-lhe meus trajes de gala e minhas plumas, e entreguei-lhe para os gastos da casa quase quatrocentos reais que possuía. Seis dias gozei da lua-de-

en casa como el yerno ruin en la del suegro rico.

Pisé ricas alhombros, ahajé sábanas de holanda, alumbréme con candeleros de plata; almorzaba en la cama, levantábame a las once, comía a las doce y a las dos sesteaba en el estrado; bailábanme doña Estefanía y la moza el agua delante. Mi mozo, que hasta allí le había conocido perezoso y lerdo, se había vuelto un corzo.

El rato que doña Estefanía faltaba de mi lado la habían de hallar en la cocina toda solícita en ordenar guisados que me despertasen el gusto y me avivasen el apetito. Mis camisas, cuellos y pañuelos eran un nuevo Aranjuez de flores, según olían, bañados en la agua de ángeles y de azahar que sobre ellos se derramaba.

Pasáronse estos días volando, como se pasan los años que están debajo de la jurisdicción del tiempo; en los cuales días, por verme tan regalado y tan bien servido, iba mudando en buena la mala intención con que aquel negocio había comenzado. Al cabo de los cuales, una mañana, que aún estaba con doña Estefanía en la cama, llamaron con grandes golpes a la puerta de la calle. Asomóse la moza a la ventana, y quitándose al momento, dijo:

» – ¡Oh, que sea ella la bien venida! ¿Han visto y cómo ha venido más presto de lo que escribió el otro día?

mel³⁵, deliciando-me como genro pobre em casa de sogro rico³⁶.

Pisei ricos tapetes, amassei lençóis de holanda³⁷, alumiei-me com candelabros de prata; tomava o desjejum na cama, levantava-me às onze, almoçava ao meio-dia e, às duas, fazia a sesta na saleta³⁸; dona Estefânia e a criada deitavam-me água às mãos³⁹. Meu criado, que até então se me havia mostrado preguiçoso e lerdo, se havia transformado em um corço.

Nos momentos em que dona Estefânia não estava ao meu lado, haviam de achá-la na cozinha, toda solícita em preparar comidas que me despertassem o gosto e me avivassem o apetite. Minhas camisas, colarinhos e lenços eram um novo Aranjuez de flores⁴⁰, pelo perfume que exalavam, banhados na água de anjos⁴¹ e de flor de laranjeira que sobre eles se derramava.

Passaram-se estes dias voando como passam os anos que estão sob a jurisdição do tempo; em tais dias, por ver-me tão regalado e tão bem servido, ia se transformando em boa a má intenção com que aquele negócio havia começado. Ao fim dos quais, uma manhã, quando ainda estava com dona Estefânia na cama, chamaram com grandes batidas à porta de entrada. Assomou a criada à janela e, virando-se no mesmo instante, disse:

» – Oh! Que ela seja bem-vinda! Viram como veio mais cedo do que escreveu avisando?

» – ¿Quién es la que ha venido, moza? – le pregunté.

» – ¿Quién? – respondió ella –. Es mi señora doña Clementa Bueso, y viene con ella el señor don Lope Meléndez de Almendárez, con otros dos criados y Hortigosa, la dueña que llevó consigo.

» – Corre, moza, ¡bien haya yo!, y ábrelos – dijo a este punto doña Estefanía –, y vos, señor, por mi amor, que no os alborotéis ni respondáis por mí a ninguna cosa que contra mí oyéredes.

» – Pues ¿quién ha de deciros cosa que os ofenda, y más estando yo delante? Decidme qué gente es ésta que me parece que os ha alborotado su venida.

» – No tengo lugar de responderos – dijo doña Estefanía –; sólo sabed que todo lo que aquí pasare es fingido y que tira a cierto designio y efeto que después sabréis.

»Y aunque quisiera replicarle a esto, no me dio lugar la señora doña Clementa Bueso, que se entró en la sala vestida de raso verde prensado con muchos pasamanos de oro, capotillo de lo mismo y con la misma guarnición, sombrero con plumas verdes, blancas y encarnadas, y con rico cintillo de oro, y con un delgado velo cubierta la mitad del rostro. Entró con ella el señor don Lope Meléndez de Almendárez, no menos bizarro que ricamente vestido de camino. La dueña Hortigosa fue la primera que habló, diciendo:

» – ¡Jesús! ¿Qué es esto? ¿Ocupado el lecho

» – Quem é que chegou, criada? – perguntei-lhe.

» – Quem? – respondeu ela –. É minha senhora dona Clementa Bueso, e vem com ela o senhor dom Lope Meléndez de Almendárez, com outros dois criados e Hortigosa, a ama que levou consigo⁴².

» – Corre, criada, bendita seja eu, e abre-lhes a porta – disse a esta altura dona Estefânia –, e vós, senhor, por meu amor, não vos agiteis nem respondais em meu lugar a coisa alguma que contra mim ouvirdes.

» – Mas quem há de dizer algo que vos ofenda, ainda mais diante de mim? Dizei-me que gente é esta, pois me parece que vos perturbou sua vinda.

» – Não tenho tempo para responder-vos – disse dona Estefânia –; sabei apenas que tudo o que aqui se passar é fingido e que visa a certo desígnio e efeto que depois sabereis.

»E, embora eu quisesse replicar a isto, não mo permitiu a senhora dona Clementa Bueso, pois entrou no quarto vestida de cetim verde plissado com muitos galões de ouro, capotilho do mesmo tecido e com a mesma guarnição, chapéu de plumas verdes, brancas e encarnadas, e com rico cordão de ouro, e com um fino véu cobrindo a metade do rosto. Entrou com ela o senhor dom Lope Meléndez de Almendárez, não menos bizarro que ricamente vestido para viagem⁴³. A ama Hortigosa foi a primeira que falou, dizendo:

» – Jesus! Que é isto? Ocupado o leito de

de mi señora doña Clementa, y más con ocupación de hombre? Milagros veo hoy en esta casa; a fe que se ha ido bien del pie a la mano la señora Estefanía, fiada en la amistad de mi señora.

» – Yo te lo prometo, Hortigosa – replicó doña Clementa –, pero yo me tengo la culpa, que jamás escarmiente yo en tomar amigas que no lo saben ser, si no es cuando les viene a cuento.

»A todo lo cual respondió doña Estefanía:

» – No reciba vuesa merced pesadumbre, mi señora doña Clementa Bueso, y entienda que no sin misterio ve lo que ve en esta su casa, que, cuando lo sepa, yo sé que quedaré desculpada y vuesa merced sin ninguna queja.

»En esto ya me había puesto yo en calzas y en jubón, y tomándome doña Estefanía por la mano me llevó a otro aposento, y allí me dijo que aquella su amiga quería hacer una burla a aquel don Lope que venía con ella, con quien pretendía casarse. Y que la burla era darle a entender que aquella casa y cuanto estaba en ella era todo suyo, de lo cual pensaba hacerle carta de dote, y que hecho el casamiento se le daba poco que se descubriese el engaño, fiada en el grande amor que el don Lope la tenía.

» – Y luego se me volverá lo que es mío y no se le tendrá a mal a ella, ni a otra mujer alguna, de que procure buscar marido honrado, aunque sea por medio de cualquier embuste.

minha senhora dona Clementa, e ainda por cima com um homem? Milagres vejo hoje nesta casa; não há dúvida de que a senhora Estefânia tomou o pé pela mão, confiada na amizade de minha senhora!

» – Eu te asseguro, Hortigosa – replicou dona Clementa –, de que a culpa é minha, pois jamais me corrijo em arranjar amigas que não o sabem ser senão quando lhes convém!

»A tudo isto, respondeu dona Estefânia:

» – Não se aborreça vossa mercê, minha senhora dona Clementa Bueso, e entenda que não sem mistério vê o que vê nesta sua casa, mas, quando souber, eu sei que ficarei desculpada e vossa mercê sem nenhuma queixa.

»Nisto, eu já colocara as calças e o gibão e, tomando-me dona Estefânia pela mão, me levou a outro aposento e ali me disse que aquela sua amiga queria fazer uma burla àquele dom Lope que vinha com ela, com quem pretendia casar-se. E que a burla era dar-lhe a entender que aquela casa e tudo quanto havia nela era seu, e disso tudo pensava fazer-lhe carta de dote⁴⁴ e que, feito o casamento, pouco se lhe dava que se descobrisse o engano, confiada no grande amor que dom Lope tinha por ela.

» – E depois me devolverá o que é meu, e não se pode levá-la a mal, nem a mulher alguma que procure encontrar marido honrado, mesmo que seja por meio de qualquer embuste.

»Yo le respondí que era grande extremo de amistad el que quería hacer, y que primero se mirase bien en ello, porque después podría ser tener necesidad de valerse de la justicia para cobrar su hacienda. Pero ella me respondió con tantas razones, representando tantas obligaciones que la obligaban a servir a doña Clementa, aun en cosas de más importancia, que, mal de mi grado y con remordimiento de mi juicio, hube de condescender con el gusto de doña Estefanía, asegurándome ella que solos ocho días podía durar el embuste, los cuales estaríamos en casa de otra amiga suya.

»Acabámonos de vestir ella y yo, y luego, entrándose a despedir de la señora doña Clementa Bueso y del señor don Lope Meléndez de Almendárez, hizo a mi criado que se cargase el baúl y que la siguiese, a quien yo también seguí, sin despedirme de nadie. Paró doña Estefanía en casa de una amiga suya, y antes que entrásemos dentro estuvo un buen espacio hablando con ella, al cabo del cual salió una moza y dijo que entrásemos yo y mi criado. Llevónos a un aposento estrecho, en el cual había dos camas tan juntas que parecían una, a causa que no había espacio que las dividiese y las sábanas de entrambas se besaban.

»En efeto, allí estuvimos seis días, y en todos ellos no se pasó hora que no tuviésemos pendencia, diciéndole la necedad que había hecho en haber dejado su casa y su hacienda, aunque fuera a su

»Eu lhe respondi que era grande prova de amizade o que ela queria fazer, e que primeiro pensasse bem naquilo, porque depois poderia ter necessidade de valer-se da justiça para recobrar seus bens. Porém, ela me respondeu com tantos argumentos, mostrando tantas obrigações que a obrigavam a servir dona Clementa, inclusive em assuntos de grande importância, que, embora de má vontade e com remorso na consciência, tive de condescender com o desejo de dona Estefânia, assegurando-me ela que apenas oito dias duraria o embuste, durante os quais ficaríamos na casa de outra amiga sua.

»Acabamo-nos de vestir, ela e eu, e depois, despedindo-se de dona Clementa Bueso e do senhor dom Lope Meléndez de Almendárez, ela ordenou a meu criado que carregasse o baú e que a seguisse, a quem eu também seguí sem me despedir de ninguém. Dona Estefânia parou na casa de uma amiga sua e, antes que entrássemos, estive por um bom tempo falando com ela, ao fim do qual surgiu uma criada e disse que entrássemos eu e meu criado. Levounos a um aposento estreito, no qual havia duas camas tão juntas que pareciam uma só, pois não havia espaço que as dividisse e os lençóis de ambas se beijavam.

»De fato, ali estivemos por seis dias, e em todos eles não se passou uma hora em que não tivéssemos alguma pendência, dizendo-lhe eu o absurdo que havia feito em ter emprestado sua casa e seus

misma madre. En esto iba yo y venía por momentos, tanto que la huésped de casa, un día que doña Estefanía dijo que iba a ver en qué término estaba su negocio, quiso saber de mí qué era la causa que me movía a reñir tanto con ella, y qué cosa había hecho que tanto se la afeaba, diciéndole que había sido necedad notoria más que amistad perfeta.

Conté todo el cuento, y cuando llegué a decir que me había casado con doña Estefanía y la dote que trujo, y la simplicidad que había hecho en dejar su casa y hacienda a doña Clementa, aunque fuese con tan sana intención como era alcanzar tan principal marido como don Lope, se comenzó a santiguar y a hacerse cruces con tanta priesa y con tanto «¡Jesús, Jesús, de la mala hembra!» que me puso en gran turbación, y al fin me dijo:

» – Señor alférez, no sé si voy contra mi conciencia en descubriros lo que me parece que también la cargaría si lo callase; pero a Dios y a ventura, sea lo que fuere, ¡viva la verdad y muera la mentira! La verdad es que doña Clementa Bueso es la verdadera señora de la casa y de la hacienda de que os hicieron la dote; la mentira es todo cuanto os ha dicho doña Estefanía, que ni ella tiene casa, ni hacienda, ni otro vestido del que trae puesto.

Y el haber tenido lugar y espacio para hacer este embuste fue que doña Clementa fue a visitar unos parientes suyos a la ciudad de

pertences, mesmo que fosse à sua própria mãe. Eu voltava a este assunto a todo momento, tanto que a dona da casa, um dia em que dona Estefânia disse que ia ver em que situação estava seu negocio, quis saber qual a causa que me levava a renhir tanto com ela e o que havia feito para que eu a ofendesse tanto, dizendo-lhe que fora absurdo notório e não amizade perfeita.

Contei-lhe toda a história, e quando disse que me havia casado com dona Estefânia e do dote que ela trouxera, e da grande tolice que havia feito em emprestar sua casa e seus bens a dona Clementa, embora fosse com a boa intenção de apanhar um marido tão principal como dom Lope, começou a benzer-se e a fazer o sinal-da-cruz com tanta pressa e com tantos «Jesus, Jesus! Que besta-fera!», que me pôs em grande perturbação, e enfim me disse:

» – Senhor alferes, não sei se vou contra minha consciência ao revelar-vos o que me parece que também me pesaria se calasse; porém, a Deus e à ventura⁴⁵, seja o que for, viva a verdade e morra a mentira! A verdade é que dona Clementa Bueso é a verdadeira dona da casa e dos bens que vos deram como dote; a mentira é tudo quanto vos contou dona Estefânia, pois ela não tem nem casa, nem bens, nem outro vestido a não ser aquele que traz no corpo.

E o que deu lugar e espaço para fazer este embuste foi dona Clementa ter ido visitar uns parentes seus na cidade de Placência, e

Plasencia, y de allí fue a tener novenas en Nuestra Señora de Guadalupe. Y en este entretanto, dejó en su casa a doña Estefanía que mirase por ella porque, en efeto, son grandes amigas; aunque, bien mirado, no hay que culpar a la pobre señora, pues ha sabido granjear a una tal persona como la del señor alférez por marido.

»Aquí dio fin a su plática y yo di principio a desesperarme. Y sin duda lo hiciera, si tantico se descuidara el ángel de mi guarda en socorrerme, acudiendo a decirme en el corazón que mirase que era cristiano, y que el mayor pecado de los hombres era el de la desesperación, por ser pecado de demonios. Esta consideración o buena inspiración me conhortó algo, pero no tanto que dejase de tomar mi capa y espada y salir a buscar a doña Estefanía, con prosupuesto de hacer de ella un ejemplar castigo.

Pero la suerte, que no sabré decir si mis cosas empeoraba o mejoraba, ordenó que en ninguna parte donde pensé hallar a doña Estefanía la hallase. Fuime a San Llorente, encomendéme a Nuestra Señora, sentéme sobre un escaño y con la pesadumbre me tomó un sueño tan pesado que no despertara tan presto si no me despertaran. Fui lleno de pensamientos y congojas a casa de doña Clementa, y halléla con tanto reposo como señora de su casa.

No le osé decir nada, porque estaba el señor don Lope delante; volví en casa de mi

dali foi ter novenas em Nossa Senhora de Guadalupe⁴⁶. E neste entrementes, deixou dona Estefânia tomando conta de sua casa, porque, de fato, são grandes amigas; embora, olhando bem, não se há de culpar a pobre senhora, pois soube conquistar uma pessoa como a do senhor alferes por marido.

»Aqui ela deu fim à sua conversa e eu dei princípio ao meu desespero. E sem dúvida o prolongara, se um tantico se descuidasse meu anjo da guarda em socorrer-me, acudindo a dizer-me no coração que eu me lembrasse de que era cristão, e que o maior pecado dos homens era o do desespero, por ser pecado dos demônios. Esta consideração, ou boa inspiração, confortou-me um pouco, mas não tanto que deixasse de apanhar minha capa e minha espada e saísse a procurar dona Estefânia, com o propósito de dar-lhe um exemplar castigo.

Porém a sorte, que não saberei dizer se melhorava ou piorava as coisas, ordenou que eu não achasse dona Estefânia em nenhum lugar onde pensei encontrá-la. Fui a São Lourenço, encomendei-me a Nossa Senhora, sentei-me em um banco e, com o pesar, fui tomado por um sono tão pesado que não despertaria tão cedo se não me despertassem. Fui cheio de pensamentos e aflição à casa de dona Clementa, e encontrei-a bastante à vontade como senhora de sua casa.

Não lhe ousei dizer nada, porque estava o senhor dom Lope presente; voltei à casa de

huéspedea, que me dijo haber contado a doña Estefanía cómo yo sabía toda su maraña y embuste, y que ella le preguntó qué semblante había yo mostrado con tal nueva, y que le había respondido que muy malo, y que a su parecer había salido yo con mala intención y con peor determinación a buscarla. Díjome, finalmente, que doña Estefanía se había llevado cuanto en el baúl tenía sin dejarme en él sino un solo vestido de camino.

»¡Aquí fue ello! Aquí me tuvo de nuevo Dios de su mano. Fui a ver mi baúl, y halléle abierto y como sepultura que esperaba cuerpo difunto, y a buena razón había de ser el mío si yo tuviera entendimiento para saber sentir y ponderar tamaña desgracia.

– Bien grande fue – dijo a esta sazón el licenciado Peralta – haberse llevado doña Estefanía tanta cadena y tanto cintillo, que, como suele decirse, todos los duelos, etc.

– Ninguna pena me dio esa falta – respondió el alférez – pues también podré decir: «Pensóse don Simueque que me engañaba con su hija la tuerta, y, por el Dío, contrecho soy de un lado. »

– No sé a qué propósito pueda vuesa merced decir eso – respondió Peralta.

– El propósito es – respondió el alférez – de que toda aquella balumba y aparato de cadenas, cintillos y brincos podía valer hasta diez o doce escudos.

– Eso no es posible – replicó el licenciado –, porque la que el señor alférez traía al

minha hospedeira, que me disse ter contado a dona Estefânia que eu sabia de toda a sua maranha e embuste, e que ela lhe perguntou que cara havia feito eu com tal notícia, e que lhe havia respondido que uma cara muito má e que, a seu parecer, eu havia saído a procurá-la com má intenção e pior determinação. Disse-me, finalmente, que dona Estefânia havia levado tudo quanto estava no baú, sem deixar nele mais que um traje para viagem.

»Aqui foi a coisa! Aqui Deus me reteve de novo em suas mãos. Fui ver meu baú, e encontrei-o aberto, como sepultura à espera do cadáver, que com razão havia de ser o meu, se eu tivesse calma para saber sentir e ponderar tamanha desgracia.

– Bem grande ela foi – disse nesse momento o licenciado Peralta –, ao ter dona Estefânia levado tanta corrente e tantos cordões, pois, como se costuma dizer, todas as dores..., etc.⁴⁷

– Nenhum pesar me deu essa falta – respondeu o alferes –, pois também poderei dizer: «Pensou dom Simueque que me enganava com sua filha caolha e, por vontade de Deus, coxo sou de um lado.⁴⁸ »

– Não sei por que motivo pode vossa mercê dizer isso – respondeu Peralta.

– O motivo é – respondeu o alferes – que todo aquele embrulho e aparato de correntes, cordões e brincos poderia valer cerca de dez ou doze escudos.

– Isso não é possível – replicou o licenciado –, porque a corrente que o

cuello mostraba pesar más de docientos ducados.

– Así fuera – respondió el alférez – si la verdad respondiera al parecer, pero como no es todo oro lo que reluce; las cadenas, cintillos, joyas y brincos con sólo ser de alquimia se contentaron, pero estaban tan bien hechas, que sólo el toque o el fuego podía descubrir su malicia.

– Desa manera – dijo el licenciado – entre vuesa merced y la señora Estefanía pata es la traviesa.

– ¡Y tan pata – respondió el alférez – que podemos volver a barajar! Pero el daño está, señor licenciado, en que ella se podrá deshacer de mis cadenas y yo no de la falsía de su término; y, en efeto, mal que me pese, es prenda mía.

– Dad gracias a Dios, señor Campuzano – dijo Peralta –, que fue prenda con pies y que se os ha ido, y que no estáis obligado a buscarla.

– Así es – respondió el alférez –, pero con todo eso, sin que la busque, la hallo siempre en la imaginación y adonde quiere que estoy tengo mi afrenta presente.

– No sé qué responderos – dijo Peralta – si no es traeros a la memoria dos versos de Petrarca, que dicen:

*Ché qui prende diletto di far fiode,
Non si de lamentar si altri l'ingana.*

Que responden en nuestro castellano: «Que el que tiene costumbre y gusto de engañar a otro no se debe quejar cuando es

senhor alferes trazia no pescoço parecia custar mais de duzentos ducados.

– Assim seria – respondeu o alferes – se a verdade correspondesse à aparência; porém, como nem tudo que reluz é ouro, as correntes, cordões, jóias e brincos não passavam de imitações, mas eram tão bem-feitas que somente o toque ou o fogo poderiam descobrir sua qualidade⁴⁹.

– Dessa maneira – disse o licenciado –, entre vossa mercê e a senhora Estefânia deu empate⁵⁰.

– E tal empate – respondeu o alferes –, que podemos voltar a embaralhar⁵¹! Mas o dano está, senhor licenciado, no fato de que ela poderá desfazer-se de minhas correntes e eu não de sua falsidade; pois, de fato, ainda que me pese, é prenda minha.

– Dai graças a Deus, senhor Campuzano – disse Peralta –, que foi prenda com pés e se lhe escapou, e que não sois obrigado a ir buscá-la.

– Isso é – respondeu o alferes –, contudo, embora não a procure, tenho-a sempre na imaginação e, onde quer que eu esteja, tenho presente minha desonra.

– Não sei o que responder – disse Peralta –, a não ser trazer-vos à memória dois versos de Petrarca, que dizem:

*Ché qui prende diletto di far fiode,
Non si de lamentar si altri l'ingana⁵².*

Que significam, em nossa língua: «Que quem tem costume e prazer de enganar a outro, não se deve queixar quando é

engañado».

– Yo no me quejo – respondió el alférez –, sino lastímome, que el culpado no por conocer su culpa deja de sentir la pena del castigo. Bien veo que quise engañar y fui engañado, porque me hirieron por mis propios filos; pero no puedo tener tan a raya el sentimiento, que no me queje de mí mismo. Finalmente, por venir a lo que hace más al caso a mi historia, que este nombre se le puede dar al cuento de mis sucesos, digo que supe que se había llevado a doña Estefanía el primo que dije que se halló a nuestros desposorios, el cual de luengos tiempos atrás era su amigo a todo ruedo. No quise buscarla, por no hallar el mal que me faltaba. Mudé posada, y mudé el pelo dentro de pocos días; porque comenzaron a pelárase las cejas y las pestañas, y poco a poco me dejaron los cabellos, y antes de edad me hice calvo, dándome una enfermedad que llaman lupicia, y por otro nombre más claro, la pelarela.

Halléme verdaderamente hecho pelón, porque ni tenía barbas que peinar, ni dineros que gastar. Fue la enfermedad caminando al paso de mi necesidad, y como la pobreza atropella a la honra y a unos lleva a la horca y a otros al hospital, y a otros les hace entrar por las puertas de sus enemigos con ruegos y sumisiones, que es una de las mayores miserias que puede suceder a un desdichado, por no gastar en curarme los vestidos, que me habían de cubrir y honrar

enganado».

– Eu não me queixo – respondeu o alferes –, e sim me lastimo, pois o culpado, nem por reconhecer sua culpa, deixa de sentir a pena do castigo. Bem vejo que quis enganar e fui enganado, porque me feriram com as minhas próprias setas; mas não posso levar tão à risca os sentimentos que não me queixe de mim mesmo. Finalmente, para dizer o que mais toca à minha história – que tal nome pode ser dado à narração de meus sucessos –, digo que eu soube que dona Estefânia havia sido levada pelo primo que contei que estive em nossos desponsórios, o qual há longos tempos era seu amigo a toda prova⁵³. Não quis procurá-la, para não achar o mal que me faltava. Mudei de pousada e aparência em poucos dias; pois começaram a cair-me os pêlos das sobancelhas e das pestanas, e pouco a pouco os cabelos me deixaram, e antes do tempo tornei-me calvo, dando-me uma enfermidade que chamam alopecia ou, por outro nome mais claro, peladura⁵⁴.

Achei-me verdadeiramente pelado, porque não tinha nem cabelos para pentear nem dinheiro para gastar. Foi a enfermidade caminando ao compasso da minha necessidade e, como a pobreza atropela a honra e leva uns à forca, outros ao hospital e outros, ainda, faz com que batam às portas dos seus inimigos com rogos e súplicas – o que é uma das maiores misérias que pode acontecer a qualquer desventurado –, para não gastar com a doença as roupas que me

en salud, llegado el tiempo en que se dan los sudores en el hospital de la Resurrección, me entré en él, donde he tomado cuarenta sudores. Dicen que quedaré sano si me guardo; espada tengo, lo demás Dios le remedie.

Ofreciósele de nuevo el licenciado, admirándose de las cosas que le había contado.

– Pues de poco se maravilla vuesa merced, señor Peralta – dijo el alférez –, que otros sucesos me quedan por decir que exceden a toda imaginación, pues van fuera de todos los términos de naturaleza. No quiera vuesa merced saber más, sino que son de suerte que doy por bien empleadas todas mis desgracias por haber sido parte de haberme puesto en el hospital, donde vi lo que ahora diré, que es lo que ahora, ni nunca, vuesa merced podrá creer, ni habrá persona en el mundo que lo crea.

Todos estos preámbulos y encarecimientos que el alférez hacía antes de contar lo que había visto encendían el deseo de Peralta, de manera que, con no menores encarecimientos, le pidió que luego luego le dijese las maravillas que le quedaban por decir.

– Ya vuesa merced habrá visto – dijo el alférez – dos perros que con dos lanternas andan de noche con los hermanos de la Capacha, alumbrándoles cuando piden limosna.

– Sí he visto – respondió Peralta.

– También habrá visto o oído vuesa merced

haviam de cobrir e assegurar a saúde, chegado o tempo em que se dão os suadouros no hospital da Ressurreição, adentrei nele, onde tomei quarenta suadouros. Dizem que ficarei curado, se me cuidar; espada tenho; o demais, que Deus remedie.

Novamente o licenciado ofereceu-lhe sua ajuda, admirando-se das coisas que Campuzano lhe havia contado.

– Pois com pouco se admira vossa mercê, senhor Peralta – disse o alferes –, porque outros sucessos me faltam por dizer que excedem toda imaginação, pois contrariam todas as leis da natureza. Não queira vossa mercê saber mais, a não ser que são de tal sorte que dou por bem empregadas todas as minhas desgrças, por terem sido parte da causa que me levou ao hospital, onde vi o que agora contarei, coisa em que nem hoje nem nunca vossa mercê poderá acreditar, nem haverá pessoa alguma no mundo que acredite.

Todos estes preámbulos e encarecimentos que o alferes fazia antes de contar o que havia visto atiçavam a curiosidade de Peralta, de maneira que, sem menores encarecimentos, lhe pediu que imediatamente contasse as maravilhas que restavam por ser ditas.

– Vossa mercê já deve ter visto – disse o alferes – dois cães que, com duas lanternas, andam à noite com os irmãos da Capacha⁵⁵, alumando-os quando pedem esmola.

– Sim, vi – respondeu Peralta.

– Vossa mercê também já deve ter visto ou

– dijo el alférez – lo que dellos se cuenta: que si acaso echan limosna de las ventanas y se cae en el suelo, ellos acuden luego a alumbrar y a buscar lo que se cae, y se paran delante de las ventanas donde saben que tienen costumbre de darles limosna. Y con ir allí con tanta mansedumbre que más parecen corderos que perros, en el hospital son unos leones guardando la casa con grande cuidado y vigilancia.

– Yo he oído decir – dijo Peralta – que todo es así, pero eso no me puede ni debe causar maravilla.

– Pues lo que ahora diré dellos es razón que la cause y que, sin hacerse cruces, ni alegar imposibles ni dificultades, vuesa merced se acomode a creerlo. Y es que yo oí y casi vi con mis ojos a estos dos perros, que el uno se llama Cipión y el otro Berganza, estar una noche, que fue la penúltima que acabé de sudar, echados, detrás de mi cama, en unas esteras viejas, y a la mitad de aquella noche, estando a oscuras y desvelado, pensando en mis pasados sucesos y presentes desgracias, oí hablar allí junto, y estuve con atento oído escuchando por ver si podía venir en conocimiento de los que hablaban y de lo que hablaban. Y a poco rato vine a conocer, por lo que hablaban, los que hablaban, y eran los dos perros, Cipión y Berganza.

Apenas acabó de decir esto Campuzano, cuando levantándose el licenciado dijo:

– Vuesa merced quede mucho en buen hora,

ouvido – disse o alferes – o que deles se conta: que se, por acaso, atiram esmola das janelas e ela cai no chão, eles acodem logo a alumiar e procurar o que caiu, e também se postam diante das janelas onde sabem que é costume dar-lhes esmola. E, apesar de ali seguirem com tanta mansidão que mais parecem cordeiros que cães, no hospital são uns leões, guardando a casa com grande cuidado e vigilância.

– Eu ouvi dizer – disse Peralta – que é assim mesmo, mas isso não pode nem me deve causar admiração.

– Pois o que agora direi deles é razão que a cause e que, sem se benzer nem alegar impossibilidades ou dificuldades, vossa mercê se disponha a acreditar nisso. E o fato é que eu ouvi e quase vi com meus próprios olhos estes dois cães, um chamado Cipião e o outro, Berganza⁵⁶, estar uma noite – a penúltima de meus suadouros –, deitados atrás de minha cama, em umas esteiras velhas, e no meio daquela noite, estando eu no escuro e desvelado, pensando em meus passados sucessos e nas presentes desgraças, ouvi falarem ali perto, e pus o ouvido atento, para ver se conhecia aqueles que falavam e a respeito do que falavam. E em pouco tempo vim a perceber, pelo que falavam, quem eram os que falavam, e eram os dois cães, Cipião e Berganza.

Campuzano mal acabou de dizer isto quando o licenciado, levantando-se, disse:

– Vossa mercê pare agora, senhor

señor Campuzano, que hasta aquí estaba en duda si creería o no lo que de su casamiento me había contado, y esto que ahora me cuenta de que oyó hablar los perros me ha hecho declarar por la parte de no creelle ninguna cosa. Por amor de Dios, señor alférez, que no cuente estos disparates a persona alguna, si ya no fuere a quien sea tan su amigo como yo.

– No me tenga vuesa merced por tan ignorante – replicó Campuzano – que no entienda que, si no es por milagro, no pueden hablar los animales; que bien sé que si los tordos, picazas y papagayos hablan, no son sino las palabras que aprenden y toman de memoria, y por tener la lengua estos animales cómoda para poder pronunciarlas; mas no por esto pueden hablar y responder con discurso concertado como estos perros hablaron. Y, así, muchas veces después que los oí, yo mismo no he querido dar crédito a mí mismo, y he querido tener por cosa soñada lo que realmente estando despierto con todos mis cinco sentidos, tales cuales Nuestro Señor fue servido dármelos, oí, escuché, noté y finalmente escribí, sin faltar palabra, por su concierto; de donde se puede tomar indicio bastante que mueva y persuada a creer esta verdad que digo. Las cosas de que trataron fueron grandes y diferentes, y más para ser tratadas por varones sabios que para ser dichas por bocas de perros. Así que, pues yo no las pude inventar de mí, a mi pesar y

Campuzano, pois até aqui eu estava em dúvida se acreditaria ou não no que me havia contado de seu casamento, e isto que agora me conta, de que ouviu os cães falarem, fez-me decidir que não acredito em coisa alguma. Pelo amor de Deus, senhor alferes, não conte estes disparates a ninguém, a menos que seja alguém tão seu amigo como eu.

– Não me julgue vossa mercê tão ignorante – replicou Campuzano – que não entenda que, se não por milagre, os animais não podem falar; pois bem sei que se os tordos, as araras e os papagaios falam, são apenas as palavras que aprendem e tomam de memória, e porque estes animais têm a língua apropriada para poder pronunciar-las; mas nem por isto podem falar e responder com um discurso concertado como estes cães falaram. E, assim, muitas vezes depois que os ouvi, não quis dar crédito a mim mesmo: gostaria de ter por coisa soñada o que realmente, estando despierto com todos os meus cinco sentidos, tais quais Nosso Senhor foi servido a me dá-los, ouvi, escutei, percebi e finalmente escrevi, sem faltar palavra para seu concerto; donde se pode tomar como indicio suficiente que mova e persuada a crer nesta verdade que digo. As coisas de que trataram foram grandes e diferentes, e mais para ser tratadas por varões sábios que para ser ditas pela boca de cães. Assim, como não as pude inventar, para meu pesar e contra minha

contra mi opinión, vengo a creer que no soñaba, y que los perros hablaban.

– ¡Cuerpo de mí! – replicó el licenciado –. Si se nos ha vuelto el tiempo de Maricastaña, cuando hablaban las calabazas, o el de Esopo, cuando departía el gallo con la zorra y unos animales con otros.

– Uno dellos sería yo, y el mayor – replicó el alférez –, si creyese que ese tiempo ha vuelto. Y aun también lo sería si dejase de creer lo que oí y lo que vi, y lo que me atreveré a jurar con juramento que obligue y aun fuerce a que lo crea la misma incredulidad. Pero, puesto caso que me haya engañado y que mi verdad sea sueño y el porfiarla disparate, ¿no se holgará vuesa merced, señor Peralta, de ver escritas en un coloquio las cosas que estos perros, o sean quien fueren, hablaron?

– Como vuesa merced – replicó el licenciado – no se canse más en persuadirme que oyó hablar a los perros, de muy buena gana oiré ese coloquio, que por ser escrito y notado del bueno ingenio del señor alférez ya le juzgo por bueno.

– Pues hay en esto otra cosa – dijo el alférez –: que, como yo estaba tan atento y tenía delicado el juicio, delicada, sutil y desocupada la memoria, merced a las muchas pasas y almendras que había comido, todo lo tomé de coro, y casi por las mismas palabras que había oído lo escribí otro día, sin buscar colores retóricas para adornarlo, ni qué añadir ni

opinião, venho a crer que não sonhava, e que os cães falavam.

– Corpo de mim!⁵⁷ – replicou o licenciado –. Voltamos nós aos tempos da Maria Castanha, quando as morangas falavam, ou ao de Esopo⁵⁸, quando o galo discutia com a raposa e uns animais com os outros.

– Um deles seria eu, e o maior – replicou o alferes –, se acreditasse que esse tempo voltou. Mas também o seria se deixasse de crer no que ouvi e no que vi, e no que me atreverei a jurar com tal juramento que obrigue, e até mesmo force, que a própria incredulidade o creia. Mas, supondo que me tenha enganado e que minha verdade seja um sonho, e insistir nela um disparate, não folgará vossa mercê, senhor Peralta, de ver escritas em um colóquio as coisas que estes cães, ou sejam quem forem, falaram?

– Para que vossa mercê – replicou o licenciado – não insista em persuadir-me de que ouviu os cães falarem, com muito gosto ouvirei esse colóquio, que, por ter sido escrito e anotado pelo bom engenho do senhor alferes, já o tomo por bom⁵⁹.

– Pois há ainda outra coisa – disse o alferes –: é que, como eu estava tão atento e tinha o juízo tão enfermiço, e a memória delicada, sutil e desocupada, graças às muitas passas e amêndoas que havia comido⁶⁰, decorei tudo e no dia seguinte escrevi quase com as mesmas palavras o que havia escutado, sem buscar cores retóricas para adorná-lo nem acrescentar ou suprimir algo para torná-lo

quitar para hacerle gustoso. No fue una noche sola la plática, que fueron dos consecutivamente, aunque yo no tengo escrita más de una, que es la vida de Berganza, y la del compañero Cipión pienso escribir (que fue la que se contó la noche segunda) cuando viere o que ésta se crea o, a lo menos, no se desprecie. El coloquio traigo en el seno; púselo en forma de coloquio por ahorrar de «dijo Cipión», «respondió Berganza», que suele alargar la escritura.

Y en diciendo esto, sacó del pecho un cartapacio y le puso en las manos del licenciado, el cual le tomó riyéndose y como haciendo burla de todo lo que había oído y de lo que pensaba leer.

– Yo me recuesto – dijo el alferez – en esta silla en tanto que vuesa merced lee, si quiere, esos sueños o disparates, que no tienen otra cosa de bueno si no es el poderlos dejar cuando enfaden.

– Haga vuesa merced su gusto – dijo Peralta –, que yo con brevedad me despediré desta letura.

Recostóse el alferez, abrió el licenciado el cartapacio, y en el principio vio que estaba puesto este título:

Novela y coloquio que pasó entre Cipión y Berganza, perros del Hospital de la Resurrección, que está en la ciudad de Valladolid, fuera de la Puerta del Campo, a quien comúnmente llaman los perros de Mahúdes

mais agradável. Não durou a conversa apenas uma noite, mas sim duas consecutivas, embora eu só tenha escrito uma, que é a vida de Berganza, e a do companheiro Cipião (que foi a que se contou na segunda noite) penso em escrever quando souber ou que esta primeira teve crédito ou, ao menos, não foi depreciada. O colóquio, trago-o no peito; coloquei-o em forma de colóquio para economizar em «disse Cipião», «respondeu Berganza», que costuma alongar a escritura⁶¹.

E, em dizendo isto, tirou do peito um cartapácio e o colocou nas mãos do licenciado, o qual o tomou rindo-se e como que fazendo troça de tudo o que havia ouvido e do que pensava ler.

– Eu vou me recostar – disse o alferes – nesta cadeira enquanto vossa mercê lê, se quiser, esses sonhos ou disparates, que não têm outra coisa de bom senão o fato de podê-los abandonar quando enfadem.

– Fique vossa mercê à vontade – disse Peralta –, que em pouco tempo me despedirei desta leitura.

Recostou-se o alferes, abriu o licenciado o cartapácio, e no princípio viu que estava posto este título:

Novela e colóquio que ocorreu entre Cipião e Berganza, cães do hospital da Resurreição, que fica na cidade de Valladolid, além da porta do Campo, a quem comumente chamam os cães de Mahúdes

NOVELA Y COLOQUIO QUE PASÓ ENTRE CIPIÓN Y BERGANZA

perros del hospital de la Resurrección, que está en la ciudad de Valladolid, fuera de la Puerta del Campo, a quien comúnmente llaman los perros de Mahúdes

CIPIÓN. Berganza amigo, dejemos esta noche el hospital en guarda de la confianza y retirémonos a esta soledad y entre estas esteras, donde podremos gozar sin ser sentidos desta no vista merced que el cielo en un mismo punto a los dos nos ha hecho.

BERGANZA. Cipión hermano, óyote hablar y sé que te hablo, y no puedo creerlo, por parecerme que el hablar nosotros pasa de los términos de naturaleza.

CIPIÓN. Así es la verdad, Berganza, y viene a ser mayor este milagro en que no solamente hablamos, sino en que hablamos con discurso, como si fuéramos capaces de razón, estando tan sin ella que la diferencia que hay del animal bruto al hombre es ser el hombre animal racional, y el bruto, irracional.

BERGANZA. Todo lo que dices, Cipión, entiendo, y el decirlo tú y entenderlo yo me causa nueva admiración y nueva maravilla. Bien es verdad que, en el discurso de mi vida, diversas y muchas veces he oído decir grandes prerrogativas nuestras; tanto, que parece que algunos han querido sentir que tenemos un natural distinto, tan vivo y tan agudo en muchas cosas, que da indicios y señales de faltar poco para mostrar que

NOVELA E COLÓQUIO⁶² QUE OCORREU ENTRE CIPIÃO E BERGANZA⁶³

cães do hospital da Ressurreição, que fica na cidade de Valladolid, além da porta do Campo, a quem comumente chamam os cães de Mahúdes⁶⁴

CIPião. Berganza amigo, deixemos esta noite o hospital guardado pela confiança⁶⁵ e retiremo-nos para esta solidão e estas esteiras, onde poderemos gozar, sem ser ouvidos, dessa mercê jamais vista que o céu nos concedeu ao mesmo tempo.

BERGANZA. Cipião irmão⁶⁶, ouço-te falar e sei que falo contigo, e não posso acreditar, por parecer-me que falarmos ultrapassa os limites da natureza.

CIPião. É verdade, Berganza, e vem a ser maior este milagre porque não apenas falamos, mas falamos com discurso⁶⁷, como se fôssemos capazes de razão, estando tão sem ela que a diferença que há entre o animal quadrúpede e o homem é ser o homem animal racional, e o quadrúpede, irracional.

BERGANZA. Tudo o que dizes, Cipião, entendo, e dizê-lo tu e entendê-lo eu me causa nova admiração e nova maravilha. É bem verdade que, no transcurso de minha vida, diversas e muitas vezes ouvi dizerem grandes prerrogativas nossas; tanto que parece que alguns quiseram julgar que temos um instinto natural, tão vivo e tão agudo em muitas coisas, que dá indícios e sinais de que nos falta pouco para mostrar

tenemos un no sé qué de entendimiento capaz de discurso.

CIPIÓN. Lo que yo he oído alabar y encarecer es nuestra mucha memoria, el agradecimiento y gran fidelidad nuestra; tanto, que nos suelen pintar por símbolo de la amistad; y así habrás visto, si has mirado en ello, que en las sepulturas de alabastro, donde suelen estar las figuras de los que allí están enterrados, cuando son marido y mujer, ponen entre los dos, a los pies, una figura de perro, en señal que se guardaron en la vida amistad y fidelidad inviolable.

BERGANZA. Bien sé que ha habido perros tan agradecidos que se han arrojado con los cuerpos difuntos de sus amos en la misma sepultura. Otros han estado sobre las sepulturas donde estaban enterrados sus señores, sin apartarse dellas, sin comer, hasta que se les acababa la vida. Sé también que, después del elefante, el perro tiene el primer lugar de parecer que tiene entendimiento, luego, el caballo, y el último, la jimia.

CIPIÓN. Así es; pero bien confesarás que ni has visto, ni oído decir jamás que haya hablado ningún elefante, perro, caballo o mona; por donde me doy a entender que este nuestro hablar tan de improviso cae debajo del número de aquellas cosas que llaman portentos, las cuales, cuando se muestran y parecen, tiene averiguado la experiencia que alguna calamidad grande amenaza a las gentes.

BERGANZA. Desá manera no haré yo mucho en tener por señal portentosa lo que oí decir los días pasados a un estudiante, pasando por

que temos um não sei quê de entendimento capaz de discurso.

CIPIÃO. O que ouvi louvar e encarecer é nossa muita memória, nossa gratidão e grande fidelidade; tanto que nos costumam pintar como símbolo da amizade; e deves ter visto, se reparaste nisso, que nas sepulturas de alabastro, onde costumam estar as figuras dos que ali estão enterrados, quando são marido e mulher, colocam entre os dois, aos pés, uma figura de cão, como sinal de que guardaram na vida amizade e fidelidade inviolável⁶⁸.

BERGANZA. Bem sei que houve cães tão agradecidos que se lançaram com os corpos difuntos de seus amos na mesma sepultura. Outros estiveram sobre as sepulturas onde estavam enterrados seus senhores, sem se afastar delas, sem comer, até que se lhes acabasse a vida. Sei também que, depois do elefante, o cão tem o primeiro lugar em parecer que tem entendimento, a seguir, o cavalo, e por último, o macaco⁶⁹.

CIPIÃO. Assim é; mas bem hás de confessar que jamais viste ou ouviste dizer que tenha falado algum elefante, cão, cavalo ou macaco; por isso, dou-me a entender que este nosso falar tão de improviso é do mesmo gênero daquelas coisas que chamam portentos, as quais, quando se mostram e aparecem, a experiência verifica que alguma grande calamidade ameaça as pessoas⁷⁰.

BERGANZA. Dessa maneira, eu não farei muito em ter por sinal portentoso o que ouvi um estudante dizer dias atrás, passando por

Alcalá de Henares.

CIPIÓN. ¿Qué le oíste decir?

BERGANZA. Que de cinco mil estudiantes que cursaban aquel año en la universidad, los dos mil oían medicina.

CIPIÓN. Pues ¿qué vienes a inferir deso?

BERGANZA. Infiero o que estos dos mil médicos han de tener enfermos que curar, que sería harta plaga y mala ventura, o ellos se han de morir de hambre.

CIPIÓN. Pero sea lo que fuere, nosotros hablamos, sea portento o no; que lo que el cielo tiene ordenado que suceda, no hay diligencia ni sabiduría humana que lo pueda prevenir; y así, no hay para qué ponernos a disputar nosotros cómo o por qué hablamos; mejor será que este buen día, o buena noche, la metamos en nuestra casa, y pues la tenemos tan buena en estas esteras y no sabemos cuánto durará esta nuestra ventura, sepamos aprovecharnos della y hablemos toda esta noche, sin dar lugar al sueño que nos impida este gusto, de mí por largos tiempos deseado.

BERGANZA. Y aun de mí, que desde que tuve fuerzas para roer un hueso tuve deseo de hablar, para decir cosas que depositaba en la memoria, y allí, de antiguas y muchas, o se enmohecían o se me olvidaban. Empero ahora, que tan sin pensarlo me veo enriquecido deste divino don de la habla, pienso gozarle y aprovecharme dél lo más que pudiere, dándome priesa a decir todo aquello que se me acordare, aunque sea

Alcalá de Henares.

CIPião. O que o ouviste dizer?

BERGANZA. Que, de cinco mil estudantes que cursavam a universidade naquele ano, dois mil estudavam medicina⁷¹.

CIPião. Pois, que vens a deduzir disso?

BERGANZA. Deduzo ou que estes dois mil médicos hão de ter enfermos para curar, o que seria farta calamidade e má ventura, ou eles hão de morrer de fome.

CIPião⁷². Mas, seja como for, nós falamos, seja portento ou não; pois o que o céu ordena que aconteça, não há diligência nem sabedoria humana que possa prevenir; e assim, não há por que começarmos a discutir como ou por que falamos; melhor será que este bom dia, ou boa noite, aproveitemo-lo bem⁷³, e já que estamos tão bem nestas esteiras e não sabemos quanto durará esta nossa ventura, saibamos aproveitar-nos dela e falemos por toda esta noite, sem deixar que o sono nos impeça este prazer, por mim há longo tempo desejado.

BERGANZA. E também por mim, pois desde que tive forças para roer um osso tive desejo de falar, para dizer coisas que depositava na memória, e ali, por ser antigas e muitas, ou emboloravam ou me esquecia delas. Porém agora, que tão inesperadamente me vejo enriquecido com este divino dom da fala, penso em gozá-lo e aproveitar-me dele o máximo que puder, apressando-me a dizer tudo aquilo de que me lembrar, mesmo que

atropellada y confusamente, porque no sé cuándo me volverán a pedir este bien que por prestado tengo.

CIPIÓN. Sea ésta la manera, Berganza amigo: que esta noche me cuentes tu vida y los trances por donde has venido al punto en que ahora te hallas, y si mañana en la noche estuviéremos con habla, yo te contaré la mía; porque mejor será gastar el tiempo en contar las propias, que en procurar saber las ajenas vidas.

BERGANZA. Siempre, Cipión, te he tenido por discreto y por amigo y ahora más que nunca, pues como amigo quieres decirme tus sucesos y saber los míos, y como discreto has repartido el tiempo donde podamos manifestallos. Pero advierte primero si nos oye alguno.

CIPIÓN. Ninguno, a lo que creo, puesto que aquí cerca está un soldado tomando sudores; pero, en esta sazón, más estará para dormir que para ponerse a escuchar a nadie.

BERGANZA. Pues si puedo hablar con ese seguro, escucha; y si te cansare lo que te fuere diciendo, o me reprehende o manda que calle.

CIPIÓN. Habla hasta que amanezca, o hasta que seamos sentidos; que yo te escucharé de muy buena gana, sin impedirte sino cuando viere ser necesario.

BERGANZA. Paréceme que la primera vez que vi el sol fue en Sevilla y en su Matadero, que está fuera de la puerta de la Carne; por donde imaginara, si no fuera por

seja atropelada e confusamente, porque não sei quando me pedirão de volta este bem que julgo emprestado.

CIPÃO. Que seja desta maneira, Berganza amigo: que esta noite me contes tua vida e os caminhos por onde vieste até o ponto em que agora te encontras e, se amanhã à noite estivermos com fala, eu te contarei a minha, porque melhor será gastar o tempo em contar as próprias vidas do que procurar saber das alheias.

BERGANZA. Sempre, Cipião, te considerei discreto e amigo, e agora mais que nunca, pois como amigo queres contar-me teus sucessos e saber dos meus, e como discreto repartiste o tempo para que possamos manifestá-los. Mas verifica primeiro se alguém nos ouve.

CIPÃO. Ninguém, pelo que creio, embora aqui perto esteja um soldado tomando suadouros⁷⁴; porém, nesta ocasião, estará mais para dormir que para se pôr a escutar alguém.

BERGANZA. Pois se posso falar com essa segurança, escuta; e se te cansar o que eu te for dizendo, ou me reprende ou manda que cale.

CIPÃO. Fala até que amanheça, ou até que nos ouçam, que eu te escutarei de muito boa vontade, sem te impedir a não ser quando achar necessário.

BERGANZA. Parece-me que a primeira vez que vi o sol foi em Sevilha e em seu Matadouro, que fica além da porta da Carne⁷⁵; por isso imaginava, se não fosse pelo

lo que después te diré, que mis padres debieron de ser alanos de aquellos que crían los ministros de aquella confusión, a quien llaman jíferos. El primero que conocí por amo fue uno llamado Nicolás el Romo, mozo robusto, doblado y colérico, como lo son todos aquellos que ejercitan la jifería. Este tal Nicolás me enseñaba a mí y a otros cachorros a que, en compañía de alanos viejos, arremetiésemos a los toros y les hiciésemos presa de las orejas. Con mucha facilidad salí un águila en esto.

CIPIÓN. No me maravillo, Berganza; que, como el hacer mal viene de natural cosecha, fácilmente se aprende el hacerle.

BERGANZA. ¿Qué te diría, Cipión hermano, de lo que vi en aquel matadero y de las cosas exorbitantes que en él pasan? Primero, has de presuponer que todos cuantos en él trabajan, desde el menor hasta el mayor, es gente ancha de conciencia, desalmada, sin temer al rey ni a su justicia; los más, amancebados. Son aves de rapiña carniceras; mantiéñense ellos y sus amigas de lo que hurtan. Todas las mañanas que son días de carne, antes que amanezca están en el matadero gran cantidad de mujercillas y muchachos, todos con talegas, que, viniendo vacías, vuelven llenas de pedazos de carne, y las criadas con criadillas y lomos medio enteros. No hay res alguna que se mate de quien no lleve esta gente diezmos y primicias de lo más sabroso y bien parado. Y como en Sevilla no hay obligado de la carne, cada uno puede traer la

que depois te direi⁷⁶, que meus pais deviam ser alãos do tipo criado pelos responsáveis por aquela confusão, a quem chamam magarefes⁷⁷. O primeiro que conheci por amo foi um chamado Nicolás, o Rombo, moço robusto, dobrado e colérico⁷⁸, como são todos aqueles que exercem a carniçaria. Esse tal Nicolás amestrava a mim e a outros filhotes para que, na companhia de alãos velhos, arremetêssemos contra os touros e os agarrássemos pelas orelhas. Com muita facilidade, tornei-me uma águia nisto⁷⁹.

CIPÃO. Não me admiro, Berganza; pois, como fazer mal vem de colheita natural, facilmente se aprende a fazê-lo.

BERGANZA. Que te diria, Cipião irmão, do que vi naquele matadouro e das coisas exorbitantes que nele acontecem? Primeiro, há de supor que todos quantos trabalham nele, do mais novo ao mais velho, são gente folgada de consciência, desalmada, sem temer o rei nem sua justiça; a maioria, amancebada. São aves de rapina carniceiras; mantêm-se, eles e suas amigas, do que furtam. Todas as manhãs que são dias de carne⁸⁰, antes que amanheça, vem ao matadouro grande quantidade de mulherzinhas⁸¹ e garotos, todos com taleigas⁸² que, vindo vazias, voltam cheias de pedaços de carne, e as criadas com testículos e lombos quase inteiros. Não há res alguma que se mate da qual esta gente não leve dízimos e primícias⁸³ do mais saboroso e bem servido. E como em Sevilha não há encarregado pela carne⁸⁴, cada um pode pegar

que quisiere, y la que primero se mata, o es la mejor o la de más baja postura, y con este concierto hay siempre mucha abundancia. Los dueños se encomiendan a esta buena gente que he dicho, no para que no les hurten – que esto es imposible –, sino para que se moderen en las tajadas y socaliñas que hacen en las reses muertas, que las escamondan y podan como si fuesen sauces o parras. Pero ninguna cosa me admiraba más, ni me parecía peor que el ver que estos jiferos con la misma facilidad matan a un hombre que a una vaca; por quítame allá esa paja, a dos por tres, meten un cuchillo de cachas amarillas por la barriga de una persona como si acocotasen un toro. Por maravilla se pasa día sin pendencias y sin heridas, y a veces sin muertes; todos se pican de valientes, y aun tienen sus puntas de rufianes; no hay ninguno que no tenga su ángel de guarda en la plaza de San Francisco, granjeado con lomos y lenguas de vaca. Finalmente, oí decir a un hombre discreto que tres cosas tenía el rey por ganar en Sevilla: la calle de la Caza, la Costanilla y el Matadero.

CIPIÓN. Si en contar las condiciones de los amos que has tenido y las faltas de sus oficios te has de estar, amigo Berganza, tanto como esta vez, menester será pedir al cielo nos conceda la habla siquiera por un año, y aun temo que, al paso que llevas, no llegarás a la mitad de tu historia. Y quíerote advertir de una cosa, de la cual verás la experiencia cuando te cuente los sucesos de mi vida; y es

a que quiser, e a que se mata primeiro ou é a melhor ou a de preço mais baixo, e com este ajuste há sempre muita abundância. Os senhores recomendam, a esta boa gente que mencionei, não que não lhes furtem – pois isto é impossível –, mas que se moderem nas talhadas e pilhagens que fazem nas reses mortas, pois as limpam e podam como se fossem salgueiros ou videiras. Mas coisa alguma me admirava mais nem me parecia pior que ver que estes magarefes com a mesma facilidade matam um homem ou uma vaca; por dá cá aquela palha⁸⁵, a dois por três⁸⁶, metem um facão de cabo amarelo na barriga de uma pessoa, como se abatessem um touro. Por sorte se passa um dia sem pendências e sem ferimentos, e às vezes sem mortes; todos se picam de valentes e também têm seu algo de rufiões; não há ninguém que não tenha seu anjo da guarda na praça de São Francisco⁸⁷, subornado com lombos e línguas de vaca. Finalmente, ouvi um homem discreto dizer que o rei tinha três coisas a conquistar em Sevilha: a rua da Caça, a Ladeirinha e o Matadouro⁸⁸.

CIPÃO. Se vais ficar contando as condições dos amos que tiveste e as faltas de seus ofícios, amigo Berganza, tanto como desta vez, será mister pedir aos céus que nos concedam a fala ao menos por um ano, e ainda temo que, no passo em que vais, não chegarás à metade de tua história. E te quero advertir de uma coisa, da qual comprovarás a verdade quando eu te contar os sucessos de

que los cuentos unos encierran y tienen la gracia en ellos mismos; otros, en el modo de contarlos; quiero decir que algunos hay que aunque se cuenten sin preámbulos y ornamentos de palabras, dan contento; otros hay que es menester vestirlos de palabras, y con demostraciones del rostro y de las manos y con mudar la voz se hacen algo de nonada, y de flojos y desmayados se vuelven agudos y gustosos; y no se te olvide este advertimiento, para aprovecharte dél en lo que te queda por decir.

BERGANZA. Yo lo haré así, si pudiere y si me da lugar la grande tentación que tengo de hablar, aunque me parece que con grandísima dificultad me podré ir a la mano.

CIPIÓN. Vete a la lengua, que en ella consisten los mayores daños de la humana vida.

BERGANZA. Digo, pues, que mi amo me enseñó a llevar una espuerta en la boca y a defenderla de quien quitármela quisiese. Enseñóme también la casa de su amiga, y con esto se escusó la venida de su criada al matadero, porque yo le llevaba las madrugadas lo que él había hurtado las noches. Y un día que, entre dos luces, iba yo diligente a llevarle la porción, oí que me llamaban por mi nombre desde una ventana; alcé los ojos y vi una moza hermosa en extremo; detúveme un poco, y ella bajó a la puerta de la calle, y me tornó a llamar. Lleguéme a ella como si fuera a ver lo que me quería, que no fue otra cosa que quitarme lo que llevaba en la cesta y ponerme en su

minha vida; e é que alguns contos encerram e têm graça em si mesmos; outros, no modo de contá-los; quero dizer que alguns há que, embora se contem sem preâmbulos e ornamentos de palavras, dão contentamento; outros há em que é mister vesti-los com palavras, e com gestos do rosto e das mãos e com mudar a voz se tornam algo do nada, e de fracos e desmaiados se transformam em agudos e saborosos; e não te esqueças desta advertência, para te aproveitares dela no que te resta por dizer⁸⁹.

BERGANZA. Assim o farei, se puder e se me der lugar a grande tentação que tenho de falar, embora me pareça que com grandíssima dificuldade poderei controlar a mão.

CIPÃO. Controla a língua, porque nela consistem os maiores danos da vida humana.

BERGANZA. Digo, pois, que meu amo me ensinou a levar uma esporta na boca⁹⁰ e a defendê-la de quem ma quisesse tirar. Mostrou-me também a casa de sua amiga, e com isto se dispensou a vinda de sua criada ao matadouro, porque eu lhe levava de madrugada o que ele havia furtado de noite. E um dia em que, ao amanhecer, ia eu diligente a levar-lhe a porção, ouvi que chamavam por meu nome de uma janela; levantei os olhos e vi uma moça formosa ao extremo⁹¹; detive-me um pouco e ela baixou à porta da rua, e me tornou a chamar. Aproximei-me dela, como se fosse ver o que queria de mim, que não foi outra coisa que tirar o que eu levava na esporta e colocar em seu lugar um chapim

lugar un chapín viejo. Entonces dije entre mí: «La carne se ha ido a la carne». Díjome la moza en habiéndome quitado la carne: «Andad, Gavilán, o como os llamáis, y decid a Nicolás el Romo, vuestro amo, que no se fie de animales, y que del lobo un pelo, y ése, de la espuerta». Bien pudiera yo volver a quitar lo que me quitó; pero no quise, por no poner mi boca jifera y sucia en aquellas manos limpias y blancas.

CIPIÓN. Hiciste muy bien, por ser prerrogativa de la hermosura que siempre se le tenga respecto.

BERGANZA. Así lo hice yo; y así, me volví a mi amo sin la porción y con el chapín. Parecióle que volví presto; vio el chapín; imaginó la burla; sacó uno de cachas y tiróme una puñalada que, a no desviarme, nunca tú oyeras ahora este cuento, ni aun otros muchos que pienso contarte. Puse pies en polvorosa, y tomando el camino en las manos y en los pies, por detrás de San Bernardo, me fui por aquellos campos de Dios adonde la fortuna quisiese llevarme. Aquella noche dormí al cielo abierto, y otro día me deparó la suerte un hato, o rebaño, de ovejas y carneros. Así como le vi, creí que había hallado en él el centro de mi reposo, pareciéndome ser propio y natural oficio de los perros guardar ganado, que es obra donde se encierra una virtud grande, como es amparar y defender de los poderosos y soberbios los humildes y los que poco pueden. Apenas me hubo visto uno de tres pastores que el ganado guardaban,

velho⁹². Então disse comigo mesmo: «A carne se foi à carne»⁹³. Disse-me a moça, em tendo-me tirado a carne: «Andai, Gavião⁹⁴, ou como vos chamais, e dizei a Nicolás, o Rombo, vosso amo, que não se fie em animais, e que do lobo um pêlo, e este, da esporta»⁹⁵. Bem pudera eu voltar a pegar o que me tirou, mas não quis, para não colocar minha boca encarniçada e suja naquelas mãos limpas e brancas.

CIPÃO. Fizeste muito bem, por ser prerrogativa da formosura que sempre se lhe tenha respeito⁹⁶.

BERGANZA. Assim fiz eu; e então, voltei a meu amo sem a porção e com o chapim. Pareceu-lhe que voltei rápido; viu o chapim; presumiu a burla; desembainhou um facão e me lançou uma punhalada que, se eu não me desviasse, tu nunca ouvirias este conto nem muitos outros que ainda penso em contar-te. Pus os pés em polvorosa e, pondo-me a caminho, por trás de São Bernardo⁹⁷, me fui por aqueles campos de Deus para onde a fortuna quisesse levar-me. Naquela noite dormi a céu aberto, e no dia seguinte a sorte me deparou uma manada, ou rebanho, de ovelhas e carneiros. Assim que o vi, acreditei que havia encontrado nele o centro de meu repouso⁹⁸, parecendo-me ser próprio e natural ofício dos cães guardar gado, que é obra na qual se encerra uma grande virtude, que é amparar e defender dos poderosos e soberbos os humildes e os que pouco podem⁹⁹. Nem bem me viu um dos três pastores que

quando, diciendo: «To, to», me llamó. Y yo, que otra cosa no deseaba, me llegué a él bajando la cabeza y meneando la cola. Trújome la mano por el lomo, abrióme la boca, escupióme en ella, miróme las presas, conoció mi edad, y dijo a otros pastores que yo tenía todas las señales de ser perro de casta. Llegó a este instante el señor del ganado sobre una yegua rucia a la jineta, con lanza y adarga, que más parecía atajador de la costa que señor de ganado. Preguntó al pastor: «¿Qué perro es éste, que tiene señales de ser bueno?». «Bien lo puede vuesa merced creer – respondió el pastor –, que yo le he cotejado bien, y no hay señal en él que no muestre y prometa que ha de ser un gran perro. Agora se llegó aquí y no sé cuyo sea, aunque sé que no es de los rebaños de la redonda.» «Pues así es – respondió el señor –, ponle luego el collar de Leoncillo, el perro que se murió, y denle la ración que a los demás, y acarícialo, porque tome cariño al ható y se quede en él.» En diciendo esto se fue, y el pastor me puso luego al cuello unas carlancas llenas de puntas de acero, habiéndome dado primero en un dornajo gran cantidad de sopas en leche. Y asimismo me puso nombre, y me llamó Barcino. Vime hartó y contento con el segundo amo y con el nuevo oficio; mostréme solícito y diligente en la guarda del rebaño, sin apartarme dél sino las siestas, que me iba a pasarlas, o ya a la sombra de algún árbol, o de algún ribazo o peña, o a la de alguna mata, a la margen de

guardavam o gado, quando, dizendo «Totó», me chamou. E eu, que não desejava outra coisa, me achei a ele baixando a cabeça e balançando o rabo¹⁰⁰. Passou-me a mão pelo lombo, abriu-me a boca, cuspiu nela¹⁰¹, olhou-me os caninos, presumiu minha idade e disse aos outros pastores que eu tinha todos os sinais de ser cão de raça. Chegou neste instante o senhor do gado, sobre uma égua rucha à gineta, com lança e adaga, mais parecendo explorador da costa que senhor de rebanho¹⁰². Perguntou ao pastor: «Que cão é este, que dá mostras de ser bom?». «Vossa mercê pode acreditar nisto – respondeu o pastor –, pois eu o examinei bem e não há sinal nele que não mostre e assegure que deve ser um grande cão. Agora mesmo se achegou aqui e não sei de quem é, embora saiba que não é dos rebanhos das redondezas». «Pois se é assim – respondeu o senhor –, põe-lhe depressa a coleira de Leãozinho, o cão que morreu, e dá-lhe a mesma ração que a dos demais, e acaricia-lhe para que tome carinho pelo gado e permaneça junto dele.» Em dizendo isto se foi, e o pastor logo me pôs no pescoço umas carrancas¹⁰³ cheias de pontas de aço, tendo antes me dado, em uma gamela, grande quantidade de pão ensopado no leite. E também me deu nome, e me chamou Barcino¹⁰⁴. Vi-me saciado e contente com o segundo amo e com o novo oficio; mostrei-me solícito e diligente na guarda do rebanho, sem me afastar dele a não ser durante as sextas, indo passá-las ou à sombra de alguma árvore, ou de

algún arroyo de los muchos que por allí corrían. Y estas horas de mi sosiego no las pasaba ociosas, porque en ellas ocupaba la memoria en acordarme de muchas cosas, especialmente en la vida que había tenido en el Matadero, y en la que tenía mi amo y todos los como él, que están sujetos a cumplir los gustos impertinentes de sus amigas. ¡Oh, qué de cosas te pudiera decir ahora de las que aprendí en la escuela de aquella jifera dama de mi amo! Pero habrélas de callar, porque no me tengas por largo y por murmurador.

CIPIÓN. Por haber oído decir que dijo un gran poeta de los antiguos que era difícil cosa el no escribir sátiras, consentiré que murmures un poco de luz y no de sangre; quiero decir que señales y no hieras, ni des mate a ninguno en cosa señalada; que no es buena la murmuración, aunque haga reír a muchos, si mata a uno; y si puedes agradar sin ella, te tendré por muy discreto.

BERGANZA. Yo tomaré tu consejo, y esperaré con gran deseo que llegue el tiempo en que me cuentes tus sucesos; que de quien tan bien sabe conocer y enmendar los defectos que tengo en contar los míos, bien se puede esperar que contará los suyos de manera que enseñen y deleiten a un mismo punto. Pero, anudando el roto hilo de mi cuento, digo que en aquel silencio y soledad de mis siestas, entre otras cosas, consideraba que no debía de ser verdad lo que había oído contar de la vida de los pastores; a lo menos, de aquellos

alguma riba ou penha, ou à de alguma mata, à margem de algum regato dos muitos que por ali corriam. E estas horas de meu sossego não as passava ociosas, porque nelas ocupava a memória em recordar-me de muitas coisas, especialmente na vida que havia tido no Matadouro e na que tinha meu amo e todos os iguais a ele, que estão sujeitos a cumprir os gustos impertinentes de suas amigas. Oh, muitas coisas poder-te-ia dizer agora das que aprendi na escola daquela carniceira dama de meu amo! Mas haverei de calá-las, para que não me tomes por copioso e por murmurador.

CIPÃO. Por ter ouvido falar que um grande poeta da Antiguidade disse que era coisa difícil não escrever sátiras¹⁰⁵, consentirei que murmures um pouco de luz e não de sangue¹⁰⁶; quero dizer que apontes e não firas, nem reveles ninguém em coisa dita; pois não é boa a murmuração, embora faça rir a muitos, se mata alguém; e, se podes agradar sem ela, tomar-te-ei por mui discreto.

BERGANZA. Eu acatarei teu conselho, e esperarei com grande ardor que chegue o tempo em que me contes teus sucessos; pois de quem tão bem sabe reconhecer e corrigir os defeitos que tenho em contar os meus, bem se pode esperar que contará os seus de maneira que ensinem e deleitem ao mesmo tempo¹⁰⁷. Porém, reatando o fio interrompido de minha história¹⁰⁸, digo que, naquele silêncio e solidão de minhas siestas, entre outras coisas, considerava que não devia ser verdade o que ouvira contar sobre a vida dos

que la dama de mi amo leía en unos libros cuando yo iba a su casa, que todos trataban de pastores y pastoras, diciendo que se les pasaba toda la vida cantando y tañendo con gaitas, zampoñas, rabeles y chirumbelas, y con otros instrumentos extraordinarios. Deteníame a oírla leer, y leía cómo el pastor de Anfriso cantaba extremada y divinamente, alabando a la sin par Belisarda, sin haber, en todos los montes de Arcadia, árbol en cuyo tronco no se hubiese sentado a cantar, desde que salía el sol en los brazos de la Aurora, hasta que se ponía en los de Tetis; y aun después de haber tendido la negra noche por la faz de la tierra sus negras y oscuras alas, él no cesaba de sus bien cantadas y mejor lloradas quejas. No se le quedaba entre renglones el pastor Elicio, más enamorado que atrevido, de quien decía que, sin atender a sus amores ni a su ganado, se entraba en los cuidados ajenos. Decía también que el gran pastor de Filida, único pintor de un retrato, había sido más confiado que dichoso. De los desmayos de Sireno y arrepentimiento de Diana decía que daba gracias a Dios y a la sabia Felicia, que con su agua encantada deshizo aquella máquina de enredos y aclaró aquel laberinto de dificultades. Acordábame de otros muchos libros que deste jaez la había oído leer; pero no eran dignos de traerlos a la memoria.

CIPIÓN. Aprovechándote vas, Berganza, de mi aviso: murmura, pica y pasa, y sea tu intención limpia, aunque la lengua no lo

pastores¹⁰⁹; ao menos daqueles dos quais a dama de meu amo lia em certos livros quando eu ia à sua casa, porque todos tratavam de pastores e pastoras, dizendo que passavam a vida inteira cantando e tangendo gaitas, pífaros, rabéis e charamelas, e outros instrumentos extraordinários¹¹⁰. Detinha-me a ouvi-la ler, e lia como o pastor de Anfriso cantava extrema e divinamente, louvando a sem-par Belisarda, sem haver, em todos os montes da Arcádia, árvore em cujo tronco não estivera sentado a cantar, desde que saía o sol nos braços da Aurora até que se punha nos de Tétis¹¹¹; e, mesmo depois de a negra noite ter estendido pela face da terra suas negras e oscuras asas, ele não cessava suas bem cantadas e melhor choradas lamentações. Não se esquecia do pastor Elício, mais enamorado que atrevido, de quem dizia que, sem dar atenção a seus amores ou ao seu gado, se entretinha nos cuidados alheios¹¹². Dizia também que o grande pastor de Filida, singular pintor de um retrato, havia sido mais crédulo que afortunado¹¹³. Dos desmaios de Sireno e do arrependimento de Diana, dizia que dava graças a Deus e à sábia Felícia, que, com sua água encantada, desfez aquela máquina de enredos e clareou aquele labirinto de dificuldades¹¹⁴. Lembrava-me de muitos outros livros que deste jaez a ouvira ler, mas não eram dignos de ser trazidos à memória.

CIPÃO. Vai-te aproveitando, Berganza, de meu aviso: murmura, apressa-te e continua, e que tua intenção seja limpa, embora a língua

parezca.

BERGANZA. En estas materias nunca tropieza la lengua si no cae primero la intención, pero si acaso por descuido o por malicia murmurare, responderé a quien me reprehendiere lo que respondió Mauleón, poeta tonto y académico de burla de la Academia de los Imitadores, a uno que le preguntó que qué quería decir *Deum de Deo*; y respondió que «dé donde diere».

CIPIÓN. Esa fue respuesta de un simple; pero tú, si eres discreto o lo quieres ser, nunca has de decir cosa de que debas dar disculpa. Di adelante.

BERGANZA. Digo que todos los pensamientos que he dicho, y muchos más, me causaron ver los diferentes tratos y ejercicios que mis pastores y todos los demás de aquella marina tenían de aquellos que había oído leer que tenían los pastores de los libros; porque si los míos cantaban, no eran canciones acordadas y bien compuestas, sino un «Cata el lobo do va Juanica» y otras cosas semejantes; y esto no al son de chirumbelas, rabeles o gaitas, sino al que hacía el dar un cayado con otro o al de algunas tejuelas puestas entre los dedos; y no con voces delicadas, sonoras y admirables, sino con voces roncadas, que, solas o juntas, parecía, no que cantaban, sino que gritaban o gruñían. Lo más del día se les pasaba espulgándose o remendando sus abarcas; ni entre ellos se nombraban Amarilis, Fílicas, Galateas y Dianas, ni había Lisardos, Lausos, Jacintos ni Riselos; todos

não o pareça.

BERGANZA. Nestas matérias, nunca tropeça a língua se não cai primeiro a intenção¹¹⁵; porém, caso eu murmure, por descuido ou por malícia, responderei a quem me repreender o que respondeu Mauleão, poeta tonto e acadêmico farsante da Academia dos Imitadores, a alguém que lhe perguntou o que queria dizer *Deum de Deo*, e ele respondeu que «dê onde der»¹¹⁶.

CIPião. Essa foi resposta de um simplório; mas tu, se és discreto ou queres sê-lo, nunca debes dizer coisas de que tenhas que desculpar-te. Prossegue.

BERGANZA. Digo que todos os pensamentos que disse, e muitos mais, foram causados por ver quão diferentes eram os tratos e exercícios que meus pastores e todos os demais daquela praia¹¹⁷ tinham daqueles que ouvira ler que tinham os pastores dos livros; porque, se os meus cantavam, não eram canções afinadas e bem-compostas, mas sim um «*Cata el lobo do va Juanica*»¹¹⁸ e outras coisas semelhantes; e isto não ao som de charamelas, rabéis ou gaitas, mas do que se faz ao bater um cajado no outro ou com alguns cacos postos entre os dedos; e não com vozes delicadas, sonoras e admiráveis, mas com vozes roucas que, sozinhas ou juntas, parecia não que cantavam, mas sim que gritavam ou grunhiam. Passavam a maior parte do dia espulgando-se ou remendando suas abarcas¹¹⁹; entre eles, não se chamavam Amarilis, Fílicas, Galatéias e Dianas nem

eran Antones, Domingos, Pablos o Llorentes; por donde vine a entender lo que pienso que deben de creer todos: que todos aquellos libros son cosas soñadas y bien escritas para entretenimiento de los ociosos, y no verdad alguna; que a serlo, entre mis pastores hubiera alguna reliquia de aquella felicísima vida, y de aquellos amenos prados, espaciosas selvas, sagrados montes, hermosos jardines, arroyos claros y cristalinas fuentes, y de aquellos tan honestos cuanto bien declarados requiebros, y de aquel desmayarse aquí el pastor, allí la pastora; acullá resonar la zampoña del uno, acá el caramillo del otro.

CIPIÓN. Basta, Berganza; vuelve a tu senda y camina.

BERGANZA. Agradézcotelo, Cipión amigo; porque si no me avisaras, de manera se me iba calentando la boca que no parara hasta pintarte un libro entero destes que me tenían engañado; pero tiempo vendrá en que lo diga todo con mejores razones y con mejor discurso que ahora.

CIPIÓN. Mírate a los pies y desharás la rueda, Berganza. Quiero decir que mires que eres un animal que carece de razón, y si ahora muestras tener alguna, ya hemos averiguado entre los dos ser cosa sobrenatural y jamás vista.

BERGANZA. Eso fuera así si yo estuviera en mi primera ignorancia; mas ahora que me ha venido a la memoria lo que te había de haber dicho al principio de nuestra plática, no sólo no me maravillo de lo que hablo, pero

havia Lisardos, Lausos, Jacintos ou Riselos¹²⁰; todos eram Antônios, Domingos, Pablos ou Lourenços; por isso, vim a entender o que acho que todos devem acreditar: que todos aqueles livros são coisas sonhadas e bem escritas para entretenimento dos ociosos, e não verdade alguma; pois, se fossem, entre meus pastores haveria algum resquício daquela vida felicíssima e daqueles amenos prados, espaçosos bosques, sagrados montes, formosos jardins, regatos claros e cristalinas fontes, e daqueles tão honestos quanto bem declarados requebros, e daquele desmaiar aqui o pastor, ali a pastora; acolá ressoar o pífaro de um, acá o rabel do outro.

CIPIÃO. Basta, Berganza; volta à tua senda e caminha.

BERGANZA. Agradeço-te, Cipião amigo; pois, se não me avisasses, de tal maneira se me ia esquentando a boca que não pararia até te pintar um livro inteiro destes que me enganavam; mas virá o tempo em que direi tudo com melhores razões e com melhor discurso que agora¹²¹.

CIPIÃO. Olha teus pés e desfarás a roda¹²², Berganza. Quero dizer que vejas que és um animal que carece de razão e, se agora demonstras ter alguma, já concluímos entre nós ser coisa sobrenatural e jamais vista.

BERGANZA. Seria assim se eu estivesse em minha ignorância primária; mas agora que me veio à memória o que te havia de ter dito no início de nossa conversa, não apenas não me admiro do que falo, mas espanto-me do que

espántome de lo que dejo de hablar.

CIPIÓN. Pues ¿ahora no puedes decir lo que ahora se te acuerda?

BERGANZA. Es una cierta historia que me pasó con una grande hechicera, discípula de la Camacha de Montilla.

CIPIÓN. Digo que me la cuentes antes que pases más adelante en el cuento de tu vida.

BERGANZA. Eso no haré yo, por cierto, hasta su tiempo. Ten paciencia y escucha por su orden mis sucesos, que así te darán más gusto si ya no te fatiga querer saber los medios antes de los principios.

CIPIÓN. Sé breve, y cuenta lo que quisieres y como quisieres.

BERGANZA. Digo, pues, que yo me hallaba bien con el oficio de guardar ganado, por parecerme que comía el pan de mi sudor y trabajo, y que la ociosidad, raíz y madre de todos los vicios, no tenía que ver conmigo, a causa que si los días holgaba, las noches no dormía, dándonos asaltos a menudo y tocándonos a arma los lobos; y apenas me habían dicho los pastores: «Al lobo, Barcino», cuando acudía, primero que los otros perros, a la parte que me señalaban que estaba el lobo; corría los valles, escudriñaba los montes, desentrañaba las selvas, saltaba barrancos, cruzaba caminos, y a la mañana volvía al hato, sin haber hallado lobo ni rastro dél, anhelando, cansado, hecho pedazos y los pies abiertos de los garranchos; y hallaba en el hato, o ya una oveja muerta, o un carnero degollado y

deixo de falar¹²³.

CIPÃO. Pois então não podes dizer do que te recordas agora?

BERGANZA. É uma certa história que me passou com uma grande feiticeira, discípula da Camacha de Montilla¹²⁴.

CIPÃO. Digo que ma contes antes que prossigas na história de tua vida.

BERGANZA. Isso eu não farei, decerto, antes do tempo. Tem paciência e escuta pela ordem meus sucessos, que assim te darão mais prazer, se é que não te enfada querer ouvir o meio antes do princípio¹²⁵.

CIPÃO. Sê breve, e conta o que quisieres e como quisieres.

BERGANZA. Digo, pois, que eu me sentia bem com o oficio de guardar gado, por parecer-me que comia o pão de meu suor e trabalho, e que a ociosidade, raíz e mãe de todos os vícios¹²⁶, não tinha nada a ver comigo, pois, se eu folgava de dia, não dormia à noite, com os lobos assaltando-nos frequentemente e provocando alarmas; e nem bem me diziam os pastores: «Ao lobo, Barcino», eu acudia, antes que os outros cães, ao lugar em que me indicavam que estava o lobo; corria os vales, esquadriñava os montes, desentrañava os bosques, saltava barrancos, cruzava caminhos e pela manhã voltava ao rebanho, sem ter achado lobo ou rastro dele, resfolegando, cansado, feito em pedaços e com os pés lacerados pelos galhos das árvores; e encontrava no rebanho ou uma ovelha morta, ou um carneiro degollado e meio comido pelo

medio comido del lobo. Desesperábame de ver de cuán poco servía mi mucho cuidado y diligencia. Venía el señor del ganado; salían los pastores a recibirle con las pieles de la res muerta; culpaba a los pastores por negligentes y mandaba castigar a los perros por perezosos; llovían sobre nosotros palos, y sobre ellos reprehensiones; y así, viéndome un día castigado sin culpa y que mi cuidado, ligereza y braveza no eran de provecho para coger el lobo, determiné de mudar estilo, no desviándome a buscarle, como tenía de costumbre, lejos del rebaño, sino estarme junto a él: que pues el lobo allí venía, allí sería más cierta la presa. Cada semana nos tocaban a rebato, y en una escurísima noche tuve yo vista para ver los lobos, de quien era imposible que el ganado se guardase. Agachéme detrás de una mata, pasaron los perros, mis compañeros, adelante, y desde allí oteé, y vi que dos pastores asieron de un carnero de los mejores del aprisco y le mataron, de manera que verdaderamente pareció a la mañana que había sido su verdugo el lobo. Pasméme; quedé suspenso cuando vi que los pastores eran los lobos y que despedazaban el ganado los mismos que le habían de guardar. Al punto hacían saber a su amo la presa del lobo, dábanle el pellejo y parte de la carne y comíanse ellos lo más y lo mejor. Volvía a reñirles el señor, y volvía también el castigo de los perros. No había lobos; menguaba el rebaño; quisiera yo descubriello; hallábame

lobo. Desesperava-me de ver quão pouco servia meu grande cuidado e diligência. Vinha o senhor do gado; saíam os pastores a recebê-lo com as peles da res morta; culpava os pastores por negligentes e mandava castigar os cães por preguiçosos; choviam pauladas sobre nós, e sobre eles repreensões; e assim, vendo-me um dia castigado sem culpa e que meu cuidado, rapidez e braveza não eram de proveito para apanhar o lobo, decidi mudar de estilo, não me desviando para buscá-lo, como tinha o costume, longe do rebanho, mas sim ficando junto dele: pois se o lobo ali vinha, ali seria mais certa sua captura. Toda semana nos tocavam a rebato¹²⁷, e em uma noite escuríssima eu tive vista para ver os lobos, de quem era impossível que o rebanho se defendesse. Agachei-me atrás de um arbusto, passaram adiante os cães, meus companheiros, e dali observei e vi que dois pastores apanharam um carneiro dos melhores do aprisco e o mataram, de maneira que verdadeiramente pareceu, pela manhã, que o lobo fora seu verdugo. Pasmei-me; fiquei surpreso quando vi que os pastores eram os lobos e que os mesmos que despedaçavam o gado eram quem havia de guardá-lo. Imediatamente faziam seu amo saber do ataque do lobo, davam-lhe o pelame e parte da carne, e comiam eles a maioria e o melhor. Voltava a repreendê-los o senhor, e voltava também a castigar os cães. Não havia lobos; mingua o rebanho; quisera eu manifestá-lo; achava-me

mudo. Todo lo cual me traía lleno de admiración y de congoja. «¡Válame Dios! – decía entre mí –, ¿Quién podrá remediar esta maldad? ¡Quién será poderoso a dar a entender que la defensa ofende, que las centinelas duermen, que la confianza roba y el que os guarda os mata!»

CIPIÓN. Y decías muy bien, Berganza, porque no hay mayor ni más sutil ladrón que el doméstico; y así, mueren muchos más de los confiados que de los recatados; pero el daño está en que es imposible que puedan pasar bien las gentes en el mundo, si no se fía y se confía. Mas quédese aquí esto, que no quiero que parezcamos predicadores. Pasa adelante.

BERGANZA. Paso adelante, y digo que determiné dejar aquel oficio, aunque parecía tan bueno, y escoger otro donde, por hacerle bien, ya que no fuese remunerado, no fuese castigado. Volvíme a Sevilla, y entré a servir a un mercader muy rico.

CIPIÓN. ¿Qué modo tenías para entrar con amo? Porque, según lo que se usa, con gran dificultad, el día de hoy, halla un hombre de bien señor a quien servir. Muy diferentes son los señores de la tierra del Señor del cielo; aquéllos, para recibir un criado, primero le espulgan el linaje, examinan la habilidad, le marcan la apostura, y aun quieren saber los vestidos que tiene; pero para entrar a servir a Dios, el más pobre es más rico; el más humilde, de mejor linaje; y con sólo que se disponga con limpieza de

mudo. Tudo isso me enchia de admiração e angústia. «Valha-me Deus! – dizia a mim mesmo –, quem poderá remediar esta maldade? Quem terá o poder de demonstrar que a defesa ataca, que as sentinelas dormem, que a confiança rouba e quem vigia é que mata?»

CIPIÃO. E dizias muito bem, Berganza, porque não há maior nem mais sutil ladrão que o doméstico¹²⁸, e assim, morrem muitos mais ingênuos que prevenidos; mas o dano reside em que é impossível que possam passar bem as pessoas no mundo se não se fía e se confía. Mas paremos por aqui, pois não quero que pareçamos predicantes¹²⁹. Continua.

BERGANZA. Continuo, e digo que decidi deixar aquele oficio, embora parecesse tão bom, e escolher outro em que, por fazê-lo bem, mesmo que não fosse remunerado, não fosse castigado. Voltei a Sevilha e comecei a servir a um mercador muito rico.

CIPIÃO. De que modo fazias para ser admitido por um amo? Porque, segundo o costume, hoje em dia com grande dificuldade um homem de bem acha senhor a quem servir. Mui diferentes são os senhores da terra do Senhor do céu; aqueles, para receber um criado, primeiro lhe espulgam a linhagem, examinam a habilidade, consideram seu aspecto e até mesmo querem saber as roupas que tem; porém, para começar a servir a Deus, o mais pobre é o mais rico; o mais humilde, de melhor linhagem; e basta que se

corazón a querer servirle, luego le manda poner en el libro de sus gajes, señalándoselos tan aventajados, que, de muchos y de grandes, apenas pueden caber en su deseo.

BERGANZA. Todo eso es predicar, Cipión amigo.

CIPIÓN. Así me lo parece a mí, y así callo.

BERGANZA. A lo que me preguntaste del orden que tenía para entrar con amo, digo que ya tú sabes que la humildad es la basa y fundamento de todas virtudes, y que sin ella no hay alguna que lo sea. Ella allana inconvenientes, vence dificultades, y es un medio que siempre a gloriosos fines nos conduce; de los enemigos hace amigos, templá la cólera de los airados y menoscaba la arrogancia de los soberbios; es madre de la modestia y hermana de la templanza; en fin, con ella no pueden atravesar triunfo que les sea de provecho los vicios, porque en su blandura y mansedumbre se embotan y despuntan las flechas de los pecados. Désta, pues, me aprovechaba yo cuando quería entrar a servir en alguna casa, habiendo primero considerado y mirado muy bien ser casa que pudiese mantener y donde pudiese entrar un perro grande. Luego arrimábame a la puerta y cuando, a mi parecer, entraba algún forastero, le ladraba, y cuando venía el señor bajaba la cabeza y, moviendo la cola, me iba a él, y con la lengua le limpiaba los zapatos. Si me echaban a palos, sufríalos, y con la misma mansedumbre volvía a hacer

disponha com o coração limpo a querer servi-lo, logo ordena que o ponha no livro de seus emolumentos, marcando-lhos tão avantajados que, por muitos e grandes, mal cabem em seu desejo.

BERGANZA. Tudo isso é predicar, Cipião amigo.

CIPIÃO. Assim me parece, e assim calo.

BERGANZA. Ao que me preguntaste sobre a forma que tinha para começar a servir a um amo, digo que tu bem sabes que a humildade é a base e o fundamento de todas as virtudes, e que sem ela não há nenhuma que o seja. Ela supera inconvenientes, vence dificuldades e é um meio que sempre nos conduz a gloriosos fins; dos inimigos faz amigos, suaviza a cólera dos irados e diminui a arrogância dos soberbos; é mãe da modéstia e irmã da temperança; enfim, com ela os vícios não podem alcançar triunfo¹³⁰ que lhes seja de proveito, porque em sua brandura e mansidão se embotam e despontam as flechas dos pecados. Dela, pois, me aproveitava eu quando queria começar a servir em alguma casa, tendo primeiro considerado e observado muito bem ser casa que pudesse manter e onde pudesse entrar um cão grande. Depois me encostava à porta e quando, a meu parecer, entrava alguma forasteiro, ladrava para ele, e quando vinha o senhor eu baixava a cabeça e, balançando o rabo, ia-me até ele, e com a língua lhe limpava os sapatos. Se me afugentavam a pauladas, sofria-as, e com a mesma mansidão voltava a fazer agradados a

halagos al que me apaleaba, que ninguno segundaba viendo mi porfía y mi noble término. Desta manera, a dos porfías me quedaba en casa; servía bien, queríanme luego bien, y nadie me despidió, si no era que yo me despidiese, o, por mejor decir, me fuese; y tal vez hallé amo que éste fuera el día que yo estuviera en su casa, si la contraria suerte no me hubiera perseguido.

CIPIÓN. De la misma manera que has contado entraba yo con los amos que tuve, y parece que nos leímos los pensamientos.

BERGANZA. Como en esas cosas nos hemos encontrado, si no me engaño, y yo te las diré a su tiempo, como tengo prometido; y ahora escucha lo que me sucedió después que dejé el ganado en poder de aquellos perdidos.

»Volvíme a Sevilla, como dije, que es amparo de pobres y refugio de desechados; que en su grandeza no sólo caben los pequeños, pero no se echan de ver los grandes. Arriméme a la puerta de una gran casa de un mercader, hice mis acostumbradas diligencias, y, a pocos lances, me quedé en ella. Recibiéronme para tenerme atado detrás de la puerta de día y suelto de noche; servía con gran cuidado y diligencia; ladraba a los forasteros, y gruñía a los que no eran muy conocidos; no dormía de noche, visitando los corrales, subiendo a los terrados, hecho universal centinela de la mía y de las casas ajenas. Agradóse tanto mi amo de mi buen servicio, que mandó que me tratasen bien y me diesen ración de pan y los huesos que se

quem me golpeava; e ninguém continuava, vendo minha insistência e meu nobre proceder. Desta maneira, com duas tentativas permanecia na casa; servia bem, logo me queriam bem e ninguém me despedia, se não fosse eu que me despedisse ou, melhor dizendo, me fosse; e uma vez achei um amo que até hoje eu estaria em sua casa, se a sorte contrária não me houvesse perseguido.

CIPÃO. Da mesma maneira que contaste começava eu a servir aos amos que tive, e parece que lemos nossos pensamentos.

BERGANZA. É por essas coisas que nos encontramos, se não me engano, e eu tas direi a seu tempo, como prometi¹³¹; e agora escuta o que me aconteceu depois que deixei o gado em poder daqueles perdidos.

»Voltei a Sevilha, como disse, que é amparo de pobres e refúgio de excluídos, pois em sua grandeza não apenas cabem os pequenos, mas inclusive não se notam os grandes. Arrimeime à porta de uma grande casa de um mercador¹³², fiz minhas costumeiras diligências e sem dificuldade permaneci ali. Receberam-me para manter-me preso atrás da porta de dia e solto à noite; servia com grande cuidado e diligência; ladrava aos forasteiros e rosnava aos que não eram mui conhecidos; não dormia de noite, visitando os quintais, subindo aos terraços, feito sentinela universal da minha e das casas alheias. Agradou-se tanto meu amo do meu bom serviço que ordenou que me tratassem bem e me dessem ração de pão e os ossos que fossem tirados ou

levantasen o arrojasen de su mesa, con las sobras de la cocina, a lo que yo me mostraba agradecido, dando infinitos saltos cuando veía a mi amo, especialmente cuando venía de fuera; que eran tantas las muestras de regocijo que daba y tantos los saltos, que mi amo ordenó que me desatasen y me dejaran andar suelto de día y de noche. Como me vi suelto corrí a él, rodéele todo, sin osar llegarle con las manos, acordándome de la fábula de Isopo, cuando aquel asno, tan asno que quiso hacer a su señor las mismas caricias que le hacía una perrilla regalada suya, que le granjearon ser molido a palos. Parecióme que en esta fábula se nos dio a entender que las gracias y donaires de algunos no están bien en otros; apode el truhán, juegue de manos y voltee el histrión, rebuzne el pícaro, imite el canto de los pájaros y los diversos gestos y acciones de los animales y los hombres el hombre bajo que se hubiere dado a ello, y no lo quiera hacer el hombre principal, a quien ninguna habilidad destas le puede dar crédito ni nombre honroso. CIPIÓN. Basta. Adelante, Berganza, que ya estás entendido.

BERGANZA. ¡Ojalá que, como tú me entiendes, me entendiesen aquellos por quien lo digo! Que no sé qué tengo de buen natural, que me pesa infinito cuando veo que un caballero se hace chocarrero y se precia que sabe jugar los cubiletes y las agallas, y que no hay quien como él sepa bailar la chacona. Un caballero conozco yo que se alababa que,

lançados de sua mesa, com as sobras da cozinha, ao que eu me mostrava agradecido, dando infinitos saltos quando via meu amo, especialmente quando vinha de fora; eram tantas as mostras de regozijo que dava e tantos os saltos, que meu amo ordenou que me desamarrassem e me deixassem andar solto de dia e de noite. Assim que me vi solto corri até ele, rodeei-o todo, sem ousar tocá-lo com as mãos, lembrando-me da fábula de Esopo, em que aquele asno, tão asno que quis fazer a seu senhor as mesmas carícias que lhe fazia uma cadelinha mimada sua, conseguiu ser moído a pauladas¹³³. Parece-me que nesta fábula se nos dá a entender que as graças e donaires de alguns não ficam bem em outros. Moteje o truão; rodopie e volteie o histrião; zurre o pícaro¹³⁴; imite o canto dos pássaros e os diversos gestos e ações dos animais e dos homens o homem baixo que se houver dado a isso, mas não o queira fazer o homem principal, a quem nenhuma destas habilidades pode dar crédito nem nome honrado.

CIPIÃO. Basta. Continua, Berganza, que já te fizeste entender.

BERGANZA. Quem dera que, assim como tu me entiendes, me entendessem aqueles por quem o digo! Pois não sei o que tenho de boa natureza que me pesa infinitamente quando vejo que um cavalheiro se faz de socarrão e se jacta de saber jogar os dados¹³⁵, e que não há quem saiba bailar a chacona¹³⁶ como ele. Conheço um cavalheiro que se gabava de que,

a ruegos de un sacristán, había cortado de papel treinta y dos florones para poner en un monumento sobre paños negros, y destas cortaduras hizo tanto caudal que así llevaba a sus amigos a verlas como si los llevara a ver las banderas y despojos de enemigos que sobre la sepultura de sus padres y abuelos estaban puestas. Este mercader, pues, tenía dos hijos, el uno de doce y el otro de hasta catorce años, los cuales estudiaban gramática en el estudio de la Compañía de Jesús. Iban con autoridad, con ayo y con pajes, que les llevaban los libros y aquel que llaman *vademécum*. El verlos ir con tanto aparato, en sillas si hacía sol, en coche si llovía, me hizo considerar y reparar en la mucha llaneza con que su padre iba a la Lonja a negociar sus negocios, porque no llevaba otro criado que un negro, y algunas veces se desmandaba a ir en un machuelo aún no bien aderezado.

CIPIÓN. Has de saber, Berganza, que es costumbre y condición de los mercaderes de Sevilla, y aun de las otras ciudades, mostrar su autoridad y riqueza, no en sus personas, sino en las de sus hijos; porque los mercaderes son mayores en su sombra que en sí mismos. Y como ellos por maravilla atienden a otra cosa que a sus tratos y contratos, trátanse modestamente; y como la ambición y la riqueza muere por manifestarse, revienta por sus hijos, y así los tratan y autorizan como si fuesen hijos de algún príncipe. Y algunos hay que les

a pedido de um sacristão, havia recortado trinta e dois florões de papel para colocar em um monumento sobre panos negros¹³⁷, e destes recortes fez tanto alarde que levava seus amigos a vê-los como se os levasse a ver as bandeiras e os despojos de inimigos que estavam colocados sobre a sepultura de seus pais e avós. Este mercador, pois, tinha dois filhos, um de doze e outro de quase catorze anos, os quais estudavam gramática no instituto da Companhia de Jesus¹³⁸. Iam com solenidade, com preceptor e com pajens, que lhes levavam os livros e aquilo que chamam *vade-mécum*¹³⁹. Vê-los ir com tanta pompa, em liteiras se fazia sol¹⁴⁰, em carruagem se chovia, fez-me considerar e reparar na grande simplicidade com que seu pai ia à Lonja¹⁴¹ negociar seus negócios, pois não levava outro criado além de um negro, e algumas vezes se apressava a ir em um machinho não muito ajaezado.

CIPÃO. Hás de saber, Berganza, que é costume e condição dos mercadores de Sevilha, e também das outras cidades, demonstrar sua autoridade e riqueza não em suas pessoas, mas sim na de seus filhos; pois os mercadores são maiores em sua sombra que em si mesmos. E como eles excepcionalmente cuidam de outra coisa além de seus tratos e contratos¹⁴², tratam-se modestamente; e como a ambição e a riqueza morrem por manifestar-se, irrompem em seus filhos, e assim os tratam e reconhecem como se fossem filhos de algum príncipe. E há alguns

procuran títulos, y ponerles en el pecho la marca que tanto distingue la gente principal de la plebeya.

BERGANZA. Ambición es, pero ambición generosa, la de aquel que pretende mejorar su estado sin perjuicio de tercero.

CIPIÓN. Pocas o ninguna vez se cumple con la ambición que no sea con daño de tercero.

BERGANZA. Ya hemos dicho que no hemos de murmurar.

CIPIÓN. Sí, que yo no murmuro de nadie.

BERGANZA. Ahora acabo de confirmar por verdad lo que muchas veces he oído decir. Acaba un maldiciente murmurador de echar a perder diez linajes y de caluniar veinte buenos, y si alguno le reprehende por lo que ha dicho, responde que él no ha dicho nada, y que si ha dicho algo, no lo ha dicho por tanto, y que si pensara que alguno se había de agraviar, no lo dijera. A la fe, Cipión, mucho ha de saber, y muy sobre los estribos ha de andar el que quisiere sustentar dos horas de conversación sin tocar los límites de la murmuración; porque yo veo en mí que, con ser un animal, como soy, a cuatro razones que digo me acuden palabras a la lengua como mosquitos al vino, y todas maliciosas y murmurantes; por lo cual, vuelvo a decir lo que otra vez he dicho: que el hacer y decir mal lo heredamos de nuestros primeros padres y lo mamamos en la leche. Vese claro en que apenas ha sacado el niño el brazo de las fajas cuando levanta la mano con muestras de

que lhes procuram dar títulos e colocar-lhes no peito a marca que tanto distingue a gente principal da plebéia¹⁴³.

BERGANZA. É ambição, mas ambição generosa, a daquele que pretende melhorar seu estado sem prejuízo a terceiros.

CIPÃO. Poucas ou nenhuma vez se concretiza a ambição que não seja com dano a terceiros.

BERGANZA. Já dissemos que não devemos murmurar.

CIPÃO. Sim, mas eu não murmuro contra ninguém.

BERGANZA. Agora acabo de confirmar por verdadeiro o que muitas vezes ouvi dizer. Nem bem termina um maldizente murmurador de botar a perder dez linhagens e de caluniar vinte valorosos, e, se alguém o repreende pelo que disse, responde que ele não disse nada e que, se disse algo, não o disse com tal finalidade, e que se pensasse que alguém se havia de ofender, não o diria. Com certeza, Cipião, muito há de saber, e muito há de andar sobre os estribos¹⁴⁴ quem quiser sustentar duas horas de conversação sem tocar os limites da murmuração; porque eu vejo por mim que, mesmo sendo um animal, como sou, de quatro razões que digo me acodem palavras à língua como mosquitos ao vinho¹⁴⁵, e todas maliciosas e murmurantes; por isso, volto a dizer o que disse de outra vez: que o fazer e dizer mal, herdamos-lo de nossos primeiros pais e o mamamos no leite. Vê-se claramente que, mal o bebê tirou os braços das faixas¹⁴⁶, levanta a

querer vengarse de quien, a su parecer, le ofende; y casi la primera palabra articulada que habla es llamar puta a su ama o a su madre.

CIPIÓN. Así es verdad, y yo confieso mi yerro, y quiero que me le perdones, pues te he perdonado tantos; echemos pelillos a la mar, como dicen los muchachos, y no murmuremos de aquí adelante; y sigue tu cuento, que le dejaste en la autoridad con que los hijos del mercader, tu amo, iban al estudio de la Compañía de Jesús.

BERGANZA. A Él me encomiendo en todo acontecimiento; y aunque el dejar de murmurar lo tengo por dificultoso, pienso usar de un remedio que oí decir que usaba un gran jurador, el cual, arrepentido de su mala costumbre, cada vez que después de su arrepentimiento juraba, se daba un pellizco en el brazo, o besaba la tierra, en pena de su culpa; pero, con todo esto, juraba. Así, yo, cada vez que fuere contra el precepto que me has dado de que no murmure y contra la intención que tengo de no murmurar, me morderé el pico de la lengua de modo que me duela y me acuerde de mi culpa para no volver a ella.

CIPIÓN. Tal es ese remedio, que si usas dél espero que te has de morder tantas veces que has de quedar sin lengua, y así, quedarás imposibilitado de murmurar.

BERGANZA. A lo menos, yo haré de mi parte mis diligencias, y supla las faltas el cielo. Y así, digo que los hijos de mi amo se dejaron un día un cartapacio en el patio, donde yo a la

mão, dando mostrás de querer vingar-se de quem, a seu parecer, o ofende; e quase a primeira palavra articulada que fala é chamar de puta sua ama ou sua mãe.

CIPÃO. Isso é verdade, e eu confesso meu erro e quero que mo perdoes, pois te perdoei tantos; deixemos para lá¹⁴⁷, como dizem os jovens, e não murmuremos daqui em diante; e segue teu conto, que o abandonaste na pompa com que os filhos do mercador, teu amo, iam ao instituto da Companhia de Jesus.

BERGANZA. A Ele me encomendo em todo acontecimento; e embora deixar de murmurar me pareça dificultoso, penso usar de um remédio que ouvi dizer que usava um grande jurador, o qual, arrepentido de seu mau costume, cada vez que jurava, depois de seu arrependimento, dava um beliscão no braço ou beijava a terra, em pago de sua culpa; contudo, jurava¹⁴⁸. Assim, eu, cada vez que for contra o preceito que me deste de que não murmure e contra a intenção que tenho de não murmurar, morderei a ponta da língua, de modo que me doa e me lembre de minha culpa, para não voltar a ela.

CIPÃO. Tal é esse remédio que, se usas dele, acho que te morderás tantas vezes que hás de ficar sem língua, e assim, ficarás impossibilitado de murmurar.

BERGANZA. Ao menos farei, de minha parte, meus esforços, e que o céu remedie as faltas. E assim, digo que os filhos de meu amo esqueceram um dia um cartapácio no pátio,

sazón estaba; y como estaba enseñado a llevar la esportilla del jifero mi amo, así del vademécum y fuime tras ellos, con intención de no soltalle hasta el estudio. Sucedióme todo como lo deseaba: que mis amos, que me vieron venir con el vademécum en la boca, asido sotilmente de las cintas, mandaron a un paje me le quitase; mas yo no lo consentí ni le solté hasta que entré en el aula con él, cosa que causó risa a todos los estudiantes. Lleguéme al mayor de mis amos, y, a mi parecer, con mucha crianza se le puse en las manos, y quedéme sentado en cuclillas a la puerta del aula, mirando de hito en hito al maestro que en la cátedra leía. No sé qué tiene la virtud, que, con alcanzárseme a mí tan poco o nada della, luego recibí gusto de ver el amor, el término, la solicitud y la industria con que aquellos benditos padres y maestros enseñaban a aquellos niños, enderezando las tiernas varas de su juventud, porque no torciesen ni tomasen mal siniestro en el camino de la virtud, que juntamente con las letras les mostraban. Consideraba cómo los reñían con suavidad, los castigaban con misericordia, los animaban con ejemplos, los incitaban con premios y los sobrellevaban con cordura, y, finalmente, cómo les pintaban la fealdad y horror de los vicios, y les dibujaban la hermosura de las virtudes, para que, aborrecidos ellos y amadas ellas, consiguiesen el fin para que fueron criados.

CIPIÓN. Muy bien dices, Berganza, porque yo

onde eu estava na ocasião; e como estava adestrado a levar a esportela do magarefe meu amo, peguei o vade-mécum e fui-me atrás deles, com intenção de não soltá-lo até o instituto. Ocorreu-me tudo como desejava: pois meus amos, que me viram chegar com o vade-mécum na boca, preso cuidadosamente pelas correias, ordenaram a um pajem que mo tirasse; mas eu não consenti nem o soltei até que entrei na classe com ele, coisa que causou riso a todos os estudantes. Aproximei-me do mais velho de meus amos, e, a meu parecer, com muita delicadeza depositei-o em suas mãos, e fiquei sentado de cócoras à porta da sala, olhando fixamente o mestre, que lia na cátedra. Não sei o que tem a virtude que, sabendo eu tão pouco ou nada dela, logo tive gosto em ver o amor, o modo, a solicitude e a indústria com que aqueles benditos padres e mestres ensinavam aquelas crianças, endireitando as ternas varas de sua juventude, para que não se torcessem nem tomassem má estrada no caminho da virtude, que juntamente com as letras lhes mostravam. Considerava como os advertiam com suavidade, castigavam-nos com misericórdia, animavam-nos com exemplos, incitavam-nos com prêmios e os ajudavam com cordura, e, finalmente, como lhes pintavam a fealdade e o horror dos vícios, e lhes desenhavam a formosura das virtudes, para que, detestados eles e amadas elas, atingissem a finalidade para a qual foram criados¹⁴⁹.

CIPÃO. Dizes muito bem, Berganza, porque

he oído decir desa bendita gente que para repúblicos del mundo no los hay tan prudentes en todo él, y para guiadores y adalides del camino del cielo, pocos les llegan. Son espejos donde se mira la honestidad, la católica doctrina, la singular prudencia, y, finalmente, la humildad profunda, basa sobre quien se levanta todo el edificio de la bienaventuranza.

BERGANZA. Todo es así como lo dices. Y siguiendo mi historia, digo que mis amos gustaron de que les llevase siempre el vademécum, lo que hice de muy buena voluntad; con lo cual tenía una vida de rey y aún mejor, porque era descansada a causa que los estudiantes dieron en burlarse conmigo y domesticuéme con ellos de tal manera que me metían la mano en la boca y los más chiquillos subían sobre mí. Arrojabán los bonetes o sombreros, y yo se los volvía a la mano limpiamente y con muestras de grande regocijo. Dieron en darme de comer cuanto ellos podían, y gustaban de ver que cuando me daban nueces o avellanas las partía como mona, dejando las cáscaras y comiendo lo tierno. Tal hubo que, por hacer prueba de mi habilidad, me trujo en un pañuelo gran cantidad de ensalada, la cual comí como si fuera persona. Era tiempo de invierno, cuando campean en Sevilla los molletes y mantequillas, de quien era tan bien servido, que más de dos Antonios se empeñaron o vendieron para que yo almorzase. Finalmente, yo pasaba una vida

eu ouvi dizer dessa bendita gente que, para repúblicos do mundo¹⁵⁰, não os há mais prudentes em todo ele, e para guias e defensores do caminho do céu, poucos os alcançam. São espelhos em que se vêem a honestidade, a católica doutrina, a singular prudência e, finalmente, a humildade profunda, base sobre a qual se levanta todo o edificio da bem-aventurança.

BERGANZA. Tudo é assim como dizes. E, seguindo minha história, digo que meus amos gostaram de que eu sempre lhes levasse o vade-mécum, o que fiz de muito boa vontade; com isso, tinha uma vida de rei e até melhor, porque era descansada, pois os estudantes deram em brincar comigo e domesticuei-me com eles de tal maneira que metiam a mão em minha boca e os mais pequeninos montavam em mim. Jogavam os barretes ou chapéus e eu lhos trazia de volta intactos e com mostras de grande regozijo. Começaram a dar-me de comer tudo quanto eles podiam, e gostavam de ver que, quando me davam nozes ou avelãs, as partia como macaco, deixando as cascas e comendo o miolo¹⁵¹. Houve um que, para comprovar minha habilidade, me trouxe em um lenço grande quantidade de salada, a qual comi como se fosse pessoa. Era tempo de inverno, quando aparecem em Sevilha os biscoitos e amanteigados, dos quais era tão bem servido, que mais de dois Antonios¹⁵² foram empenhados ou vendidos para que eu almoçasse. Finalmente, eu passava uma vida

de estudiante sin hambre y sin sarna, que es lo más que se puede encarecer para decir que era buena; porque si la sarna y la hambre no fuesen tan unas con los estudiantes, en las vidas no habría otra de más gusto y pasatiempo, porque corren parejas en ella la virtud y el gusto, y se pasa la mocedad aprendiendo y holgándose. Desta gloria y desta quietud me vino a quitar una señora que, a mi parecer, llaman por ahí razón de estado, que cuando con ella se cumple, se ha de descumplir con otras razones muchas. Es el caso que a aquellos señores maestros les pareció que la media hora que hay de lición a lición, la ocupaban los estudiantes, no en reparar las liciones, sino en holgarse conmigo; y así, ordenaron a mis amos que no me llevasen más al estudio. Obedecieron, volvíeronme a casa y a la antigua guarda de la puerta, y, sin acordarse señor el viejo de la merced que me había hecho de que de día y de noche anduviese suelto, volví a entregar el cuello a la cadena y el cuerpo a una esterilla que detrás de la puerta me pusieron. ¡Ay, amigo Cipión, si supieses cuán dura cosa es de sufrir el pasar de un estado felice a un desdichado! Mira: cuando las miserias y desdichas tienen larga la corriente y son continuas, o se acaban presto, con la muerte, o la continuación dellas hace un hábito y costumbre en padecellas, que suele en su mayor rigor servir de alivio; mas cuando de la suerte desdichada y calamitosa, sin pensarlo y de improviso, se sale a gozar de

de estudante sem fome e sem sarna, que é o que mais se pode encarecer para dizer que era boa; porque, se a sarna e a fome não fossem tão unidas com os estudantes, não haveria outra vida de mais gosto e passatempo, pois nela correm paralelas a virtude e o prazer, e se passa a mocidade aprendendo e divertindo-se¹⁵³. Desta glória e desta quietude me veio a tirar uma senhora que, a meu parecer, chamam por aí razão de estado¹⁵⁴, que, quando com ela se cumpre, se há de descumprir com outras muitas razões. O caso é que, àqueles senhores mestres, lhes pareceu que a meia hora que há de lição a lição¹⁵⁵, ocupavam-na os estudantes não em repassar as lições, mas em divertir-se comigo; e assim, ordenaram aos meus amos que não me levassem mais ao instituto. Obedeceram, trouxeram-me à casa e à antiga guarda da porta, e, sem que se recordasse o velho senhor¹⁵⁶ da mercê que me havia feito de que de dia e de noite andasse solto, voltei a entregar o pescoço à coleira e o corpo a uma esteirinha que me puseram atrás da porta. Ai, amigo Cipião, se soubesses como é coisa dura sofrer a passagem de um estado feliz a um desventurado!¹⁵⁷ Vê: quando as desventuras e infortúnios têm a corrente longa e são contínuas, ou acabam rápido, com a morte, ou a continuação delas torna seu padecimento um hábito e costume, que sói em seu maior rigor servir de alívio; mas, quando da sorte desventurada e calamitosa, sem pensá-lo e de improviso, começa-se a gozar de outra sorte

otra suerte próspera, venturosa y alegre, y de allí a poco se vuelve a padecer la suerte primera y a los primeros trabajos y desdichas, es un dolor tan riguroso que si no acaba la vida es por atormentarla más viviendo. Digo, en fin, que volví a mi ración perruna y a los huesos que una negra de casa me arrojaba, y aun éstos me deztaban dos gatos romanos que, como sueltos y ligeros, érales fácil quitarme lo que no caía debajo del distrito que alcanzaba mi cadena. Cipión hermano, así el cielo te conceda el bien que deseas, que sin que te enfades, me dejes ahora filosofar un poco; porque si dejase de decir las cosas que en este instante me han venido a la memoria de aquellas que entonces me ocurrieron, me parece que no sería mi historia cabal ni de fruto alguno.

CIPIÓN. Advierte, Berganza, no sea tentación del demonio esa gana de filosofar que dices te ha venido; porque no tiene la murmuración mejor velo para paliar y encubrir su maldad disoluta que darse a entender el murmurador que todo cuanto dice son sentencias de filósofos y que el decir mal es reprehensión, y el descubrir los defectos ajenos, buen celo. Y no hay vida de ningún murmurante que, si la consideras y escudriñas, no la halles llena de vicios y de insolencias. Y debajo de saber esto, filosofea ahora cuanto quisieres.

BERGANZA. Seguro puedes estar, Cipión, de que más murmure, porque así lo tengo prosupuesto. Es, pues, el caso, que como me estaba todo el día ocioso y la ociosidad sea

próspera, venturosa e alegre, e dali a pouco volta-se a padecer da sorte primeira e dos primeiros trabalhos e desventuras, é uma dor tão rigorosa que, se não dá fim à vida, é para atormentá-la mais vivendo. Digo, enfim, que voltei à minha ração canina e aos ossos que uma negra da casa me jogava, e mesmo estes me dizimavam dois gatos romanos que¹⁵⁸, por ser soltos e ligeiros, era-lhes fácil tirar-me o que não caía embaixo do espaço que minha corrente alcançava. Cipião irmão, que o céu te conceda o bem que desejas se, sem que te enfades, me deixas agora filosofar um pouco; porque se deixasse de dizer as coisas que neste instante me vieram à memória, aquelas que então me ocorreram, me parece que minha história não seria cabal nem de utilidade alguma.

CIPIÃO. Cuida, Berganza, para que não seja tentação do demônio essa gana de filosofar que dizes que te veio; pois não tem a murmuração melhor véu para dissimular e encobrir sua maldade disoluta que pensar o murmurador que tudo quanto diz são sentenças de filósofos e que falar mal é repreensão, e descobrir os defeitos alheios, bom zelo. E não há vida de nenhum murmurante que, se a consideras e esquadrinhas, não a encontras cheia de vícios e de insolências. E, depois de saber disto, filosofeia¹⁵⁹ agora quanto quisieres.

BERGANZA. Podes estar certo, Cipião, de que murmurarei mais, porque assim o tenho proposto. É pois o caso que, como eu passava o dia inteiro ocioso e a ociosidade é a mãe

madre de los pensamientos, di en repasar por la memoria algunos latines que me quedaron en ella de muchos que oí cuando fui con mis amos al estudio, con que, a mi parecer, me hallé algo más mejorado de entendimiento, y determiné, como si hablar supiera, aprovecharme dellos en las ocasiones que se me ofreciesen, pero en manera diferente de la que se suelen aprovechar algunos ignorantes. Hay algunos romancistas que en las conversaciones disparan de cuando en cuando con algún latín breve y compendioso, dando a entender a los que no lo entienden que son grandes latinos, y apenas saben declinar un nombre ni conjugar un verbo.

CIPIÓN. Por menor daño tengo ése que el que hacen los que verdaderamente saben latín, de los cuales hay algunos tan imprudentes que hablando con un zapatero o con un sastre arrojan latines como agua.

BERGANZA. Deso podremos inferir que tanto peca el que dice latines delante de quien los ignora, como el que los dice ignorándolos.

CIPIÓN. Pues otra cosa puedes advertir, y es que hay algunos que no les escusa el ser latinos de ser asnos.

BERGANZA. Pues ¿quién lo duda? La razón está clara, pues cuando en tiempo de los romanos hablaban todos latín, como lengua materna suya, algún majadero habría entre ellos a quien no escusaría el hablar latín dejar de ser necio.

CIPIÓN. Para saber callar en romance y hablar en latín, discreción es menester, hermano

dos pensamentos¹⁶⁰, comecei a repassar pela memória alguns latins que me ficaram nela dos muitos que ouvi quando fui com meus amos ao instituto, com o que, a meu parecer, fiquei um tanto melhorado de entendimento, e decidi, como se soubesse falar, aproveitar-me deles nas ocasiões que se me oferecessem, mas de maneira diferente da que costumam se aproveitar alguns ignorantes. Há alguns romancistas que, nas conversas, disparam de quando em quando algum latim breve e compendioso¹⁶¹, dando a entender aos que não o entendem que são grandes latinistas, quando mal sabem declinar um nome ou conjugar um verbo.

CIPÃO. Tenho esse dano por menor do que o que fazem os que verdadeiramente sabem latim, entre os quais há alguns tão imprudentes que, falando com um sapateiro ou com um alfaiate, disparam latins como água.

BERGANZA. Disso podemos inferir que tanto peca o que diz latins diante de quem os ignora como aquele que os diz ignorando-os.

CIPÃO. Pois outra coisa podes observar, e é que há alguns que o fato de ser latinistas não desculpa o de ser asnos.

BERGANZA. Pois quem duvida disto? A razão está clara, pois quando, no tempo dos romanos, todos falavam latim como sua língua materna, algum parvo deveria haver entre eles a quem o fato de falar latim não desculparia o de deixar de ser néscio.

CIPÃO. Para saber calar em romance e falar em latim, discrição é mister, irmão

Berganza.

BERGANZA. Así es, porque también se puede decir una necesidad en latín como en romance, y yo he visto letrados tontos, y gramáticos pesados, y romancistas vareteados con sus listas de latín, que con mucha facilidad pueden enfadar al mundo no una, sino muchas veces.

CIPIÓN. Dejemos esto, y comienza a decir tus filosofías.

BERGANZA. Ya las he dicho. Éstas son que acabo de decir.

CIPIÓN. ¿Cuáles?

BERGANZA. Estas de los latines y romances, que yo comencé y tú acabaste.

CIPIÓN. ¿Al murmurar llamas filosofar? ¡Así va ello! Canoniza, canoniza, Berganza, a la maldita plaga de la murmuración!, y dale el nombre que quisieres, que ella dará a nosotros el de cínicos, que quiere decir perros murmuradores; y por tu vida, que calles ya y sigas tu historia.

BERGANZA. ¿Cómo la tengo de seguir si callo?

CIPIÓN. Quiero decir que la sigas de golpe, sin que la hagas que parezca pulpo, según la vas añadiendo colas.

BERGANZA. Habla con propiedad, que no se llaman colas las del pulpo.

CIPIÓN. Ése es el error que tuvo el que dijo que no era torpedad ni vicio nombrar las cosas por sus propios nombres, como si no fuese mejor, ya que sea forzoso nombrarlas, decirlas por circunloquios y rodeos que

Berganza¹⁶².

BERGANZA. Assim é, porque tanto se pode dizer um disparate em latim como em romance, e eu já vi letrados tontos, e gramáticos pesados, e romancistas envareteados com suas listras de latim¹⁶³, que com muita facilidade podem enfadar o mundo não uma, mas muitas vezes.

CIPÃO. Esqueçamos isto; começa a dizer tuas filosofias.

BERGANZA. Já as disse. Estas são as que acabo de dizer.

CIPÃO. Quais?

BERGANZA. Estas dos latins e romances, que eu comecei e tu acabaste.

CIPÃO. A murmurar chamas filosofar? Que coisa! Canoniza, canoniza, Berganza, a maldita praga da murmuração!, e dá-lhe o nome que quisieres, que ela nos dará o de cínicos, que quer dizer cães murmuradores¹⁶⁴; e, por tua vida, que te cales já e prossigas tua história.

BERGANZA. Como posso prosseguir-la se me calo?

CIPÃO. Quero dizer que a contes de um só golpe, sem que faças com que pareça polvo¹⁶⁵, conforme vais-lhe acrescentando caudas.

BERGANZA. Fala com propriedade, que não se chamam caudas as do polvo¹⁶⁶.

CIPÃO. Esse é o erro que teve aquele que disse que não era torpeza nem vício nomear as coisas por seus próprios nomes, como se não fosse melhor, já que é forçoso nomeá-las, dizê-las por circunlóquios e rodeios que

templen la asquerosidad que causa el oír las por sus mismos nombres. Las honestas palabras dan indicio de la honestidad del que las pronuncia o las escribe.

BERGANZA. Quiero creerte; y digo que no contenta mi fortuna de haberme quitado de mis estudios y de la vida que en ellos pasaba, tan regocijada y compuesta, y haberme puesto atraillado tras de una puerta, y de haber trocado la liberalidad de los estudiantes en la mezquinidad de la negra, ordenó de sobresaltarme en lo que ya por quietud y descanso tenía. Mira, Cipión, ten por cierto y averiguado, como yo lo tengo, que al desdichado las desdichas le buscan y le hallan, aunque se esconda en los últimos rincones de la tierra. Dígolo porque la negra de casa estaba enamorada de un negro, asimismo esclavo de casa; el cual negro dormía en el zaguán, que es entre la puerta de la calle y la de en medio, detrás de la cual yo estaba, y no se podían juntar sino de noche, y para esto habían hurtado o contrahecho las llaves; y así, las más de las noches bajaba la negra, y, tapándome la boca con algún pedazo de carne o queso, abría al negro, con quien se daba buen tiempo, facilitándolo mi silencio, y a costa de muchas cosas que la negra hurtaba. Algunos días me estragaron la conciencia las dádivas de la negra, pareciéndome que sin ellas se me apretarían las ijadas y daría de mastín en galgo. Pero en efeto, llevado de mi buen natural, quise responder a lo que a mi amo debía, pues

amenizem a asquerosidade que causa ouvi-las por seus próprios nomes. As palavras honestas dão mostras da honestidade de quem as pronuncia ou as escreve.

BERGANZA. Quero acreditar em ti; e digo que, não contente minha fortuna de haver-me tirado de meus estudos e da vida que neles passava, tão regozijada e composta, e haver-me posto atrelado atrás de uma porta, e de haver trocado a liberalidade dos estudantes pela mesquinaria da negra, decidiu sobressaltar-me no que eu já tinha por descanso e quietude. Olha, Cipião, tem por certo e averiguado, como eu o tenho, que as desventuras procuram e acham o desventurado, mesmo que ele se esconda nos últimos cantos da terra. Digo isto porque a negra da casa estava enamorada de um negro, também escravo da casa¹⁶⁷; tal negro dormia no saguão, que está entre a porta da rua e a do meio, atrás da qual eu estava, e não se podiam encontrar a não ser de noite, e para isto haviam furtado ou copiado as chaves; e assim, na maioria das noites a negra descia e, tapando-me a boca com algum pedaço de carne ou queijo, abria ao negro, com quem se divertia, facilitando isto meu silêncio, e à custa de muitas coisas que a negra furtava. Por alguns dias as dádivas da negra me anuviaram a consciência, parecendo-me que sem elas se me apertariam os flancos e me transformaria de mastim em galgo. Mas, no final, levado por minha boa natureza, quis corresponder ao que devia a meu amo, pois tinha

tiraba sus gajes y comía su pan, como lo deben hacer no sólo los perros honrados, a quien se les da renombre de agradecidos, sino todos aquellos que sirven.

CIPIÓN. Esto sí, Berganza, quiero que pase por filosofía, porque son razones que consisten en buena verdad y en buen entendimiento; y adelante, y no hagas sogá, por no decir cola, de tu historia.

BERGANZA. Primero te quiero rogar me digas, si es que lo sabes, qué quiere decir filosofía; que aunque yo la nombro, no sé lo que es. Sólo me doy a entender que es cosa buena.

CIPIÓN. Con brevedad te la diré. Este nombre se compone de dos nombres griegos, que son *filos* y *sofia*; *filos* quiere decir amor, y *sofia*, la ciencia; así que, filosofía significa amor de la ciencia, y filósofo, amador de la ciencia.

BERGANZA. Mucho sabes, Cipión. ¿Quién diablos te enseñó a ti nombres griegos?

CIPIÓN. Verdaderamente, Berganza, que eres simple, pues desto haces caso; porque éstas son cosas que las saben los niños de la escuela, y también hay quien presume saber la lengua griega, sin saberla, como la latina, ignorándola.

BERGANZA. Eso es lo que yo digo, y quisiera que a estos tales los pusieran en una prensa, y a fuerza de vueltas les sacaran el jugo de lo que saben, porque no anduviesen engañando el mundo con el oropel de sus greguescos rotos y sus latines falsos, como hacen los portugueses con los negros de Guinea.

CIPIÓN. Ahora sí, Berganza, que te puedes

direito a seus ganhos e comia seu pão, como devem fazer não apenas os cães honrados, aos quais se lhes dá fama de agradecidos, mas sim todos aqueles que servem.

CIPÃO. Isto sim, Berganza, quero que passe por filosofia, porque são razões que consistem em boa verdade e em bom entendimento; e prossegue, e não dê corda, para não dizer cauda, à tua história.

BERGANZA. Primeiro te quero rogar que me digas, se é que o sabes, o que quer dizer filosofia; pois, embora eu a nomeie, não sei o que é. Só entendo que é coisa boa.

CIPÃO. Eu te direi com brevidade. Este nome se compõe de dois nomes gregos, que são *filos* e *sofia*; *filos* quer dizer amor, e *sofia*, a ciência; portanto, filosofia significa amor à ciência, e filósofo, amante da ciência.

BERGANZA. Muito sabes, Cipião. Quem diabos te ensinou nomes gregos?

CIPÃO. Verdaderamente, Berganza, és um simplório, pois fazes caso disto; porque estas são coisas que sabem os jovens da escola, e também há quem presume saber a língua grega, sem sabê-la, como a latina, ignorando-a.

BERGANZA. Isso é o que eu digo, e quisera que a estes tais os colocassem em uma prensa, e por força das voltas lhes tirassem o suco do que sabem, para que não andassem enganando o mundo com o ouropel de suas vestes esfarrapadas e seus latins falsos, como fazem os portugueses com os negros da Guiné¹⁶⁸.

CIPÃO. Agora sim, Berganza, que te puedes

morder la lengua, y tarazármela yo, porque todo cuanto decimos es murmurar.

BERGANZA. Sí, que no estoy obligado a hacer lo que he oído decir que hizo uno llamado Corondas, tirio, el cual puso ley que ninguno entrase en el ayuntamiento de su ciudad con armas, so pena de la vida. Descuidóse desto y otro día entró en el cabildo ceñida la espada; advirtiéronselo, y acordándose de la pena por él puesta; al momento desenvainó su espada y se pasó con ella el pecho, y fue el primero que puso y quebrantó la ley y pagó la pena. Lo que yo dije no fue poner ley, sino prometer que me mordería la lengua cuando murmurase. Pero ahora no van las cosas por el tenor y rigor de las antiguas; hoy se hace una ley, y mañana se rompe, y quizá conviene que así sea. Ahora promete uno de enmendarse de sus vicios y de allí a un momento cae en otros mayores. Una cosa es alabar la disciplina y otra el darse con ella, y, en efeto, del dicho al hecho hay gran trecho. Muérdase el diablo, que yo no quiero morderme ni hacer finezas detrás de una estera, donde de nadie soy visto que pueda alabar mi honrosa determinación.

CIPIÓN. Según eso, Berganza, si tú fueras persona, fueras hipócrita, y todas las obras que hicieras fueran aparentes, fingidas y falsas, cubiertas con la capa de la virtud sólo porque te alabaran, como todos los hipócritas hacen.

BERGANZA. No sé lo que entonces hiciera;

morder a língua, e despedaçar-ma eu, porque tudo quanto fazemos é murmurar.

BERGANZA. Sim, mas eu não sou obrigado a fazer o que ouvi dizer que fez um tal chamado Corondas, de Tiro¹⁶⁹, o qual impôs uma lei de que ninguém entrasse nas assembléias de sua cidade com armas, sob pena de morte. Descuidou-se disto e, no dia seguinte, entrou na reunião com a espada cingida; advertiram-no disto e ele, lembrando-se da pena imposta, no mesmo instante desembainhou sua espada e atravessou com ela o peito, e foi o primeiro que impôs e quebrou a lei e pagou a pena. O que eu disse não foi impor lei, e sim prometer que morderia a língua quando murmurasse. Mas agora as coisas não andam com o teor e o rigor das antigas; hoje se faz uma lei, e amanhã se infringe, e talvez convenha que assim seja. Uma hora a pessoa promete emendar-se de seus vícios e, dali a um momento, cai em outros maiores. Uma coisa é louvar a disciplina e outra dar-se com ela¹⁷⁰, e, de fato, do dizer ao fazer há muito a percorrer. Morda-se o diabo, que eu não quero morder-me nem fazer finezas atrás de uma esteira¹⁷¹, onde não sou visto por ninguém que possa louvar minha honrosa determinação.

CIPÃO. De acordo com isso, Berganza, se tu fosses pessoa, serias hipócrita, e todas as obras que fizesses seriam aparentes, fingidas e falsas, cobertas com a capa da virtude apenas para que te elogiassem, como todos os hipócritas fazem.

BERGANZA. Não sei o que faria, então; o que

esto sé, que quiero hacer ahora, que es no morderme, quedándome tantas cosas por decir que no sé cómo ni cuándo podré acabarlas, y más estando temeroso que al salir del sol nos hemos de quedar a oscuras, faltándonos la habla.

CIPIÓN. Mejor lo hará el cielo. Sigue tu historia y no te desvíes del camino carretero con impertinentes digresiones; y así, por larga que sea, la acabarás presto.

BERGANZA. Digo, pues, que habiendo visto la insolencia, ladroncio y deshonestidad de los negros, determiné, como buen criado, estorbarlo por los mejores medios que pudiese; y pude tan bien que salí con mi intento. Bajaba la negra como has oído, a refocilarse con el negro, fiada en que me enmudecían los pedazos de carne, pan o queso que me arrojaba. ¡Mucho pueden las dádivas, Cipión!

CIPIÓN. Mucho, no te diviertas, pasa adelante.

BERGANZA. Acuérdomme que cuando estudiaba oí decir al preceptor un refrán latino, que ellos llaman adagio, que decía: *Habit bovem in lingua*.

CIPIÓN. ¡Oh, que en hora mala hayáis encajado vuestro latín! ¿Tan presto se te ha olvidado lo que poco ha dijimos contra los que entremeten latines en las conversaciones de romance?

BERGANZA. Este latín viene aquí de molde; que has de saber que los atenienses usaban, entre otras, de una moneda sellada con la figura de un buey, y cuando algún juez dejaba de decir o hacer lo que era razón y

sei é o que quero fazer agora, que é não me morder, restando-me tantas coisas por dizer que não sei como nem quando poderei terminá-las, ainda mais estando temeroso de que, ao sair do sol, havemos de ficar às escuras, faltando-nos a fala.

CIPÃO. Melhor fará o céu. Segue tua história e não te desvies do caminho certo com digressões impertinentes; e assim, por mais longa que seja, acabarás rápido.

BERGANZA. Digo, pois, que tendo visto a insolência, o latrocínio e a desonestidade dos negros, decidi, como bom criado, estorvá-los pelos melhores meios que pudesse; e pude tão bem que atingi meu intento. Descia a negra, como ouviste, a divertir-se com o negro, confiada de que me emudeciam os pedaços de carne, pão ou queijo que me atirava. Muito podem as dádivas, Cipião!

CIPÃO. Muito, não te divirtas, prossegue.

BERGANZA. Lembro-me de que, quando estudava, ouvi o preceptor dizer um refrão latino, que eles chamam adágio, que dizia: *Habit bovem in lingua*¹⁷².

CIPÃO. Oh, em que má hora encaixaste vosso latim! Esqueceste tão rápido do que há pouco dissemos contra os que entremetem latins nas conversações de romance?

BERGANZA. Este latim vem aqui de molde; pois hás de saber que os atenienses usavam, dentre outras, uma moeda cunhada com a figura de um boi, e, quando algum juiz deixava de dizer ou fazer o que era razão e

justicia, por estar cohechado, decían: «Éste tiene el buey en la lengua».

CIPIÓN. La aplicación falta.

BERGANZA. ¿No está bien clara, si las dádivas de la negra me tuvieron muchos días mudo, que ni quería ni osaba ladrarla cuando bajaba a verse con su negro enamorado? Por lo que vuelvo a decir que pueden mucho las dádivas.

CIPIÓN. Ya te he respondido que pueden mucho, y si no fuera por no hacer ahora una larga digresión, con mil ejemplos probará lo mucho que las dádivas pueden; mas quizá lo diré si el cielo me concede tiempo, lugar y habla para contarte mi vida.

BERGANZA. Dios te dé lo que desees, y escucha. Finalmente, mi buena intención rompió por las malas dádivas de la negra; a la cual, bajando una noche muy oscura a su acostumbrado pasatiempo, arremetí sin ladrar, porque no se alborotasen los de casa, y en un instante le hice pedazos toda la camisa y le arranqué un pedazo de muslo; burla que fue bastante a tenerla de veras más de ocho días en la cama, fingiendo para con sus amos no sé qué enfermedad. Sanó, volvió otra noche, y yo volví a la pelea con mi perra, y, sin morderla, la arañé todo el cuerpo, como si la hubiera cardado como manta. Nuestras batallas eran a la sorda, de las cuales salía siempre vencedor, y la negra malparada y peor contenta. Pero sus enojos se parecían bien en mi pelo y en mi salud. Alzóseme con la ración y los huesos, y los míos poco a poco

justiça, por estar subornado, diziam: «Este tem o boi na língua».

CIPÃO. Falta correspondência.

BERGANZA. Não está bem clara, se as dádivas da negra me deixaram muitos dias mudo e eu não queria nem ousava ladrar para ela quando descia para encontrar-se com seu negro enamorado? Por isso, volto a dizer que as dádivas podem muito.

CIPÃO. Já te respondi que podem muito, e, se não fosse por ter de fazer agora uma longa digressão, com mil exemplos provaria o tanto que as dádivas podem; mas talvez o diga, se o céu me conceder tempo, lugar e fala para contar-te minha vida.

BERGANZA. Deus te dê o que desejas, e escuta. Finalmente, minha boa intenção rompeu as más dádivas da negra; à qual, descendo uma noite muito oscura ao seu costumeiro passatempo, arremeti sem ladrar, para que não se alvoroçassem os da casa, e em um instante fiz em pedaços toda a sua camisa e lhe arranquei um pedaço de coxa; burla que foi o bastante para mantê-la realmente por mais de oito dias na cama, fingindo para seus amos não sei que enfermidade. Sarou, voltou na noite seguinte, e eu voltei a pelejar com minha cadela¹⁷³, e, sem mordê-la, arranhei todo o seu corpo, como se a tivesse cardado como manta. Nossas batalhas eram às surdas, das quais eu saía sempre vencedor, e a negra, maltratada e descontente. Mas sua cólera se mostrava bem em meu pêlo e em minha saúde. Surrupiou minha ração e os ossos, e os meus pouco a

iban señalando los nudos del espinazo. Con todo esto, aunque me quitaron el comer, no me pudieron quitar el ladrar. Pero la negra, por acabarme de una vez me trujo una esponja frita con manteca; conocí la maldad; vi que era peor que comer zarazas, porque a quien la come se le hincha el estómago y no sale dél sin llevarse tras sí la vida. Y pareciéndome ser imposible guardarme de las asechanzas de tan indignados enemigos, acordé de poner tierra en medio, quitándomeles delante de los ojos. Halléme un día suelto, y sin decir adiós a ninguno de casa, me puse en la calle, y a menos de cien pasos me deparó la suerte al alguacil que dije al principio de mi historia, que era grande amigo de mi amo Nicolás el Romo; el cual apenas me hubo visto, cuando me conoció y me llamó por mi nombre. También le conocí yo, y al llamarme, me llegué a él con mis acostumbradas ceremonias y caricias. Asíome del cuello y dijo a dos corchetes suyos: «Este es famoso perro de ayuda, que fue de un grande amigo mío; llevémosle a casa». Holgáronse los corchetes, y dijeron que si era de ayuda a todos sería de provecho. Quisieron asirme para llevarme, y mi amo dijo que no era menester asirme, que yo me iría, porque le conocía. Háseme olvidado decirte que las carlanças con puntas de acero que saqué cuando me desgarré y ausenté del ganado, me las quitó un gitano en una venta, y ya en Sevilla andaba sin ellas; pero el alguacil me puso un collar tachonado todo de

pouco iam evidenciando os nós do espinhaço¹⁷⁴. Com tudo isso, embora me tirassem o que comer, não me puderam tirar o ladrar. Mas a negra, para acabar comigo de vez, trouxe-me uma esponja frita com manteiga; reconheci a maldade; vi que era pior que comer veneno, pois o estômago de quem a come incha e não se sai disso sem levar consigo a vida¹⁷⁵. E, parecendo-me ser impossível proteger-me dos artificios de inimigos tão indignados, decidi desaparecer do lugar, tirando-os diante dos meus olhos. Vi-me um dia solto e, sem dizer adeus a ninguém da casa, me pus na rua, e a menos de cem passos a sorte me deparou com o aguazil do qual falei no início de minha história¹⁷⁶, que era grande amigo de meu amo Nicolás, o Rombo; o qual, nem bem me viu, reconheceu-me e me chamou pelo nome. Também o reconheci e, ao chamar-me, me acheguei a ele com minhas costumeiras cerimônias e carícias. Pegou-me pelo pescoço e disse a dois beaguins seus: «Este é o famoso cão de ajuda¹⁷⁷ que foi de um grande amigo meu; levemo-lo para casa». Alegaram-se os beaguins e disseram que, se era de ajuda, a todos seria de proveito. Quiseram prender-me para levar-me, e meu amo disse que não era mister prender-me, pois eu iria porque o conhecia. Esqueci-me de dizer-te que as carranças com pontas de aço, que usava quando me desgarré e ausentei-me do rebanho, tirou-mas um cigano em uma estalagem, e já em Sevilha andava sem elas; mas o aguazil me pôs uma coleira toda

latón morisco. Considera, Cipión, ahora esta rueda variable de la fortuna mía: ayer me vi estudiante, y hoy me ves corchete.

CIPIÓN. Así va el mundo, y no hay para qué te pongas ahora a exagerar los vaivenes de fortuna, como si hubiera mucha diferencia de ser mozo de un jifero a serlo de un corchete. No puedo sufrir ni llevar en paciencia oír las quejas que dan de la fortuna algunos hombres que la mayor que tuvieron fue tener premisas y esperanzas de llegar a ser escuderos. ¡Con qué maldiciones la maldicen! ¡Con cuántos improperios la deshonran! Y no por más de que porque piense el que los oye que de alta, próspera y buena ventura han venido a la desdichada y baja en que los miran.

BERGANZA. Tienes razón. Y has de saber que este alguacil tenía amistad con un escribano, con quien se acompañaba. Estaban los dos amancebados con dos mujercillas, no de poco más a menos, sino de menos en todo. Verdad es que tenían algo de buenas caras, pero mucho de desenfado y de taimería putesca. Éstas les servían de red y de anzuelo para pescar en seco en esta forma: vestíanse de suerte que por la pinta descubrían la figura, y a tiro de arcabuz mostraban ser damas de la vida libre; andaban siempre a caza de extranjeros, y cuando llegaba la vendeja a Cádiz y a Sevilla, llegaba la huella de su ganancia, no quedando bretón con quien no embistiesen; y en cayendo el grasiento con alguna destas limpias, avisaban al alguacil y

tachonada de latão mourisco. Agora considera, Cipião, esta roda variável da minha fortuna¹⁷⁸: ontem me vi estudante, e hoje me vês beleguim.

CIPião. Assim vai o mundo, e não há por que te ponhas agora a exagerar os vaivéns da fortuna, como se houvesse muita diferença entre ser criado de um magarefe ou sê-lo de um beleguim. Não suporto nem tenho paciência de ouvir as queixas que fazem da fortuna alguns homens, quando a maior que tiveram foi ter premissas e esperanças de chegar a ser escudeiros. Com que maldições a maldizem! Com quantos improperios a desonram! E não apenas para que pense quem os ouvir que de alta, próspera e boa ventura vieram à desditosa e baixa em que os vêem.

BERGANZA. Tens razão. E hás de saber que este aguazil tinha amizade com um escrivão, com quem se acompanhava. Estavam os dois amancebados com duas mulherzinhas, não mais ou menos, mas de menos em tudo. É verdade que tinham algo de boas caras, mas muito da manha e malícia puteira. Elas lhes serviam de rede e anzol para pescar às secas desta forma: vestiam-se de sorte que pela pinta descobriam a figura, e a um tiro de arcabuz mostravam ser damas de vida livre; andavam sempre à caça de estrangeiros, e quando chegava a feira pública¹⁷⁹ a Cádiz e a Sevilha, chegavam os rastros de sua ganância, não restando bretão¹⁸⁰ contra quem não investissem; e, caindo o sujo com alguma dessas limpas¹⁸¹, avisavam ao aguazil e ao

al escribano adónde y a qué posada iban, y en estando juntos les daban asalto y los prendían por amancebados; pero nunca los llevaban a la cárcel, a causa que los extranjeros siempre redimían la vejación con dineros.

»Sucedió, pues, que la Colindres, que así se llamaba la amiga del alguacil, pescó un bretón unto y bisunto; concertó con él cena y noche en su posada; dio el cañuto a su amigo; y apenas se habían desnudado, cuando el alguacil, el escribano, dos corchetes y yo dimos con ellos. Alborotáronse los amantes; esageró el alguacil el delito; mandólos vestir a toda priesa para llevarlos a la cárcel; afligióse el bretón; terció, movido de caridad, el escribano, y a puros ruegos redujo la pena a solos cien reales. Pidió el bretón unos follados de camuza que había puesto en una silla a los pies de la cama, donde tenía dineros para pagar su libertad, y no parecieron los follados, ni podían parecer; porque así como yo entré en el aposento llegó a mis narices un olor de tocino que me consoló todo; descubríle con el olfato, y halléle en una faldriquera de los follados. Digo que hallé en ella un pedazo de jamón famoso, y por gozarle y poderle sacar sin rumor, saqué los follados a la calle, y allí me entregué en el jamón a toda mi voluntad, y cuando volví al aposento, hallé que el bretón daba voces, diciendo en lenguaje adúltero y bastardo, aunque se entendía, que le volviesen sus calzas, que en ellas tenía cincuenta *escuti d'oro in oro*. Imaginó el

escrivão aonde e em que pousada iam, e em estando juntos lhes davam assalto e os prendiam por amancebados, mas nunca os levavam à prisão, pois os estrangeiros sempre redimiam a vexação com dinheiro.

»Ocorreu, pois, que a Colindres, que assim se chamava a amiga do aguazil, pescou um bretão untado e besuntado¹⁸², combinou com ele jantar e pernoite em sua pousada; passou o canudo¹⁸³ a seu amigo; e mal haviam se desnudado quando o aguazil, o escrevão, dois beleguins e eu demos com eles. Alvorçaram-se os amantes; exagerou o delito o aguazil; ordenou que se vestissem a toda pressa para levá-los à prisão; afligiu-se o bretão; terçou, movido de caridade, o escrevão¹⁸⁴, e sob grandes rogos reduziu a pena a somente cem reais. Pediu o bretão uns foles de camurça que havia posto em uma cadeira aos pés da cama, nos quais havia dinheiro para pagar sua liberdade, e não apareceram os foles, nem podiam aparecer; porque, assim que eu entrei no aposento, chegou às minhas narinas um olor de toucinho que me animou todo; descobri-o com o olfato e achei-o em uma algibeira dos foles¹⁸⁵. Digo que achei nela um pedaço de presunto famoso, e para aproveitá-lo e podê-lo pegar sem ruído, levei os foles à rua, e ali me entreguei ao presunto com toda a minha vontade, e quando voltei ao aposento, vi que o bretão gritava, dizendo em linguagem adúltera e bastarda, embora inteligível, que lhe devolvessem suas calças, que nelas havia cinqüenta *escuti d'oro in*

escribano o que la Colindres o los corchetes se los habían robado; el alguacil pensó lo mismo; llamólos aparte; no confesó ninguno, y diéronse al diablo todos. Viendo yo lo que pasaba, volví a la calle donde había dejado los follados para volverlos, pues a mí no me aprovechaba nada el dinero; no los hallé, porque ya algún venturoso que pasó se los había llevado. Como el alguacil vio que el bretón no tenía dinero para el cohecho, se desesperaba, y pensó sacar de la huéspeda de casa lo que el bretón no tenía. Llamóla, y vino medio desnuda, y como oyó las voces y quejas del bretón, y a la Colindres desnuda y llorando, al alguacil en cólera y al escribano enojado, y a los corchetes despabilando lo que hallaban en el aposento, no le plugo mucho. Mandó el alguacil que se cubriese y se viniese con él a la cárcel, porque consentía en su casa hombres y mujeres de mal vivir. ¡Aquí fue ello! ¡Aquí sí que fue cuando se aumentaron las voces y creció la confusión!. Porque dijo la huéspeda: «Señor alguacil y señor escribano, no conmigo tretas, que entrevo toda costura; no conmigo dijés, ni poleos; callen la boca y váyanse con Dios; si no, por mi santiguada, que arroje el bodegón por la ventana, y que saque a plaza toda la chirinola desta historia; que bien conozco a la señora Colindres, y sé que ha muchos meses que es su cobertor el señor alguacil; y no hagan que me aclare más, sino vuélvase el dinero a este señor, y quedemos todos por buenos; porque yo soy mujer honrada y tengo

*oro*¹⁸⁶. Imaginou o escrivão ou que a Colindres ou os beleguins os haviam roubado; o aguazil pensou o mesmo; chamou-os à parte; ninguém confessou, e se enfureceram todos¹⁸⁷. Vendo eu o que acontecia, voltei à rua onde havia deixado os foles para devolvê-los, pois a mim não interessava nada o dinheiro; não os achei, porque algum venturoso que por ali passou já os havia levado. Como o aguazil viu que o bretão não tinha dinheiro para o suborno, se desesperava, e pensou em tirar da hospedeira o que o bretão não tinha. Chamou-a e ela veio meio desnuda, e ao ouvir os gritos e queixas do bretão, e a Colindres nua e chorando, o aguazil irritado e o escrivão enfurecido, e os beleguins roubando o que encontravam no aposento, não gostou muito. O aguazil mandou que se vestisse e viesse com ele à prisão, por consentir em sua casa homens e mulheres de má vida. Aqui foi a coisa! Aí sim foi que se aumentaram os gritos e cresceu a confusão! Porque a hospedeira disse: «Senhor aguazil e senhor escrivão, tretas comigo não, que eu vejo toda a artimanha; comigo, nada de bravatas nem bazófia; calem a boca e vão com Deus; se não, por todos os santos¹⁸⁸, que eu jogo a sujeira pela janela e lanço na praça toda a chirinola desta história¹⁸⁹; pois bem conheço a senhora Colindres, e sei que há muitos meses tem por encobridor o senhor aguazil; e não façam com que eu me explique mais, e devolvam o dinheiro a este senhor, e saímos todos satisfeitos; porque eu sou mulher

un marido con su carta de ejecutoria y con *a perpenan rei de memoria* con sus colgaderos de plomo, Dios sea loado, y hago este oficio muy limpiamente y sin daño de barras. El arancel tengo clavado donde todo el mundo le vea, y no conmigo cuentos, que por Dios que sé despolvorearme. ¡Bonita soy yo para que por mi orden entren mujeres con los huéspedes! Ellos tienen las llaves de sus aposentos, y yo no soy quince que tengo de ver tras siete paredes».

»Pasmados quedaron mis amos, de haber oído la arenga de la huéspeda, y de ver cómo les leía la historia de sus vidas; pero como vieron que no tenían de quién sacar dinero, si della no, porfiaban en llevarla a la cárcel. Quejábbase ella al cielo de la sinrazón y justicia que la hacían, estando su marido ausente y siendo tan principal hidalgo. El bretón bramaba por sus cincuenta *escuti*. Los corchetes porfiaban que ellos no habían visto los follados, ni Dios permitiese lo tal. El escribano, por lo callado, insistía al alguacil que mirase los vestidos de la Colindres, que le daba sospecha que ella debía de tener los cincuenta *escuti*, por tener de costumbre visitar los escondrijos y faldriquetas de aquellos que con ella se envolvían. Ella decía que el bretón estaba borracho y que debía de mentir en lo del dinero. En efeto, todo era confusión, gritos y juramentos, sin llevar modo de apaciguarse, ni se apaciguaran si al instante no entrara en el aposento el teniente de Asistente, que viniendo a visitar aquella

honrada e tenho um marido com sua carta executória e com *a perpenan rei de memoria* com suas chancelas de chumbo, Deus seja louvado, e faço este oficio muito honradamente e sem dano a ninguém¹⁹⁰. Tenho o arancel pendurado onde todo o mundo o veja¹⁹¹, e não me venham com história, que, por Deus, sei me virar. Besta sou eu para que, por minha ordem, entrem mulheres com os hóspedes! Eles têm as chaves de seus aposentos¹⁹², e eu não sou quinze para ter que ver por trás de sete paredes!»

» Pasmados ficaram meus amos de ter ouvido a arenga da hospedeira, e de ver como ela lhes contava a história de suas vidas; mas, como viram que não tinham de quem tirar dinheiro, se não dela, insistiam em levá-la à prisão. Queixava-se ela aos céus da sem-razão e injustiça que lhe faziam, estando seu marido ausente e sendo fidalgo tão principal. O bretão bramava por seus cinquenta *escuti*. Os beaguins insistiam em que não haviam visto os foles, nem se Deus permitisse tal coisa. O escrivão, à parte, insistia com o aguazil para que revistasse as roupas da Colindres, porque suspeitava de que ela devia ter os cinquenta *escuti*, por estar acostumada a visitar os esconderijos¹⁹³ e as algibeiras daqueles que com ela se envolviam. Ela dizia que o bretão estava bêbado e que devia estar mentindo na questão do dinheiro. Enfim, tudo era confusão, gritos e juramentos, sem haver modo de apaziguar-se, nem se apaziguariam se naquele instante não entrasse no aposento o tenente de Assistente¹⁹⁴, que, vindo a visitar aquela

posada, las voces le llevaron adonde era la grita. Preguntó la causa de aquellas voces; la huéspedada se la dio muy por menudo: dijo quién era la ninfa Colindres, que ya estaba vestida; publicó la pública amistad suya y del alguacil; echó en la calle sus tretas y modo de robar; disculpóse a sí misma de que con su consentimiento jamás había entrado en su casa mujer de mala sospecha; canonizóse por santa y a su marido por un bendito, y dio voces a una moza que fuese corriendo y trujese de un cofre la carta ejecutoria de su marido, para que la viese el señor tiniente, diciéndole que por ella echaría de ver que mujer de tan honrado marido no podía hacer cosa mala, y que si tenía aquel oficio de casa de camas era a no poder más; que Dios sabía lo que le pesaba, y si quisiera ella tener alguna renta y pan cotidiano para pasar la vida que tener aquel ejercicio. El teniente, enfadado de su mucho hablar y presumir de ejecutoria, le dijo: «Hermana camera, yo quiero creer que vuestro marido tiene carta de hidalguía con que vos me confeséis que es hidalgo mesonero». «Y con mucha honra – respondió la huéspedada –. Y ¿qué linaje hay en el mundo, por bueno que sea, que no tenga algún dime y direte?» «Lo que yo os digo, hermana, es que os cubráis, que habéis de venir a la cárcel.» La cual nueva dio con ella en el suelo; arañóse el rostro; alzó el grito; pero, con todo eso, el teniente, demasadamente severo, los llevó a todos a la cárcel, conviene a saber, al bretón, a la

pousada, foi levado pelos berros até onde estava a gritaria. Perguntou a causa daqueles gritos; a hospedeira a deu com muitos pormenores: disse quem era a ninfa Colindres, que já estava vestida, declarou a declarada amizade entre ela e o aguazil; revelou suas tretas e modos de roubar; desculpou-se a si mesma de que com seu consentimento jamais havia entrado em sua casa mulher de má suspeita; canonizou-se por santa e a seu marido por um bendito, e gritou a uma criada que fosse correndo e trouxesse de um cofre a carta executória de seu marido, para que a visse o senhor tenente, dizendo-lhe que por ela perceberia que mulher de tão honrado marido não podia fazer má coisa, e que se tinha aquele ofício de pensão era por necessidade; que Deus sabia o que lhe pesava, e antes quisera ela ter alguma renda e pão de cada dia para passar a vida do que ter aquele exercício. O tenente, enfadado por seu muito falar e se vangloriar da executória, lhe disse: «Irmã hospedeira, eu acredito que vosso marido tem carta de fidalguia com que vós me confesseis que é fidalgo estalajadeiro». «E com muita honra – respondeu a hospedeira –. Mas que linhagem há no mundo, por melhor que seja, que não tenha algum disse-me-disse?» «O que eu vos digo, irmã, é que vos vestis, que haveis de vir à prisão». Ao ouvir a notícia, ela se atirou ao chão; arranhou o rosto; levantou a voz; mas, ainda assim, o tenente, demasadamente severo, levou-os todos à prisão, isto é: o bretão, a Colindres e a

Colindres y a la huéspeda. Después supe que el bretón perdió sus cincuenta *escuti*, y más diez, en que le condenaron en las costas; la huéspeda pagó otro tanto, y la Colindres salió libre por la puerta afuera. Y el mismo día que la soltaron pescó a un marinero, que pagó por el bretón, con el mismo embuste del soplo; porque veas, Cipión, cuántos y cuán grandes inconvenientes nacieron de mi golosina.

CIPIÓN. Mejor dijeras de la bellaquería de tu amo.

BERGANZA. Pues escucha, que aun más adelante tiraban la barra, puesto que me pesa de decir mal de alguaciles y de escribanos.

CIPIÓN. Sí, que decir mal de uno, no es decirlo de todos; sí, que muchos y muy muchos escribanos hay buenos, fieles y legales, y amigos de hacer placer sin daño de tercero; sí, que no todos entretienen los pleitos, ni avisan a las partes, ni todos llevan más de sus derechos, ni todos van buscando e inquiriendo las vidas ajenas para ponerlas en tela de juicio, ni todos se aúnan con el juez para «háceme la barba y hacerte he el copete», ni todos los alguaciles se conciertan con los vagamundos y fulleros, ni tienen todos las amigas de tu amo para sus embustes. Muchos y muy muchos hay hidalgos por naturaleza, y de hidalgas condiciones; muchos no son arrojados, insolentes, ni mal criados, ni rateros, como los que andan por los mesones midiendo las espadas a los extranjeros, y hallándolas un pelo más de la marca destruyen a sus dueños.

hospedeira. Depois eu soube que o bretão perdeu seus cinquenta *escuti*, e mais dez que lhe condenaram às costas; a hospedeira pagou outro tanto, e a Colindres saiu livre pela porta afora. E no mesmo dia que a soltaram pescou um marinheiro, que pagou pelo bretão com o mesmo embuste do sopro¹⁹⁵; pois vejas, Cipião, quantos e quão grandes inconvenientes nasceram de minha gulodice.

CIPIÃO. Melhor dirias da velhacaria de teu amo.

BERGANZA. Pois escuta, que eles ainda faziam mais¹⁹⁶, embora me pese falar mal de aguazis e escrivães.

CIPIÃO. Certo, mas falar mal de um não é falar de todos; certo, pois muitos e muitos escrivães são bons, fiéis e leais, e amigos de causar prazer sem prejudicar os outros; certo, que nem todos se envolvem em disputas nem avisam a justiça, nem todos cobram mais do que é seu direito, nem todos vão buscando e inquirindo sobre as vidas alheias para colocá-las em telas de juízo, nem todos se combinam com o juiz para «faz-me a barba e eu te farei o topete», nem todos os aguazis se metem com os vagamundos e trapaceiros, nem todos têm as amigas de teu amo para seus embustes¹⁹⁷. Muitos e muitos são fidalgos por natureza, e de fidalgas condições; muitos não são imprudentes, insolentes, nem malcriados, nem sorrateiros como os que andam pelas pensões medindo as espadas dos estrangeiros e, achando-as um pouco maiores que o permitido, destroem seus donos. Certo, nem

Sí, que no todos como prenden, sueltan, y son jueces y abogados cuando quieren.

BERGANZA. Más alto picaba mi amo; otro camino era el suyo; presumía de valiente y de hacer prisiones famosas; sustentaba la valentía sin peligro de su persona, pero a costa de su bolsa. Un día acometió en la puerta de Jerez él solo a seis famosos rufianes, sin que yo le pudiese ayudar en nada, porque llevaba con un freno de cordel impedida la boca; que así me traía de día, y de noche me le quitaba. Quedé maravillado de ver su atrevimiento, su brío y su denuedo; así se entraba y salía por las seis espadas de los rufos como si fueran varas de mimbre; era cosa maravillosa ver la ligereza con que acometía, las estocadas que tiraba, los reparos, la cuenta, el ojo alerta, porque no le tomasen las espaldas. Finalmente, él quedó en mi opinión y en la de todos cuantos la pendencia miraron y supieron por un nuevo Rodamonte, habiendo llevado a sus enemigos desde la puerta de Jerez hasta los mármoles del colegio de mase Rodrigo, que hay más de cien pasos. Dejólos encerrados y volvió a coger los trofeos de la batalla, que fueron tres vainas, y luego se las fue a mostrar al Asistente, que, si mal no me acuerdo, lo era entonces el licenciado Sarmiento de Valladares, famoso por la destrucción de La Saucedá. Miraban a mi amo por las calles do pasaba, señalándole con el dedo, como si dijeran: «Aquel es el valiente que se atrevió a reñir solo con la flor de los bravos de la

todos, quando prendem, soltam, e são juízes e advogados quando querem.

BERGANZA. Mais alto picava meu amo; outro caminho era o seu; passava-se por valente e por realizar prisões famosas¹⁹⁸; sustentava a valentia sem perigo à sua pessoa, mas à custa de seu bolso. Um dia, atacou sozinho na porta de Jerez seis famosos rufiões, sem que eu pudesse ajudá-lo em nada, porque tinha a boca atada com um freio de cordel; pois assim me mantinha de dia, e de noite mo tirava¹⁹⁹. Fiquei maravilhado de ver seu atrevimento, seu brio e sua intrepidez; entrava e saía pelas seis espadas dos rufiões como se fossem varetas de vime; era coisa maravilhosa ver a ligereza com que acometia, as estocadas que dava, os golpes, o cálculo, o olho alerta, para que não o atacassem pelas costas. Finalmente, ele passou, em minha opinião e na de todos quantos viram e souberam da pendência, por um novo Rodamonte, havendo levado seus inimigos desde a porta de Jerez até os mármoles do colégio de mestre Rodrigo, que são mais de cem passos²⁰⁰. Deixou-os presos e voltou para colher os troféus da batalha, que foram três bainhas, e depois as foi mostrar ao Assistente que, se mal me recordo, era então o licenciado Sarmiento de Valladares, famoso pela destruição da Saucedá²⁰¹. Observavam meu amo pelas ruas por onde passava, apontando-o com o dedo, como se dissessem: «Aquele é o valente que se atreveu a renhir sozinho com a flor dos bravos da Andaluzia». Passou o que restava

Andalucía». En dar vueltas a la ciudad para dejarse ver, se pasó lo que quedaba del día, y la noche nos halló en Triana, en una calle junto al molino de la pólvora; y habiendo mi amo avizorado, como en la jácara se dice, si alguien le veía, se entró en una casa, y yo tras él, y hallamos en un patio a todos los jayanes de la pendencia, sin capas ni espadas, y todos desabrochados; y uno, que debía de ser el huésped, tenía un gran jarro de vino en la una mano y en la otra una copa grande de taberna; la cual, colmándola de vino generoso y espumante, brindaba a toda la compañía. Apenas hubieron visto a mi amo cuando todos se fueron a él con los brazos abiertos, y todos le brindaron, y él hizo la razón a todos, y aún la hiciera a otros tantos si le fuera algo en ello, por ser de condición afable y amigo de no enfadar a nadie por pocas cosas. Quererte yo contar ahora lo que allí se trató, la cena que cenaron, las peleas que se contaron, los hurtos que se refirieron, las damas que de su trato se calificaron y las que se reprobaron, las alabanzas que los unos a los otros se dieron, los bravos ausentes que se nombraron, la destreza que allí se puso en su punto, levantándose en mitad de la cena a poner en práctica las tretas que se les ofrecían, esgrimindo con las manos, los vocablos tan esquisitos de que usaban, y, finalmente, el talle de la persona del huésped, a quien todos respetaban como a señor y padre, sería meterme en un laberinto donde no me fuese posible salir cuando quisiese. Finalmente, vine

do dia em dar voltas pela cidade para deixar-se ver, e a noite nos surpreendeu em Triana, em uma rua junto ao moinho da pólvora; e, tendo meu amo espreitado, como se diz na jácara, se alguém o via, entrou em uma casa²⁰², e eu atrás dele, e encontramos em um pátio todos os rufiões da pendência, sem capas nem espadas, e todos desabrochados; e um, que devia ser o anfitrião, tinha uma grande jarra de vinho em uma mão e na outra uma taça grande de taberna²⁰³; com a qual, enchendo-a de vinho generoso e espumante, brindava a toda a companhia. Mal viram meu amo, todos foram até ele com os braços abertos, e todos lhe brindaram, e ele fez a salva a todos, e ainda a fizera a outros tantos se ganhasse algo com isso, por ser de condição afável e amigo de não enfadar ninguém por poucas coisas. Quererte contar agora o que ali se tratou, a ceia que cearam, as pelejas que se contaram, os furtos aos que se referiram, as damas que pela sua conduta aprovaram e as que reprovaram, os louvores que uns fizeram aos outros, os bravos ausentes que se nomearam, a destreza que ali se enalteceu, levantando-se eles na metade da ceia para pôr em prática os golpes que se lhes ofereciam, esgrimindo com as mãos, os vocábulos tão esquisitos que usavam e, finalmente, o talhe da pessoa do anfitrião, a quem todos respeitavam como senhor e pai, seria meter-me em um labirinto do qual não me seria possível sair quando quisesse. Finalmente, vim a entender com toda certeza

a entender con toda certeza que el dueño de la casa, a quien llamaban Monipodio, era encubridor de ladrones y pala de rufianes, y que la gran pendencia de mi amo había sido primero concertada con ellos, con las circunstancias del retirarse y de dejar las vainas, las cuales pagó mi amo allí, luego, de contado, con todo cuanto Monipodio dijo que había costado la cena, que se concluyó casi al amanecer, con mucho gusto de todos. Y fue su postre dar soplo a mi amo de un rufián forastero que, nuevo y flamante, había llegado a la ciudad. Debía de ser más valiente que ellos, y de envidia le soplaron. Prendióle mi amo la siguiente noche, desnudo en la cama; que si vestido estuviera, yo vi en su talle que no se dejara prender tan a mansalva. Con esta prisión, que sobrevino sobre la pendencia, creció la fama de mi cobarde, que lo era mi amo más que una liebre, y a fuerza de meriendas y tragos sustentaba la fama de ser valiente, y todo cuanto con su oficio y con sus inteligencias granjeaba se le iba y desaguaba por la canal de la valentía. Pero ten paciencia, y escucha ahora un cuento que le sucedió, sin añadir ni quitar de la verdad una tilde.

»Dos ladrones hurtaron en Antequera un caballo muy bueno; trujéronle a Sevilla, y para venderle sin peligro usaron de un ardid que, a mi parecer, tiene del agudo y del discreto. Fuéronse a posar a posadas diferentes, y el uno se fue a la justicia y pidió, por una petición, que Pedro de Losada

que o dono da casa, a quem chamavam Monipódio²⁰⁴, era acobertador de ladrões e chefe de rufiões, e que a grande pendência de meu amo havia sido primeiro concertada com eles, com a garantia de que se retirassem e deixassem as bainhas, as quais pagou meu amo ali, de contado²⁰⁵, e também tudo quanto Monipódio disse que havia custado a ceia, que se concluiu quase ao amanhecer, com muito gosto de todos. E a sobremesa foi segredar a meu amo sobre um rufião forasteiro que, novo e flamante, havia chegado à cidade. Devia ser mais valente que eles, e de inveja o delataram. Prendeu-o meu amo na noite seguinte, desnudo na cama; porque, se vestido estivesse, eu vi por sua aparência que não se deixaria prender tão facilmente. Com esta prisão, que sobreveio à pendência²⁰⁶, cresceu a fama de meu covarde, pois o era meu amo mais que uma lebre, e à força de merendas e tragos sustentava a fama de ser valente, e tudo que com seu ofício e com suas artimanhas granjeava, ia-se-lhe e desaguava pelo canal da valentia. Mas tem paciência, e escuta agora uma história que lhe aconteceu, sem tirar nem pôr da verdade uma vírgula.

»Dois ladrões roubaram em Antequera um cavalo muito bom; trouxeram-no a Sevilha e, para vendê-lo sem perigo, usaram de um ardil que, a meu parecer, tem algo de agudo e de discreto. Foram hospedar-se em pousadas diferentes, e um deles foi à justiça e reclamou, por uma petição, que Pedro de

le debía cuatrocientos reales prestados, como parecía por una cédula, firmada de su nombre, de la cual hacía presentación. Mandó el tiniente que el tal Losada reconociese la cédula; y que si la reconociese, le sacasen prendas de la cantidad o le pusiesen en la cárcel. Tocó hacer esta diligencia a mi amo y al escribano su amigo. Llevóles el ladrón a la posada del otro, y al punto reconoció su firma y confesó la deuda, y señaló por prenda de la ejecución el caballo, el cual visto por mi amo, le creció el ojo y le marcó por suyo, si acaso se vendiese. Dio el ladrón por pasados los términos de la ley, y el caballo se puso en venta y se remató en quinientos reales en un tercero que mi amo echó de manga para que se le comprase. Valía el caballo tanto y medio más de lo que dieron por él, pero como el bien del vendedor estaba en la brevedad de la venta, a la primer postura remató su mercadería. Cobró el un ladrón la deuda que no le debían, y el otro la carta de pago que no había menester, y mi amo se quedó con el caballo, que para él fue peor que el Seyano lo fue para sus dueños. Mondaron luego la haza los ladrones, y de allí a dos días, después de haber trastejado mi amo las guarniciones y otras faltas del caballo, pareció sobre él en la plaza de San Francisco, más hueco y pomposo que aldeano vestido de fiesta. Diéronle mil parabienes de la buena compra, afirmándole que valía ciento y cincuenta ducados como un huevo

Losada lhe devia quatrocentos reais emprestados, como demonstrava uma cédula assinada com seu nome, da qual fazia apresentação²⁰⁷. Ordenou o tenente que o tal Losada reconhecesse a cédula; e que, se a reconhecesse, lhe apreendessem bens do mesmo valor ou pusessem-no na prisão. Esta diligência coube a meu amo e ao escrivão seu amigo. Levou-os o ladrão à pousada do outro, que prontamente reconheceu sua assinatura e confessou a dívida, e deu como pagamento da execução o cavalo, que, visto por meu amo, lhe cresceu o olho e o marcou por seu, se acaso fosse vendido. Deu o ladrão por passados os termos da lei²⁰⁸, e o cavalo foi posto à venda e arrematado por quinhentos reais por um terceiro de que meu amo valeu-se para que lho comprasse. Valia o cavalo um tanto e meio a mais do que deram por ele, mas como o bem do vendedor estava na brevidade da venda, na primeira oferta rematou sua mercadoria. Recobrou, um ladrão, a dívida que não lhe deviam, e o outro, o recibo de que não havia mister, e meu amo ficou com o cavalo, que para ele foi pior do que o Seyano foi para seus donos²⁰⁹. Limparam logo o terreno os ladrões, e dali a dois dias, depois de meu amo ter conferido as correias e outros defeitos do cavalo, apareceu sobre ele na praça de São Francisco, mais convencido e pomposo que aldeão vestido de festa. Deram-lhe mil parabéns pela boa compra, afirmando-lhe que valia cento e cinquenta ducados, como um ovo valia um

un maravedí, y él, volteando y revolviendo el caballo, representaba su tragedia en el teatro de la referida plaza. Y estando en sus caracoles y rodeos, llegaron dos hombres de buen talle y de mejor ropaje, y el uno dijo: «¡Vive Dios, que éste es Piedehierro, mi caballo, que ha pocos días que me le hurtaron en Antequera!». Todos los que venían con él, que eran cuatro criados, dijeron que así era la verdad, que aquél era Piedehierro, el caballo que le habían hurtado. Pasmóse mi amo, querellóse el dueño, hubo pruebas, y fueron las que hizo el dueño tan buenas, que salió la sentencia en su favor, y mi amo fue desposeído del caballo. Súpose la burla y la industria de los ladrones, que por manos e intervención de la misma justicia vendieron lo que habían hurtado, y casi todos se holgaban de que la codicia de mi amo le hubiese rompido el saco.

»Y no paró en esto su desgracia, que aquella noche saliendo a rondar el mismo Asistente, por haberle dado noticia que hacia los barrios de San Julián andaban ladrones, al pasar de una encrucijada vieron pasar un hombre corriendo, y dijo a este punto el Asistente, asiéndome por el collar y zuzándome: «¡Al ladrón, Gavilán! ¡Ea, Gavilán, hijo, al ladrón, al ladrón!» Yo, a quien ya tenían cansado las maldades de mi amo, por cumplir lo que el señor Asistente me mandaba sin discrepar en nada, arremetí con mi propio amo, y sin que pudiese valerse, di con él en el suelo; y si no me le quitaran, yo hiciera a más de a cuatro

maravedi²¹⁰, e ele, volteando e revolvendo o cavalo, representava sua tragédia no teatro da referida praça. E estando em seus caracóis e rodeios, chegaram dois homens de boa aparência e de melhor roupagem, e um deles disse: «Viva a Deus, que este é Pé-de-Ferro²¹¹, meu cavalo, que há poucos dias mo roubaram em Antequera!». Todos os que vinham com ele, que eram quatro criados, disseram que isso era verdade, que aquele era Pé-de-Ferro, o cavalo que lhe haviam roubado. Pasmou-se meu amo, queixou-se o dono, houve provas, e foram tão boas as que deu o dono que a sentença saiu a seu favor, e meu amo foi destituído do cavalo. Conheceu-se a burla e a indústria dos ladrões, que pelas mãos e intervenção da própria justiça venderam o que haviam roubado, e quase todos se divertiam de que a cobiça de meu amo lhe tivesse rompido a bolsa²¹².

»E não parou por aí sua desgracia, porque naquela noite, saindo a fazer a ronda com o próprio Assistente, por ter-lhe dado notícia de que perto do bairro de San Julián andavam ladrões²¹³, ao passar por uma encruzilhada viram passar um homem correndo, e disse neste instante o Assistente, puxando-me pela coleira e incitando-me: «Ao ladrão, Gavião! Eia, Gavião, filho, ao ladrão, ao ladrão!». Eu, a quem já tinham cansado as maldades de meu amo, para cumprir o que o senhor Assistente me ordenava sem discordar em nada, arremeti contra meu próprio amo, e, sem que pudesse defender-se, dei com ele no chão; e se não me

vengados; quitáronme con mucha pesadumbre de entrambos. Quisieran los corchetes castigarme y aun matarme a palos, y lo hicieran si el Asistente no les dijera: «No le toque nadie, que el perro hizo lo que yo le mandé». Entendióse la malicia, y yo, sin despedirme de nadie, por un agujero de la muralla salí al campo, y antes que amaneciese me puse en Mairena, que es un lugar que está cuatro leguas de Sevilla. Quiso mi buena suerte que hallé allí una compañía de soldados que, según oí decir, se iban a embarcar a Cartagena. Estaban en ella cuatro rufianes de los amigos de mi amo, y el atambor era uno que había sido corchete, y gran chocarrero, como lo suelen ser los más atambores. Conociéronme todos, y todos me hablaron; y así, me preguntaban por mi amo como si les hubiera de responder; pero el que más afición me mostró fue el atambor, y así, determiné de acomodarme con él, si él quisiese, y seguir aquella jornada aunque me llevase a Italia o a Flandes; porque me parece a mí, y aun a ti te debe parecer lo mismo, que puesto que dice el refrán: «Quien necio es en su villa, necio es en Castilla», el andar tierras y comunicar con diversas gentes hace a los hombres discretos.

CIPIÓN. Es eso tan verdad, que me acuerdo haber oído decir a un amo que tuve de bonísimo ingenio, que al famoso griego llamado Ulises le dieron renombre de prudente por sólo haber andado muchas tierras y comunicado con diversas gentes y

puxassem, eu deixaria vingados mais de quatro; tiraram-me com muito pesar de ambos. Quiseram os beaguins castigar-me e até matar-me a pauladas, e o fariam se o Assistente não lhes dissesse: «Ninguém o toque, que o cão fez o que eu mandei». Entendeu-se a malícia, e eu, sem me despedir de ninguém, por um buraco do muro saí ao campo, e antes que amanhecesse estava em Mairena, que é um lugar que fica a quatro léguas de Sevilla²¹⁴. Quis minha boa sorte que eu achasse ali uma companhia de soldados que, segundo ouvi dizer, iam embarcar para Cartagena. Estavam nela quatro rufiões amigos de meu amo, e o tamborileiro era um dos que havia sido beaguim, e grande socarrão, como costuma ser a maioria dos tamborileiros²¹⁵. Reconheceram-me todos, e todos falaram comigo; e assim, perguntaram por meu amo, como se eu lhes houvesse de responder; porém, o que mais afeição me demonstrou foi o tamborileiro, e assim decidi acomodar-me com ele, se ele quisesse, e seguir aquela jornada mesmo se me levasse à Itália ou a Flandres, porque me parece, e a ti deve parecer o mesmo, que, já que diz o refrão: «Quem néscio é em sua vila, néscio é em Castela», andar por terras e comunicar-se com diversas pessoas torna os homens discretos.

CIPÃO. Isso é tão verdade que me lembro de ter ouvido um amo que eu tive, de boníssimo engenho, dizer que, ao famoso grego chamado Ulisses, deram-lhe fama de prudente apenas por ter andado por muitas terras e se comunicado com diversas pessoas e várias

varias naciones; y así, alabo la intención que tuviste de irte donde te llevasen.

BERGANZA. Es pues el caso, que el atambor, por tener con qué mostrar más sus chacorrerías, comenzó a enseñarme a bailar al son del atambor y a hacer otras monerías, tan ajenas de poder aprenderlas otro perro que no fuera yo como las oírás cuando te las diga. Por acabarse el distrito de la comisión, se marchaba poco a poco. No había comisario que nos limitase; el capitán era mozo, pero muy buen caballero y gran cristiano; el alférez no había muchos meses que había dejado la corte y el tinelo; el sargento era matrero y sagaz y grande arriero de compañías, desde donde se levantaban hasta el embarcadero. Iba la compañía llena de rufianes churrulleros, los cuales hacían algunas insolencias por los lugares do pasábamos, que redundaban en maldecir a quien no lo merecía. Infelicidad es del buen príncipe ser culpado de sus súbditos por la culpa de sus súbditos, a causa que los unos son verdugos de los otros, sin culpa del señor; pues, aunque quiera y lo procure, no puede remediar estos daños, porque todas o las más cosas de la guerra traen consigo aspereza, riguridad y desconveniencia. En fin, en menos de quinze días, con mi buen ingenio y con la diligencia que puso el que había escogido por patrón, supe saltar por el rey de Francia y a no saltar por la mala tabernera. Enseñóme a hacer corvetas como caballo napolitano y a andar a la redonda

nações; e assim, louvo a intenção que tiveste de ir aonde te levassem.

BERGANZA. Pois foi o caso que o tamborileiro, para ter com que mostrar mais suas chocarrices, começou a ensinar-me a dançar ao som do tambor e a fazer outras macaquices, tão distantes de poder aprendê-las outro cão que não fosse eu como as ouvir quando tas contar²¹⁶. Por acabar-se o distrito da comissão, marchava-se pouco a pouco. Não havia comissário que nos limitasse²¹⁷; o capitão era moço, mas mui bom cavaleiro e grande cristão; o alferes, não havia muitos meses que havia deixado a corte e o tinelo²¹⁸; o sargento era matreiro e sagaz e grande arreeiro de companhias, desde onde se recrutavam até o embarcadouro²¹⁹. Ia a companhia cheia de rufiões falastrões²²⁰, os quais faziam algumas insolências pelos lugares onde passávamos, que redundavam em maldizer quem não o merecia. Infelicidade do bom príncipe é ser culpado por seus súbditos pela culpa de seus súbditos²²¹, porque uns são verdugos dos outros, sem culpa do senhor; pois, embora queira e procure, não pode remediar estes danos, porque todas ou a maioria das coisas da guerra trazem consigo aspereza, rigor e inconveniência²²². Enfim, em menos de quinze dias, com meu bom engenho e com o empenho que teve o que eu havia escolhido por patrão, aprendi a saltar pelo rei da França e a não saltar pela má taverneira²²³. Ensinou-me a fazer corvetas como cavalo napolitano²²⁴ e a andar em círculos como mula de moinho, com

como mula de atahona, con otras cosas que, si yo no tuviera cuenta en no adelantarme a mostrarlas, pusiera en duda si era algún demonio en figura de perro el que las hacía. Púsome nombre del *perro sabio*, y no habíamos llegado al alojamiento, cuando tocando su atambor, andaba por todo el lugar pregonando que todas las personas que quisiesen venir a ver las maravillosas gracias y habilidades del perro sabio, en tal casa, o en tal hospital, las mostraban a ocho o a cuatro maravedís, según era el pueblo grande o chico. Con estos encarecimientos no quedaba persona en todo el lugar que no me fuese a ver, y ninguno había que no saliese admirado y contento de haberme visto. Triunfaba mi amo con la mucha ganancia, y sustentaba seis camaradas como unos reyes. La codicia y la envidia despertó en los rufianes voluntad de hurtarme, y andaban buscando ocasión para ello; que esto del ganar de comer holgando tiene muchos aficionados y golosos; por esto hay tantos titereros en España, tantos que muestran retablos, tantos que venden alfileres y coplas, que todo su caudal, aunque le vendiesen todo, no llega a poderse sustentar un día; y con esto los unos y los otros no salen de los bodegones y tabernas en todo el año; por do me doy a entender que de otra parte que de la de sus oficios sale la corriente de sus borracheras. Toda esta gente es vagamunda, inútil y sin provecho, esponjas del vino y gorgojos del pan.

CIPIÓN. No más, Berganza, no volvamos a lo

outras coisas que, se eu não me empenhasse em não mostrá-las, colocaria em dúvida se era algum demônio em figura de cão quem as fazia²²⁵. Deu-me o nome de *cão sábio*, e mal chegávamos ao alojamento quando, tocando seu tambor, andava por todo o lugar apregoando que, a todas as pessoas que quisessem vir ver as maravilhosas graças e habilidades do cão sábio, em tal casa ou em tal hospital, as mostraria por oito ou quatro maravedis, conforme o povoado fosse grande ou pequeno. Com estes encarecimentos, não restava pessoa em todo o lugar que não me fosse ver, e não havia ninguém que não saísse admirado e contente de haver-me visto. Exultava meu amo com o imenso lucro, e sustentava seis camaradas como uns reis. A cobiça e a inveja despertaram nos rufiões vontade de roubar-me, e andavam procurando ocasião para tal; porque isto de ganhar o sustento folgando tem muitos admiradores e invejosos; por isto há tantos titereiros na Espanha, tantos que apresentam retábulos²²⁶, tantos que vendem alfinetes e coplas, pois todo o seu capital, mesmo que vendessem tudo, não dá para sustentá-los por um dia; e, contudo, uns e outros não saem das bodegas e das tabernas durante todo o ano²²⁷; donde me dou a entender que de outro lugar que não do de seus ofícios sai a corrente de suas bebedeiras. Toda esta gente é vagamunda, inútil e sem proveito, esponjas do vinho e carunchos do pão.

CIPÃO. Sem mais, Berganza, não voltemos

pasado; sigue, que se va la noche, y no querría que al salir del sol quedásemos a la sombra del silencio.

BERGANZA. Tenle, y escucha. Como sea cosa fácil añadir a lo ya inventado, viendo mi amo cuán bien sabía imitar el corcel napolitano, hízome unas cubiertas de guadamací y una silla pequeña, que me acomodó en las espaldas, y sobre ella puso una figura liviana de un hombre con una lancilla de correr sortija, y enseñóme a correr derechamente a una sortija que entre dos palos ponía; y el día que había de correrla pregonaba que aquel día corría sortija el perro sabio, y hacía otras nuevas y nunca vistas galanterías, las cuales de mi santiscario, como dicen, las hacía, por no sacar mentiroso a mi amo. Llegamos, pues, por nuestras jornadas contadas a Montilla, villa del famoso y gran cristiano marqués de Priego, señor de la casa de Aguilar y de Montilla. Alojaron a mi amo, porque él lo procuró, en un hospital. Echó luego el ordinario bando, y como ya la fama se había adelantado a llevar las nuevas de las habilidades y gracias del perro sabio, en menos de una hora se llenó el patio de gente. Alegróse mi amo viendo que la cosecha iba de guilla, y mostróse aquel día chacorrero en demasía. Lo primero en que comenzaba la fiesta era en los saltos que yo daba por un aro de cedazo, que parecía de cuba. Conjurábame por las ordinarias preguntas, y cuando él bajaba una varilla de membrillo que en la mano tenía, era señal del salto; y cuando la

ao passado; prossegue, que se vai a noite, e eu não queria que, ao sair o sol, ficássemos à sombra do silêncio.

BERGANZA. Espera e escuta. Como é coisa fácil aumentar o já inventado, vendo meu amo quão bem eu sabia imitar o corcel napolitano, fez-me umas capas de guadameci e uma sela pequena, que acomodou em minhas costas, e sobre ela pôs uma figura leve de um homem com uma lanceta de correr sortilha²²⁸, e ensinou-me a correr diretamente a uma argola que punha entre dois paus; e no dia em que havia de corrê-la anunciava que naquele dia corria sortilha o cão sábio; e fazia outros novos e jamais vistos galanteios, os quais eu fazia por capricho, como dizem, para que meu amo não passasse por mentiroso. Chegamos, pois, de acordo com o planejado, a Montilla, povoado do famoso e grande cristão marquês de Priego, senhor da casa de Aguilar e de Montilla²²⁹. Hospedaram meu amo, porque ele quis, em um hospital. Fez depois o costumeiro anúncio, e como já a fama se havia adiantado a levar as novas das habilidades e graças do cão sábio, em menos de uma hora se encheu o pátio de gente. Alegrou-se meu amo, vendo que a colheita ia ser abundante, e mostrou-se naquele dia bastante socarrão. A festa começava nos saltos que eu dava por um aro de peneira, que parecia de tonel. Conjurava-me pelas costumeiras perguntas²³⁰, e quando ele baixava uma varinha de marmelo que tinha na mão, era sinal de salto; e quando a mantinha

tenía alta, de que me estuviese quedo. El primer conjuro deste día, memorable entre todos los de mi vida, fue decirme: «Ea, Gavilán amigo, salta por aquel viejo verde que tú conoces que se escabecha las barbas; y si no quieres, salta por la pompa y el aparato de doña Pimpinela de Plafagonia, que fue compañera de la moza gallega, que servía en Valdeastillas. ¿No te cuadra el conjuro, hijo Gavilán? Pues salta por el bachiller Pasillas, que se firma licenciado sin tener grado alguno. ¡Oh, perezoso estás! ¿Por qué no saltas? Pero ya entiendo y alcanzo tus marrullerías: ahora salta por el licor de Esquivias, famoso al par del de Ciudad Real, San Martín y Ribadavia». Bajó la varilla, y salté yo, y noté sus malicias y malas entrañas. Volvióse luego al pueblo y en voz alta dijo: «No piense vuesa merced, senado valeroso, que es cosa de burla lo que este perro sabe. Veinte y cuatro piezas le tengo enseñadas, que por la menor dellas volaría un gavilán; quiero decir que por ver la menor se pueden caminar treinta leguas. Sabe bailar la zarabanda y chacona mejor que su inventora misma; bébese una azumbre de vino sin dejar gota; entona un *sol fa mi re* tan bien como un sacristán; todas estas cosas, y otras muchas que me quedan por decir, las irán viendo vuestas mercedes en los días que estuviere aquí la compañía; y por ahora dé otro salto nuestro sabio y luego entraremos en lo grueso». Con esto suspendió el auditorio, que había llamado senado, y les encendió el

alta, de que me mantivesse parado. O primeiro conjuro deste dia, memorável entre todos os de minha vida²³¹, foi dizer-me: «Eia, Gavião amigo, salta por aquele velho verde que tu sabes que tinge a barba; e se não queres, salta pela pompa e pelo aparato de dona Pimpinela da Plafagônia, que foi companheira da criada galega que servia em Valdeastillas²³². Não te quadra bem o conjuro, filho Gavião? Pois salta pelo bacharel Pasillas, que se nomeia licenciado sem ter grau algum²³³. Oh, preguiçoso estás! Por que não saltas? Mas já entendo e percebo tuas manhas: então salta pelo licor de Esquivias, tão famoso como o de Cidade Real, San Martín e Rivadávia²³⁴». Baixou a varinha, e saltei eu, e notei suas malícias e má intenção²³⁵. Voltou-se depois ao povo e em voz alta disse: “Não pense vossa mercê, senado valoroso²³⁶, que é coisa de burla o que este cão sabe. Vinte e quatro peças lhe ensinei, e pela menor delas voaria um gavião; quero dizer que, para ver a menor, pode-se caminhar trinta léguas. Sabe dançar a zarabanda e a chacona melhor que sua própria inventora²³⁷; bebe um azumbre²³⁸ de vinho sem deixar uma gota; entoa um *sol fá mi ré* tão bem como um sacristão; todas estas coisas, e outras muitas que deixo de dizer, irão vendo vossas mercês nos dias em que estiver aqui a companhia; e por hora, que dê outro salto nosso sábio e depois entraremos no grosso». Com isto suspendeu o auditório, que havia chamado senado, e lhes atçou o

deseo de no dejar de ver todo lo que yo sabía. Volvióse a mí mi amo y dijo: «Volved, hijo Gavián, y con gentil agilidad y destreza deshaced los saltos que habéis hecho; pero ha de ser a devoción de la famosa hechicera que dicen que hubo en este lugar». Apenas hubo dicho esto, cuando alzó la voz la hospitalera, que era una vieja, al parecer, de más de sesenta años, diciendo: «Bellaco, charlatán, embaidor y hijo de puta, aquí no hay hechicera alguna. Si lo decís por la Camacha, ya ella pagó su pecado, y está donde Dios se sabe; si lo decís por mí, chacorrero, ni yo soy ni he sido hechicera en mi vida; y si he tenido fama de haberlo sido, era merced a los testigos falsos y a la ley del encaje, y al juez arrojadizo y mal informado; ya sabe todo el mundo la vida que hago, en penitencia, no de los hechizos que no hice, sino de otros muchos pecados, otros que como pecadora he cometido. Así que, socarrón tamborilero, salid del hospital, si no, por vida de mi santiguada, que os haga salir más que de paso». Y con esto comenzó a dar tantos gritos y a decir tantas y tan atropelladas injurias a mi amo, que le puso en confusión y sobresalto; finalmente, no dejó que pasase adelante la fiesta en ningún modo. No le pesó a mi amo del alboroto, porque se quedó con los dineros, y aplazó para otro día y en otro hospital lo que en aquél había faltado. Fuese la gente maldiciendo a la vieja, añadiendo al nombre de hechicera el de bruja y el de barbuda, sobre vieja. Con todo esto nos

desejo de não deixarem de ver tudo o que eu sabia. Voltou-se a mim meu amo e disse: «Voltai, filho Gavião, e com gentil agilidade e destreza repeti os saltos que fizésseis; mas há de ser em honra à famosa feiticeira que dizem que houve neste lugar²³⁹». Mal disse isto, quando levantou a voz a hospitaleira, que era uma velha, ao que parece, de mais de sessenta anos, dizendo²⁴⁰: «Velhaco, charlatão, embusteiro e filho-da-puta, aqui não há feiticeira alguma. Se o dizeis pela Camacha, ela já pagou seu pecado, e está sabe-se Deus onde; se o dizeis por mim, socarrão, eu não sou nem fui feiticeira em toda a minha vida; e se tive fama de tê-lo sido, foi graças aos testemunhos falsos e à lei do encaixe²⁴¹, e ao juiz imprudente e mal informado; todo o mundo já sabe a vida que levo, em penitência, não dos feitiços que não fiz, mas de outros muitos pecados, outros que, como pecadora, cometi. Portanto, tamborileiro socarrão, saí do hospital, se não, juro por minha vida que vos faço sair mais que depressa». E com isto começou a dar tantos gritos e a dizer tantas e tão atropeladas injúrias a meu amo, que o pôs em confusão e sobresalto; finalmente, não deixou que a festa prosseguisse de modo algum. Não se importou meu amo com o alvoroço, porque ficou com o dinheiro, e prorrogou para o dia seguinte e em outro hospital o que havia faltado naquele²⁴². Foram-se as pessoas maldizendo a velha, acrescentando ao nome de feiticeira o de bruxa e o de barbuda ao de

quedamos en el hospital aquella noche; y encontrándome la vieja en el corral solo, me dijo: «¿Eres tú, hijo Montiel? ¿Eres tú, por ventura, hijo?». Alcé la cabeza y miréla muy de espacio; lo cual visto por ella, con lágrimas en los ojos se vino a mí, y me echó los brazos al cuello, y si la dejara me besara en la boca; pero tuve asco y no lo consentí.

CIPIÓN. Bien hiciste; porque no es regalo, sino tormento, el besar ni dejar besarse de una vieja.

BERGANZA. Esto que ahora te quiero contar te lo había de haber dicho al principio de mi cuento, y así escusáramos la admiración que nos causó el vernos con habla. Porque has de saber que la vieja me dijo: «Hijo Montiel, vente tras mí y sabrás mi aposento, y procura que esta noche nos veamos a solas en él, que yo dejaré abierta la puerta; y sabe que tengo muchas cosas que decirte de tu vida y para tu provecho». Bajé yo la cabeza en señal de obedecerla, por lo cual ella se acabó de enterar en que yo era el perro Montiel que buscaba, según después me lo dijo. Quedé atónito y confuso, esperando la noche, por ver en lo que paraba aquel misterio o prodigio de haberme hablado la vieja; y como había oído llamarla de hechicera, esperaba de su vista y habla grandes cosas. Llegóse, en fin, el punto de verme con ella en su aposento, que era oscuro, estrecho y bajo, y solamente claro con la débil luz de un candil de barro que en él estaba; atizóle la vieja, y

velha. Contudo, ficamos no hospital naquela noite; e encontrando-me a velha sozinho no quintal, disse-me: «És tu, filho Montiel²⁴³? És tu, porventura, filho?» Levantei a cabeça e olhei-a muito devagar, o que, visto por ela, com lágrimas nos olhos se aproximou de mim e me lançou os braços ao pescoço, e se a deixasse, me beijaria na boca; mas tive asco e não o consenti.

CIPÃO. Fizeste bem; porque não é dádiva, mas tormento, beijar ou deixar-se beijar por uma velha.

BERGANZA. Isto que eu agora te quero contar devia ter dito no princípio da minha história, e assim escusáramos a admiração que nos causou vermo-nos com fala²⁴⁴. Porque hás de saber que a velha me disse: «Filho Montiel, vem atrás de mim e descobrirás meu aposento, e faz com que esta noite estejamos a sós nele, que eu deixarei a porta aberta; e saibas que tenho muitas coisas para dizer-te sobre tua vida e para teu proveito». Baixei eu a cabeça em sinal de obediência²⁴⁵, pelo qual ela acabou de confirmar que eu era o cão Montiel que procurava, como depois me disse. Fiquei atónito e confuso, esperando a noite, para ver no que dava aquele mistério ou prodígio de ter-me falado a velha; e como havia ouvido chamarem-na de feiticeira, esperava de sua vista e fala grandes coisas. Chegou, enfim, o momento de ver-me com ela em seu aposento, que era escuro, estreito e baixo, e iluminado somente pela débil luz de uma candeia de barro que nele havia; atizou-a a velha e sentou-se

sentóse sobre una arquilla, y llegóme junto a sí, y, sin hablar palabra, me volvió a abrazar, y yo volví a tener cuenta con que no me besase. Lo primero que me dijo fue:

«Bien esperaba yo en el cielo que antes que estos mis ojos se cerrasen con el último sueño te había de ver, hijo mío, y ya que te he visto, venga la muerte y lléveme desta cansada vida. Has de saber, hijo, que en esta villa vivió la más famosa hechicera que hubo en el mundo, a quien llamaron la Camacha de Montilla; fue tan única en su oficio, que las Eritos, las Circes, las Medeas, de quien he oído decir que están las historias llenas, no la igualaron. Ella congelaba las nubes cuando quería, cubriendo con ellas la faz del sol; y cuando se le antojaba, volvía sereno el más turbado cielo; traía los hombres en un instante de lejas tierras; remediaba maravillosamente las doncellas que habían tenido algún descuido en guardar su entereza; cubría a las viudas, de modo que con honestidad fuesen deshonestas; descasaba las casadas, y casaba las que ella quería. Por diciembre tenía rosas frescas en su jardín y por enero segaba trigo. Esto de hacer nacer berros en una artesa era lo menos que ella hacía, ni el hacer ver en un espejo, o en la uña de una criatura, los vivos o los muertos que le pedían que mostrase. Tuvo fama que convertía los hombres en animales, y que se había servido de un sacristán seis años en forma de asno, real y verdaderamente, lo que yo nunca he podido alcanzar cómo se haga,

sobre uma arquinha, e puxou-me junto a si, e, sem dizer palavra, voltou a me abraçar, e eu voltei a ter cuidado para que não me beijasse. A primeira coisa que me disse foi:

«Bem confiava eu no céu que antes que estes meus olhos se fechassem com o último sono te havia de ver, filho meu, e, já que te vi, que venha a morte e leve-me desta vida cansativa²⁴⁶. Hás de saber, filho, que neste povoado viveu a mais famosa feiticeira que houve no mundo, a quem chamaram a Camacha de Montilla; foi tão única em seu ofício que as Eritos, as Circes, as Medéias, de quem ouvi dizer que estão as histórias cheias, não a igualaram²⁴⁷. Ela congelava as nuvens quando queria, cobrindo com elas a face do sol; e, quando lhe apetecia, tornava sereno o céu mais conturbado; trazia os homens em um instante de terras longínquas; remediava maravilhosamente as donzelas que haviam tido algum descuido em guardar sua inteireza; encobria as viúvas, de modo que com honestidade fossem desonestas; descasava as casadas, e casava as que ela queria²⁴⁸. Em dezembro tinha rosas frescas em seu jardim e em janeiro ceifava trigo²⁴⁹. Fazer brotar agrião em uma artesa era o mínimo que ela fazia²⁵⁰, e também fazer ver em um espelho, ou na unha de uma criatura, os vivos ou os mortos que lhe pediam que mostrasse²⁵¹. Teve fama de converter os homens em animais, e que se havia servido de um sacristão por seis anos em forma de asno, real e verdadeiramente, o que eu nunca pude atinar como se faz, porque o

porque lo que se dice de aquellas antiguas magas, que convertían los hombres en bestias, dicen los que más saben que no era otra cosa sino que ellas, con su mucha hermosura y con sus halagos, atraían los hombres de manera a que las quisiesen bien, y los sujetaban de suerte, sirviéndose dellos en todo cuanto querían, que parecían bestias. Pero en ti, hijo mío, la experiencia me muestra lo contrario, que sé que eres persona racional y te veo en semejanza de perro, si ya no es que esto se hace con aquella ciencia que llaman tropelia, que hace parecer una cosa por otra. Sea lo que fuere, lo que me pesa es que yo ni tu madre, que fuimos discípulas de la buena Camacha, nunca llegamos a saber tanto como ella; y no por falta de ingenio, ni de habilidad, ni de ánimo, que antes nos sobraba que faltaba, sino por sobra de su malicia, que nunca quiso enseñarnos las cosas mayores, porque las reservaba para ella.

»Tu madre, hijo, se llamó la Montiela, que después de la Camacha fue famosa; yo me llamo la Cañizares, si ya no tan sabia como las dos, a lo menos de tan buenos deseos como cualquiera dellas. Verdad es que el ánimo que tu madre tenía de hacer y entrar en un cerco, y encerrarse en él con una legión de demonios, no le hacía ventaja la misma Camacha. Yo fui siempre algo medrosilla; con conjurar media región me contentaba; pero, con paz sea dicho de entrambas, en esto de conficionar las unturas, con que las brujas nos untamos, a ninguna de las dos diera

que se diz daquelas antigas magas, que convertiam os homens em bestas²⁵², dizem os que mais sabem que não era outra coisa senão que elas, com sua muita formosura e com seus afagos, atraíam os homens de maneira que as quisessem bem, e os sujeitavam de tal sorte, servindo-se deles em tudo quanto queriam, que eles pareciam bestas²⁵³. Mas em ti, filho meu, a experiência me mostra o contrário, porque sei que és pessoa racional e te vejo em figura de cão, se já não é que isto se faz com aquela ciência que chamam tropelia, que faz parecer uma coisa por outra²⁵⁴. Seja o que for, o que me pesa é que nem eu nem tua mãe, que fomos discípulas da boa Camacha, nunca chegamos a saber tanto como ela; e não por falta de engenho, nem de habilidade, nem de ânimo, que antes nos sobravam que faltavam, mas por sobra de sua malícia, que nunca quis ensinar-nos as coisas maiores, porque as reservava para ela.

»Tua mãe, filho, chamou-se a Montiela, que depois da Camacha foi famosa; eu me chamo a Canhizares, se já não tão sábia como as duas, ao menos de tão bons desejos como qualquer uma delas. É verdade que o ânimo que tua mãe tinha de fazer e entrar em um cerco e encerrar-se nele com uma legião de demônios, não lhe levava vantagem a própria Camacha²⁵⁵. Eu fui sempre um tantico medrosa; contentava-me em conjurar meia região²⁵⁶; mas, com a permissão de ambas, nisto de confeccionar as unturas com que as bruxas nos untamos²⁵⁷, nenhuma das duas me

ventaja, ni la daré a cuantas hoy siguen y guardan nuestras reglas. Que has de saber, hijo, que como yo he visto y veo que la vida que corre sobre las ligeras alas del tiempo se acaba, he querido dejar todos los vicios de la hechicería en que estaba engolfada muchos años había, y sólo me he quedado con la curiosidad de ser bruja, que es un vicio dificultosísimo de dejar. Tu madre hizo lo mismo, de muchos vicios se apartó; muchas buenas obras hizo en esta vida; pero al fin murió bruja, y no murió de enfermedad alguna, sino de dolor, de que supo que la Camacha su maestra, de envidia que la tuvo, porque se le iba subiendo a las barbas en saber tanto como ella, o por otra pendenzuela de celos, que nunca pude averiguar, estando tu madre preñada y llegándose la hora del parto, fue su comadre la Camacha, la cual recibió en sus manos lo que tu madre parió, y mostróle que había parido dos perritos; y así como los vio dijo: “¡Aquí hay maldad, aquí hay bellaquería!”. “Pero, hermana Montiel, tu amiga soy; yo encubriré este parto, y atiende tú a estar sana, y haz cuenta que esta tu desgracia queda sepultada en el mismo silencio; no te dé pena alguna este suceso, que ya sabes tú, que puedo yo saber que si no es con Rodríguez, el ganapán, tu amigo, días ha que no tratas con otro; así que este perruno parto de otra parte viene, y algún misterio contiene.” Admiradas quedamos tu madre y yo, que me hallé presente a todo, del extraño suceso. La Camacha se fue y se llevó los

levaria vantagem, nem as levarão quantas hoje seguem e guardam nossas regras. Porque hás de saber, filho, que como eu vi e vejo que a vida que corre sobre as ligeiras asas do tempo se acaba, quis deixar todos os vícios da feitiçaria em que estava engolfada havia muitos anos, e só fiquei com a curiosidade de ser bruxa, que é um vício difícilimo de deixar. Tua mãe fez o mesmo, de muitos vícios se apartou; muitas obras boas fez nesta vida; mas no final morreu bruxa, e não morreu de enfermidade alguma, mas de dor, porque soube que a Camacha sua mestra, por inveja que lhe teve, pois a ia igualando em saber tanto como ela, ou por outra pendengazinha de ciúmes, que nunca pude averiguar, estando tua mãe prenhe e aproximando-se a hora do parto, foi sua parteira a Camacha, a qual recebeu em suas mãos o que tua mãe pariu, e mostrou-lhe que havia parido dois cãezinhos²⁵⁸; e assim que os viu, disse: “Aquí há maldade, aqui há velhacaria!” “Mas, irmã Montiel, tua amiga sou; eu encobrirei este parto, e apressa-te em ficar curada, e certifica-te de que esta tua desgracia fique sepultada no próprio silêncio; que não te dê aflição alguma este suceso, pois já sabes tu que eu posso saber que, além de Rodríguez, o ganapão, teu amigo²⁵⁹, há dias que não tratas com outro; então, este parto canino de outra parte vem e algum mistério contém”²⁶⁰. Admiradas ficamos tua mãe e eu, que estive presente a tudo, do estranho suceso. A Camacha se foi e levou consigo os filhotes; eu fiquei com tua

cachorros; yo me quedé con tu madre para asistir a su regalo, la cual no podía creer lo que le había sucedido. Llegóse el fin de la Camacha, y estando en la última hora de su vida llamó a tu madre y le dijo cómo ella había convertido a sus hijos en perros por cierto enojo que con ella tuvo; pero que no tuviese pena, que ellos volverían a su ser cuando menos lo pensasen; mas que no podía ser primero que ellos por sus mismos ojos viesen lo siguiente:

Volverán en su forma verdadera,
cuando vieren con presta diligencia
derribar los soberbios levantados,
y alzar a los humildes abatidos
con poderosa mano para hacello.

»Esto dijo la Camacha a tu madre al tiempo de su muerte, como ya te he dicho. Tomólo tu madre por escrito y de memoria, y yo lo fijé en la mía para si sucediese tiempo de poderlo decir a alguno de vosotros; y para poder conocerlos, a todos los perros que veo de tu color los llamo con el nombre de tu madre, no por pensar que los perros han de saber el nombre, sino por ver si respondían a ser llamados tan diferentemente como se llaman los otros perros. Y esta tarde, como te vi hacer tantas cosas, y que te llaman ‘el perro sabio’, y también como alzaste la cabeza a mirarme cuando te llamé en el corral, he creído que tú eres hijo de la Montiel, a quien con grandísimo gusto doy noticia de tus sucesos y del modo con que has de cobrar tu forma primera; el cual modo quisiera yo que fuera

mãe para assistir seu descanso, a qual não podia acreditar no que lhe havia acontecido. Aproximou-se o fim da Camacha, e estando na última hora de sua vida chamou tua mãe e lhe disse como ela havia convertido seus filhos em cães por certo aborrecimento que teve com ela; mas que não se afligisse, que eles voltariam à sua forma quando menos esperassem²⁶¹; mas que não podia ser antes que eles, com seus próprios olhos, vissem o seguinte:

Voltarão à sua forma verdadeira,
quando virem, com pronta diligência,
caírem os soberbos levantados,
e alçarem-se os humildes abatidos
com poderosa mão para fazê-lo.²⁶²

»Isto disse a Camacha à tua mãe na hora de sua morte, como já te falei. Tomou-o tua mãe por escrito e de memória, e eu o fixei na minha, se houvesse ocasião de poder dizê-lo a algum de vós; e, para poder reconhecer-vos, a todos os cães de tua cor que vejo, chamo-os pelo nome de tua mãe, não por pensar que os cães hão de saber o nome, mas para ver se respondem ao ser chamados de forma tão diferente dos outros cães. E esta tarde, como te vi fazer tantas coisas, e que te chamam ‘o cão sábio’, e também como levantaste a cabeça para olhar-me quando te chamei no quintal, acreditei que tu és filho da Montiel, a quem com grandíssimo gosto dou notícia de teus sucessos e do modo com que hás de recobrar tua forma primitiva; cujo modo quisera eu que fosse tão fácil como o que se

tan fácil como el que se dice de Apuleyo en *El asno de oro*, que consistía en sólo comer una rosa. Pero este tuyo va fundado en acciones ajenas, y no en tu diligencia. Lo que has de hacer, hijo, es encomendarte a Dios allá en tu corazón, y espera que éstas, que no quiero llamarlas profecías, sino adivinanzas, han de suceder presto y prósperamente; que pues la buena de la Camacha las dijo, sucederán sin duda alguna, y tú y tu hermano, si es vivo, os veréis como deseáis.

»De lo que a mí me pesa es que estoy tan cerca de mi acabamiento que no tendré lugar de verlo. Muchas veces he querido preguntar a mi cabrón qué fin tendrá vuestro suceso, pero no me he atrevido, porque nunca a lo que le preguntamos responde a derechas, sino con razones torcidas y de muchos sentidos; así que a este nuestro amo y señor no hay que preguntarle nada, porque con una verdad mezcla mil mentiras. Y a lo que yo he colegido de sus respuestas, él no sabe nada de lo por venir ciertamente, sino por conjeturas. Con todo esto, nos trae tan engañadas a las que somos brujas, que, con hacernos mil burlas, no le podemos dejar. Vamos a verle muy lejos de aquí, a un gran campo, donde nos juntamos infinidad de gente, brujos y brujas, y allí nos da de comer desabridamente, y pasan otras cosas que en verdad y en Dios y en mi ánimo que no me atrevo a contarlas, según son sucias y asquerosas, y no quiero ofender tus castas orejas. Hay opinión que no vamos a estos convites sino con la fantasía, en

diz de Apuleio no *Asno de Ouro*, que consistia apenas em comer uma rosa²⁶³. Mas o teu está fundado em ações alheias, e não em teu esforço. O que hás de fazer, filho, é encomendar-te a Deus aí no teu coração, e esperar que estas adivinhações, porque não quero chamá-las profecias²⁶⁴, hão de acontecer rápido e prosperamente; pois, se a boa da Camacha as disse, sucederão sem dúvida alguma, e tu e teu irmão, se estiver vivo, ficarão como desejais²⁶⁵.

» O que me pesa é que estou tão perto de meu finamento que não terei lugar de vê-lo. Muitas vezes quis perguntar a meu cabrão²⁶⁶ que fim terá vosso sucesso, mas não me atrevi, porque ele nunca responde com acerto ao que lhe perguntamos, e sim com razões torcidas e de muitos sentidos; assim, a este nosso amo e senhor não se há de perguntar nada, porque com uma verdade mescla mil mentiras. E, pelo que compilei de suas respostas, ele não sabe nada do porvir com certeza, mas só por conjeturas²⁶⁷. Contudo, mantém-nos tão enganadas às que somos bruxas que, mesmo fazendo-nos mil burlas, não o podemos deixar. Vamos vê-lo muito longe daqui, em um grande campo onde se junta uma infinidad de gente, bruxos e bruxas²⁶⁸, e ali nos dá de comer desabridamente, e ocorrem outras coisas que, em verdade e por Deus e por minha alma que não me atrevo a contá-las, pois são sujas e asquerosas, e não quero ofender tuas castas orelhas. Opina-se que vamos a estes convites

la cual nos representa el demonio las imágenes de todas aquellas cosas, que después contamos que nos han sucedido. Otros dicen que no, sino que verdaderamente vamos en cuerpo y en ánima; y entrambas opiniones tengo para mí que son verdaderas, puesto que nosotras no sabemos cuándo vamos de una o de otra manera; porque todo lo que nos pasa en la fantasía es tan intensamente que no hay diferenciarlo de cuando vamos real y verdaderamente. Algunas experiencias desto han hecho los señores inquisidores con algunas de nosotras que han tenido presas, y pienso que han hallado ser verdad lo que digo.

»Quisiera yo, hijo, apartarme deste pecado, y para ello he hecho mis diligencias: heme acogido a ser hospitalera; curo a los pobres, y algunos se mueren que me dan a mí la vida con lo que me mandan o con lo que se les queda entre los remiendos, por el cuidado que yo tengo de espulgarlos los vestidos; rezo poco, y en público; murmuro mucho, y en secreto; vame mejor con ser hipócrita que con ser pecadora declarada; las apariencias de mis buenas obras presentes van borrando en la memoria de los que me conocen las malas obras pasadas. En efeto, la santidad fingida no hace daño a ningún tercero, sino al que la usa. Mira, hijo Montiel, este consejo te doy: que seas bueno en todo cuanto pudieres; y si has de ser malo, procura no parecerlo en todo cuanto pudieres. Bruja soy, no te lo niego; bruja y hechicera fue tu madre, que tampoco

apenas em fantasia, na qual nos apresenta o demônio as imagens de todas aquelas coisas que depois contamos que nos ocorreram²⁶⁹. Outros dizem que não, mas que verdadeiramente vamos de corpo e alma; e ambas as opiniões tenho para mim que são verdadeiras, já que nós não sabemos quando vamos de uma ou de outra maneira; porque tudo o que nos acontece em fantasia é tão intenso que não há como diferenciá-lo de quando vamos real e verdadeiramente. Algumas experiências disto fizeram os senhores inquisidores com algumas de nós que mantiveram presas, e penso que descobriram ser verdade o que digo²⁷⁰.

»Quisera eu, filho, afastar-me deste pecado, e para isso fiz meus esforços: esforcei-me em ser hospitaleira; curo os pobres, e alguns morrem e me dão a vida, com o que me deixam ou com o que lhes fica entre os remendos, pelo cuidado que eu tenho de espulgar-lhes as vestes; rezo pouco, e em público; murmuro muito, e em segredo; cai-me melhor ser hipócrita que pecadora declarada; as aparências de minhas boas obras presentes vão apagando na memória dos que me conhecem as más obras passadas. De fato, a santidad fingida não causa dano a nenhum outro além do que a usa. Olha, filho Montiel, este conselho te dou: que sejas bom em tudo quanto puderes; e se hás de ser mau, procura não parecê-lo o máximo que puderes. Bruja sou, isto não te nego; bruja e feiticeira foi tua mãe, e isto tampouco posso negar-te; mas

te lo puedo negar; pero las buenas apariencias de las dos podían acreditarlos en todo el mundo. Tres días antes que muriese habíamos estado las dos en un valle de los montes Pirineos en una gran jira; y con todo eso, cuando murió fue con tal sosiego y reposo, que si no fueron algunos visajes que hizo un cuarto de hora antes que rindiese el alma, no parecía sino que estaba en aquella cama como en un tálamo de flores. Llevaba atravesados en el corazón sus dos hijos, y nunca quiso, aun en el artículo de la muerte, perdonar a la Camacha; tal era ella de entera y firme en sus cosas. Yo le cerré los ojos, y fui con ella hasta la sepultura; allí la dejé para no verla más, aunque no tengo perdida la esperanza de verla antes que me muera porque se ha dicho por el lugar que la han visto algunas personas andar por los cementerios y encrucijadas en diferentes figuras, y quizá alguna vez la toparé yo, y le preguntaré si manda que haga alguna cosa en descargo de su conciencia.»

»Cada cosa destas que la vieja me decía en alabanza de la que decía ser mi madre era una lanzada que me atravesaba el corazón, y quisiera arremeter a ella y hacerla pedazos entre los dientes; y si lo dejé de hacer fue porque no le tomase la muerte en tan mal estado. Finalmente, me dijo que aquella noche pensaba untarse para ir a uno de sus usados convites, y que cuando allá estuviese pensaba preguntar a su dueño algo de lo que estaba por sucederme. Quisiérale yo preguntar qué unturas eran aquellas que

nossas boas aparências podiam nos dar crédito em todo o mundo. Três dias antes que morresse, nós duas havíamos estado em um vale dos montes Pirineus em uma grande jira²⁷¹; e, contudo, quando morreu foi com tal sossego e repouso que, se não fossem algumas caretas que fez um quarto de hora antes que rendesse a alma, pareceria que estava naquela cama como em um tálamo de flores. Levava atravessados no coração seus dois filhos, e nunca quis, mesmo no momento da morte, perdoar a Camacha; tal era ela íntegra e firme em suas coisas. Eu lhe fechei os olhos e fui com ela até a sepultura; ali a deixei para não vê-la mais, embora não tenha perdido a esperança de vê-la antes de morrer, pois se diz por aí que algumas pessoas a viram andar pelos cemitérios e encruzilhadas em diferentes figuras²⁷², e quem sabe algum dia a encontrarei eu, e lhe perguntarei se ela quer que eu faça alguma coisa em descargo de sua consciência. »

»Cada uma destas coisas que a velha me dizia em louvor daquela que dizia ser minha mãe era uma lançada que me atravessava o coração²⁷³, e gostaria de arremeter contra ela e fazê-la pedaços entre os dentes; e se o deixei de fazer foi para que não a surpreendesse a morte em tão mau estado²⁷⁴. Finalmente, disse-me que aquela noite pensava em untar-se para ir a uma de suas costumeiras reuniões, e que quando estivesse ali pensava em perguntar a seu dono algo do que estava para me acontecer. Quisera eu perguntar-lhe que unturas eram aquelas de que falava, e

decía, y parece que me leyó el deseo, pues respondió a mi intención como si se lo hubiera preguntado, pues dijo:

«Este unguento con que las brujas nos untamos es compuesto de jugos de yerbas en todo extremo fríos, y no es, como dice el vulgo, hecho con la sangre de los niños que ahogamos. Aquí pudieras también preguntarme qué gusto o provecho saca el demonio de hacernos matar las criaturas tiernas, pues sabe que estando bautizadas, como inocentes y sin pecado, se van al cielo, y él recibe pena particular con cada alma cristiana que se le escapa; a lo que no te sabré responder otra cosa sino lo que dice el refrán, que “tal hay que se quiebra dos ojos porque su enemigo se quiebre uno”; y por la pesadumbre que da a sus padres matándoles los hijos, que es la mayor que se puede imaginar. Y lo que más le importa es hacer que nosotras cometamos a cada paso tan cruel y perverso pecado; y todo esto lo permite Dios por nuestros pecados, que sin su permisión yo he visto por experiencia que no puede ofender el diablo a una hormiga; y es tan verdad esto, que rogándole yo una vez que destruyese una viña de un mi enemigo, me respondió que ni aun tocar a una hoja della no podía, porque Dios no quería; por lo cual podrás venir a entender, cuando seas hombre, que todas las desgracias que vienen a las gentes, a los reinos, a las ciudades y a los pueblos; las muertes repentinas, los naufragios, las caídas, en fin, todos los males que llaman de daño

parece que me leu o desejo, pois respondeu à minha intenção como se eu lhe houvesse perguntado, pois disse:

«Este unguento com que nós bruxas nos untamos é composto de sucos de ervas extremamente frios, e não é, como diz o vulgo, feito com o sangue das crianças que afogamos²⁷⁵. Então poderias também perguntar-me que gosto ou proveito tira o demônio em fazer-nos matar as criaturas pequenas, pois sabe que, estando batizadas, como inocentes e sem pecado, vão-se para o céu, e ele recebe pena particular por cada alma cristã que lhe escapa; ao que não te saberei responder outra coisa a não ser o que diz o refrão, que “há gente que fura os dois olhos para que seu inimigo fure um”²⁷⁶; e pelo pesar que dá a seus pais matando-lhes os filhos, que é o maior que se possa imaginar. E o que mais lhe importa é fazer com que nós cometamos a cada passo mais cruel e perverso pecado; e tudo isto permite Deus por nossos pecados, porque sem sua permissão, eu vi por experiência que o diabo não pode maltratar uma formiga; e isto é tão verdade que, rogando-lhe eu uma vez que destruisse uma vinha de um meu inimigo, respondeu-me que nem sequer podia tocar em uma folha dela, porque Deus não queria; pelo que podrás vir a entender, quando fores homem, que todas as desgraças que sucedem às pessoas, aos reinos, às cidades e aos povoados; as mortes repentinas, os naufrágios, as quedas, enfim, todos os males que chamam de dano vêm da

vienen de la mano del Altísimo y de su voluntad permitente; y los daños y males que llaman de culpa, vienen y se causan por nosotros mismos. Dios es impecable; de do se infiere que nosotros somos autores del pecado, formándole en la intención, en la palabra y en la obra; todo permitiéndolo Dios, por nuestros pecados, como ya he dicho. Dirás tú ahora, hijo, si es que acaso me entiendes, que quién me hizo a mí teóloga, y aun quizá dirás entre ti: “¡Cuerpo de tal, con la puta vieja! ¿Por qué no deja de ser bruja pues sabe tanto, y se vuelve a Dios, pues sabe que está más pronto a perdonar pecados que a permitirlos?”. A esto te respondo, como si me lo preguntaras, que la costumbre del vicio se vuelve en naturaleza, y éste de ser brujas se convierte en sangre y carne, y en medio de su ardor, que es mucho, trae un frío que pone en el alma tal, que la resfría y entorpece aun en la fe, de donde nace un olvido de sí misma, y ni se acuerda de los temores con que Dios la amenaza, ni de la gloria con que la convida; y, en efeto, como es pecado de carne y de deleites, es fuerza que amortigüe todos los sentidos, y los embelese y absorte, sin dejarlos usar sus oficios como deben; y así, quedando el alma inútil, floja y desmazelada, no puede levantar la consideración siquiera a tener algún buen pensamiento; y así, dejándose estar sumida en la profunda sima de su miseria, no quiere alzar la mano a la de Dios, que se la está dando por sola su misericordia para que se levante. Yo tengo una destas almas que te he

mão do Altíssimo e de sua vontade autorizada; e os danos e males que chamam de culpa acontecem e são causados por nós mesmos²⁷⁷. Deus é impecável; donde se infere que nós somos autores do pecado, formando-o na intenção, na palavra e na obra; tudo permitindo Deus, por nossos pecados, como já disse. Perguntarás tu agora, filho, se acaso me entendes, quem é que me fez teóloga, e talvez digas a ti mesmo: “Corpo de tal, com a puta velha!”²⁷⁸ Por que não deixa de ser bruxa, pois sabe tanto, e se volta a Deus, pois sabe que está mais pronto a perdoar os pecados do que permiti-los?”. A isto te respondo, como se mo perguntasses, que o costume do vício se torna natureza, e este de ser bruxas se converte em sangue e carne, e em meio ao seu ardor, que é muito, traz um frio que coloca na alma, que a resfria e entorpece também na fé, donde nasce um olvido de si mesma, e nem se recorda dos temores com que Deus a ameaça nem da glória com que a convida; e, de fato, como é pecado de carne e de deleites, é forçoso que amortença todos os sentidos, e os encante e absorva, sem deixá-los usar seus ofícios como devem; e assim, tornando-se a alma inútil, fraca e desmazelada, não pode levar em consideração sequer ter algum bom pensamento; e assim, deixando-se estar sumida na profunda cova de sua miséria, não quer levantar a mão à de Deus, que a está dando somente por misericórdia, para que se levante. Eu tenho uma destas almas que te descrevi. Tudo

pintado. Todo lo veo y todo lo entiendo, y como el deleite me tiene echados grillos a la voluntad, siempre he sido y seré mala.

»Pero dejemos esto y volvamos a lo de las unturas; y digo que son tan frías, que nos privan de todos los sentidos en untándonos con ellas, y quedamos tendidas y desnudas en el suelo, y entonces dicen que en la fantasía pasamos todo aquello que nos parece pasar verdaderamente. Otras veces, acabadas de untar, a nuestro parecer mudamos forma, y convertidas en gallos, lechuzas o cuervos, vamos al lugar donde nuestro dueño nos espera, y allí cobramos nuestra primera forma y gozamos de los deleites que te dejo de decir, por ser tales que la memoria se escandaliza en acordarse dellos, y así la lengua huye de contarlos; y con todo esto soy bruja, y cubro con la capa de la hipocresía todas mis muchas faltas. Verdad es que si algunos me estiman y honran por buena, no faltan muchos que me dicen, no dos dedos del oído, el nombre de las fiestas, que es el que les imprimió la furia de un juez colérico que en los tiempos pasados tuvo que ver conmigo y con tu madre, depositando su ira en las manos de un verdugo que, por no estar sobornado, usó de toda su plena potestad y rigor con nuestras espaldas. Pero esto ya pasó, y todas las cosas se pasan; las memorias se acaban, las vidas no vuelven, las lenguas se cansan, los sucesos nuevos hacen olvidar los pasados. Hospitalera soy; buenas muestras doy de mi

vejo e tudo entendo, e como o deleite me colocou grilhões à vontade, sempre fui e serei má²⁷⁹.

»Porém, deixemos disto e voltemos às unturas²⁸⁰; e digo que são tão frias que nos privam de todos os sentidos, em untando-nos com elas, e ficamos estendidas e nuas no chão, e então dizem que em fantasia passamos tudo aquilo que nos parece acontecer verdadeiramente. Outras vezes, acabando-nos de untar, a nosso parecer mudamos de forma e, convertidas em galos, corujas ou corvos, vamos ao lugar onde nosso dono nos espera, e ali recobramos nossa forma primitiva e gozamos dos deleites que te deixo de dizer, por ser tais que a memória se escandaliza ao recordar-se deles, e assim a língua foge de contá-los; contudo, sou bruxa, e cubro com a capa da hipocrisia todas as minhas muitas faltas. É verdade que, se alguns me estimam e honram por boa, não faltam muitos que me dizem, bem perto do ouvido, o nome das festas²⁸¹, que é o que lhes imprimiu a fúria de um juiz colérico que, nos tempos passados, teve algo a ver comigo e com tua mãe, depositando sua ira nas mãos de um verdugo que, por não estar subornado, usou de toda a sua plena potência e rigor em nossas costas. Mas isto já passou, e todas as coisas passam; as memórias acabam, as vidas não voltam, as línguas se cansam, os sucessos novos fazem olvidar os passados. Hospitalera sou; boas mostras dou de meu proceder; bons momentos me dão minhas unturas; não sou

proceder; buenos ratos me dan mis unturas; no soy tan vieja que no pueda vivir un año, puesto que tengo setenta y cinco; y ya que no puedo ayunar, por la edad; ni rezar, por los váguidos; ni andar romerías, por la flaqueza de mis piernas; ni dar limosna, porque soy pobre; ni pensar en bien, porque soy amiga de murmurar, y para haberlo de hacer es forzoso pensarlo primero, así que siempre mis pensamientos han de ser malos; con todo esto sé que Dios es bueno y misericordioso y que Él sabe lo que ha de ser de mí, y basta; y quédese aquí esta plática, que verdaderamente me entristece. Ven, hijo, y verásme untar, que todos los duelos con pan son buenos; el buen día meterle en casa, pues mientras se ríe no se llora; quiero decir que aunque los gustos que nos da el demonio son aparentes y falsos, todavía nos parecen gustos, y el deleite mucho mayor es imaginado que gozado, aunque en los verdaderos gustos debe de ser al contrario.»

»Levantóse en diciendo esta larga arenga, y tomando el candil se entró en otro aposentillo más estrecho. Seguila combatido de mil varios pensamientos y admirado de lo que había oído y de lo que esperaba ver. Colgó la Cañizares el candil de la pared, y con mucha priesa se desnudó hasta la camisa, y sacando de un rincón una olla vidriada, metió en ella la mano, y murmurando entre dientes, se untó desde los pies a la cabeza, que tenía sin toca. Antes que se acabase de untar me dijo que, ora se

tão velha que não possa viver um ano, embora tenha setenta e cinco²⁸²; e já que não posso jejuar, pela idade; nem rezar, pelas vertigens; nem fazer romarias, pela fraqueza de minhas pernas; nem dar esmolas, porque sou pobre; nem pensar o bem, porque sou amiga de murmurar, e para fazê-lo é forçoso pensar nele primeiro, logo, meus pensamentos sempre hão de ser maus; contudo, sei que Deus é bom e misericordioso e que Ele sabe o que há de ser de mim, e basta; e termine aqui esta conversa, que verdadeiramente me entristece. Vem, filho, e me verás untar, que dores com pão, menores são; o bom dia, passá-lo em casa; pois enquanto se ri não se chora²⁸³; quero dizer que, embora os prazeres que nos dá o demônio sejam aparentes e falsos, ainda assim nos parecem prazeres, e o deleite é muito mais imaginado que gozado, embora nos verdadeiros prazeres deva ser ao contrário.»

»Levantou-se ao terminar esta longa arenga e, pegando a candeia, entrou em outro quartinho mais estreito. Segui-a angustiado por mil vários pensamentos e admirado do que havia ouvido e do que esperava ver. Pendurou a Canhizares a candeia na parede, e com muita pressa se desnudou até a camisa e, tirando de um canto uma panela vidrada, meteu nela a mão e, murmurando entre dentes, untou-se dos pés à cabeça, que levava descoberta. Antes que terminasse de untar-se, me disse que, caso seu corpo permanecesse sem

quedase su cuerpo en aquel aposento sin sentido, ora desapareciese dél, que no me espantase, ni dejase de aguardar allí hasta la mañana, porque sabría las nuevas de lo que me quedaba por pasar hasta ser hombre. Díjele, bajando la cabeza, que sí haría, y con esto acabó su untura, y se tendió en el suelo como muerta. Llegué mi boca a la suya, y vi que no respiraba poco ni mucho.

»Una verdad te quiero confesar, Cipión amigo: que me dio gran temor verme encerrado en aquel estrecho aposento con aquella figura delante, la cual te la pintaré como mejor supiere. Ella era larga de más de siete pies, toda era notomía de huesos cubiertos con una piel negra, vellosa y curtida; con la barriga, que era de badana, se cubría las partes deshonestas, y aun le colgaba hasta la mitad de los muslos; las tetas semejaban dos vejigas de vaca secas y arrugadas; denegridos los labios, traspillados los dientes, la nariz corva y entablada, desencasados los ojos, la cabeza desgrenaada, la mejillas chupadas, angosta la garganta y los pechos sumidos; finalmente, toda era flaca y endemoniada. Púseme de espacio a mirarla, y apriesa comenzó a apoderarse de mí el miedo, considerando la mala visión de su cuerpo y la peor ocupación de su alma. Quise morderla, por ver si volvía en sí, y no hallé parte en toda ella que el asco no me lo estorbasse; pero, con todo esto, la así de un carcaño y la saqué arrastrando al patio; mas ni por esto dio muestras de tener sentido.

sentidos naquele aposento ou desaparecesse dali, que não me espantasse nem deixasse de aguardar ali até de manhã, pois saberia as novidades do que me faltava por acontecer até ser homem. Disse-lhe, baixando a cabeça, que assim faria, e com isto acabou sua untura e se estendeu no chão como morta. Aproximei minha boca da sua e vi que não respirava, nem pouco nem muito.

»Uma verdade te quero confessar, Cipião amigo: que me deu grande temor ver-me encerrado naquele estreito aposento com aquela figura na minha frente, a qual te descreverei como melhor souber²⁸⁴. Ela era alta de mais de sete pés²⁸⁵, era toda esqueleto de ossos cobertos com uma pele negra²⁸⁶, peluda e curtida; com a barriga, que era de pelancas, cobria as partes desonestas, e ainda lhe pendia até a metade das coxas; os peitos pareciam duas bexigas de vaca secas e enrugadas; enegrecidos os lábios, carcomidos os dentes, o nariz curvo e entabuado, desencaixados os olhos, a cabeça desgrenhada, as bochechas chupadas, estreita a garganta e o peito afundado; finalmente, era toda magra e endemoninhada. Pus-me devagar a olhá-la, e rapidamente começou a apoderar-se de mim o medo, considerando a má visão de seu corpo e a pior ocupação de sua alma. Quis mordê-la, para ver se voltava a si, mas não achei uma parte, nela toda, a qual o asco não me estorvasse; porém, apesar de tudo, agarrei-a por um calcanhar e a levei arrastada até o pátio, mas nem por isto deu

Allí, con mirar el cielo y verme en parte ancha, se me quitó el temor; a lo menos, se templó de manera que tuve ánimo de esperar a ver en lo que paraba la ida y vuelta de aquella mala hembra, y lo que me contaba de mis sucesos. En esto me preguntaba yo a mí mismo: ¿quién hizo a esta mala vieja tan discreta y tan mala? ¿De dónde sabe ella cuáles son males de daño y cuáles de culpa? ¿Cómo entiende y habla tanto de Dios, y obra tanto del diablo? ¿Cómo peca tan de malicia, no escusándose con ignorancia?

»En estas consideraciones se pasó la noche y se vino el día, que nos halló a los dos en mitad del patio; ella no vuelta en sí, y a mí junto a ella en cuclillas, atento, mirando su espantosa y fea catadura. Acudió la gente del hospital, y viendo aquel retablo, unos decían: «¡Ya la bendita Cañizares es muerta! Mirad cuán disfigurada y flaca la tenía la penitencia»; otros, más considerados, la tomaron el pulso, y vieron que le tenía, y que no era muerta, por do se dieron a entender que estaba en éxtasis y arrobada, de puro buena. Otros hubo que dijeron: «Esta puta vieja, sin duda debe de ser bruja, y debe de estar untada; que nunca los santos hacen tan deshonestos arrobos, y hasta ahora, entre los que la conocemos, más fama tiene de bruja que de santa». Curiosos hubo que se llegaron a hincarle alfileres por las carnes, desde la punta hasta la cabeza; ni por eso recordaba la dormilona, ni volvió en sí hasta las siete del día; y como se sintió acribada de los alfileres,

mostras de ter sentido. Ali, ao olhar para o céu e ver-me em um lugar aberto, passou-me o temor; ao menos se suavizou, de maneira que tive ânimo de esperar para ver no que terminava a ida e volta daquela besta-fera, e o que contava de meus sucessos. Então me perguntava a mim mesmo: quem fez esta velha má tão discreta e tão maldosa? Como sabe ela quais são os males de dano e quais os de culpa? Como entende e fala tanto de Deus, e trabalha tanto para o diabo? Como peca com tanta malícia, não se escusando com ignorância?

»Nestas considerações, passou-se a noite e veio o dia, que nos descobriu os dois no meio do pátio; ela sem sentidos e eu junto a ela de cócoras, atento, olhando sua espantosa e feia catadura²⁸⁷. Acudiram as pessoas do hospital e, vendo aquela cena, uns diziam: «A bendita Canhizares está morta! Olhai quão desfigurada e fraca a mantinha a penitência». Outros, mais cautos, tomaram-lhe o pulso e viram que o tinha e que não estava morta, donde compreenderam que estava em êxtase e arroubamento, sumamente gozosa²⁸⁸. Outros houve que disseram: «Esta puta velha sem dúvida deve ser bruxa, e deve estar untada; pois os santos nunca fazem tão desonestos arrobos, e até agora, entre os que a conhecem, mais fama tem de bruxa que de santa». Curiosos houve que se aproximaram para fincar-lhe alfinetes pela carne, desde o pé até a cabeça; nem por isso despertava a dorminhoca, nem voltou a si até as sete da manhã; e, como se sentiu crivada pelos

y mordida de los carcañares, y magullada del arrastramiento fuera de su aposento, y a vista de tantos ojos que la estaban mirando, creyó, y creyó la verdad, que yo había sido el autor de su deshonra; y así, arremetió a mí, y echándome ambas manos a la garganta, procuraba ahogarme, diciendo: «¡Oh bellaco, desagradecido, ignorante y malicioso! Y ¿es éste el pago que merecen las buenas obras que a tu madre hice y de las que te pensaba hacer a ti?». Yo, que me vi en peligro de perder la vida entre las uñas de aquella fiera arpía, sacudíme y asiéndole de las luengas faldas de su vientre la zamarreé y arrastré por todo el patio; ella daba voces que la librasen de los dientes de aquel maligno espíritu.

»Con estas razones de la mala vieja creyeron los más que yo debía de ser algún demonio de los que tienen ojeriza continua con los buenos cristianos, y unos acudieron a echarme agua bendita, otros no osaban llegar a quitarme, otros daban voces que me conjurasen; la vieja gruñía; yo apretaba los dientes; crecía la confusión, y mi amo, que ya había llegado al ruido, se desesperaba oyendo decir que yo era demonio. Otros, que no sabían de exorcismos, acudieron a tres o cuatro garrotes, con los cuales comenzaron a santiguarme los lomos. Escocióme la burla, solté la vieja y en tres saltos me puse en la calle, y en pocos más salí de la villa, perseguido de una infinidad de muchachos, que iban a grandes voces diciendo: «¡Apártense, que rabia el perro sabio!». Otros

alfinetes, e mordida pelos calcanhares, e machucada pelo arrastamento para fora de seu quarto, e à vista de tantos olhos que a estavam observando, acreditou, e acreditou certo, que eu havia sido o autor de sua desonra; e assim, arremeteu contra mim e, colocando-me ambas as mãos na garganta, procurava enforcar-me, dizendo: «Oh, velhaco, mal-agradecido, ignorante e malicioso! É este o pago que merecem as boas obras que à tua mãe fiz e as que pensava fazer a ti?». Eu, que me vi a ponto de perder a vida entre as unhas daquela fera harpia, sacudi-me e, agarrando as longas saias de seu ventre, sacudi-a e arrastei por todo o pátio; ela implorava que a livrassem dos dentes daquele maligno espírito.

»Com estas razões da má velha, acreditaram os demais que eu devia ser algum demônio, desses que têm ojeriza contínua aos bons cristãos, e alguns acudiram a jogar-me água benta, outros não ousavam se aproximar para puxar-me, outros gritavam para que me conjurassem; a velha grunhia; eu apertava os dentes; crescia a confusão, e meu amo, que já se havia aproximado do barulho, se desesperava ouvindo dizer que eu era o demônio. Outros, que nada sabiam de exorcismos, acudiram a três ou quatro garrotes, com os quais começaram a benzer-me o lombo. Machucou-me a burla, soltei a velha e em três saltos me pus na rua, e em poucos mais saí do povoado, perseguido por uma infinidad de rapazes que iam a grandes gritos dizendo: «Afastem-se, que está enraivecido o cão sábio!». Outros diziam: «Não

decían: «¡No rabia, sino que es demonio en figura de perro!». Con este molimiento, a campana herida salí del pueblo, siguiéndome muchos que indubitavelmente creyeron que era demonio, así por las cosas que me habían visto hacer, como por las palabras que la vieja dijo cuando despertó de su maldito sueño. Dime tanta priesa a huir y a quitarme delante de sus ojos, que creyeron que me había desaparecido como demonio. En seis horas anduve doce leguas, y llegué a un rancho de gitanos que estaba en un campo junto a Granada. Allí me reparé un poco, porque algunos de los gitanos me conocieron por el perro sabio, y con no pequeño gozo me acogieron y escondieron en una cueva, porque no me hallasen si fuese buscado, con intención, a lo que después entendí, de ganar conmigo como lo hacía el atambor mi amo. Veinte días estuve con ellos, en los cuales supe y noté su vida y costumbres, que por ser notables es forzoso que te las cuente.

CIPIÓN. Antes, Berganza, que pases adelante, es bien que reparemos en lo que te dijo la bruja y averigüemos si puede ser verdad la grande mentira a quien das crédito. Mira, Berganza, grandísimo disparate sería creer que la Camacha mudase los hombres en bestias y que el sacristán en forma de jumento la serviese los años que dicen que la sirvió. Todas estas cosas y las semejantes son emblecos, mentiras o apariencias del demonio; y si a nosotros nos parece ahora que tenemos algún entendimiento y razón,

está enraivecido, mas é o demônio em forma de cão!». Com este molestamento, a toque de caixa saí do povoado, seguindo-me muitos que indubitavelmente acreditaram que eu era demônio, tanto pelas coisas que me haviam visto fazer como pelas palavras que a velha disse quando despertou de seu maldito sono. Tive tanta pressa em fugir e sair diante de seus olhos que acreditaram que eu havia desaparecido como demônio. Em seis horas andei doze léguas, e cheguei a um acampamento de ciganos que ficava em um campo perto de Granada. Ali me reparei um pouco, porque alguns dos ciganos me reconheceram como o cão sábio, e com grande prazer me acolheram e esconderam em uma gruta, para que não me achassem se fosse procurado, com a intenção, que depois percebi, de ganhar comigo como fazia o tamborileiro meu amo. Vinte dias estive com eles, nos quais observei e aprendi sua vida e seus costumes, que por ser notáveis é forçoso que eu tos conte.

CIPÃO. Antes, Berganza, que prossigas, é bom que reparemos no que te disse a bruxa e averigüemos se pode ser verdade a grande mentira à qual dás crédito. Olha, Berganza, grandíssimo disparate seria crer que a Camacha transformasse os homens em bestas e que o sacristão em forma de jumento a servisse durante os anos que dizem que a serviu. Todas estas coisas e as semelhantes são embustes, mentiras ou falsificações do demônio²⁸⁹, e se nos parece agora que temos algum entendimento e razão, pois falamos

pues hablamos siendo verdaderamente perros, o estando en su figura, ya hemos dicho que éste es caso portentoso y jamás visto, y que aunque le tocamos con las manos, no le habemos de dar crédito hasta tanto que el suceso dél nos muestre lo que conviene que creamos. ¿Quiéreselo ver más claro? Considera en cuán vanas cosas y en cuán tontos puntos dijo la Camacha que consistía nuestra restauración; y aquellas que a ti te deben parecer profecías no son sino palabras de consejas o cuentos de viejas, como aquellos del caballo sin cabeza y de la varilla de virtudes, con que se entretienen al fuego las dilatadas noches del invierno; porque, a ser otra cosa, ya estaban cumplidas, si no es que sus palabras se han de tomar en un sentido que he oído decir se llama alegórico, el cual sentido no quiere decir lo que la letra suena sino otra cosa que, aunque diferente, le haga semejanza; y así, decir:

Volverán a su forma verdadera
cuando vieren con presta diligencia
derribar los soberbios levantados,
y alzar a los humildes abatidos
por mano poderosa para hacedlo.

Tomándolo en el sentido que he dicho, páreceme que quiere decir que cobraremos nuestra forma cuando viéremos que los que ayer estaban en la cumbre de la rueda de la fortuna hoy están hollados y abatidos a los pies de la desgracia, y tenidos en poco de aquellos que más los estimaban. Y asimismo, cuando viéremos que otros que no ha dos

sendo verdadeiramente cães ou estando em sua forma, já dissemos que este é caso portentoso e jamais visto, e que, mesmo que o toquemos com as mãos, não lhe havemos de dar crédito até que o fim dele nos mostre o que convém que acreditemos²⁹⁰. Queres vê-lo mais claramente? Considera em quantas coisas vãs e em quantos disparates disse a Camacha que consistia nossa recuperação; e aquelas que te devem parecer profecias não são mais que palavras de aconselhamento ou contos de avós, como aqueles do cavalo sem cabeça e da varinha de virtudes²⁹¹, com que se entretêm ao fogo durante as longas noites de inverno²⁹²; porque, de ser outra coisa, já estariam cumpridas, a não ser que suas palavras se hão de tomar em um sentido que ouvi dizer se chama alegórico, cujo sentido não quer dizer o que a letra aparenta, mas outra coisa que, embora diferente, se lhe tenha semelhança²⁹³; e assim, dizer:

Voltarão à sua forma verdadeira
quando virem, com pronta diligência,
caírem os soberbos levantados,
e alçarem-se os humildes abatidos
por mão poderosa para fazê-lo.

Tomando-o no sentido que eu disse, parece-me que quer dizer que recobramos nossa forma quando virmos que os que ontem estavam no cume da roda da fortuna, hoje estão humilhados e abatidos aos pés da desgracia²⁹⁴, e tidos em pouca conta por aqueles que mais os estimavam. E também quando virmos que outros, que não há duas

horas que no tenían deste mundo otra parte que servir en él de número que acrecentase el de las gentes, y ahora están tan encumbrados sobre la buena dicha que los perdemos de vista; y si primero no parecían por pequeños y encogidos, ahora no los podemos alcanzar por grandes y levantados. Y si en esto consistiera volver nosotros a la forma que dices, ya lo hemos visto y lo vemos a cada paso; por do me doy a entender que no en el sentido alegórico, sino en el literal, se han de tomar los versos de la Camacha; ni tampoco en éste consiste nuestro remedio, pues muchas veces hemos visto lo que dicen y nos estamos tan perros como ves; así que la Camacha fue burladora falsa, y la Cañizares embustera, y la Montiel tonta, maliciosa y bellaca, con perdón sea dicho, si acaso es nuestra madre de entrambos, o tuya, que yo no la quiero tener por madre. Digo, pues, que el verdadero sentido es un juego de bolos, donde con presta diligencia derriban los que están en pie y vuelven a alzar los caídos, y esto por la mano de quien lo puede hacer. Mira, pues, si en el discurso de nuestra vida habremos visto jugar a los bolos, y si hemos visto por esto haber vuelto a ser hombres, si es que lo somos.

BERGANZA. Digo que tienes razón, Cipiión hermano, y que eres más discreto de lo que pensaba; y de lo que has dicho vengo a pensar y creer que todo lo que hasta aquí hemos pasado y lo que estamos pasando es sueño, y que somos perros; pero no por esto dejemos de gozar deste bien de la habla que

horas não tinham neste mundo outra participação que servir nele de número que aumentasse o das gentes, agora estão tão enaltecidos pela boa sorte que os perdemos de vista; e se antes não apareciam por pequenos e encolhidos, agora não os podemos alcançar, por grandes e elevados. E se nisto consistisse em voltarmos à forma que dizes, já o vimos e vemos a cada passo; por onde me dou a entender que não no sentido alegórico, mas no literal, se hão de tomar os versos da Camacha; nem tampouco nestes consiste nosso remédio, pois muitas vezes vimos o que dizem e continuamos tão cães como vês; assim, a Camacha foi burladora falsa, e a Canhizares embusteira, e a Montiel tonta, maliciosa e velhaca, com o perdão da palavra, se acaso for nossa mãe, ou tua, que eu não a quero ter por mãe. Digo, pois, que o verdadeiro sentido é um jogo de boliche, onde, com rápida diligência, derrubam-se os que estão em pé e voltam-se a levantar os caídos, e isto pelas mãos de quem o pode fazer. Olha, pois, se no transcurso de nossa vida não vimos jogar boliche, e se por isso voltamos a ser homens, se é que o somos²⁹⁵.

BERGANZA. Digo que tens razão, Cipião irmão²⁹⁶, e que és mais discreto do que eu pensava; e disto que disseste venho a pensar e acreditar que tudo o que até aqui passamos e o que estamos passando é sonho²⁹⁷, e que somos cães; porém, nem por isto deixemos de gozar deste bem da fala que temos e da

tenemos y de la excelencia tan grande de tener discurso humano todo el tiempo que pudiéremos; y así, no te canse el oírme contar lo que me pasó con los gitanos que me escondieron en la cueva.

CIPIÓN. De buena gana te escucho, por obligarte a que me escuches cuando te cuente, si el cielo fuere servido, los sucesos de mi vida.

BERGANZA. La que tuve con los gitanos fue considerar en aquel tiempo sus muchas malicias, sus embaimientos y embustes, los hurtos en que se ejercitan, así gitanas como gitanos, desde el punto casi que salen de las mantillas y saben andar. ¿Ves la multitud que hay dellos esparcida por España? Pues todos se conocen y tienen noticia los unos de los otros, y trasiegan y trasponen los hurtos éstos en aquéllos, y los de aquéllos en éstos. Dan la obediencia, mejor que a su rey, a uno que llaman conde, al cual, y a todos los que dél suceden, tienen el sobrenombre de Maldonado; y no porque vengan del apellido deste noble linaje, sino porque un paje de un caballero deste nombre se enamoró de una gitana, la cual no le quiso conceder su amor si no se hacía gitano y la tomaba por mujer. Hízolo así el paje y agradó tanto a los demás gitanos que le alzaron por señor y le dieron la obediencia; y como en señal de vasallaje, le acuden con parte de los hurtos que hacen, como sean de importancia. Ocúpanse, por dar color a su ociosidad, en labrar cosas de hierro, haciendo instrumentos con que facilitan sus hurtos; y así, los verás siempre

excelência tão grande de ter discurso humano todo o tempo que pudermos; e assim, que não te canse ouvir-me contar o que me passou com os ciganos que me esconderam na gruta.

CIPILÃO. Com boa vontade te escuto, para obrigar-te a que me escuches quando te conte, se o céu permitir, os sucessos de minha vida.

BERGANZA. A que tive com os ciganos foi observar, naquela ocasião, suas muitas malícias, suas trapaças e embustes, os furtos em que se exercitam, tanto ciganas como ciganos, quase desde o momento que saem dos cueiros e aprendem a andar. Vês a multidão que há deles espalhada pela Espanha? Pois todos se conhecem e têm notícia uns dos outros, e transferem e trocam os furtos destes por aqueles, e os daqueles por estes. Prestam obediência, maior que a seu rei, a um que chamam conde, o qual, e todos os que dele sucedem, tem o nome de Maldonado²⁹⁸; e não porque venha do sobrenome desta nobre linhagem, mas porque um pajem de um cavaleiro deste nome se enamorou de uma cigana, a qual não lhe quis conceder seu amor se ele não se tornasse cigano e a tomasse por mulher. Assim fez o pajem e agradou tanto aos demais ciganos que o elegeram por senhor e prestaram-lhe obediência; e como sinal de vassalagem, acodem-lhe com parte dos furtos que fazem, quando são de importância. Ocupam-se, para dar cor à sua ociosidade, em forjar coisas de ferro, fazendo instrumentos com que facilitam

traer a vender por las calles tenazas, barrenas, martillos; y ellas, trébedes y badiles. Todas ellas son parteras, y en esto llevan ventaja a las nuestras, porque sin costa ni adherentes sacan sus partos a luz, y lavan las criaturas con agua fría en naciendo; y desde que nacen hasta que mueren se curten y muestran a sufrir las inclemencias y rigores del cielo; y así verás que todos son alentados, volteadores, corredores y bailadores. Cásanse siempre entre ellos, porque no salgan sus malas costumbres a ser conocidas de otros; ellas guardan el decoro a sus maridos, y pocas hay que les ofendan con otros que no sean de su generación. Cuando piden limosna, más la sacan con invenciones y chocarrerías que con devociones; y a título que no hay quien se fíe dellas, no sirven, y dan en ser holgazanas; y pocas o ninguna vez he visto, si mal no me acuerdo, ninguna gitana a pie de altar comulgando, puesto que muchas veces he entrado en las iglesias. Son sus pensamientos imaginar cómo han de engañar y dónde han de hurtar; confieren sus hurtos, y el modo que tuvieron en hacellos; y así, un día contó un gitano delante de mí a otros un engaño y hurto que un día había hecho a un labrador, y fue que el gitano tenía un asno rabón, y en el pedazo de la cola que tenía sin cerdas le ingirió otra peluda, que parecía ser suya natural. Sacóle al mercado, comprósele un labrador por diez ducados, y en habiéndosele vendido y cobrado el dinero, le dijo que si quería

seus furtos; e assim, vê-los-ás sempre a vender pelas ruas pinças, verrumas, martelos; e elas, tripés e pás²⁹⁹. Todas elas são parteiras, e nisto levam vantagem sobre as nossas, porque sem custos nem gastos dão suas crias à luz, e lavam as criaturas com água fria ao nascer; e desde que nascem até que morrem se acostumam e passam a sofrer as inclemências e rigores do céu; e assim verás que todos são voluntariosos, volteadores, corredores e dançarinos. Casam-se sempre entre eles, para que não venham seus maus costumes a ser conhecidos por outros; elas guardam o decoro a seus maridos, e poucas há que os ofendam com outros que não sejam de sua raça³⁰⁰. Quando pedem esmola, mais a conseguem com invenções e chocarrice que com dedicação; e, com a desculpa de que não há quem se fíe nelas, não servem, e dão em ser folgazãs; e poucas ou nenhuma vez eu vi, se mal me lembre, alguma cigana ao pé do altar comungando, embora muitas vezes eu tenha entrado nas igrejas. São seus únicos pensamentos imaginar como hão de enganar e onde hão de roubar; conferem seus furtos e o modo que tiveram para fazê-los; e assim, um dia contou um cigano diante de mim aos outros um engano e furto que um dia havia feito a um lavrador, e foi que o cigano tinha um asno rabão, e no pedaço do rabo em que não havia pêlos lhe acrescentou outro peludo, que parecia ser seu natural. Levou-o ao mercado, comprou-o um lavrador por dez ducados e, tendo-lhe vendido e recebido o

comprarle otro asno hermano del mismo, y tan bueno como el que llevaba, que se le vendería por más buen precio. Respondióle el labrador que fuese por él y le trujese, que él se le compraría, y que en tanto que volviese llevaría el comprado a su posada. Fuese el labrador, siguióle el gitano, y sea como sea, el gitano tuvo maña de hurtar al labrador el asno que le había vendido, y al mismo instante le quitó la cola postiza, y quedó con la suya pelada. Mudóle la albarda y jáquima, y atrevióse a ir a buscar al labrador para que se le comprase, y hallóle antes que hubiese echado menos el asno primero, y a pocos lances compró el segundo. Fuéle a pagar a la posada, donde halló menos la bestia a la bestia; y aunque lo era mucho, sospechó que el gitano se le había hurtado y no quería pagarle. Acudió el gitano por testigos, y trujo a los que habían cobrado la alcabala del primer jumento, y juraron que el gitano había vendido al labrador un asno con una cola muy larga y muy diferente del asno segundo que vendía. A todo esto se halló presente un alguacil, que hizo las partes del gitano con tantas veras que el labrador hubo de pagar el asno dos veces. Otros muchos hurtos contaron, y todos, o los más, de bestias, en quien son ellos graduados y en lo que más se ejercitan. Finalmente, ella es mala gente, y aunque muchos y muy prudentes jueces han salido contra ellos, no por eso se enmiendan.

»A cabo de veinte días me quisieron llevar a

dinheiro, perguntou-lhe se queria comprar outro asno irmão do mesmo, e tão bom quanto o que levava, que o venderia por melhor preço. O lavrador respondeu-lhe que fosse buscá-lo e lho trouxesse, que ele o compraria, e que, enquanto não voltasse, levaria o comprado à sua pousada. Foi-se o lavrador, seguiu-lhe o cigano, e, seja como for, o cigano teve malícia de furtar do lavrador o asno que lhe havia vendido, e no mesmo instante arrancou-lhe o rabo postiço, e deixou o asno com o seu cortado. Mudou-lhe a albarda e o cabresto, e atreveu-se a ir buscar o lavrador para que o comprasse, e achou-o antes que tivesse dado falta do primeiro asno, e em poucos momentos comprou o segundo. Foi pagá-lo na pousada, onde o besta não achou a besta; e embora o fosse muito, suspeitou que o cigano o furtara e não queria pagá-lo. Acudiu o cigano por testemunhas, e trouxe os que haviam recebido as alvíssaras do primeiro jumento, e juraram que o cigano havia vendido ao lavrador um asno com um rabo mui comprido e mui diferente do segundo asno que vendia. A tudo isto se achou presente um aguazil, que tomou a defesa do cigano com tantas evidências que o lavrador teve de pagar o asno duas vezes. Outros muitos furtos contaram, e todos, ou a maioria, sobre animais, em quem são eles graduados e no que mais se exercitam³⁰¹. Em conclusão, trata-se de má gente, e embora muitos e mui prudentes juízes tenham ido contra eles, nem por isso se emendam³⁰².

»Ao fim de vinte dias me quiseram levar a

Murcia. Pasé por Granada, donde ya estaba el capitán cuyo atambor era mi amo. Como los gitanos lo supieron, me encerraron en un aposento del mesón donde vivían; oíles decir la causa; no me pareció bien el viaje que llevaban, y así, determiné soltarme, como lo hice, y saliéndome de Granada di en una huerta de un morisco, que me acogió de buena voluntad, y yo quedé con mejor, pareciéndome que no me querría para más de para guardarle la huerta, oficio, a mi cuenta, de menos trabajo que el de guardar ganado; y como no había allí altercar sobre tanto más cuanto al salario, fue cosa fácil hallar el morisco criado a quien mandar y yo amo a quien servir. Estuve con él más de un mes, no por el gusto de la vida que tenía, sino por el que me daba saber la de mi amo, y por ella la de todos cuantos moriscos viven en España. ¡Oh, cuántas y cuáles cosas te pudiera decir, Cipión amigo, desta morisca canalla, si no temiera no poderlas dar fin en dos semanas! Y si las hubiera de particularizar, no acabara en dos meses; mas, en efeto, habré de decir algo; y así, oye en general lo que yo vi y noté en particular desta buena gente.

»Por maravilla se hallará entre tantos uno que crea derechamente en la sagrada ley cristiana; todo su intento es acuñar y guardar dinero acuñado; y para conseguirle trabajan, y no comen; en entrando el real en su poder, como no sea sencillo, le condenan a cárcel perpetua y a escuridad eterna; de modo que ganando siempre y gastando nunca, llegan y

Múrcia³⁰³. Passei por Granada, onde já estava o capitão cujo tamborileiro era meu amo. Assim que os ciganos souberam, trancaram-me em um aposento da pousada onde moravam; ouvi-os dizer o motivo; não me pareceu boa a viagem que empreendiam, e assim, decidi soltar-me, como de fato o fiz, e saindo de Granada fui parar em uma horta de um mourisco³⁰⁴, que me acolheu de boa vontade, e eu permaneci com melhor, parecendo-me que me queria apenas para vigiar a horta, oficio, em minha opinião, menos trabalhoso que o de guardar gado; e como não havia ali desacordo quanto ao salário, foi coisa fácil achar o mourisco criado a quem mandar e eu, amo a quem servir. Estive com ele por mais de um mês, não pelo prazer da vida que levava, e sim pelo que aprendia da do meu amo e, por ela, da de todos os mouriscos que vivem na Espanha. Oh, quantas e quais coisas te poderia dizer, Cipião amigo, desta mouriscada canalha³⁰⁵, se não temesse não podê-las terminar em duas semanas! E, se as tivera de particularizar, não acabaria em dois meses; mas, de fato, haverei de dizer algo; e assim, ouve em geral o que eu vi e observei em particular desta boa gente.

»Por maravilha se achará entre tantos algum que acredite corretamente na sagrada lei cristã; toda a sua intenção é acumular e guardar dinheiro cunhado; e para consegui-lo trabalham e não comem; em entrando o real em seu poder, caso não seja *sencillo*³⁰⁶, condenam-no à prisão perpétua e à escuridão eterna; de modo que, sempre ganhando e

amontonan la mayor cantidad de dinero que hay en España. Ellos son su hucha, su polilla, sus picazas y sus comadreas; todo lo llegan, todo lo esconden y todo lo tragan. Considérese que ellos son muchos y que cada día ganan y esconden poco o mucho y que una calentura lenta acaba la vida como la de un tabardillo; y como van creciendo, se van aumentando los escondedores, que crecen y han de crecer en infinito, como la experiencia lo muestra. Entre ellos no hay castidad, ni entran en religión ellos, ni ellas; todos se casan, todos multiplican, porque el vivir sobriamente aumenta las causas de la generación. No los consume la guerra, ni ejercicio que demasiadamente los trabaje; róbannos a pie quedo, y con los frutos de nuestras heredades, que nos revenden, se hacen ricos. No tienen criados, porque todos lo son de sí mismos; no gastan con sus hijos en los estudios, porque su ciencia no es otra que la del robarnos. De los doce hijos de Jacob que he oído decir que entraron en Egipto, cuando los sacó Moisés de aquel cautiverio, salieron seicientos mil varones, sin niños y mujeres; de aquí se podrá inferir lo que multiplicarán las éstos, que, sin comparación, son en mayor número.

CIPIÓN. Buscado se ha remedio para todos los daños que has apuntado y bosquejado en sombra; que bien sé que son más y mayores los que callas que los que cuentas, y hasta ahora no se ha dado con el que conviene; pero

nunca gastando, reúnem e amontoam a maior quantidade de dinheiro que há na Espanha³⁰⁷. Eles são sua arca, sua traça, suas gralhas e suas doninhas³⁰⁸; tudo juntam, tudo escondem e tudo devoram. Considere-se que eles são muitos e que todo dia ganham e escondem pouco ou muito e que uma febre lenta consome-lhes a vida como a de um tifo; e conforme vão crescendo, vão-se aumentando os esconderijos, que crescem e hão de crescer ao infinito, como a experiência demonstra. Entre eles não há castidade, nem entran em ordem religiosa eles nem elas; todos se casam, todos multiplicam, porque o viver sobriamente aumenta as causas da geração. Não os consome a guerra, nem exercício que demasiadamente os ocupe; roubam-nos com toda facilidade, e com os frutos de nossas herdades, que nos revendem, se tornam ricos. Não têm criados, porque todos o são de si mesmos; não gastam com seus filhos nos estudos, porque sua ciência não é outra senão a de roubar-nos. Dos doze filhos de Jacó que ouvi dizer que entraram no Egito, quando os tirou Moisés daquele cativoiro, saíram seiscentos mil varões, além das crianças e mulheres³⁰⁹; daqui se poderá inferir o que multiplicarão as destes que, sem comparação, são em maior número.

CIPÃO. Buscou-se remédio para todos os danos que apontaste e esboçaste por alto; pois bem sei que são mais e maiores os que calas do que os que contas, e até agora não se encontrou o que convém; mas vigilantes

celadores prudentísimos tiene nuestra república, que considerando que España cría y tiene en su seno tantas víboras como moriscos, ayudados de Dios hallarán a tanto daño cierta, presta y segura salida. Di adelante.

BERGANZA. Como mi amo era mezquino, como lo son todos los de su casta, sustentábame con pan de mijo y con algunas sobras de zahínas, común sustento suyo; pero esta miseria me ayudó a llevar el cielo por un modo tan extraño como el que ahora oirás. Cada mañana, juntamente con el alba, amanecía sentado al pie de un granado de muchos que en la huerta había, un mancebo, al parecer estudiante, vestido de bayeta, no tan negra ni tan peluda que no pareciese parda y tundida. Ocupábase en escribir en un cartapacio, y de cuando en cuando se daba palmadas en la frente y se mordía las uñas, estando mirando al cielo; y otras veces se ponía tan imaginativo, que no movía pie, ni mano, ni aun las pestañas; tal era su embelesamiento. Una vez me llegué junto a él sin que me echase de ver; oíle murmurar entre dientes, y al cabo de un buen espacio dio una gran voz, diciendo: «¡Vive el señor, que es la mejor octava que he hecho en todos los días de mi vida!». Y escribiendo apriesa en su cartapacio, daba muestras de gran contento; todo lo cual me dio a entender que el desdichado era poeta. Hícele mis acostumbradas caricias, por asegurarle de mi mansedumbre. Echéme a sus pies, y él, con esta seguridad, prosiguió en sus

prudentísimos tem nossa república, que, considerando que a Espanha cria e mantém em seu seio tantas víboras quantos mouriscos, ajudados por Deus encontrarão certa, rápida e segura saída a tanto dano³¹⁰. Continua.

BERGANZA. Como meu amo era mesquinho, como são todos os de sua raça, sustentava-me com pão de milho e com algumas sobras de sorgo³¹¹, sustento diário seu; mas esta miséria, o céu me ajudou a levar de um modo tão estranho como o que agora ouvirás. Toda manhã, juntamente com a aurora, amanhecia sentado ao pé de uma romãzeira das muitas que havia na horta um jovem, que parecia estudante, vestido de baeta, não tão negra nem tão peluda que não parecesse parda e surrada³¹². Ocupava-se em escrever em um cartapácio, e de quando em quando dava palmadas na testa e mordía as unhas, olhando para o céu³¹³; e outras vezes se punha tão pensativo que não movia o pé, nem a mão, nem mesmo as pestanas; tal era seu encantamento. Uma vez me aproximei dele sem que me fizesse ser visto; ouvi-o murmurar, entre dentes, e ao fim de um bom tempo deu um grande grito, dizendo: «Viva o senhor, que é a melhor oitava que fiz em todos os dias de minha vida!». E escrevendo depressa em seu cartapácio, dava mostras de grande contentamento; tudo isso me deu a entender que o desventurado era poeta³¹⁴. Fiz-lhe minhas costumeiras carícias, para assegurá-lo de minha mansidão. Deitei-me a seus pés, e ele, com esta segurança,

pensamientos y tornó a rascarse la cabeza y a sus arrobos, y a volver a escribir lo que había pensado. Estando en esto, entró en la huerta otro mancebo, galán y bien aderezado, con unos papeles en la mano, en los cuales de cuando en cuando leía. Llegó donde estaba el primero y díjole: «¿Habéis acabado la primera jornada?». «Ahora le di fin – respondió el poeta –, la más gallardamente que imaginarse puede.» «¿De qué manera?», preguntó el segundo. «Désta – respondió el primero –: sale su Santidad del Papa vestido de pontifical con doce cardenales, todos vestidos de morado, porque cuando sucedió el caso que cuenta la historia de mi comedia era tiempo de *mutatio caparum*, en el cual los cardenales no se visten de rojo, sino de morado; y así en todas maneras conviene, para guardar la propiedad, que estos mis cardenales salgan de morado; y éste es un punto que hace mucho al caso para la comedia, y a buen seguro dieran en él, y así hacen a cada paso mil impertinencias y disparates. Yo no he podido errar en esto, porque he leído todo el ceremonial romano, por sólo acertar en estos vestidos.» «Pues ¿de dónde queréis vos – replicó el otro – que tenga mi autor vestidos morados para doce cardenales?» «Pues si me quita uno tan sólo – respondió el poeta –, así le daré yo mi comedia como volar. ¡Cuerpo de tal! ¡Esta apariencia tan grandiosa se ha de perder! Imaginad vos, desde aquí, lo que parecerá en un teatro un Sumo Pontífice con doce graves

prosseguiu em seus pensamentos e tornou a coçar a cabeça e aos seus arrebatamentos, e a voltar a escrever o que havia pensado. Estando nisto, entrou na horta outro jovem, galante e bem trajado, com uns papéis na mão, os quais lia de quando em quando. Chegou onde estava o primeiro e disse-lhe: «Haveis terminado a primeira jornada?» «Agora mesmo lhe dei fim – respondeu o poeta –, o mais galhardamente que se possa imaginar». «De que maneira?», perguntou o segundo. «Desta – respondeu o primeiro –: sai Sua Santidade o Papa vestido de pontifical com doze cardeais, todos vestidos de roxo, porque quando ocorreu o caso que conta a história de minha comédia era tempo de *mutatio caparum*, no qual os cardeais não se vestem de vermelho, e sim de roxo³¹⁵; e de toda forma convém, para manter a exatidão, que estes meus cardeais saiam de roxo; e este é um ponto que muito importa para a comédia, e com certeza o perceberam, e assim fazem a cada passo mil impertinências e disparates. Eu não pude errar nisto, porque li todo o ceremonial romano, apenas para acertar nestas vestes.» «Pois de onde quereis vós – replicou o outro – que meu diretor tire vestes roxas para doze cardeais?» «Pois se me tira apenas um – respondeu o poeta –, dar-lhe-ei minha comédia tanto quanto voar. Corpo de tal! Esta aparência tão grandiosa se há de perder! Imaginai vós, desde já, o que parecerá em um teatro um Sumo Pontífice com doze

cardenales y con otros ministros de acompañamiento que forzosamente han de traer consigo. ¡Vive el cielo que sea uno de los mayores y más altos espectáculos que se haya visto en comedia, aunque sea la del *Ramillete de Daraja!*»

»Aquí acabé de entender que el uno era poeta y el otro comediante. El comediante aconsejó al poeta que cercenase algo de los cardenales, si no quería imposibilitar al autor el hacer la comedia. A lo que dijo el poeta que le agradeciesen que no había puesto todo el conclave que se halló junto al acto memorable que pretendía traer a la memoria de las gentes en su felicísima comedia. Rióse el recitante, y dejóle en su ocupación por irse a la suya, que era estudiar un papel de una comedia nueva. El poeta, después de haber escrito algunas coplas de su magnífica comedia con mucho sosiego y espacio, sacó de la faldriquera algunos mendrugos de pan y obra de veinte pasas, que, a mi parecer, entiendo que se las conté, y aún estoy en duda si eran tantas; porque juntamente con ellas hacían bulto ciertas migajas de pan que las acompañaban. Sopló y apartó las migajas, y una a una se comió las pasas y los palillos, porque no le vi arrojar ninguno, ayudándolas con los mendrugos, que morados con la borra de la faldriquera, parecían mohosos, y eran tan duros de condición, que aunque él procuró enternecerlos, paseándolos por la boca una y muchas veces, no fue posible moverlos de su terquedad; todo lo cual

graves cardeais e com outros prelados de acompanhamento que forçosamente hão de trazer consigo. Pelos céus que será um dos maiores e mais altos espetáculos que já se viu em comédia, mesmo que seja a do *Ramillete de Daraja!*³¹⁶»

»Aqui terminei por entender que um era poeta e o outro, comediante. O comediante aconselhou ao poeta que cortasse algo dos cardeais, se não quisesse impossibilitar o diretor de fazer a comédia. Ao que disse o poeta que lhe agradecessem porque não havia posto todo o conclave que esteve presente no ato memorável que pretendia trazer à memória das pessoas em sua felicíssima comédia. Riu-se o recitante, e deixou-o em sua ocupação para ir-se à sua, que era estudar o papel de uma comédia nova. O poeta, depois de haver escrito algumas coplas de sua magnífica comédia com muito sossego e vagar, tirou da algibeira algumas côdeas de pão e obra de umas vinte passas, que, a meu ver, creio que as contei, e ainda estou em dúvida se eram tantas; porque juntamente com elas avultavam certas migalhas de pão que as acompanhavam. Soprou e separou as migalhas, e uma a uma comeu as passas e os cabinhos, pois não o vi dispensar nenhum, ajudando-os com as côdeas, que, arroxeadas pelos fiapos da algibeira, pareciam mofadas, e eram tão duras de constituição que, embora ele procurasse amaciá-las, passeando-as pela boca uma e muitas vezes, não foi possível movê-las de sua condição; tudo isto redundou

redundó en mi provecho, porque me los arrojó, diciendo: «¡To, to! Toma, que buen provecho te hagan». «¡Mirad – dije entre mí –, qué néctar o ambrosía me da este poeta, de los que ellos dicen que se mantienen los dioses y su Apolo allá en el cielo!» En fin, por la mayor parte, grande es la miseria de los poetas, pero mayor era mi necesidad, pues me obligó a comer lo que él desechaba. En tanto que duró la composición de su comedia no dejó de venir a la huerta ni a mí me faltaron mendrugos, porque los repartía conmigo con mucha liberalidad, y luego nos íbamos a la noria, donde yo de bruces y él con un cangilón, satisfacíamos la sed como unos monarcas. Pero faltó el poeta, y sobró en mí la hambre tanto, que determiné dejar al morisco y entrarme en la ciudad a buscar ventura, que la halla el que se muda. Al entrar de la ciudad vi que salía del famoso monasterio de San Jerónimo mi poeta, que, como me vio, se vino a mí con los brazos abiertos, y yo me fui a él con nuevas muestras de regocijo por haberle hallado. Luego al instante comenzó a desembaular pedazos de pan, más tiernos de los que solía llevar a la huerta, y a entregarlos a mis dientes sin repararlos por los suyos, merced que con nuevo gusto satisfizo mi hambre. Los tiernos mendrugos y el haber visto salir a mi poeta del monasterio dicho me pusieron en sospecha de que tenía las musas vergonzantes, como otros muchos las tienen. Encaminóse a la ciudad, y yo le seguí, con

em meu proveito, porque mas lançou, dizendo: «Totó! Toma, que te sejam de bom proveito». «Olhai – disse a mim mesmo –, que néctar ou ambrosia me dá este poeta, do tipo que eles dizem que se sustentam os deuses e seu Apolo lá no céu!³¹⁷» Enfim, na maior parte, grande é a miséria dos poetas, porém maior era minha necessidade, pois me obrigou a comer o que ele descartava. Enquanto durou a composição de sua comédia, não deixou de vir à horta nem me faltaram côdeas, porque as repartia comigo com muita liberalidade, e depois nos íamos ao poço, onde, eu de bruços e ele com um canjirão, satisfazíamos a sede como uns reis. Mas um dia faltou o poeta, e sobrou em mim tanta fome que eu decidi deixar o mourisco e entrar na cidade a buscar boa ventura, pois a acha quem se muda. Ao entrar na cidade, vi que saía do famoso mosteiro de São Jerônimo meu poeta³¹⁸, que, assim que me viu, veio a mim com os braços abertos, e eu fui até ele com novas mostras de regozijo por tê-lo achado. No mesmo instante começou a atirar pedaços de pão, mais moles do que os que costumava levar na horta, e a entregá-los a meus dentes sem repassá-los pelos seus, mercê que com novo prazer satisfez minha fome. As côdeas macias e ter visto meu poeta sair do tal mosteiro me deram a suspeita de que ele tinha as musas envergonhadas, como outros muitos as têm³¹⁹. Encaminhou-se à cidade e eu o segui, com a determinação de tê-lo por amo se ele quisesse, imaginando que

determinación de tenerle por amo si él quisiese, imaginando que de las sobras de su castillo se podía mantener mi real; porque no hay mayor ni mejor bolsa que la de la caridad, cuyas liberales manos jamás están pobres; y, así, no estoy bien con aquel refrán que dice: «Más da el duro, que el desnudo», como si el duro y avaro diese algo, como lo da el liberal desnudo, que, en efeto, da el buen deseo, cuando más no tiene. De lance en lance, paramos en la casa de un autor de comedias que, a lo que me acuerdo, se llamaba Angulo el Malo, de otro Angulo, no autor, sino representante, el más gracioso que entonces tuvieron y ahora tienen las comedias. Juntóse toda la compañía a oír la comedia de mi amo, que ya por tal le tenía; y a la mitad de la jornada primera, uno a uno y dos a dos se fueron saliendo todos, excepto el autor y yo, que servíamos de oyentes. La comedia era tal, que con ser yo un asno en esto de la poesía, me pareció que la había compuesto el mismo satanás para total ruina y perdición del mismo poeta, que ya iba tragando saliva viendo la soledad en que el auditorio le había dejado; y no era mucho, si el alma, présaga, le decía allá dentro la desgracia que le estaba amenazando, que fue volver todos los recitantes, que pasaban de doce, y sin hablar palabra asieron de mi poeta, y si no fuera porque la autoridad del autor, llena de ruegos y voces, se puso de por medio, sin duda le mantearan. Quedé yo del caso pasmado; el autor, desabrido; los

das sobras de seu castelo podia se manter meu exército; pois não há maior nem melhor saco que o de caridade, cujas mãos liberais jamais são pobres; e assim, não estou de acordo com aquele refrão que diz: «Mais dá o duro que o desnudo»³²⁰, como se o sovina e avaro desse algo, como dá o liberal pobre que, de fato, dá o bom desejo, quando não tem nada mais. De lance em lance paramos na casa de um diretor de comédias que, se bem me lembro, se chamava Angulo o Mau, de outro Angulo³²¹, não diretor, mas ator, o mais engraçado que por então tiveram e ainda têm as comédias. Juntou-se toda a companhia para ouvir a comédia de meu amo³²², que já por tal eu o tinha; e na metade da jornada primeira, um por um e dois a dois foram saindo todos, exceto o diretor e eu, que servíamos de ouvintes. A comédia era tal que, mesmo eu sendo um asno em matéria de poesia, me pareceu que a havia composto o próprio satanás, para total ruína e perdição do próprio poeta, que já ia engolindo saliva, vendo a soledade em que o auditório o havia deixado; e não era tudo, pois a alma, pressagiosa, lhe dizia no íntimo a desgraça que o estava ameaçando, que foi a de voltarem todos os recitantes, que passavam de doze³²³, e sem uma palavra agarraram meu poeta e, se não fosse pela autoridade do diretor, que, cheia de rogos e gritos, se intrometeu, sem dúvida o manteariam³²⁴. Fiquei eu pasmo com o ocorrido; o diretor, desabrido; os farsantes, alegres; e o poeta, consternado; o qual, com

farsantes, alegres, y el poeta, mohíno; el cual con mucha paciencia, aunque algo torcido el rostro, tomó su comedia, y encerrándosela en el seno, medio murmurando, dijo: «No es bien echar las margaritas a los puercos»; y con esto se fue con mucho sosiego. Yo, de corrido, ni pude ni quise seguirle, y acertélo, a causa que el autor me hizo tantas caricias que me obligaron a que con él me quedase, y en menos de un mes salí grande entremesista y gran farsante de figuras mudas. Pusiéronme un freno de orillos y enseñáronme a que arremetiese en el teatro a quien ellos querían; de modo que como los entremeses solían acabar por la mayor parte en palos, en la compañía de mi amo acababan en zuzarme, y yo derribaba y atropellaba a todos, con que daba que reír a los ignorantes y mucha ganancia a mi dueño. ¡Oh, Cipión, quién te pudiera contar lo que vi en ésta y en otras dos compañías de comediantes en que anduve! Mas por no ser posible reducirlo a narración sucinta y breve, lo habré de dejar para otro día, si es que ha de haber otro día en que nos comuniquemos. ¿Ves cuán larga ha sido mi plática? ¿Ves mis muchos y diversos sucesos? ¿Consideras mis caminos y mis amos tantos? Pues todo lo que has oído es nada, comparado a lo que te pudiera contar de lo que noté, averigüé y vi desta gente, su proceder, su vida, sus costumbres, sus ejercicios, su trabajo, su ociosidad, su ignorancia y su agudeza, con otras infinitas cosas, unas para decirse al oído y otras para

muita paciência, ainda que com o rosto algo contorcido, pegou sua comédia e, encerrando-a no peito, meio murmurando, disse: «Não é certo atirar pérolas aos porcos»³²⁵; e com isto se foi com muita calma. Eu, de vergonha, não pude nem quis segui-lo; e foi o mais certo, porque o diretor me fez tantas carícias que me obrigaram a permanecer com ele, e em menos de um mês saí grande entremesista e grande farsante de figuras mudas³²⁶. Puseram-me um freio de pano e ensinaram-me a atacar no teatro quem eles quisessem; de modo que, como os entremezes costumavam acabar em sua maior parte em pauladas³²⁷, na companhia de meu amo acabavam por provocar-me, e eu derrubava e atropelava todos, com o que dava riso aos ignorantes e muito dinheiro a meu dono. Oh, Cipião, se eu te pudesse contar o que vi nesta e em outras duas companhias de comediantes em que estive! Mas, por não ser possível reduzi-lo a narração sucinta e breve, haverei de deixá-lo para outro dia, se é que há de haver outro dia em que nos comuniquemos. Vês quão longa foi minha conversa? Vês meus muitos e diversos sucessos? Consideras muitos os meus caminhos e meus amos? Pois tudo o que ouviste é nada, comparado ao que te poderia contar do que notei, averigüei e vi desta gente; seu proceder, sua vida, seus costumes, seu ofício, seu trabalho, sua ociosidade, sua ignorância e sua agudeza, e outras infinitas coisas, umas para dizer ao ouvido e outras para aclamar em público, e

aclamallas en público, y todas para hacer memoria dellas y para desengaño de muchos que idolatran en figuras fingidas y en bellezas de artificio y de transformación.

CIPIÓN. Bien se me trasluce, Berganza, el largo campo que se te descubría para dilatar tu plática, y soy de parecer que la dejes para cuento particular y para sosiego no sobresaltado.

BERGANZA. Sea así, y escucha. Con una compañía llegué a esta ciudad de Valladolid, donde en un entremés me dieron una herida que me llegó casi al fin de la vida; no pude vengarme, por estar enfrenado entonces, y después, a sangre fría, no quise, que la venganza pensada arguye crueldad y mal ánimo. Cansóme aquel ejercicio, no por ser trabajo, sino porque veía en él cosas que juntamente pedían enmienda y castigo; y como a mí estaba más el sentillo que el remediallo, acordé de no verlo, y así, me acogí a sagrado, como hacen aquellos que dejan los vicios cuando no pueden ejercitallos, aunque más vale tarde que nunca. Digo, pues, que viéndote una noche llevar la linterna con el buen cristiano Mahúdes, te consideré contento, y justa y santamente ocupado; y lleno de buena envidia quise seguir tus pasos, y con esta loable intención me puse delante de Mahúdes, que luego me eligió para tu compañero y me trujo a este hospital. Lo que en él me ha sucedido no es tan poco que no haya menester espacio para contallo, especialmente lo que oí a cuatro

todas para ser guardadas na memória e para desengano de muitos que idolatram personagens fingidas e belezas de artificio e de transformação.

CIPÃO. Bem percebo, Berganza, o longo campo que se te descortina para estender tua conversa, e eu sou de opinião que a deixes para conto particular³²⁸ e para sossego não perturbado.

BERGANZA. Assim seja, e escuta. Com uma companhia cheguei a esta cidade de Valladolid, onde em um entremez me fizeram uma ferida que me levou quase ao fim da vida; não pude vingar-me, por estar então com o freio, e depois, a sangue-frio, não quis³²⁹, porque a vingança pensada revela crueldade e mal ânimo. Cansou-me aquele ofício, não por ser trabalhoso, mas porque via nele coisas que pediam tanto emenda como castigo; e como a mim competia mais sentir que remediar, decidi não vê-las, e assim, recorri ao sagrado³³⁰, como fazem aqueles que abandonam os vícios quando não podem exercitá-los, embora antes tarde do que nunca³³¹. Digo, pois, que te vendo uma noite levar a lanterna com o bom cristão Mahúdes, considerei-te contente, e justa e santamente ocupado; e cheio de boa inveja quis seguir teus passos, e com esta louvável intenção me pus diante de Mahúdes, que logo me escolheu para teu companheiro e me trouxe a este hospital. O que nele me aconteceu não é tão pouco que não necessite de espaço para contá-lo, especialmente o que ouvi de quatro

enfermos que la suerte y la necesidad trujo a este hospital, y a estar todos cuatro juntos en cuatro camas apareadas. Perdóname, porque el cuento es breve, y no sufre dilación, y viene aquí de molde.

CIPIÓN. Sí perdono. Concluye, que, a lo que creo, no debe de estar lejos el día.

BERGANZA. Digo que en las cuatro camas que están al cabo desta enfermería, en la una estaba un alquimista, en la otra un poeta, en la otra un matemático y en la otra uno de los que llaman arbitristas.

CIPIÓN. Ya me acuerdo haber visto a esa buena gente.

BERGANZA. Digo, pues, que una siesta de las del verano pasado, estando cerradas las ventanas y yo cogiendo el aire debajo de la cama del uno dellos, el poeta se comenzó a quejar lastimosamente de su fortuna, y preguntándole el matemático de qué se quejaba, respondió que de su corta suerte. «¿Cómo, y no será razón que me queje – prosiguió –, que habiendo yo guardado lo que Horacio manda en su *Poética*, que no salga a luz la obra que, después de compuesta, no hayan pasado diez años por ella, y que tenga yo una de veinte años de ocupación y doce de pasante; grande en el sujeto, admirable y nueva en la invención, grave en el verso, entretenida en los episodios, maravillosa en la división, porque el principio responde al medio y al fin, de manera que constituyen el poema alto, sonoro, heroico, deleitable y sustancioso, y que, con todo esto, no hallo un

enfermos que a sorte e a necessidade trouxeram a este hospital, e a estar todos os quatro juntos em quatro camas emparelhadas.

Tu me perdoes, pois a história é breve e não sofre dilação, e cai aqui de molde.

CIPÃO. Sim, perdô. Conclui, pois, pelo que creio, não deve estar distante o dia.

BERGANZA. Digo que nas quatro camas que estão no fim desta enfermaria, em uma estava um alquimista; na outra, um poeta; na outra, um matemático; e na outra, um daqueles que chamam arbitristas³³².

CIPÃO. Bem me lembro de ter visto essa boa gente³³³.

BERGANZA. Digo, pois, que em uma sesta das do verão passado, estando fechadas as janelas e eu tomando ar debaixo da cama de um deles, o poeta começou a queixar-se lastimosamente de sua fortuna, e, perguntando-lhe o matemático de que se queixava, respondeu que de sua má sorte. «Como, e não será razão de que me queixe – prosseguiu – que, tendo eu respeitado o que Horácio ordena em sua *Poética*, de que não saia à luz obra que, depois de composta, não se tenham passado dez anos³³⁴, e que tenha eu uma de vinte anos de composição e doze de expectativa; grande no assunto, admirável e nova na invenção, grave no verso, divertida nos episódios, maravilhosa na divisão, porque o princípio corresponde ao meio e ao fim, de maneira que tornam o poema alto, sonoro, heróico, deleitável e substancioso, e, contudo, não encontro um príncipe a quem

príncipe a quien dirigirle? Príncipe, digo, que sea inteligente, liberal y magnánimo. ¡Mísera edad y depravado siglo nuestro!» «¿De qué trata el libro?», preguntó el alquimista. Respondió el poeta: «Trata de lo que dejó de escribir el arzobispo Turpín del rey Artús de Inglaterra, con otro suplemento de la *Historia de la demanda del santo brial*, y todo en verso heroico, parte en octavas y parte en verso suelto; pero todo esdrújulamente, digo, en esdrújulos de nombres sustantivos, sin admitir verbo alguno». «A mí – respondió el alquimista – poco se me entiende de poesía, y así no sabré poner en su punto la desgracia de que vuesa merced se queja, puesto que, aunque fuera mayor, no se igualaba a la mía, que es que, por faltarme instrumento, o un príncipe que me apoye y me dé a la mano los requisitos que la ciencia de la alquimia pide, no estoy ahora manando en oro y con más riquezas que los Midas, que los Crasos y Cresos.» «¿Ha hecho, vuesa merced – dijo a esta sazón el matemático –, señor alquimista, la experiencia de sacar plata de otros metales?» «Yo – respondió el alquimista – no la he sacado hasta ahora, pero realmente sé que se saca, y a mí no me faltan dos meses para acabar la piedra filosofal, con que se puede hacer plata y oro de las mismas piedras.» «Bien han exagerado vuestras mercedes sus desgracias – dijo a esta sazón el matemático –, pero, al fin, el uno tiene libro que dirigir y el otro está en potencia propincua de sacar la piedra filosofal; mas,

dirigi-la? Príncipe, digo, que seja inteligente, liberal e magnânimo. Mísera era e depravado século o nosso!» «De que trata o livro?», perguntou o alquimista. Respondeu o poeta: «Trata do que deixou de escrever o arcebispo Turpin acerca do Rei Artur da Inglaterra, com outro suplemento da *História da demanda do santo brial*³³⁵, e tudo isso em verso heróico, parte em oitavas e parte em versos soltos; mas tudo esdruxulamente, digo, em esdrúxulos de nomes sustantivos³³⁶, sem admitir verbo algum». «Eu – respondeu o alquimista – pouco entendo de poesia, e assim não saberei avaliar em seu merecimento a desgraça de que vossa mercê se queixa, embora, mesmo que fosse maior, não se igualaria à minha, que é o fato de que, por faltar-me instrumento ou um príncipe que me apóie e me dê à mão os requisitos que a ciência da alquimia pede, não estou agora nadando em ouro e com mais riquezas que os Midas, que os Crassos e Cressos.³³⁷» «Fez vossa mercê – disse neste momento o matemático –, senhor alquimista, a experiência de extrair prata de outros metais?» «Eu – respondeu o alquimista – não a extraí até agora, mas realmente sei que é possível, e não me faltam dois meses para terminar a pedra filosofal³³⁸, com que se pode fazer prata e ouro das próprias pedras.» «Exageraram vossas mercês suas desgraças – disse a esta altura o matemático –, mas, no fim, um tem livro a quem dirigir e o outro tem a possibilidade

¿qué diré yo de la mía, que es tan sola que no tiene donde arrimarse? Veinte y dos años ha que ando tras hallar el punto fijo, y aquí lo dejo, y allí lo tomo; y pareciéndome que ya lo he hallado y que no se me puede escapar en ninguna manera, cuando no me cato, me hallo tan lejos dél, que me admiro. Lo mismo me acaece con la cuadratura del círculo; que he llegado tan al remate de hallarla, que no sé, ni puedo pensar, cómo no la tengo ya en la faldriquera; y así, es mi pena semejable a las de Tántalo, que está cerca del fruto y muere de hambre, y propincuo al agua, y perece de sed. Por momentos pienso dar en la coyuntura de la verdad, y por minutos me hallo tan lejos della, que vuelvo a subir el monte que acabé de bajar con el canto de mi trabajo a cuestras, como otro nuevo Sísifo.»

»Había hasta este punto guardado silencio el arbitrista, y aquí le rompió, diciendo: «Cuatro quejosos tales que lo pueden ser del Gran Turco ha juntado en este hospital la pobreza, y reniego yo de oficios y ejercicios que ni entretienen ni dan de comer a sus dueños. Yo, señores, soy arbitrista, y he dado a Su Majestad en diferentes tiempos muchos y diferentes arbitrios, todos en provecho suyo y sin daño del reino; y ahora tengo hecho un memorial donde le suplico me señale persona con quien comunique un nuevo arbitrio que tengo, tal que ha de ser la total restauración de sus empeños; pero por lo que me ha sucedido con otros memoriales, entiendo que

propínqua de conseguir a pedra filosofal; mas que direi eu da minha, que é tão única que não tem onde se apoiar? Há vinte e dois anos que procuro achar o ponto fixo, e aqui o acho, e ali se me escapa; e parecendo-me que já o achei e que não me pode fugir de maneira alguma, quando menos espero me acho tão distante dele que me admiro³³⁹. O mesmo me acontece com a quadratura do círculo³⁴⁰; pois cheguei tão perto de achá-la que não sei, nem imagino, como não a tenho já na algibeira; e assim, é minha pena semelhante às de Tântalo³⁴¹, que está perto do fruto e morre de fome, e próximo à água e perece de sede. Por momentos penso topar com a natureza da verdade, e em minutos me acho tão distante dela, que volto a subir o monte que acabei de descer com o canto de meu trabalho às costas, como outro novo Sísifo.³⁴²»

»Havia até este momento guardado silêncio o arbitrista, e aqui o rompeu dizendo: «Quatro queixosos tais que podem sê-lo do Grão-Turco juntou neste hospital a pobreza, e eu renego exercícios e ofícios que não entretêm nem dão de comer a seus donos³⁴³. Eu, senhores, sou arbitrista, e dei à Sua Majestade em diferentes tempos muitos e diferentes arbitrios, todos em seu proveito e sem dano ao reino; e agora fiz um memorial em que lhe suplico que me indique uma pessoa a quem comunique um novo arbítrio que tenho, tal que há de ser a total restauração de seus empenhos³⁴⁴; mas, pelo que me aconteceu com outros memoriais,

éste también ha de parar en el carnero. Mas porque vuestas mercedes no me tengan por mentecato, aunque mi arbitrio quede desde este punto público, le quiero decir, que es éste: hase de pedir en cortes que todos los vasallos de Su Majestad, desde edad de catorce a sesenta años, sean obligados a ayunar una vez en el mes a pan y agua, y esto ha de ser el día que se escogiere y señalare, y que todo el gasto que en otros condumios de fruta, carne y pescado, vino, huevos y legumbres que han de gastar aquel día, se reduzga a dinero, y se dé a Su Majestad, sin defraudalle un ardite, so cargo de juramento; y con esto, en veinte años queda libre de socialiñas y desempeñado. Porque si se hace la cuenta, como yo la tengo hecha, bien hay en España más de tres millones de personas de la dicha edad, fuera de los enfermos, más viejos o más muchachos, y ninguno déstos dejará de gastar, y esto contado al menorete, cada día real y medio; y yo quiero que sea no más de un real, que no puede ser menos, aunque coma alholvas. Pues ¿paréceles a vuestas mercedes que sería barro tener cada mes tres millones de reales como ahechados? Y esto antes sería provecho que daño a los ayunantes, porque con el ayuno agradarían al cielo y servirían a su rey; y tal podría ayunar que le fuese conveniente para su salud. Éste es arbitrio limpio de polvo y de paja, y podríase coger por parroquias, sin costa de comisarios, que destruyen la república». Riyéronse todos del arbitrio y

entendo que esta também há de parar na sarjeta³⁴⁵. Mas, para que vossas mercês não me tenham por mentecapto, mesmo que meu arbítrio se torne daqui em diante público, quero dizê-lo, e é este: há de se pedir nas cortes que todos os vassallos de Sua Majestade, desde a idade de catorze até os sessenta anos, sejam obrigados a passar uma vez por mês a pão e água, e isto há de ser feito no dia em que se escolher e apontar, e que todo o gasto em manjares de fruta, carne e pescado, vinho, ovos e legumes que hão de gastar naquele dia se converta em dinheiro e seja dado à Sua Majestade, sem defraudá-lo um pinga, sob encargo de juramento; e com isto, em vinte anos fica livre de dívidas e desempenhado. Porque, se se faz a conta, como eu a fiz, bem há na Espanha mais de três milhões de pessoas desta idade, fora os enfermos, os mais velhos ou mais jovens, e nenhum destes deixará de gastar, e isso contado por baixo, a cada dia um real e meio; e eu quero que seja não mais que um real, que não pode ser menos, mesmo que se coma alfafa. Pois, parece a vossas mercês que seria ninharia ter todo mês três milhões de reais limpos? E isto antes seria de proveito que de dano aos jejuadores, porque com o jejum agradariam aos céus e serviriam a seu rei; e o jejum poderia até ser conveniente para sua saúde. Este é arbítrio limpo de pó e de palha, e podia-se recolher pelas paróquias, sem necessidade de commissários, que destroem a república»³⁴⁶. Riram-se todos do arbítrio e do

del arbitrante, y él también se riyó de sus disparates, y yo quedé admirado de haberlos oído y de ver que, por la mayor parte, los de semejantes humores venían a morir en los hospitales.

CIPIÓN. Tienes razón, Berganza. Mira si te queda más que decir.

BERGANZA. Dos cosas no más, con que daré fin a mi plática, que ya me parece que viene el día. Yendo una noche mi mayor a pedir limosna en casa del Corregidor desta ciudad, que es un gran caballero y muy gran cristiano, hallámosle solo, y parecióme a mí tomar ocasión de aquella soledad para decirle ciertos advertimientos que había oído decir a un viejo enfermo deste hospital, acerca de cómo se podía remediar la perdición tan notoria de las mozas vagamundas, que por no servir dan en malas y tan malas que pueblan los veranos todos los hospitales de los perdidos que las siguen; plaga intolerable y que pedía presto y eficaz remedio. Digo que queriendo decírselo, alcé la voz, pensando que tenía habla, y en lugar de pronunciar razones concertadas ladré con tanta priesa y con tan levantado tono, que, enfadado el Corregidor, dio voces a sus criados que me echasen de la sala a palos; y un lacayo que acudió a la voz de su señor, que fuera mejor que por entonces estuviera sordo, asió de una cantimplora de cobre que le vino a la mano, y diómela tal en mis costillas, que hasta ahora guardo las reliquias de aquellos golpes.

CIPIÓN. Y ¿quéjaste deso, Berganza?

arbitrante, e ele também se riu de seus disparates, e eu fiquei admirado de tê-los ouvido e de ver que, em sua maior parte, aqueles de semelhantes humores vinham a morrer nos hospitais.

CIPÃO. Tens razão, Berganza. Vê se te falta algo mais a dizer.

BERGANZA. Duas coisas apenas, com que porei fim ao meu discurso, pois me parece que já vem o dia. Indo uma noite meu amo a pedir esmola na casa do Corregedor desta cidade, que é um grande cavaleiro e mui grande cristão³⁴⁷, achamo-lo sozinho, e pareceu-me que eu devia aproveitar a ocasião daquela soledade para dizer-lhe certas advertências que ouvi de um velho enfermo deste hospital, acerca de como se podia remediar a perdição tão notória das moças vagamundas, que por não servir se tornam más, e tão más que povoam todos os hospitais, nos verões, de perdidos que as seguem; praga intolerável e que pedia rápido e eficaz remédio. Digo que, querendo dizer-lhe isto, levantei a voz, pensando que tinha fala, e em lugar de pronunciar razões concertadas, ladrei com tanta pressa e com tão elevado tom que, enfadado o Corregedor, exclamou a seus criados que me expulsassem da sala a pauladas; e um lacaios que acudiu ao grito de seu senhor, que fora melhor que na ocasião estivesse surdo, pegou uma cantimplora de cobre que lhe caiu nas mãos e deu-me tanto nas costelas que até agora guardo as reliquias daqueles golpes.

CIPÃO. E te queixas disso, Berganza?

BERGANZA. Pues ¿no me tengo de quejar, si hasta ahora me duele como he dicho, y si me parece que no merecía tal castigo mi buena intención?

CIPIÓN. Mira, Berganza, nadie se ha de meter donde no le llaman, ni ha de querer usar del oficio que por ningún caso le toca. Y has de considerar que nunca el consejo del pobre, por bueno que sea, fue admitido, ni el pobre humilde ha de tener presunción de aconsejar a los grandes y a los que piensan que se lo saben todo. La sabiduría en el pobre está asombrada, que la necesidad y miseria son las sombras y nubes que la escurecen; y si acaso se descubre, la juzgan por tontedad y la tratan con menosprecio.

BERGANZA. Tienes razón, y escarmentando en mi cabeza, de aquí adelante seguiré tus consejos. Entré, asimismo, otra noche en casa de una señora principal, la cual tenía en los brazos una perrilla destas que llaman de falda, tan pequeña que la pudiera esconder en el seno; la cual, cuando me vio, saltó de los brazos de su señora y arremetió a mí ladrando, y con tan gran denuedo que no paró hasta morderme de una pierna. Volvíla a mirar con respeto y con enojo, y dije entre mí: «Si yo os cogiera, animalejo ruin, en la calle, o no hiciera caso de vos, o os hiciera pedazos entre los dientes». Consideré en ella que hasta los cobardes y de poco ánimo son atrevidos e insolentes cuando son favorecidos, y se adelantan a ofender a los que valen más que ellos.

BERGANZA. Pois não hei de me queixar, se até agora me dói, como eu disse, e se me parece que não merecia tal castigo minha boa intenção?

CIPÃO. Olha, Berganza, ninguém se há de meter onde não é chamado, nem há de querer usar do oficio que de modo algum lhe diz respeito. E hás de considerar que o conselho do pobre, por melhor que seja, nunca foi admitido, nem o pobre humilde há de ter presunção de aconselhar os grandes e os que pensam que sabem tudo. A sabedoria no pobre está escondida, pois a necessidade e a miséria são as sombras e nuvens que a escurecem; e se acaso se descobre, julgam-na besteira e a tratam com menosprezo.

BERGANZA. Tens razão, e censurando meus pensamentos, daqui em diante seguirei teus conselhos. Entrei, também, na noite seguinte na casa de uma senhora principal, a qual tinha nos braços uma cadelinha destas que chamam de saia³⁴⁸, tão pequena que poderia escondê-la no seio; a qual, quando me viu, saltou dos braços de sua senhora e arremeteu contra mim ladrando, e com tão grande esforço que não parou até me morder uma perna. Voltei a olhá-la com respeito e com raiva, e disse a mim mesmo: «Se eu vos pegasse na rua, animalzinho ruim, ou não faria caso de vós, ou vos faria pedaços entre os dentes». Observei, por ela, que até os covardes e de pouco ânimo são atrevidos e insolentes quando são favorecidos, e se adiantam a ofender os que valem mais que eles.

CIPIÓN. Una muestra y señal desa verdad que dices nos dan algunos hombrecillos que a la sombra de sus amos se atreven a ser insolentes; y si acaso la muerte o otro accidente de fortuna derriba el árbol donde se arriman, luego se descubre y manifiesta su poco valor; porque, en efeto, no son de más quilates sus prendas que los que les dan sus dueños y valedores. La virtud y el buen entendimiento siempre es una y siempre es uno, desnudo o vestido, solo o acompañado. Bien es verdad que puede padecer acerca de la estimación de las gentes, mas no en la realidad verdadera de lo que merece y vale. Y con esto pongamos fin a esta plática, que la luz que entra por estos resquicios muestra que es muy entrado el día, y esta noche que viene, si no nos ha dejado este grande beneficio de la habla, será la mía, para contarte mi vida.

BERGANZA. Sea así, y mira que acudas a este mismo puesto.

El acabar el coloquio el licenciado y el despertar el alférez fue todo a un tiempo, y el licenciado dijo:

– Aunque este coloquio sea fingido y nunca haya pasado, paréceme que está tan bien compuesto que puede el señor alférez pasar adelante con el segundo.

– Con ese parecer – respondió el alférez –, me animaré y dispondré a escribirle, sin ponerme más en disputas con vuesa merced si hablaron los perros o no.

A lo que dijo el licenciado:

CIPÃO. Uma mostra e sinal desta verdade que dices nos dão alguns homenzinhos que, à sombra de seus amos, se atrevem a ser insolentes; e se acaso a morte ou outro acidente do destino derruba a árvore onde se arrimam, logo se descobre e manifiesta seu pouco valor; porque, de fato, não são de mais quilates suas prendas que as que lhes dão seus donos e defensores. A virtude e o bom entendimento sempre é uma e sempre é um, nu ou vestido, sozinho ou acompanhado. Bem é verdade que pode padecer da estimação das pessoas, mas não na realidade verdadeira do que merece e vale. E com isto ponhamos fim a esta conversa, porque a luz que entra por estes resquícios mostra que o dia é bastante entrado, e esta noite que vem, se não nos tiver abandonado este grande beneficio da fala, será a minha, para contar-te minha vida.

BERGANZA. Assim seja, e procura vir a este mesmo lugar.

Ao mesmo tempo o licenciado terminou de ler o colóquio e o alferes despertou, e o licenciado disse:

– Embora este colóquio seja fingido e nunca tenha ocorrido, parece-me que está tão bem-composto que pode o senhor alferes prosseguir com o segundo.

– Com esse parecer – respondeu o alferes –, me animarei e disporei a escrevê-lo, sem entrar mais em disputas com vossa mercê se falaram ou não os cães.

Ao que disse o licenciado:

– Señor alférez, no volvamos más a esa disputa. Yo alcanzo el artificio del coloquio y la invención, y basta. Vámonos al Espolón a recrear los ojos del cuerpo, pues ya he recreado los del entendimiento.

– Vamos – dijo el alférez.

Y con esto se fueron.

FIN

– Senhor alferes, não voltemos mais a essa disputa. Eu vejo o artificio do colóquio e a invenção, e basta. Vamo-nos ao Espolón³⁴⁹ a recrear os olhos do corpo, pois já recreei os do entendimento.

– Vamos – disse o alferes.

E com isto se foram.

FIM

NOTAS

As notas que complementam este trabalho de tradução foram elaboradas com base em três edições que reproduzem o texto *princeps* das *Novelas exemplares* (1613). No final da maioria das notas, as siglas que aparecem fazem referência a uma das seguintes edições:

- [GL] Jorge García López (Barcelona, Crítica, 2001)
- [HS] Harry Sieber (Madrid, Cátedra, 1990)
- [SA] Florencio Sevilla Arroyo e Antonio Rey Hazas (Madrid, Espasa Calpe, 1991)

Os dicionários utilizados foram os seguintes:

- [*Autoridades*] *Diccionario de autoridades de la Real Academia Española*. Ed. fac-símile. Madrid, Gredos, 1990.
- [*Corominas*] COROMINAS, J. *Diccionario critico etimologico castellano e hispanico*. Madrid, Gredos, 1991.
- [*Correas*] CORREAS, G. *Vocabulario de refranes y frases proverbiales y otras formulas comunes de la lengua castellana en que van todos los impresos antes y otra gran copia*. Madrid, Visor Libros, 1992.
- [*Covarrubias*] COVARRUBIAS OROZCO, S. de. *Tesoro de la lengua castellana o española*. Madrid, 1611, ed. de Martín de Riquer, Barcelona, Horta, 1943.
- [*Aurélio*] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio século XXI : o dicionário da língua portuguesa*. Coord. e ed. Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- [*Houaiss*] HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa / Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco*. São Paulo, Objetiva, 2001.

-
- ¹ A expressão *casamento enganoso* era comum na época para designar todo matrimônio realizado com fraude por parte de algum dos cônjuges [GL, p. 521].
- ² Tanto a *porta do Campo* quanto o *hospital da Ressurreição* são lugares próximos à casa na qual Cervantes passou os anos em que esteve em Valladolid [GL, p. 521]. González de Amezúa nos oferece a seguinte descrição do hospital: “Poucos passos à frente de sua casa [a casa de Cervantes], além da porta do Campo, ocupando um perímetro bastante extenso limitado pela longa praça chamada Campo Grande, o Rastro, a rua do Peru e a mísera e estreita rua da Lamparina, erguia-se um edifício de construção simples e paredes grossas [...] com seu arco romano de pedras lavradas, seu friso adornado por quatro janelas e coroado por uma capela ou nicho de estilo renascentista [...] que continha uma imagem em pedra do Cristo ressuscitado. A seus pés, na própria cornija da porta e entre dois adornos maciços, lia-se a data: ‘1579’. Aquele sólido edifício era o famoso hospital da Ressurreição.” (Amezúa y Mayo, A. G. de. *Cervantes, creador de la novela corta española*. 2 vols., Valencia, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956, pp. 72-3). O edifício foi derrubado em 1890 [HS, p. 281].
- ³ O alferes Campuzano estava se submetendo ao tratamento contra a sífilis (os bubos, como se dirá mais adiante), cuja medicação provocava forte sudoração [GL, p. 521]. Amezúa (*op. cit.*, p. 414) nos dá a seguinte descrição do paciente típico: “Isolava-se o enfermo, que descansava na cama, em um dos aposentos do hospital que, *ex profeso*, costumavam ser pequenos, em enfermarias altas, sem janelas, o chão coberto com tábuas, tapetes, mantas e esteiras, e nenhuma outra luz senão a de algumas lamparinas de azeite, rejeitando-se a das velas, pois faziam fumaça [...]. Acendiam-se braseiros ou lenha pequena nele, ajudando nesse sudorífero o xarope de madeira [...], de cujo cozimento dava-se ao paciente nove onças de manhãzinha e outras tantas à tarde, envolvendo-o, além disso, em um lençol quente sobre o correspondente aparato de mantas ásperas [...]; e ao fim de trinta dias, término comum da cura [...], davam-no por curado.” [SA, p. 545].
- ⁴ *Humor* está aqui utilizado no sentido médico de “líquido” e com o significado de “enfermidade”. [GL, p. 521] *Humores*: “nos corpos viventes, são aqueles licores de que se nutrem e mantêm, e pertencem à sua constituição física: como no homem o sangue, a cólera, o fleuma e a melancolia; e também os excrementos, como a urina, o suor, etc.” [Autoridades]. Aqui, pois, deve-se entender o “mau humor, a enfermidade” [SA, p. 545].
- ⁵ *cambaleando (haciendo pinitos)*: “dando pequenos passos”, expressão com que se costumava descrever o andar vacilante de recém-nascidos e enfermos [Covarrubias].
- ⁶ *má visão*: no sentido de “fantasma”, produto da fantasia; alude-se também ao aspecto repulsivo do alferes [GL, p. 522].
- ⁷ Campuzano chegou a ser documentado como personagem real pelo cervantismo do século XIX. Alguns editores imaginaram que tal homem existiu realmente, entre eles Eustaquio Fernández de Navarrete, neto do famoso biógrafo de Cervantes. Amezúa descarta tal idéia (*op. cit.*, pp. 374-75) [GL, p. 522 e HS, p. 281].
- ⁸ *terçando ali a lança (terciando allá la pica)*: lutando em um terço (corpo de tropas dos exércitos português e espanhol dos séculos XVI e XVII). *Pica*: espécie de lança longa, composta de uma haste com uma ponta de ferro pequena e aguda no extremo superior [Autoridades]. A frase *poner una pica en Flandes* era comum para expressar a dificuldade de conseguir algo, devido aos problemas em recrutar soldados para que lutassem nas guerras de Flandres [SA, p. 544].

-
- ⁹ licenciado: tratamento dado a advogados, estudantes e a qualquer letrado que vestisse hábitos longos [Autoridades].
- ¹⁰ A *carga* era “medida de peso utilizada para o grão” que equivalia a quatro arrobas [GL, p. 522]. *Bubos* são os “grãos ulcerosos que delatam a sífilis” [Houaiss] e a expressão *catorze cargas de bubos* demonstra a gravidade do estado do soldado. *Covarrubias* diz: “O mal que chamam francês, que tanto se espalhou pelo mundo inteiro. Bubosos são os que têm essa enfermidade [...] Bubo é nome francês e significa pústula, porque os bubos fazem sair ao rosto e à cabeça umas úlceras, que é forçoso ao paciente andar cheio de curativos”. O *Diccionario de Autoridades* dá uma extensa explicação à palavra: “Enfermidade bem conhecida e contagiosa, chamada também mal francês e gaélico, porque (segundo alguns) os franceses a contraíram quando entraram na Itália com o rei Carlos VIII, por meio do relacionamento ilícito que tiveram com as mulheres daquele país. Contudo, outros dizem que os espanhóis padeceram dela no descobrimento das Índias, também pelo motivo do relacionamento desonesto que tiveram com as mulheres daquelas novas regiões. O certo é que se trata de enfermidade muito antiga, cujo conhecimento chegou a algumas províncias mais tarde que a outras e que, por indecente, nenhuma quer confessar ter sido a primeira a senti-la e transmiti-la.”
- ¹¹ Tanto a resposta de Peralta como a de Campuzano fazem eco de várias expressões proverbiais que igualam amores a dores: “Quien casa por amores, siempre vive con dolores” (*Correas*, p. 402a); “Quien casa por amores, malos días e buenas noches” (*Correas*, p. 403a); “Vanse los amores y quedan los dolores” (*Correas*, p. 515b). O jogo de palavras entre “casado” e “cansado” é comum na época [GL, p. 523].
- ¹² faremos penitência: era uma fórmula para convidar a comer. Segundo o *Diccionario de Autoridades*, fazer penitência é uma expressão cortês para convidar alguém à mesa.
- ¹³ O cozido era feito de carne, toucinho, verduras e legumes e consistia no prato principal da alimentação diária, tanto no almoço como no jantar [Covarrubias]. O cozido dava para dois, o licenciado e seu criado, mas este comerá um pastel, que consistia em uma “composição de farinha, manteiga e carne picada” [Autoridades].
- ¹⁴ Rute: região de Córdoba célebre por seu presunto [SA, p. 545].
- ¹⁵ fazer a salva: provar primeiro um manjar ou comida; em geral, marca o começo da refeição [SA, p. 545]. “Provar primeiro o que o senhor deve beber ou comer; e traslada-se a: começar qualquer coisa. E ‘fazer salva’ é, com a artilharia disparando sem chumbo, fazer festa a um príncipe, dar início à solenidade. O mesmo que ‘receber com salva’” [Correas].
- ¹⁶ Igreja de São Lourenço, em Valladolid, na qual Felipe IV foi batizado na primavera de 1605 [GL, p. 523]
- ¹⁷ era colega (*hacia... camarada*): camarada é “o companheiro de câmara, que come e dorme no mesmo lugar. Este termo é usado entre soldados, e significa companheiro e amigo familiar, que está na mesma companhia” [Covarrubias].
- ¹⁸ Pousada da Solana: pousada histórica de Valladolid da época que levava o nome da rua na qual se situava. Localizava-se “ao oriente da cidade e não longe da Chancelaria”. (A. G. de Amezúa, *op. cit.*, p. 381). O editor acrescenta que a dona desta pousada, Juana Ruiz, aparece em um documento “com seu colar de alcoviteira, pois o ofício de hospedeira quase sempre deu as mãos com as práticas infames da astuta Celestina” (p. 382) [HS, p. 283].

-
- ¹⁹ O manto deixava entrever o rosto pela pouca densidade do tecido (era ‘ralo’, e daí sua pouca *rareza*) [GL, p. 524].
- ²⁰ A atitude da mulher, dona Estefânia, é a de uma pessoa dissimulada que desperta a lascívia dos soldados com seu comportamento, tal como se passa com o alferes; esta era uma das formas de exercer a prostituição [GL, 524].
- ²¹ de propósito (*de industria*): “indústria é a manha, diligência ou artifício com que alguém faz qualquer coisa com menos trabalho que outro. Fazer uma coisa de indústria: fazê-la de propósito e intencionalmente, para que dali aconteça algo que para o outro seja acaso e, para ele, de propósito; pode ser com boa ou má intenção.” [Covarrubias].
- ²² bizarríssimo... aos soldados: “bizarramente [...] nome francês (*bizarro*) que vale tanto quanto o que vai vestido de diversas cores” [Covarrubias]. Os que viviam na Corte se vestiam de preto ou de cores escuras; permitia-se que os soldados usassem cores vistosas, plumas, etc.: cfr. *Novísima recopilación*, l. VI; tít. XIII, lei 1: “Permitimos que aos soldados da milícia geral, que mandamos estabelecer nestes nossos Reinos e Senhorios, e aos soldados que vêm com licença a esta Corte e estiverem nela legitimamente, não se entenda o disposto por esta lei e as demais deste título; e que podem usar colarinhos com pontas, colete com passamanaria de ouro e seda, e todas as outras coisas e trajas que são proibidos por ela [...]”. Na época não existia um uniforme militar, e as plumas e roupas de diversas cores eram a vestimenta habitual dos soldados [HS, pp. 283-84].
- ²³ que me julgava irresistível (*que las podía matar en el aire*): que era um homem cortesão e agudo, ou seja, “que me via capaz de tudo” [GL, p. 524]; *matar en el aire* é expressão lexicalizada por referência ao vocabulário da caça: “Matá-las no ar, dizem daquele que tem respostas agudas e prontas, aludindo ao caçador que mata as aves em pleno vôo.” [Covarrubias].
- ²⁴ Campuzano se gaba de suas muitas façanhas, remedando a atitude cômica do soldado fanfarrão [GL, p. 525].
- ²⁵ vislumbrasse: “visões” são os amantes (ou clientes), que não devem ser vistos pelo marido ou amante permissivo e, portanto, são como fantasmas (visões); parentes falsos são os amantes [GL, p. 525].
- ²⁶ Os vizinhos são contínuo objeto de suspeita de alcovitagem na literatura moralizante e satírica da época; o jogo entre vizinhos e afastados se refere aos que, sem ser vizinhos, vivem no mesmo lugar [SA, p. 546].
- ²⁷ escudo: “certa espécie de moeda, por estar nela gravado o escudo das armas do rei ou do príncipe soberano. Na Espanha, entende-se por escudo a moeda que vale a metade de um dobrão.” [Autoridades]. Mais adiante, Campuzano dirá “ducados”.
- ²⁸ almoeda: venda em hasta pública; leilão judicial; leilão [Houaiss]. O leilão público era costume da época: “[...] a venda das coisas, pública, que se faz com intervenção da justiça e diante de escrivão e com ministro público, dito pregoeiro, pois em alta voz propõe a coisa que se vende e o preço a ser dado por ela; e porque vão puxando uns aos outros e aumentando o preço, chamou-se *auctio*”. [Covarrubias].
- ²⁹ pura e simplesmente (*moliente y corriente*): locução familiar, que em sentido estrito se aplica ao moinho que está disposto da maneira certa para moer o trigo. Metaforicamente, diz-se de qualquer coisa que está pronta e sem inconvenientes. Dona Estefânia utiliza a expressão invertendo sua ordem (*corriente y moliente*), provável ironia cervantina que sublinha os sentidos de *moliente* (“cansado”, “fatigado” e inclusive “perigoso”) [GL, p. 526].

-
- ³⁰ Dona Estefânia se refere ao abandono de sua atividade como prostituta [GL, p. 526].
- ³¹ O “casamenteiro” é um personagem da sociedade da época e um dos tipos bastante utilizados pelos escritores satíricos [GL, p. 526].
- ³² o juízo... nas nuvens (*el juicio... en los carcañares*): frase lexicalizada que significa “não tinha juízo”. [Correas]. Diz-se vulgarmente do sujeito que tem pouco assento e suas ações são feitas sem reflexão e com pouco juízo [Autoridades].
- ³³ A “imaginação” era a base dos desatinos que não derivavam dos dados da realidade, em oposição à fantasia [GL, p. 526].
- ³⁴ De acordo com os preceitos do Concílio de Trento, os proclamas (*admonestaciones*) deviam ser publicados durante três dias festivos. Campuzano descreve os três momentos do enlace matrimonial (informação, admoestação e desponsório) segundo Trento [GL, p. 527].
- ³⁵ lua-de-mel (*pan de la boda*): chamam-se os presentes e o bom tratamento que costumam ser feitos nos primeiros dias de casamento, especialmente pelo marido à mulher, que depois escasseiam em regularidade [Autoridades].
- ³⁶ genro pobre em casa de sogro rico: refrão popular, glosado por Juan de Mal Lara e compilado por A. G. de Amezúa, *op. cit.*, p. 392: “Assim são os genros, o ruim, casando-se, pensa que sua mulher é escrava, e a casa inteira de seus sogros é sua, em tudo manda e tudo vende, e assim se aproveita. Aplica-se aos homens que em moradia alheia perdem o comedimento e pegam mais do que devem pegar, e assim são chamados de ruins.” [HS, p. 286].
- ³⁷ lençóis de holanda: lençóis de linho finíssimo, muito valorizados por ser confeccionados com o mais puro linho [Autoridades].
- ³⁸ na saleta (*en el estrado*): o “estrado” era o aposento da casa destinado a receber visitas. “O conjunto de adornos que servem para cobrir e decorar o lugar ou peça em que as senhoras se sentam para receber as visitas, composto de tapete, almofadas e cadeiras baixas.” [Autoridades].
- ³⁹ deitavam-me água às mãos (*bailabánme el agua delante*): “frase vulgar que equivale a fazer tudo o que o outro quer, assisti-lo e servi-lo com grande pontualidade e zelo, procurando fazer tudo quanto seja ou possa ser de seu agrado” [Autoridades]. “Foi tomada da maneira de falar das criadas no tempo de verão, quando seus amos vêm de fora, respingam as roupas e os calçados com muita rapidez, e a água vai saltando pelos ladrilhos e azulejos, que parece baile.” [Covarrubias].
- ⁴⁰ Aranjuez de flores: os Sítios Reais de Aranjuez eram famosos por suas fontes e jardins [GL, p. 528]. Também são citados por Cervantes no *Quixote*, II, 50.
- ⁴¹ água de anjos: “perfume, colônia, água perfumada com diversas plantas. Por ser de olor extremo, destilada de muitas flores diferentes e drogas aromáticas, e as demais que se vendem nos boticários: a de laranjeira, de jasmim, de limão, etc. Por excelência, de suavíssimo olor.” [Covarrubias]
- ⁴² Dom Lope tem um nome retumbante que aponta a ironia e possivelmente indica uma falsidade; um Almendárez aparece também na comédia de Cervantes *La entretenida*. Hortigosa é a dona alcoviteira do entremez cervantino *El viejo celoso*; as amas eram damas de companhia viúvas, de muito má fama entre os satíricos [GL, p. 528].
- ⁴³ vestido para viagem (*vestido de camino*): com uma luxuosa indumentária de viagem, costume da época, na qual o luxo contrastava com a pobreza cromática da vestimenta habitual [HS, p. 288].

-
- ⁴⁴ carta de dote: “O instrumento [documento] que se faz, pelo qual se sabem e conhecem todas as jóias e bens que a mulher leva ao matrimônio.” [Autoridades].
- ⁴⁵ a Deus e à ventura: expressão lexicalizada que significa “a todo risco” [Houaiss]. Covarrubias registra o seguinte significado: “quando nos lançamos ao duvidoso na confiança de que Deus nos ajudará e poderemos ter boa sorte”.
- ⁴⁶ Nossa Senhora de Guadalupe: famoso mosteiro que há na cidade de Placência [GL, p. 531].
- ⁴⁷ todas as dores: *todos los duelos... con pan son buenos*, completa *Correas*, que glosa: “Este é o refrão velho: quer dizer que com pão têm conforto e consolo”. O licenciado se refere ao fato de que dona Estefânia se consolou do abandono do alferes roubando-lhe o conteúdo do baú.
- ⁴⁸ Refrão que alude ao tema do enganador enganado. Trata-se de refrão judeu, segundo A. González de Amezúa, *op. cit.*, pp. 404-05: “Este refrão é de grande sentença e de coisas que acontecem todo dia, principalmente quando, nos casamentos, que são negócios de muita verdade, trata-se de engano, como se vê nesses dos judeus: e casando dom Simueque sua filha com outro de sua espécie, sendo caolha a vendeu por direita, e o desposado veio a saber [...] e disse ao que lhe trazia as novas que, se pensavam em enganá-lo com a moça que era caolha, respondeu mansamente: “Pois, por Deus, irmão, que sou coxo de um lado”. [...] Assim, quando lhes foram a tomar as mãos, a moça tinha uma boa maneira de encobrir o olho com a vergonha e o exercício que não faltava na mão com que se tapava muitas vezes, e o desposado procurou sair o mais direito que pôde, andando muito pouco, de maneira que o sogro se comprazia em dar-lhe a filha caolha e ele, casar-se coxo.” [HS, pp. 290-291].
- ⁴⁹ toque: “exame ou prova que os joalheiros e lapidários fazem dos quilates de ouro e da qualidade dos metais” [Autoridades]; fogo: refere-se à sua fundição.
- ⁵⁰ deu empate (*pata es la traviesa*): trata-se de uma frase feita que se diz quando “alguém enganou outra pessoa em alguma coisa e foi enganado em outra, que é o mesmo que dizer que terminaram iguais” [Autoridades].
- ⁵¹ O alferes reconhece a consumação do engano mútuo; sua expressão lembra construções lexicalizadas utilizadas como frases de consolo nas quais se anima a pessoa a perseverar, entre elas “paciencia y barajar” [GL, p. 533].
- ⁵² “Ché, chi prende diletto de far frode; / Non si de’ lamentar s’altri lo ‘nganna” (Petrarca, *Trionfo d’amore*, vv. 119-120). [GL, p. 534].
- ⁵³ Ou seja, era seu amante [GL, p. 534].
- ⁵⁴ A alopecia era sintoma da sífilis [*Corominas*] e a peladura, seu nome vulgar [Houaiss].
- ⁵⁵ Capacha: “Chama o povo à sagrada religião de São João de Deus, pois no início seus religiosos pediam e recolhiam a esmola para os pobres em umas cestinhas de mão que são chamadas de *capachas* na Andaluzia, que é onde teve princípio essa ordem.” [Autoridades].
- ⁵⁶ Personagens protagonistas do *Colóquio dos cães*; ver o significado e o caráter simbólico do nome de ambos na nota 63.
- ⁵⁷ Corpo de mim!: expressão comum na época, usada no mesmo sentido de “corpo de tal” [cf. nota 278].
- ⁵⁸ tempos da Maria Castanha: expressão que se refere a um tempo ideal em um passado remoto e indefinido em que ocorriam coisas extraordinárias [*Correas*]. A expressão é ainda hoje utilizada em Portugal. Para uma descrição bastante detalhada de sua origem, ver

<http://www.prodigyweb.net.mx/ortegak9/Maricastana.htm>; Esopo: fabulista grego da Antiguidade, de grande importância na Europa medieval e moderna, cujas narrativas são protagonizadas por animais. Ao citar o nome de Esopo, Cervantes está delimitando o possível gênero do *Colóquio dos cães* [GL, p. 536].

- ⁵⁹ A discussão entre Peralta e Campuzano, além de incorporar uma série de observações críticas sobre o gênero do *Colóquio dos cães*, supõe a diferença entre *fábula* e *trama*, diferença à qual depois fará eco Cipião [cf. nota 89] e que foi comparada aos julgamentos críticos do cura sobre a novela *O curioso impertinente* no *Quixote*, I, 35 [GL, p. 537].
- ⁶⁰ As passas e amêndoas, parte do tratamento contra a sífilis, aumentavam a memória, segundo a crença popular [GL, p. 537].
- ⁶¹ Tópico já usado por Cícero. Para economizar: sob essa simples justificativa narrativa – bastante habitual, decerto, nos textos da época –, que oferece a natureza do desenho dialogístico, se esconde todo um experimento narrativo de singular alcance [SA, p. 557].
- ⁶² O título real do *Colóquio dos cães* (ou seja, *Novela e colóquio que ocorreu entre Cipião e Berganza*) constitui, na verdade, o complicado rótulo do cartapácio de Campuzano e se integra ao relato de *O casamento enganoso*, conformando uma unidade. Desde o início, a qualificação bifronte do título – oscilando entre “novela” e “colóquio”, que no texto estão unidos pela conjunção copulativa – atende à complexidade do relato, tanto se consideramos a história de Berganza como sua parte essencial quanto se acreditamos que “a novela é o diálogo” (Blanco Aguinaga). No entanto, podemos considerar que a primazia de “novela” no título – pelo mero fato de aparecer primeiro – aponta para a importância da instância narrativa dentro do *Colóquio*. Também se viu nesse título bifronte um símbolo do complexo encadeamento, quando não unidade, entre *O casamento enganoso* (a história do alferes Campuzano) e o *Colóquio dos cães* [GL, p. 539].
- ⁶³ Cipião e Berganza: os nomes das duas personagens são explicados pelo costume de dar aos cães nomes de heróis históricos ou literários, e nesse caso foram interpretados de diversas formas, atendendo à eufonia (Berganza > Cervantes, por exemplo) e à função: personagem expositora (Berganza) e crítica (Cipião). Berganza também foi relacionado com “bergante” (“salteador” e, no castelhano da época, também “pícaro, sem-vergonha e de maus costumes”) e com o sobrenome português Bragança; Cipião também é o “oficial que envia soldados encarregados da ordem pública em zonas rurais” (*Covarrubias*) [GL, p. 539].
- ⁶⁴ Mahúdes é personagem histórica, como também seus cães; o *hospital da Ressurreição*, de sentido alegórico e simbólico, tanto no que se refere à “ressurreição” de Campuzano como à de Cipião e Berganza, pode ser visto na nota 2.
- ⁶⁵ guardado pela confiança: ou seja, por ninguém [GL, p. 540].
- ⁶⁶ *Irmão* no sentido de “companheiro”, “amigo”, mas a forma de Berganza nomear Cipião também supõe que ele considera válida a explicação da bruxa Canhizares, para quem Berganza tem um irmão gêmeo. Nota-se a contraposição quase paralelística no início do *Colóquio* entre o *Cipião irmão* que Berganza utiliza e o *Berganza amigo* usado por Cipião. Berganza chamará Cipião de *irmão* em quatro ocasiões e Cipião, apenas uma vez [GL, p. 540].
- ⁶⁷ com discurso: com inteligência.
- ⁶⁸ A fidelidade do cão é proverbial. Cfr. Sebastián de Covarrubias, *Emblemas morales*, Madri, 1610: “Da fidelidade do cão para com seu senhor há inúmeros exemplos e livros inteiros dessa matéria, e por isso não me fartarei em contá-los, um servirá para todos. E é o de Jasão Lício, que, a partir do

-
- momento em que lhe deram sepultura, seu cão não se afastou dela nem quis comer, até que morreu de fome.” [HS, p. 300].
- ⁶⁹ Hierarquização do mundo animal que, em parte, sobreviveu até nossos dias; o macaco ocupa o último posto porque era considerado a representação simbólica do diabo e da natureza animal do homem [GL, p. 544].
- ⁷⁰ Os acontecimentos extraordinários (como o aparecimento de cometas) eram interpretados como sinal de desastres futuros [GL, p. 544].
- ⁷¹ Os médicos eram alvo freqüente da sátira social na época [HS, p. 300].
- ⁷² A edição *princeps* omite o nome de Cipião e deixa a fala a Berganza até *há longo tempo desejado*. A segunda edição, Madri, 1614, corrige o erro [GL, p. 544 e HS, p. 301].
- ⁷³ *aproveitemo-lo bem (este buen día... la metamos en nuestra casa)*: refrão que aconselha a “não perder a ocasião da boa sorte e do tempo oportuno” [Covarrubias].
- ⁷⁴ Aqui se observa o entrelaçamento das novelas *O casamento enganoso* e *O colóquio dos cães*. O soldado era, obviamente, Campuzano, que estava no hospital da Ressurreição para se curar de sífilis, como vimos.
- ⁷⁵ porta da Carne: porta de Sevilha cujo nome deriva do fato de que por ela entrava toda a carne do matadouro. Começa nessas linhas o episódio do matadouro de Sevilha, de fortes conotações picarescas, pelo tema e o contexto (Sevilha). No meio da baixeza e fealdade de todo o episódio, a beleza da dama resplandece, considerada às vezes como um leve toque de ressonâncias platônicas ou simplesmente uma demonstração do comportamento humano de Berganza, o que remeteria ao episódio da velha Canhizares; em todo caso, a atitude do cão parece se sobrepor às categorias morais do mundo no qual vive [GL, pp. 545-46].
- ⁷⁶ Primeira alusão ao episódio da bruxa Canhizares.
- ⁷⁷ magarefes: no original, *jiferos*, que se referia ao facão do magarefe e, por metonímia, passou a designar a pessoa que o utilizava: “o que pertence ao matadouro e por alusão significa sujo, porco. Usa-se como substantivo, e algumas vezes significa o facão com que matam e retalham as reses e outras, o oficial que as mata e retalha” [Autoridades]; *alão* é um tipo de cão de fila, usado para guarda e na caça grossa [Houaiss].
- ⁷⁸ dobrado: “Chama-se também a pessoa robusta e forte de membros, e de estatura mediana, pelo que sobressai mais a robustez”. Mas também: “Significa fingido, dissimulado e que esconde com o silêncio a falsidade que oculta no coração” [Autoridades]. *Colérico* é um dos humores que, de acordo com a medicina clássica, determinava o caráter da pessoa [GL, p. 546]. *Rombo*: de nariz arredondado, sem ponta, obtuso e, por aproximação, sem perspicácia, pouco sutil, obtuso [Houaiss].
- ⁷⁹ tornei-me uma águia nisto (*salí un águila en esto*): frase proverbial que faz referência à destreza e rapidez com que se realiza alguma coisa; considera-se que há aí um toque de ironia, porque Berganza recebe nesse episódio o nome de Gavião [GL, p. 546].
- ⁸⁰ Dias em que se podia comprar carne; costumava ser o sábado, em oposição ao “dia de pescado” ou de “jejum” [Covarrubias].
- ⁸¹ Mulherzinhas: seguramente “pícaras, prostitutas, mulheres de má vida” [SA, p. 564].

-
- ⁸² Taleiga: saco de tamanho variado, especialmente usado para transportar víveres [*Houaiss*]. *Covarrubias* registra o seguinte significado: “espécie de pequenas bolsas ou sacos, compridos e curtos, que costumavam ser levados ao ombro”.
- ⁸³ *Dízimos e primícias* eram impostos eclesiásticos [GL, p. 547].
- ⁸⁴ O *encarregado* era a pessoa encarregada de abastecer a cidade com algum gênero (neve, carvão, carne, etc.) a um preço determinado de antemão por contrato com o município, o que implicava o monopólio da distribuição do produto; como não havia encarregado, a distribuição era livre [GL, p. 547]. A. González de Amezúa (*op. cit.*, pp. 437-38) diz: “Em Sevilha [...] não havia encarregado pela carne, estando aberto e livre o matadouro, pois nenhum senhor do gado [...] há na Espanha que ouse encarregar-se anualmente dos matadouros de Sevilha, pela grande quantidade que de todas as carnes pede forçosamente a necessidade desta grande cidade.” [HS, p. 303].
- ⁸⁵ por dá cá aquela palha (*por quitame allá esa paja*): frase proverbial que se costuma alternar com *daca las pajas* e sublinha a rapidez temporal da ação (“em um instante”) e a trivialidade do motivo (“por nada”) [*Correas*].
- ⁸⁶ a dois por três: expressão corrente na época, conotando o arrojado com que se realiza alguma coisa, isto é, “sem pensar duas vezes” [*Correas*].
- ⁸⁷ Na praça de São Francisco ficavam a Prefeitura e a Audiência de Sevilha; aponta-se, portanto, a corrupção da administração de justiça, que se deixa subornar com os furtos de tais rufiões (“lombos e línguas de vaca”); *ter seu anjo da guarda* significa “ter seu apoio, seu fiador”, e a expressão provavelmente se origina de jogos de cartas [GL, p. 547].
- ⁸⁸ A rua da Caça (que antes se chamava da *Galinheira*) dividia-se em duas: a da “Caça Grande”, que terminava na praça da Alfafa, e a da “Caça Pequena”, que chegava até a praça de São Isidro; a *Costanilla* era uma praça desnivelada, daí seu nome (“ladeirinha”), perto da igreja de São Isidro (hoje chamado de São Isidoro), onde havia mercado desde o século XIV; em 1572, havia nela quinze casas [HS, pp. 303-304].
- ⁸⁹ Cipião dá início à sua série de advertências críticas, neste caso distinguindo entre o argumento e a forma de expô-lo. Essas advertências lembram, também, os juízos críticos do cura sobre a novela *O curioso impertinente* na primeira parte do *Quixote*, capítulo 35 [cf. nota 59], e os do cônego acerca do relato do cabreiro no *Quixote I*, capítulo 52. Essas linhas são fundamentais na história crítica das *Novelas exemplares*, porque a partir delas se distinguiram, em especial Ortega y Gasset em suas *Meditaciones del Quijote* (1914), dois tipos de relatos na coleção [GL, p. 548]. Sevilla Arroyo adverte: “Note-se como as intervenções de Cipião desempenham uma dupla função narrativa de capital importância para entender o alcance experimental dessa novela: por um lado, situam-se em um plano “metanarrativo”, pois regem o desenvolvimento da narração, tentando limitá-la ao estritamente fundamental; por outro, desprezam as possibilidades digressivas do marco dialogístico, rompendo com a ‘novela polvo’ própria da época” [SA, p. 564].
- ⁹⁰ Esporta: seira; alfofa; cesto flexível de vime, junco, esparto ou folha de palma, achatado e com alças [*Aurélio*].
- ⁹¹ A dama do episódio seria uma moça “janeleira”, ou seja, “prostituta”. Essa cena não era absolutamente incomum na época: a moça “janeleira” tinha muito má fama, especialmente nas coleções de refrãos. *Correas* registra os seguintes: “Moza que se asoma a la ventana kada rrato, kiérese vende[r] barato”; “Muxer en ventana, o puta o enamorada. [La puta es común, i haze a todos ventana; la enamorada es afizionada de uno i asómase a vezes por verle si pasa].” “Muxer ventanera,

uvas de karrera”, ou seja, está ao alcance de qualquer um [cf. Álvarez Martínez, José Luis. “Berganza y la moza ventanera”, in *Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America* 12.2 (1992): pp. 63-77. <http://www.h-net.org/~cervantes/csa/articf92/alvarez.htm>.]

- ⁹² Chapim: calçado feminino de sola grossa, de madeira, cortiça, etc., usado para realçar a estatura das mulheres [*Houaiss*]. A burla da dama se baseia no sentido erótico do pé feminino na época, cf. Álvarez Martínez no estudo citado na nota anterior.
- ⁹³ Berganza brinca com a polissemia da palavra *carne*: no sentido de “pedaço de carne do matadouro” e de “mulher”, e talvez neste último se esconda o matiz de “prostituta” [GL, p. 549].
- ⁹⁴ Berganza troca de nome com a mesma regularidade com que troca de amo: Gavião era nome que possuía conotações de nobreza (“fidalgo como gavião”); a partir daí, explica-se o comportamento de Berganza, respeitando a dama [GL, p. 549].
- ⁹⁵ adaptação do refrão *del lobo un pelo, y ése de la frente* [ou *del copete*], refrão que significa “retira do avarento tudo o que puderes” [*Autoridades*], ao que se deve acrescentar que, entre os rufiões, *lobo* significa “ladrão” [*Covarrubias*]. Álvarez Martínez oferece a seguinte explicação da passagem: “o jogo do adágio consiste na substituição da palavra “cara” [frente] por esporta, de modo que o pêlo da cara do refrão se transforma em pêlo [fiapo] da esporta do texto, aludindo portanto à carne da cestinha transportada por Berganza. O lobo tem uma cara com pouco pêlo, do mesmo que Nicolás (outro lobo) é dono de uma cesta com uma porção não muito grande de carne. Se identificamos lobo com magarefe, podemos entender que a mensagem estava dirigida ao dono do cão e que deveria ter mais ou menos este sentido: “Nicolás, és um lobo (ladrão) mesquinho porque não me dás pedaços de carne (ou talvez porque não queres ser meu amante e me deixas abandonada...). Agora que tenho oportunidade, aproveito-me dela, embora seja em pouca medida”. [cf. Álvarez Martínez, José Luis. “Berganza y la moza ventanera”, in *Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America* 12.2 (1992): pp. 63-77. <http://www.h-net.org/~cervantes/csa/articf92/alvarez.htm>.]
- ⁹⁶ Afirmação de caráter platônico [GL, p. 549].
- ⁹⁷ São Bernardo era um bairro de Sevilha que fazia fronteira com o matadouro. A. González de Amezúa (*op. cit.*, p. 452) diz: “O bairro de São Bernardo fica em uma extremidade de Sevilha, entre uma parte do Prado de São Sebastião e o limpo riacho Tagarete. Perto, muito perto do bairro de São Bernardo, quase fazendo fronteira com suas casas, ficava o matadouro e, por essa razão, quase todos os magarefes viviam nele, e nele, ao que parece, tinha também sua casa Nicolás, o Rombo.” [HS, p. 305].
- ⁹⁸ o centro de meu repouso: “Dizemos, quando alguém está contente, não se lembrando de nada nem desejando mais do que aquilo de que está gozando, que está em seu centro” [*Covarrubias*]. Começa nestas linhas outro capítulo importante da vida de Berganza: os pastores de gado. Em geral, foi considerado um exercício de crítica literária, levando-se em conta o inventário de personagens pastoris que nos apresenta e, tradicionalmente, foi apresentado como uma crítica de Cervantes à artificialidade do esteticismo idealista da novela pastoril; modernamente, é considerado como mais uma reflexão de Cervantes, de modo algum concludente, sobre a natureza da obra literária e sua relação com a realidade, ao mesmo tempo em que o comportamento de Berganza recorda o do próprio Peralta julgando o *Colóquio*. Em outra perspectiva, assemelha-se a uma alegoria política (“o pastor e o gado”) de ressonâncias bíblicas e, como tal, uma crítica à corrupção da corte de Felipe III, e se recordou a esse propósito que a alegoria do gado é colocada como exemplo de crítica social encoberta por Pinciano em sua *Philosophía antigua poética* [GL, pp. 549-50].
- ⁹⁹ Viu-se nessa afirmação de Berganza uma paráfrase da profecia da bruxa Canhizares [cf. nota 262].

-
- ¹⁰⁰ baixando a cabeça e balançando o rabo: sinais de submissão.
- ¹⁰¹ cuspiu nela: na tradição folclórica, cuspir é um ato simbólico com o qual se evita a fascinação (“mal de olho”) [GL, p. 550].
- ¹⁰² A descrição do senhor do gado parece conter um pouco de ironia ou de burla [GL, p. 550]; à gineta: “forma de montar com estribos curtos e as pernas recolhidas, com o objetivo de cavalgar com rapidez” [Covarrubias]; a *lança* e a *adaga* eram armas próprias dessa forma de montar com a finalidade de defender-se a cavalo [GL, p. 550].
- ¹⁰³ carranca: “colar eriçado com pontas de ferro que protege os mastins de mordeduras do lobo” [Houaiss].
- ¹⁰⁴ Barcino, segundo nome de Berganza, é um tom “mesclado de cor branca, parda e algumas vezes avermelhada, como costumam ter os cães, como comprova o refrão ‘el galgo barcino, o malo o muy fino’” [Autoridades]: o comportamento e os sentimentos de Barcino se aproximam ao de uma personagem picaresca (“Vi-me saciado e contente”); além disso, a cor vermelha foi relacionada na tradição popular com os traidores e está associada à figura de Judas, e é também o nome de um dos cães que o bacharel Sansão Carrasco compra para dom Quixote (II, 74). Finalmente, Barcino foi relacionado ao nome da cidade de Barcelona, bem como com a tradição pastoril, pois aparece um *Barcino* em *El pastor de Filida* (1582) de Gálvez de Montalvo [GL, p. 551].
- ¹⁰⁵ Citação de Juvenal (“Difficile est satyram non scribere”); Cervantes sempre considerou a sátira pessoal alheia ao seu estilo literário, como mostra em *Viaje del Parnaso*, IV, vv. 34-36: “Nunca voló la pluma humilde mía / por la región satírica, bajeza / que a infames premios y desgracias guía” [GL, p. 551].
- ¹⁰⁶ um pouco de luz e não de sangue: alusão aos penitentes de hábito e capuz branco que acompanhavam uma procissão em cumprimento de uma promessa, podendo ser *de luz* (quando carregavam círios ou tochas acesas) ou *de sangue* (quando se açoitavam). Cipião, tal como ele mesmo explica, utiliza a comparação no sentido em que esta lhe permite a sátira de costumes, mas não *ad hominem* [SA, p. 568].
- ¹⁰⁷ “Ensinar” e “deleitar” são as duas principais finalidades da literatura, segundo o preceito horaciano [GL, p. 552].
- ¹⁰⁸ A comparação da história a um fio interrompido é uma das favoritas de Cervantes, e esta frase, concretamente (*anudando el roto hilo*) é utilizada por ele para referir-se à sua própria vida no prólogo do *Persiles*.
- ¹⁰⁹ Crítica da idealização da realidade que constitui a base da convenção literária da novela pastoril, gênero que o próprio Cervantes cultivara em sua *Galatea* (1585); em seguida, deparamo-nos com um breve estudo crítico desse tipo de narrativa [GL, p. 552].
- ¹¹⁰ Lista de instrumentos musicais próprios das personagens das narrativas pastoris e da poesia bucólica; o *píffaro* é “uma flauta simples com seis orifícios”; o *rabel* é “um instrumento de arco, de origem árabe, com duas a cinco cordas”; a *charamela* é “um instrumento medieval de sopro, de timbre estridente, com o corpo de madeira cilíndrico dotado de orifícios” [Houaiss].
- ¹¹¹ O que segue parece assemelhar-se outro escrutínio de livros como o realizado no *Quixote*, se bem que agora dentro do marco pastoril e sem mais alcance que o puramente enumerativo. *Anfriso* e *Belisarda* são personagens de *La Arcadia* (Madri, 1599), novela pastoril de Lope de Vega; *Aurora* é a deusa do amanhecer e *Tétis*, a deusa do mar; A Arcádia é o lugar de referência tópico da ficção

pastoril a partir da obra *Arcadia*, de Jacopo Sannazaro, a principal fonte da novela pastoril espanhola [GL, p. 553 e SA, p. 569].

- ¹¹² *Elício* é personagem de *La Galatea*, novela pastoril do próprio Cervantes que é citada no *Quixote* (I, 6) e da qual prometeu uma segunda parte até dias antes de sua morte, no prólogo do *Persiles*. A referência de Cervantes à sua própria obra pastoril parece mais crítica e afastada que a distância e o carinho com que contempla a si mesmo na primeira parte do *Quixote* [GL, p. 553].
- ¹¹³ Alusão a *El pastor de Filida* (Madri, 1582), novela pastoril de Luis Gálvez de Montalvo, que havia composto um dos sonetos preliminares de *La Galatea*. Cervantes sempre teve uma valorosa opinião da novela de Montalvo, tal como demonstrou no escrutínio da biblioteca de dom Quixote (*Quixote*, I, 6); a frase *singular pintor de um retrato* se refere ao retrato em oitavas, “de elegante e gracioso feito” (Menéndez Pelayo), que Silvano de Filida faz na terceira parte da obra. A. González de Amezúa (*op. cit.*, pp. 464-65) compila os seguintes versos: “Ya que me faltan para dibuxaros / Pincel divino y mano soberba / Y no la presunción de retrataros / Con mal cortada péñola liviana, /...” [HS, pp. 307-08].
- ¹¹⁴ Alusão a *Los siete libros de la Diana* (Valencia, 1558-1559) de Jorge de Montemayor; Cervantes recorda novamente, tal como faz criticamente no escrutínio da biblioteca de dom Quixote (*Quixote*, I, 6), a água encantada da sábia Felícia, que funciona narrativamente como *deus ex machina* [GL, p. 553].
- ¹¹⁵ nunca tropeça a língua se não cai primeiro a intenção: “Não se fala de ninguém, caso não se tenha vontade de fazê-lo” [GL, p. 554].
- ¹¹⁶ *Mauleão* é personagem popular, inclusive talvez se trate de uma personagem real, com fama de poeta tonto (*um simplório*, como responde Cipião), na Madri da época à que se refere Cervantes, junto à mesma anedota, no *Quixote*, II, 71; da *Academia dos Imitadores* ou *Imitatória* permaneceram notícias por meio de *Las seiscentas apotegmas* de Juan Rufo (Toledo, 1596). A tradução burlesca do *Deum de Deo* (“Deus de Deus”), fórmula do credo niceno, é uma história tradicional na época. A atribuição da resposta a Mauleão é totalmente caprichosa, pois se trata de uma das anedotas mais difundidas nos textos da época, que costuma ser aplicada para evidenciar a arbitrariedade com que os médicos administram suas receitas, mesmo que sob a formulação “Deus ta depare boa”. Há inúmeros exemplos em Maxime Chevalier, *Cuentecillos tradicionales en la España del Siglo de Oro* (Madri, Gredos, 1975, pp. 127-130 e 282 e ss.); *dê onde der*: “dito daquele que se arrisca, tendo bom ou mau sucesso” (*Correas*). Pode-se encontrar uma anedota parecida em Gaspar Lucas Hidalgo, *Diálogos de apacible entretenimiento* (1603): “Quando se diz no Credo *Deum de Deo*, dizia ela: ‘Dê onde der, e não me impeça’.” [GL, p. 554, HS, p. 308 e SA, p. 570].
- ¹¹⁷ No original, *marina*, e há sérias dúvidas sobre a colocação desse vocábulo. Foi considerado um erro ou então ironia paralela à do *senhor do gado*. Harry Sieber diz que, embora não possa prová-lo, acredita que seja confusão com *merina* (meirinha, que diz respeito a certa raça de carneiros), pois “se refere a coisas pastoris, e não à vida marinheira” [HS, p. 308].
- ¹¹⁸ Primeiro verso de uma famosa canção do século XVI, encontrada por A. González de Amezúa, *op. cit.*, pp. 471-72, na obra de Francisco de Salinas, *De musica libri septem* (Salamanca, 1528): “Cata el lobo dó va, Juanica, cata el lobo dó va. Cata el lobo, Juana, que a tu hato un día dicen que quería mordelle la lana; ponte en cobro, hermana, que te morderá. Cata el lobo dó va Juanica, cata el lobo dó va. Es tan carnicero que no hay quien le harte, ni anochece en parte sin ser agujero: si sube al otero, calársete ha. Cata el lobo dó va, Juanica, cata el lobo dó va.” [SA, p. 571].
- ¹¹⁹ abarca: sandália rústica cuja sola é atada ao peito do pé por cordéis ou correias [*Houaiss*].

-
- ¹²⁰ Cervantes compila uma heroína pastoril de cada uma das novelas citadas; *Lisardo* é personagem de *La Galatea* e *Lauso*, de *La Arcadia*, de Lope de Vega, enquanto *Riselo* era a alcunha poética de Pedro Liñán de Rianza [GL, p. 555].
- ¹²¹ Provável alusão à continuação de *La Galatea* [GL, p. 555].
- ¹²² Conselho de humildade, como imediatamente explica Cipião, originado na crença comum de que o pavão se envaidecia ao abrir a roda (“a plumagem de seu rabo”), mas se envergonhava quando olhava para os pés [GL, p. 555]. Harry Sieber cita González de Amezúa (*op. cit.*, p. 475): “adágio comum que se aplica a toda pessoa vaidosa, que, como o pavão, símbolo do orgulho, desarma sua presunção quando percebe seus defeitos e imperfeições” [HS, p. 309].
- ¹²³ Expressão paralela à do *Quixote*, II, 44 (“pide no se desprecie su trabajo, y se le de alabanzas, no por lo que escribe, sino por lo que ha dejado de escribir”) e nova alusão ao episódio da bruxa Canhizares, que explicaria o fato de a fala dos dois cães não ser um acontecimento “sobrenatural”, tal como afirma Cipião [GL, p. 555].
- ¹²⁴ Nova alusão às Camachas de Montilla. Sobre essa bruxa histórica e as demais de sua linhagem, ver Luis Astrana Marín, *Vida ejemplar y heroica de Miguel de Cervantes Saavedra*, Madri, 1952, vol. IV, pp. 516 e ss.
- ¹²⁵ Essa observação de Berganza foi considerada uma alusão à estrutura usual da novela bizantina [GL, p. 556].
- ¹²⁶ Provérbio latino. Trata-se de um dos lugares-comuns mais usados pelos autores da época. Servirá de exemplo a Mateo Alemán, um dos mais categóricos a esse respeito: “La ociosidad ayudó gran parte y aun fue la causa de todos mis daños. Como al bien ocupado no hay virtud que le falte, al ocioso no hay vicio que no le acompañe. [...] Es la ociosidad campo franco de perdición, arado con que se siembran malos pensamientos, semilla de cizaña, escardadera que entresaca las buenas costumbres, hoz que siega las buenas obras, trillo que trilla las honras, carro que acarrea maldades y silo en que se recogen todos los vicios”. (*Guzmán de Alfarache*, II, 6) [SA, p. 572].
- ¹²⁷ tocar a rebate: alertar sobre algo [*Houaiss*].
- ¹²⁸ Alusão ao refrão “ladrão de casa, deste ninguém se pode guardar” [*Correas*].
- ¹²⁹ A identificação pejorativa, por parte de Cipião, das digressões narrativas com os *predicantes* foi considerada uma referência crítica à estrutura do *Guzmán de Alfarache* (C. Guillén) [GL, p. 557].
- ¹³⁰ alcançar triunfo (*atravesar triunfo*): encontrar ocasião; vocabulário naipesco [*Correas*].
- ¹³¹ Nova alusão ao episódio da velha Canhizares, que parece explicar, segundo Berganza, o comportamento de ambos os cães.
- ¹³² Começa aqui o terceiro episódio da vida de Berganza: sua relação com o mercador sevilhano, que o leva às aulas da Companhia de Jesus, por um lado, e sua batalha com a escrava negra, por outro. Em seu conjunto, o episódio serve à verossimilhança do relato, pois a assistência às aulas lhe dá a cultura necessária para o desdobramento de suas “murmurações”. O aparecimento da Companhia neste episódio teve grande importância para a biografia de Cervantes, e também se considera que contém um elogio equívoco e irônico. No episódio da escrava negra, Berganza parece nos dar novo exemplo da grandeza de seus princípios morais, enquanto a atitude do mercador nos lembra o apetite de nobreza e a mentalidade aristocrática da burguesia na Espanha da época [GL, p. 559].

-
- ¹³³ Cervantes já citara Esopo em relação ao *Colóquio* anteriormente [cf. nota 58]. A fábula aludida é uma das mais lembradas e elaboradas pelos autores do Século de Ouro, embora já fosse célebre desde tempos medievais. Por exemplo, no *Libro del caballero Zifar*: “Un ome bueno avía un perrillo, que tenía en su cámara, de que se pagava mucho e tomava prazer con él. E avía un asno en que él traía lleña e las cosas que eran master para su casa. E un día estando el asno en su establo muy folgado, e avía días que non trabajava, vio a su señor que estava trebejando con aquel perrillo, poniéndole las manos en los pechos de su señor e saltándole ecorriendo delante de él; e pensó entre sí el asno e semejóle que pues él más servía a su señor que aquel perrillo, que non fazia al sinon comer e folgar, que bien podría é ir a trebejar con él. E dasotóse e fueise para su señor corriendo delante de él, alçando las coças, e púsole las manos en los pechos de su señor e púsole las manos sobre la cabeça de guisa que le ferió mal. E dio muy grandes bozes el señor e venieron servientes e diéronle palancadas al asno fasta que lo dexaron por muerto”. (ed. J. González Muela, Madri, Castalia, 1982, p. 131) [SA, p. 575].
- ¹³⁴ Zurrar era considerada uma habilidade de pícaros e rufiões; viu-se aí uma alusão ao *Guzmán de Alfarache* [GL, p. 560].
- ¹³⁵ jogar os dados (*jugar los cubiletes y las agallas*): trata-se de um jogo que consiste em esconder sob um copo (*cubilete*), semelhante ao utilizado no jogo de dados, a pinha pequena do cipreste (*agalla*) e fazê-la desaparecer ou mudar de recipiente mediante uma notificação verbal (“pasa, pasa”, que origina outro dos nomes pelos quais o jogo era conhecido), acompanhada ou não de jogo de mãos [Covarrubias].
- ¹³⁶ Chacona: baile da época considerado de caráter libidinoso. *Corominas* registra: “som e dança acompanhados de castanholas”, que ele deriva de uma onomatopéia, *chac*, “do ruído de castanholas, de outros instrumentos ou de quem ri convulsivamente”; González de Amezúa (*op. cit.*, p. 485) descreve seus passos e movimentos da seguinte forma: “A mulher empunha um par de castanholas, as quais repica fortemente ao compasso de seus pés; o homem toca um pandeiro, com cujas batidas convida a mulher a saltar. Ela e ele simulam piscadelas e beijos, ondulam seus quadris, encontram-se os peitos entornando os olhos e parece que, dançando, chegam ao êxtase final de amor.” [SA, p. 576].
- ¹³⁷ Na Semana Santa, havia o costume de embelezar monumentos religiosos com recortes de papel (*florões*) [GL, p. 560].
- ¹³⁸ O peso da Companhia de Jesus no sistema educativo da época se generaliza na segunda metade do século XVI e se concretiza em um programa de estudos (*a ratio studiorum*) que, essencialmente, consiste em uma sistematização ortodoxa do classicismo humanista. A Companhia se estabeleceu em Sevilha em 1551, mas a escola começou a funcionar apenas em 1557, situada no bairro chamado Ponce de León, na paróquia de San Salvador. Em 1580, mudou-se para o colégio de San Hermenegildo, onde permaneceu até sua expulsão. O elogio que Cervantes faz dos padres da Companhia de Jesus e de seus métodos pedagógicos foi considerado irônico e até mesmo crítico, tanto por ser desmedido como porque parece ser o inverso das críticas da época (que podem ser vistas no *Discurso* de Juan de Mariana). Este elogio dos dois cães sobressai por sua ironia, se compararmos a atitude dos jesuítas à dos padres jerônimos, que aparecem mais à frente. Enfim, o episódio foi interpretado como testemunho biográfico de que Cervantes havia estudado em Sevilha na Companhia de Jesus, o que já foi contestado [GL, p. 561].
- ¹³⁹ “Pasta de estudantes para as notas de aula” [Autoridades]; “livro de uso muito freqüente, que o usuário costuma carregar consigo” [Houaiss].

-
- ¹⁴⁰ O uso de liteiras se generaliza no final do século XVI como sinal de distinção social, cujo abuso levou à proibição de sua utilização não autorizada; cf. a *Novísima recopilación*, l. VI, tít. XIV, lei VII (pragmática de 1604): “Nenhum homem de qualquer idade, qualidade e condição que seja, pode andar em liteira, se não for tendo licença nossa por escrito, e não de outra maneira [...]” [HS, p. 314].
- ¹⁴¹ A Casa de Contratação ou Lonja, que abriu suas portas em 1598, foi obra de Juan de Herrera, arquiteto do Escorial. Trata-se do edifício que hoje pertence ao Arquivo das Índias. A. González de Amezúa (*op. cit.*, pp. 493-94) diz: “A famosa Lonja ou Casa de Contratação da Universidade de Mercadores começou a ser erguida por Juan de Herrera em 1585, e foi terminada sob a direção de Juan de Minjares em 1598, em cujo dia 14 de agosto começou a funcionar.” [HS, p. 314].
- ¹⁴² *Tratos e contratos*: seus negócios. Era uma estrutura lexicalizada na época, para se referir geralmente aos negócios comerciais [GL, p. 561].
- ¹⁴³ marca: o distintivo de cavaleiros nobres, representado pela cruz característica de alguma ordem militar (as de Santiago, Calatrava e Alcântara eram as principais) [GL, p. 561].
- ¹⁴⁴ *Andar sobre os estribos* é frase metafórica que significa “andar e trabalhar com vigilância, cuidado e prevenção” [Autoridades].
- ¹⁴⁵ A inclinação dos mosquitos pelo vinho é proverbial e tema da literatura burlesca [*Correas*].
- ¹⁴⁶ Era prática comum que os recém-nascidos passassem seus primeiros meses envoltos em uma faixa, e apenas quando esta era tirada é que eles podiam mover as extremidades superiores [GL, p. 562].
- ¹⁴⁷ deixemos para lá: no original, *echemos pelillos a la mar*, ou seja, “esqueçamos do assunto”. A expressão procede de uma fórmula infantil de reconciliação, daí a observação de Cipião, *como dizem os jovens*. *Correas* diz que os jovens, para confirmar uma troca, diziam: “Pelillos a la mar, que no hay destrocar”, e quando começavam a jogar algo, mesmo se perdessem: “Pelillos a la mar, para nunca desquitar”. E acrescenta: “pelillos a la mar. Modo que os jovens têm de afirmar que não faltarão com o que combinaram, o qual fazem arrancando um fio de cabelo e, soprando-o, dizem: pelillos a la mar”. Rodrigo Caro, em *Días geniales o lúdicos* (diálogo V-V), diz que na Andaluzia as crianças que fazem as pazes “echanse pelillos, cortándoselos de la ropa y echándolos al viento”. E explica dizendo que “assim como os pêlos são levados pelo ar, eles também não mais se recordarão das brigas passadas, como se o vento os tivesse levado”. Sobre a antiguidade desse costume, Rodrigo Caro recorda que aparece na *Iliada*, quando, juntando-se gregos e troianos para fazer as pazes, deixando que apenas Páris e Menelau brigassem pela posse de Helena e permanecendo amigos os demais, a primeira cerimônia foi cortar os pêlos dos cordeiros que haviam trazido para o sacrifício. Rodríguez Marín, em sua obra *Cantos populares españoles* (tomo 1, p. 181), diz que na Andaluzia os jovens, para selar as pazes, arrancam um fio de cabelo cada um e, mantendo-os entre os dedos, dizem: *¿Aónde ba ese pelo? - Ar biento .- ¿Y er biento? - A la má - Pos ya la guerra está acabá*. [cf. Iribarren, J. M. *El porqué de los dichos*. Madrid, Suma de Letras, 2002, pp. 101-02].
- ¹⁴⁸ Enfileirar juramentos é costume ligado ao soldado fanfarrão de *La Celestina*, e na época seu uso era generalizado entre os jogadores e rufiões [GL, p. 563].
- ¹⁴⁹ A expressão se relacionava com os *Ejercicios espirituais* de Santo Inácio e com a prática da meditação na Companhia de Jesus, o que demonstraria a familiaridade de Cervantes com os estudos da Companhia [GL, p. 564].
- ¹⁵⁰ *Repúblico* é “o homem que trata do bem comum” [Covarrubias] e “o homem zeloso e amigo do bem público” [Autoridades]; neste caso tem o sentido de “mestres”, “pedagogos”.

-
- ¹⁵¹ Referência ao refrão “lo que quiere la mona, piñones mondados”, porque “o macaco quer fazer tudo que o homem faz” [*Covarrubias*], como mostra de inteligência [cf. nota 69].
- ¹⁵² dois Antonios: uso lexicalizado para referir-se a duas gramáticas latinas de Elio Antonio de Nebrija, possivelmente a *Arte de la gramática* ou as *Introductiones latiniae*. A primeira edição desta última é de 1481 (Salamanca), e foi livro de texto nas aulas de latim até o século XIX. Empenhar ou vender livros, tal como aqui fazem os estudantes com os *Antonios*, era costume da época [GL, p. 564].
- ¹⁵³ Vida multiforme do estudante, personagem folclórico da literatura clássica espanhola, para os quais a *fome* e a *sarna* eram habituais [GL, p. 565].
- ¹⁵⁴ razão de estado: “a política e regras com que se dirigem e governam as coisas pertencentes ao interesse e utilidade da república” [*Autoridades*]. O termo se populariza no final do século XVI a partir da obra *Della ragione di Stato* (1589), de Giovanni Botero, e se lexicaliza em usos como o atual, em que significa “obrigação”, “razão de força maior”, “questão de regulamento”. O uso cervantino assinala o sentido pejorativo da expressão na Espanha da época, e a associação de tal expressão, considerada pecaminosa e diabólica na época, com a Companhia de Jesus foi interpretada como outra ironia [GL, p. 565].
- ¹⁵⁵ meia hora que há de lição a lição: momento entre as aulas em que os estudantes repassavam ou repetiam a lição [GL, p. 565].
- ¹⁵⁶ No original, *señor el viejo*. O significado exato da expressão é desconhecido; por isso, foi tratada como uma errata, embora talvez se trate de uma fórmula popular para nomear os lavradores [GL, p. 565].
- ¹⁵⁷ Paráfrase de Dante, *A Divina Comédia*, Inferno, V, vv. 121-123 (“Nessun maggior dolore, / che ricordarsi del tempo felice / nella miseria”), citação comum na época [GL, p. 565].
- ¹⁵⁸ gatos romanos: modalidade mais comum de gatos, distinguidos pela cor de seu pêlo, mesclado de pardo e preto [*Autoridades*].
- ¹⁵⁹ De *filosofear*, em que se viu uma degradação do anterior *filosofar* de Berganza e, portanto, uma crítica implícita [GL, p. 566].
- ¹⁶⁰ Tópico ciceroniano do ócio proveitoso [GL, p. 566].
- ¹⁶¹ *Romancista* é “o que só conhece a língua romance ou vulgar, sem ter estudado a latina”, e aparentar saber latim foi uma das atitudes criticadas pelos escritores satíricos e muito abordada por Cervantes desde o prólogo da primeira parte do *Quixote* [GL, pp. 566-67].
- ¹⁶² Trata-se da única vez que Cipião se dirige a Berganza chamando-o *irmão*.
- ¹⁶³ “Romancistas ignorantes que ‘tecem’ sua fala vulgar (romance) com frases e palavras latinas”, metáfora muito utilizada na época [GL, p. 567]; *envaretado*: “o que está tecido com listras de diversas cores” [*Covarrubias*], e era uma metáfora corrente e muito utilizada [GL, p. 567].
- ¹⁶⁴ A etimologia de *cínico* é “cão” (*kynos*), literalmente, embora se trate de uma zombaria de Cipião, que utiliza a polissemia com “cínicos”, escola filosófica helênica crítica da sociedade de seu tempo. A partir destas linhas, comparou-se a relação entre a atitude crítica de ambos os cães para com a sociedade e a que nos mostram os cínicos da Antiguidade clássica [GL, p. 568].
- ¹⁶⁵ pareça polvo: trata-se de uma crítica à concepção da novela própria da época, que era concebida, nos termos de Suárez de Figueroa, como segue: “As novelas, tomadas com o rigor que se deve, são uma composição engenhosíssima, cujo elemento obriga à imitação. Não há de ser simples nem desnuda,

-
- mas manhosa e vestida de sentenças, documentos e tudo o mais que a prudente filosofia pode ministrar (*El pasajero*, ed. F. Rodríguez Marín, Madrid, 1913, p. 55) [SA, p. 582].
- ¹⁶⁶ *Caudas* era eufemismo de “rabos”, vocábulo que se evitava por ser considerado malsonante [GL, p.568].
- ¹⁶⁷ Os escravos negros abundavam na Sevilha da época, como mais um produto do intenso tráfico comercial [GL, p. 568].
- ¹⁶⁸ A comparação com os *negros de Guiné* se baseia em que o vergonhoso comércio de escravos na costa atlântica africana originou a crença, refletida na linguagem, de que eles eram simples ou ingênuos [GL, p. 569].
- ¹⁶⁹ Corondas, de Tiro: personagem do anedotário clássico. Segundo Amezúa (*op. cit.*, p. 513), trata-se de “Charondas, Thurio, ou cidadão de Thurios, na Magna Grécia”. A anedota procede de Valério Máximo, *Hechos y dichos memorables*, VI-5-4, trad. de F. Martín Acera, Madrid, Akal, 1988, p. 368 [SA, p. 584].
- ¹⁷⁰ disciplina: o termo é utilizado com sentido dissêmico (“retidão de comportamento” e “instrumento de castigo”), daí o zeugma dialógico que segue: *dar-se com ela* [SA, p. 585]. *Autoridades* registra o significado de disciplina como “o instrumento de que se usa para o exercício dos açoites. Costuma ser feito de arame para maior rigor, mas o regular é de cânhamo torcido.”
- ¹⁷¹ É a posição da qual o alferes Campuzano está ouvindo a conversa.
- ¹⁷² *Habit bovem in lingua*: provérbio de origem clássica muito popular na época a partir dos *Adagia* de Erasmo, e que significa que se deve ficar calado em troca de dinheiro, como Berganza explica mais adiante [GL, p. 571].
- ¹⁷³ cadela: denominação comum para os escravos e mouriscos, mas assinala-se o ponto de ironia que significa o fato de Berganza dizê-lo [GL, p. 571].
- ¹⁷⁴ A raiva da escrava se traduzia na fome que Berganza passava, visto que ela lhe suprimiu a comida que lhe dava à noite (*Surrupiou minha ração e os ossos*), deixando seus ossos (*os nós do espinhaço*) à vista.
- ¹⁷⁵ esponja frita com manteiga: a escrava traz a Berganza uma esponja que, uma vez comida, incha o estômago e produz a morte [GL, p. 571]. Veneno: no original, *zarazas*: “massa que é feita misturando-se vidro moído, veneno ou agulhas, e serve para matar os cães, gatos, ratos e outros animais” [*Autoridades*].
- ¹⁷⁶ *O aguazil do qual falei no início de minha história* não aparece no texto conhecido do *Colóquio*; Cervantes deve tê-lo mencionado no rascunho dessa novela e, tirada depois a menção, não suprimiu também essa referência. Começa aqui uma das histórias centrais da vida de Berganza, bem como um dos episódios mais extensos e substanciais, parte do qual (o episódio do bretão, por exemplo) provém da versão primitiva da novela *Rinconete y Cortadillo*. Junto a este episódio, de ambientação entremezilhada e cômica e centrado na personagem da Colindres, encontramos-nos de novo com Monipódio, personagem de *Rinconete*, e, por sua vez, com uma história do aguazil: a do roubo do cavalo. O episódio, em seu conjunto, mostra-nos a corrupção generalizada da administração de justiça e nos permite ver o pátio de Monipódio da perspectiva de Berganza, um ponto de vista complementar aos dos dois jovencinhos Pedro del Rincón e Diego Cortado [GL, p. 572].
- ¹⁷⁷ Os *cães de ajuda* eram os “cães domésticos”, e também se denominavam assim os utilizados nas rondas pelos aguazis [GL, p. 573].

-
- ¹⁷⁸ Imagem clássica da deusa Fortuna [GL, p. 573].
- ¹⁷⁹ Feira pública: no original, *vendeja*: tratava-se de uma feira outonal dos portos andaluzes à qual acudiam frotas do norte da Europa para a compra de artigos espanhóis muito cotados no resto do continente [GL, p. 573].
- ¹⁸⁰ *Bretão*: estrangeiro, em geral.
- ¹⁸¹ *Limpas*: prostitutas.
- ¹⁸² O episódio da Colindres fazia parte da primeira redação conhecida de *Rinconete y Cortadillo*; Colindres foi nome utilizado por famílias importantes na Sevilha da época, de onde surge a estranheza pelo uso cervantino [GL, p. 573].
- ¹⁸³ passou o canudo: deu a informação, soprou a dica [*Houaiss*], com o mesmo sentido do espanhol *dar el cañuto* ou *soprar el cañuto*; por isso, mais tarde se dirá que a Colindres enganou a outro com o mesmo “embuste do sopro”.
- ¹⁸⁴ Interveio, defendeu-o; de forma irônica, naturalmente.
- ¹⁸⁵ O episódio do *presunto famoso* sugere algumas alusões aos judeus conversos e paralelismos com a *Viaje de Turquia* [GL, p. 574]; os *foles* eram calças “que se usavam antigamente, muito côncavas e enrugadas, à maneira de foles, de onde tomaram o nome” [*Autoridades*]. Usados principalmente na metade do século XVI, foram ridicularizados por seus bolsos amplos, “e assim se explica que o desafortunado bretão levasse em um bolso de seus foles um famoso pedaço de presunto” (Amezúa, *op. cit.*, p. 519) [HS, p. 324].
- ¹⁸⁶ Valor equivalente a cinquenta escudos em moedas de ouro.
- ¹⁸⁷ se enfureceram todos (*diéronse al diablo todos*): encolerizaram-se, irritaram-se, armaram um grande escândalo. “Darse al diablo” é expressão lexicalizada que significa “deixar-se levar pela paixão” [*Autoridades*].
- ¹⁸⁸ por todos os santos (*por mi santiguada*): expressão elíptica que equivale a *por mi cara santiguada* e constitui uma fórmula de juramento pela qual alguém se compromete a fazer algo [GL, p. 576].
- ¹⁸⁹ chirinola: coisa confusa, embrulhada, trapalhada. Também “festa, bom humor”, vocábulo que significou, no Século de Ouro, “disputa, luta; junta de ladrões”, do nome da batalha de *Cerignola* (1503), na qual muitos “valentes” se gabavam de ter estado [*Houaiss*]; segundo *Corominas*, a palavra sofreu influência do antropônimo *Cherinos* (de origem francesa), que figura em obras da época como sendo um “rufião, bandoleiro”.
- ¹⁹⁰ A atitude da mulher, em ridícula reivindicação de sua fidalguia, aparece com frequência nos textos satíricos da época, especialmente em Quevedo [GL, p. 576]. Carta executória: “certificado oficial pelo qual um fidalgo demonstra sua ascendência” [*Autoridades*]; do mesmo modo que as bulas pontificais, expediam-se com a fórmula *ad perpetuam rei memoriam* (“para perpétua memória do fato”), que a hospedeira vulgariza, e com grandes chancelas (*colgaderos de plomo*), selos que as autenticavam. Diz Amezúa (*op. cit.*, p. 526): “As bulas dos pontífices e as informações possessórias ou simples, feitas *ad perpetuam rei memoriam*, sempre foram encabeçadas por esta fórmula, que o vulgo aplicou depois rusticamente a todo tipo de documentos.” [HS, p. 326].
- ¹⁹¹ aranzel (*arancel*): formulário, lista, regulamento [*Houaiss*]; “decreto ou lei a modo de tarifa ou taxa que determina os direitos dos ministros de justiça; o que devem pagar os gêneros nas aduanas, e o preço com que se hão de vender as coisas” [*Autoridades*]. Aqui, tem o sentido de “tabela de preços”,

-
- pois era obrigação dos negócios públicos afixar uma tabuleta com os preços em lugar visível [GL, p. 576].
- ¹⁹² as chaves de seus aposentos: deixar as chaves em poder dos hóspedes era também um costume da época [GL, p. 576].
- ¹⁹³ *Esconderijos* faz referência às roupas íntimas [SA, p. 326].
- ¹⁹⁴ O tenente de Assistente (Corregedor) é o “auxiliar ou delegado do Corregedor”; em Sevilha, este nomeava dois tenentes [GL, p. 577].
- ¹⁹⁵ Cf. nota 183.
- ¹⁹⁶ eles ainda faziam mais (*más adelante tiraban la barra*): “tirar la barra: ter feito um homem tudo quanto pôde; adiantar-se ou alongar-se em algo, ou ser interesseiro com os outros” [Covarrubias]. Sérgio Molina, em nota à sua tradução do *Quixote* (São Paulo, Editora 34, 2002, p. 342), também oferece o seguinte significado: “jogo rural que consiste no arremesso de uma barra de ferro com pontas afiadas, a um alvo determinado ou o mais longe possível”.
- ¹⁹⁷ Cervantes descreve em termos positivos em que deveriam consistir as funções de aguazil e escrivão. Provavelmente toda a passagem seja irônica, em vista da enumeração tão elogiosa [GL, p. 577].
- ¹⁹⁸ por realizar prisões famosas: por prender famosos delinquentes.
- ¹⁹⁹ A porta de Jerez era uma das mais famosas portas da cidade, assim chamada porque por ela se saía em direção a Jerez; encontrava-se junto à torre de Ouro e por ela entravam na cidade os carregamentos das frotas das Índias [GL, p. 579]; *freio de cordel*: “freio semelhante ao das bestas de carga, que costumava ser de ferro” [Autoridades].
- ²⁰⁰ *Rodamonte* é personagem do *Orlando furioso* de Ludovico Ariosto e do *Orlando innamorato* de Mateo Boiardo. Trata-se de um guerreiro sarraceno de grande orgulho e força sobre-humana; seu nome oscila entre as formas *Rodamonte* e *Rodomonte* [GL, p. 579]. O *colégio de mestre Rodrigo* era o nome antigo da Universidade de Sevilha, fundada por mestre Rodrigo Fernández de Santaella (1444-1509) sob a denominação de Colegio Mayor de Santa María de Jesús; na época de Cervantes, a entrada estava decorada com duas colunas de mármore. Diz Amezúa (*op. cit.*, p. 543): “À porta de Jerez, entre os muros do Alcázar e a muralha da cidade, erguia-se o insigne Colegio Mayor de Santa María de Jesús, Universidade de Sevilha, que, por tê-lo fundado Rodrigo Fernández de Santaella, mestre em Teologia e arqui-diocesano de sua igreja, o vulgo sevilhano o chamou sempre, com andaluz metaplasmo, Colégio de *Mase* Rodrigo.” [SA, p. 593].
- ²⁰¹ Segundo F. Rodríguez Marín (*Novelas ejemplares*, II, pp. 271-72), Sarmiento de Valladares começou a exercer seu ofício de Assistente de Sevilha em fevereiro de 1589. Sucedeu-o, em janeiro de 1590, dom Francisco de Carvajal. A ação dessa parte da novela acontecia, portanto, no ano que transcorreu entre estes meses, época em que Cervantes, ocupado com a função de comissário de abastecimento para as galeras reais, passava freqüentemente em Sevilha [HS, p. 329]. A *Sauceda* era uma defesa da cordilheira de Ronda que na segunda metade do século XVI se converteu em refúgio de ladrões; sua destruição consistiu no perdão real, tendo em vista que não se podia acabar com eles e, portanto, trata-se de uma ironia cervantina [GL, p. 579].
- ²⁰² Trata-se da casa de Monipódio, que foi identificada tradicionalmente como uma casa da antiga rua da Cruz, em frente à torre de Ouro [GL, p. 580]. Jácara: “a linguagem, a vida e os costumes dos rufiões” [Covarrubias]. “linguagem e vida de malfeitores; romance breve, de tom alegre, em que se costumam contar fatos da vida airada; espécie de dança, com a música correspondente, que

-
- acompanhava a representação de uma *jácara*; segundo *Corominas*, como significou também ‘calão, linguagem de malfeitores’, deve ser derivado de *jácara*, ‘rufião’, que, por sua vez, vem de *jaque*, ‘rei no jogo de xadrez’, por extensão, ‘ameaça’, pela atitude de provocação que o jogador brigão adota freqüentemente [*Houaiss*].
- ²⁰³ Nas tavernas, vendia-se o vinho em couros e tonéis, e ele era medido em vasilhames. Seu consumo ali, a princípio, era excepcional e proibido pela lei [GL, p. 580].
- ²⁰⁴ O nome de Monipódio, uma das personagens centrais da novela *Rinconete y Cortadillo*, alude diretamente à sua qualidade de líder do crime organizado, já que *monipodio* significa literalmente “monopólio” [GL, p. 581].
- ²⁰⁵ de contado: à vista (diz-se de pagamento) [*Houaiss*].
- ²⁰⁶ A *pendência* se refere ao duelo público entre o aguazil e os rufiões relatado anteriormente.
- ²⁰⁷ fazia apresentação: “apresentava como prova”. Trata-se da reprodução da linguagem jurídica e financeira da época [GL, p. 581].
- ²⁰⁸ passados os termos da lei: o ladrão devedor não pôde pagar a dívida nos termos fixados, em razão do que o cavalo saiu a leilão, pois era a *prenda* [GL, p. 582].
- ²⁰⁹ Seyano: cavalo de Cneo Seyo, famoso por trazer má sorte a seus donos [HS, p. 331]
- ²¹⁰ como um ovo valia um maravedi (*como un huevo un maravedí*): expressão que parece sublinhar a verdade do preço expressado, embora fosse utilizada também para dar a entender que uma mercadoria havia sido vendida barato [GL, p. 582]. O valor do maravedi variou ao longo do tempo. Na época, equivalia a 1/34 do real de prata e a 1/375 do ducado de ouro [cf. Sérgio Molina, nota à sua tradução do *Quixote*, São Paulo, Editora 34, 2002, p. 116].
- ²¹¹ Nome comum na época para os cavalos [GL, p. 583].
- ²¹² rompido a bolsa: “a cobiça rompe a bolsa”, porque aquele que quer tudo, perde tudo; refrão idêntico ao atual [*Correas*].
- ²¹³ San Julián era um antigo bairro de Sevilha, perto da Macarena, e tomava o nome da paróquia [HS, p. 331].
- ²¹⁴ Mairena do Alcor, a 25 quilômetros a leste de Sevilha, no antigo caminho que levava a Málaga [HS, p. 332].
- ²¹⁵ Começa aqui o episódio do tamborileiro, que colocará Berganza em contato com a bruxa Canhizares, em razão do que foi interpretado às vezes como um marco literário do episódio central da bruxa ou de um episódio de transição [GL, p. 584].
- ²¹⁶ Berganza afirma ser diferente dos cães comuns, e essa afirmação supõe acreditar que a história da velha Canhizares é verdadeira [GL, p. 584].
- ²¹⁷ As companhias de terços eram comandadas por capitães cuja rota era assinalada por comissários nomeados com esse objetivo pelo Conselho de Guerra, e que também aplicavam a justiça. Com esse mecanismo administrativo, tentava-se evitar os atritos com a população civil. O sistema era habitual desde a época de Felipe II e durou até o reinado de Felipe IV [GL, p. 584].
- ²¹⁸ Tinelo: sala ou casa onde os criados comem em mesa comum [*Houaiss*].
- ²¹⁹ embarcadouro: porto de embarque, neste caso Cartagena [GL, p. 585]

-
- ²²⁰ rufiões falastrões (*rufianes churrulleros*): tratava-se dos soldados que estavam esperando ordem de marcha e no intervalo se dedicavam à vida pícara, e aqui também, talvez, no sentido de “desertores”, como compilado por *Autoridades*. Seu nome provém da famosa pousada napolitana do Cerriglio [GL, p. 585].
- ²²¹ Os abusos dos soldados são insistentemente denunciados nos textos da época, com especial rigor por Juan de Pineda: “[...] e assim, uma capitania de soldados que entra em um povoado mete mais medo e espanto que uma legião de demônios; [...] pois adultérios, estupros e roubos e feridas ignominiosas de pessoas livres, eles consideram ninharia ou gentileza [...] não temendo, por falta de honra e de virtude, gabar-se das travessuras que cometem; e como não são por isso castigados nem repreendidos, não levam nada em consideração.” (*Diálogos familiares de la agricultura cristiana*, II-2, Madrid, BAE, 1963, vol. I, pp. 92-93). É menos freqüente encontrar desculpada a responsabilidade dos “príncipes”, embora também se veja: “Conclusão é averiguada que todos os capitães são como os alfaiates, que não deixam de furtar [...]. Mata: E o rei, não põe remédio? Pedro: Não o sabe, que há de fazer! Juan: Pois semelhante coisa ignora? Pedro: Sim, porque todos os que falam com o rei são generais ou capitães, pois ele não pára a falar com pobres soldados; que, se fosse assim, ele saberia e, sabendo-o, intercederia; mas tu achas que o capitão vai dizer: “Senhor, de três partes, eu furto uma de meus soldados: castiga-me por isso?”” (*Viaje de Turquia*, ed. F. García Salinero, Madrid, Cátedra, 1980, pp. 144-45) [SA, pp. 597-598].
- ²²² A relação entre a milícia e a população civil foi sempre motivo de tensões sociais [GL, p. 585].
- ²²³ aprendi a saltar pelo rei da França e a não saltar pela má taverneira (*supe saltar por el rey de Francia y a no saltar por la mala tabernera*): “soube saltar de acordo com o que me haviam ordenado”; *Correas* registra: “fazê-lo saltar pelo rei da França: estimular alguém para que faça qualquer coisa que se lhe diga”. Diz ainda que o refrão é tomado dos cães que os cegos têm, cães estes ensinados a saltar por um arco, dizendo-lhes: “Salta pelo rei da França”, e ele salta; e “salta pela má taverneira”, e ele não salta”. Rodríguez Marín (*Novelas ejemplares*, II, pp. 280-81) cita um texto do Dr. Carlos García (*La oposición y conjunción de los grandes luminares de la tierra*, Paris, 1617) muito semelhante ao texto de Cervantes: “e [o cego] começou a fazer-lhe certas perguntas, e entre outras lhe disse: ‘O que farás pelo rei da França?’. Então o cão começou a dançar, a saltar e a regozijar-se de tal sorte, que, se fosse racional, sem dúvida quem o visse o julgaria maníaco ou frenético: tais eram os meneios e saltos que dava.” [HS, p. 118].
- ²²⁴ fazer corvetas: “andar sobre as pernas traseiras levantando os braços no ar”, vocabulário hípico, que na época era escola particular da Itália, daí a observação *como cavalo napolitano* [GL, p. 585].
- ²²⁵ A afirmação de Berganza não constitui um exagero: na época, ele podia ser tomado por um ser demoníaco [GL, p. 585].
- ²²⁶ Os *retábulos* eram caixas que continham figuras de madeira movidas por cordas, por luvas ou pelas mãos, tal como aparece no retábulo de mestre Pedro (*Quixote*, II, 25-27) e no entremez *El retablo de las maravillas* [SA, p. 598].
- ²²⁷ Nas bodegas se vendia comida e, nas tavernas, bebida [GL, p. 586].
- ²²⁸ guadameci: “antiga tapeçaria de couro com figuras em relevo originária de Gadamés, cidade da Tripolitânia” [*Houaiss*]; *correr sortilha* era um jogo cortesão no qual, indo-se a galope, tentava-se acertar com a lança uma argola pendente de uma fita [*Autoridades*]. Também aparece no *Quixote*, II, 62.

-
- ²²⁹ Provavelmente se trata de uma alusão a dom Pedro Fernández de Córdoba y Figueroa, quarto marquês de Priego (1563-1606) [GL, p. 587].
- ²³⁰ Conjurava-me pelas costumeiras perguntas: obrigava o cão a saltar com algumas palavras em forma de conjuro, tal como se vê em seguida.
- ²³¹ Berganza sublinha a importância do episódio da velha Canhizares, que foi anunciado desde o princípio do *Colóquio*.
- ²³² Valdeastillas é um lugar próximo a Valladolid, no caminho de Madri, nomeado no refraneiro; Cervantes alude a um conto popular compilado por *Correas*: “Quando fores a Valdeastillas, por mais mercês de Deus que te façam, não as recebe’: chegou à pousada um biscainho e perguntou se havia o que comer; disseram-lhe que a mercê de Deus não faltaria, que são ovos e torresmo, depois cobraram dele, e disse se queixa e avisa no refrão.” [SA, p. 600]. Há uma evidente contradição entre o apelativo ribombante de dona Pimpinela de Plafagônia e os ofícios a que se dedicava como *companheira da criada galega* que trabalhava na estalagem (ou seja, “prostituta”), posto que tal criada seria do mesmo feitio que as da novela *La ilustre fregona* [GL, p. 587] A *pimpinela* é um tipo de planta utilizado na época como antídoto [Covarrubias].
- ²³³ O *bacharel Pasillas* é personagem desconhecido, de provável origem folclórica. *Bacharel* era o grau universitário mais baixo, ao que se seguiam os de licenciado, mestre e doutor; a crítica aos bacharéis que se diziam licenciados era muito frequente na época [GL, p. 588].
- ²³⁴ Os licores podem ser entendidos como “vinhos”, pois segue uma lista de lugares célebres por seus vinhos [SA, p. 600].
- ²³⁵ Não se entende muito bem no que se baseia Berganza para perceber as *malícias e más intenções* do tamborileiro. Supôs-se que, nas personagens anteriores (dona Pimpinela, o bacharel Pasillas), se incluem alusões a pessoas reais de Montilla, e em especial a referência aos vinhos inclui o esquecimento pejorativo do vinho de Montilla. O tamborileiro buscava um escândalo, obtido logo depois mediante a referência às Camachas [GL, p. 588].
- ²³⁶ *Senado* era apóstrofe típica do público no teatro da época e Cervantes costuma utilizá-lo com uma pontada de ironia [GL, p. 588].
- ²³⁷ a zarabanda e a chacona: eram danças da época. Era opinião comum que a zarabanda tinha o nome de sua inventora [GL, p. 588]. “É alegre e lascivo, porque se faz com meneios do corpo [...] a que baila a zarabanda move o corpo de uma parte a outra e vai rodeando o teatro” [Covarrubias]. Para a descrição da chacona, ver nota 136.
- ²³⁸ azumbre: medida de capacidade para líquidos que equivale a 2,16 litros [Houaiss].
- ²³⁹ O soldado alude à velha Canhizares, que aparecerá a seguir. As Camachas de Montilla (havia duas) eram bruxas famosas em meados do século XVI; quando Cervantes esteve ali, em 1592, deve ter conhecido suas histórias. Começa aqui o episódio nuclear de todo o *Colóquio*, tanto por sua posição central com relação aos anteriores ou posteriores episódios da vida de Berganza como por sua importância como “explicação” da forma atual de Cipião e Berganza, originada por um ato de feitiçaria, dando assim uma alternativa às perguntas e respostas com as quais as duas personagens começam sua conversa. Por isso Berganza insistiu tanto no fato de que devia ter começado a narração de sua vida por esse episódio. Não há dúvida de que Cervantes considerou-o fundamental, e sua importância é ressaltada pelo fato de que Berganza já fez referência a ele em três ocasiões, como uma forma de anunciá-lo. Isso, unido às citações literárias disseminadas pelo episódio (as feitiçarias da

Antiguidade clássica, começando por Lucano, a citação explícita do *Asno de Ouro* de Apuleio) e pela minuciosa interpretação racionalista que Cipião faz da misteriosa profecia da bruxa Camacha (que provavelmente é a voz e a opinião do próprio Cervantes sobre a natureza real das bruxas), revela-nos que nos encontramos no centro do *Colóquio dos cães*. De fato, a crítica considerou uma espécie de “novela interpolada” na própria novela, e viu nas palavras da bruxa (a *tropelia*) uma metáfora do próprio *Colóquio* e até mesmo de toda a ficção cervantina. A velha bruxa Canhizares, uma personagem geralmente considerada celestinesca, com grande probabilidade foi delineada a partir de lembranças de Cervantes sobre as bruxas andaluzas, as “Camachas de Montilla” [GL, p. 589].

- ²⁴⁰ hospitaleira: “mulher, geralmente anciã e procedente do mundo da prostituição, que tratava de enfermos nos pequenos hospitais”. *Sessenta anos* foi considerado um provável erro, já que depois a velha declara que tem 75 anos.
- ²⁴¹ Lei do encaixe (*ley del encaje*): é a “lei que não está escrita, mas que o juiz coloca (encaixa) na cabeça e, sem texto no qual se basear, a executa” [Covarrubias]. Portanto, significa uma resolução arbitrária e injusta.
- ²⁴² em outro hospital: em Montilla, naquela época, havia dois hospitais [GL, p. 590].
- ²⁴³ Montiel: novo nome de Berganza, que coincide com o nome pelo qual se apresenta Chanfalla no entremez cervantino *El retablo de las maravillas*, e é também o nome de um dos principais cenários em que transcorrem as aventuras de dom Quixote (o campo de Montiel) [GL, p. 590].
- ²⁴⁴ Berganza se refere à importância do episódio da bruxa Canhizares dentro da estrutura do *Colóquio dos cães* no que se oferece como explicação à fala dos animais; o tom de Berganza nos indica que ele acredita na explicação da bruxa [GL, p. 590]
- ²⁴⁵ em sinal de obediência: olhar para o chão era sinal de modéstia [GL, p. 590].
- ²⁴⁶ que venha a morte e leve-me desta vida cansativa: viu-se nessas palavras uma paráfrase do episódio de Simão no evangelho de São Lucas 2, 26-35, no qual ele se felicita por ter visto Jesus antes de morrer e enuncia uma profecia que foi relacionada com a profecia da bruxa [GL, p. 591].
- ²⁴⁷ A *Camacha de Montilla*, como já se disse, foi personagem histórica pertencente a uma família de bruxas cordobesas que viveram na época em que Cervantes percorreu a Andaluzia como comissário de abastecimento e cuja presença em Montilla no final do século XVI está documentada. Ela foi identificada com Leonor Rodríguez, penitenciada por bruxaria em dezembro de 1572. *Erito* (ou *Erichto*) é a bruxa da *Farsália* de Lucano (*Bello civile*, VI, vv. 440-441 e 492-496); *Circe* e *Medéia* provêm da mitologia grega e aparecem na *Eneida* [GL, p. 591].
- ²⁴⁸ Ela congelava as nuvens... as que ela queria: Cervantes realiza, pela boca da Canhizares, uma exposição dos principais poderes sobre-humanos (alterar o clima ou transportar pessoas além dos limites espaço-temporais) e das habilidades celestinescas das bruxas [GL, p. 591].
- ²⁴⁹ Em dezembro... ceifava trigo. Alterar as estações e colher flores no inverno é outro poder de origem folclórica atribuído às bruxas [HS, p. 338].
- ²⁵⁰ “Para encarecer os embustes de alguma velha, chamando-a de feiticeira, dizemos que fará brotar agrião em uma artesa” [Covarrubias]. Artesa: caixa de madeira, quadrilonga, que serve de amassadouro e tem outros usos caseiros [Aurélio].
- ²⁵¹ Trata-se da lecanomania ou catoptromancia, praticada à luz da lua e iniciada com uma oração a Santa Marta [GL, p. 592].

-
- ²⁵² convertiam os homens em bestas: alusão a uma das habilidades das bruxas de maior importância literária, pois nessas linhas está contido o argumento de *O asno de ouro*, de Apuleio, e delas faz eco Santo Agostinho (*De civitate Dei*, XVIII, 18, 1). Além disso, está na base do argumento do próprio *Colóquio*; por outro lado, esse acontecimento maravilhoso não era considerado impossível na época [GL, p. 592]. A fórmula *real e verdadeiramente* foi considerada paráfrase das formulações do Concílio de Trento para referir-se ao sacramento da eucaristia (*vere, realiter et substantialiter*) [GL, p. 592].
- ²⁵³ A velha bruxa refuta a interpretação simbólica e meramente literária dos poderes mágicos das bruxas; na expressão *os que mais sabem* viu-se uma alusão às interpretações simbólicas das bruxas virgilianas Circe e Medéia, nomeadas anteriormente [GL, p. 592].
- ²⁵⁴ Na época, os “tropolistas” constituíam uma espécie de malabaristas ambulantes, geralmente enganadores. *Tropelia*: engano e jogo de mãos, mas aqui também no sentido de bruxaria. Sugeriu-se que *tropelia* indica, em termos simbólicos, a essência da arte literária e poética desenvolvida nas próprias *Novelas exemplares*: um ato de magia literária, em que estaria a origem não apenas de Cipião e Berganza, mas também a de todos os seus irmãos literários [GL, p. 592].
- ²⁵⁵ fazer e entrar em um cerco: as bruxas desenhavam um círculo no solo, geralmente de carvão, e de dentro dele invocavam o demônio [HS, p. 339].
- ²⁵⁶ meia região: “região de demônios”; refere-se a todos os demônios que habitam em uma das partes do inferno [HS, p. 339].
- ²⁵⁷ nos untamos: as bruxas costumavam passar unturas pelo corpo, o que explica sua experiência com alucinações [GL, p. 593].
- ²⁵⁸ havia parido dois cãesinhos: lugar-comum do folclore. O parto de cães, geralmente mais de um, pode ser motivado também por relações com o demônio [GL, p. 593].
- ²⁵⁹ *Rodríguez* era um dos sobrenomes das Camachas de Montilla [cf. nota 247]. Ganapão: homem que ganha a vida levando ou transportando cargas, trabalhador corporal, trabalhador adventício. Vem do espanhol *ganapán*, por alusão à maldição bíblica “ganharás o pão – *ganarás el pán* – com o suor do teu rosto” [Houaiss]. *Covarrubias* diz que “são ordinariamente homens de muita força, gente pobre e de nenhuma presunção, vivem livremente [...] O ganapão carece de honra, e nenhum obstáculo o pára; não se importa de andar malvestido e esfarrapado.”
- ²⁶⁰ este parto canino... mistério contém: alusão à origem demoníaca dos dois filhotes, que seriam filhos do diabo [GL, p. 594].
- ²⁶¹ quando menos esperassem: a indeterminação temporal da profecia da bruxa foi relacionada com a formulação do Juízo Final em Mateus 24, 44 (“no momento em que menos pensais, virá o Filho do homem”) [GL, p. 594].
- ²⁶² Profecia em decassílabos de significado satírico e conteúdo apocalíptico baseada em evocações literárias (*Eneida*, VI, v. 853, “parcere subiectis et debelare superbos”, e Lucas 1, 51-52, cantando no *Magnificat*: “dispersit superbos... Deposuit potentes”). Também se relaciona com a profecia de Simão em Lucas 2,33-34 (“Ecce positus est hic in ruinam, et in resurrectionem multorum in Israel”). Viu-se também nesses versos, algumas vezes, uma intencionalidade política por parte de Cervantes, lendo-se neles uma crítica à autoridade política na Espanha da época, um desejo de mudança radical da ordem social, um anúncio apocalíptico (o Juízo Final, a morte, etc.) ou uma referência de tipo carnavalesco e inclusive uma zombaria da literatura de prognósticos e calendários das profecias

-
- cavalleirescas. Também se compara o sortilégio da bruxa com a função dos versos mnemotécnicos na narrativa oriental [GL, p. 594].
- ²⁶³ *Apuleio* de Madaura ou Madaurense, autor de *O asno de ouro*, obra na qual se narram as transformações do asno Lúcio, viveu no século III d.C. e teve grande influência em sua época e na narrativa renascentista européia. Traduzido ao castelhano em 1513 por Diego López de Cortegana, influenciará notavelmente no gênero autobiográfico, sobretudo na picaresca. No livro III de *O asno de ouro*, é narrada uma cena de bruxaria muito próxima da cervantina. No entanto, sua influência sobre o *Colóquio dos cães* foi objeto de uma longa polêmica [SA, p. 605].
- ²⁶⁴ estas adivinhações... profecias: *profecia* implicava a intervenção divina, enquanto as *adivinhações* são meros provérbios e, inclusive, refrões [GL, p. 595].
- ²⁶⁵ e tu e teu irmão: a afirmação da bruxa de que Berganza tem um irmão com o qual se reunirá foi interpretada por ele desde o início do *Colóquio* como uma referência a Cipião [GL, p. 595].
- ²⁶⁶ cabrão: o diabo, que aparecia desta forma nos encontros. “É símbolo do demônio, e em sua figura dizem que aparece às bruxas e quer ser reverenciado por elas” [Covarrubias].
- ²⁶⁷ só por conjeturas: o diabo, realmente, só conhece o futuro por permissão divina (Santo Agostinho, *De civitate Dei*, XVIII, 18) [GL, pp. 595-96].
- ²⁶⁸ bruxos e bruxas: note-se a mudança do tipo de feiticeira andaluza, que atua sozinha, ao tipo basco, baseado na experiência coletiva dos encontros [GL, p. 596].
- ²⁶⁹ Cervantes começa a expor brevemente as principais teorias da época sobre a natureza das bruxas. A *fantasia*, que elabora as imagens da sensibilidade, distinguia-se, na época, da *imaginação*, produtora de imagens sem relação com a realidade. Canhizares usa ambos os termos indistintamente, e explica que o demônio atua sobre a fantasia para produzir imagens independentes da realidade [GL, p. 596].
- ²⁷⁰ Na época, foi muito importante a polêmica sobre se as bruxas voavam realmente de distâncias longínquas para assistir aos encontros (suspeita que desencadeou uma brutal “caça às bruxas” na Europa da época) ou se simplesmente sofriam alucinações provocadas por drogas. A segunda opinião foi defendida com ardor na Espanha e foram realizadas experiências científicas pelo doutor Laguna e mais tarde por Pedro de Valencia, cujo relatório sobre Zugarramurdi (1611) foi relacionado com a redação do *Colóquio*. Como pode se observar ao longo do relato, Cervantes se inclina pela segunda opção e se coloca claramente ao lado das opiniões mais tolerantes da época [GL, p. 596].
- ²⁷¹ A alusão aos Pirineus talvez tenha relação com a existência contemporânea das bruxas de Zugarramurdi (1611) e com o tipo de bruxa que Cervantes nos apresenta. Jira: “comida e festa que se realiza entre os amigos com regozijo e contentamento” [Covarrubias]. O *Aurélio* registra: “em terreiros de umbanda, ou influenciados pelo rito angola-congo, cerimônia onde se canta e dança, geralmente em círculo, em homenagem às entidades”.
- ²⁷² Nas *encruzilhadas* se enforcavam delinqüentes, e no folclore elas costumam ser lugares de manifestações mágicas e demoníacas [GL, p. 597].
- ²⁷³ lançada que me atravessava o coração: a *lança* como imagem de ciúmes ou de dor é freqüente na obra de Cervantes [GL, p. 597].
- ²⁷⁴ em tão mau estado: referência à situação pecaminosa da bruxa [GL, p. 598].
- ²⁷⁵ as crianças que afogamos: costume que era atribuído às bruxas e aos judeus [GL, p. 598].
- ²⁷⁶ Sentença proverbial e folclórica [GL, p. 598].

-
- ²⁷⁷ todos os males... nós mesmos: os males de dano são os males que sofremos, em oposição aos de culpa, que são os que causamos [GL, p. 598].
- ²⁷⁸ Corpo de tal: invocação eufemística do corpo de Cristo; “juramento que expressa admiração” [Covarrubias]. “Corpo de tal, com a puta velha!” é um insulto de origem celestinesca [GL, p. 599].
- ²⁷⁹ A visão que a velha Canhizares tem de si mesma foi comparada à de Rosamunda no *Persiles*, I, 19, e sua forma e estilo de raciocínio recordam os tratados de ascética da época e a ideologia da velha Celestina [GL, p. 599].
- ²⁸⁰ voltemos às unturas: as unturas compunham-se de ervas de carácter alucinógeno (cicuta, mandrágora, etc.) inventariadas em tratados herborísticos ou de magia da época, como o de Andrés Laguna ou o de Giovanni Batista della Porta, cujas descrições de seus efeitos lembram as palavras da velha [HS, p. 342].
- ²⁸¹ os nomes das festas: expressão equivalente a “os nomes das Páscoas”, “frase com a qual se explica que algumas pessoas se chamaram reciprocamente de nomes injuriosos, e que se jogaram na cara seus maiores e mais sensíveis defeitos e faltas” [Autoridades].
- ²⁸² embora tenha setenta e cinco: anteriormente, Berganza a apresentara como “uma velha, ao que parece, de mais de sessenta anos”.
- ²⁸³ As três expressões são formas refranísticas [Correas]; os refrões da velha recordam o *carpe diem* celestinesco [GL, p. 600].
- ²⁸⁴ Começa aqui a descrição física da bruxa, que foi relacionada com os nus renascentistas, resultando em um retrato monstruoso, grotesco e degradante, pela desproporção entre sua descomunal altura e sua estranha magreza, bem como pelos inúmeros traços de animalismo, frente à moderação com que Cervantes descreve grande parte das personagens da novela. Também foram vistos paralelismos com vários retratos de feiticeiras e alcoviteiras de Horácio [GL, p. 601].
- ²⁸⁵ alta de mais de sete pés: o pé castelhano equivalia a 27,03 centímetros, ou seja, a velha Canhizares media aproximadamente 1,90 metro.
- ²⁸⁶ A *pele negra* refletiria o carácter demoníaco da velha [GL, p. 601].
- ²⁸⁷ catadura: expressão do semblante (de ser humano ou animal); aspecto; aparência [Houaiss].
- ²⁸⁸ sumamente gozosa: ou seja, acreditavam que havia entrado em êxtase místico (“arroubamento”) [GL, p. 602].
- ²⁸⁹ É a explicação clássica da bruxaria exposta por Santo Agostinho, *De civitate Dei*, XVIII, 18 [GL, p. 602].
- ²⁹⁰ A atitude de Cipião tem importantes paralelismos literários com expressões do cético bacharel Sansão Carrasco (*Quixote*, II, 50), que por sua vez leva ao extremo a história de São Tomás, o apóstolo descrente, tal como contado no evangelho de São João (Jo 20,25, “Nisi videro in manibus eius... et mittam manum mean in latus eius, non credam”) [GL, p. 604].
- ²⁹¹ O *cavalo sem cabeça* é um elemento folclórico associado geralmente ao demônio ou às bruxas; a *varinha de virtudes* alude aos contos de fadas [SA, p. 612].
- ²⁹² O sintagma *noites de inverno* e a cena ao qual está associado na novela recorda o título de várias coleções de relatos curtos, em especial as *Noches de invierno* de Antonio de Eslava [GL, p. 604].

-
- ²⁹³ sentido... alegórico: a palavra bíblica tem quatro sentidos fundamentais (literal, alegórico, analógico e tropológico); o sentido alegórico permite uma interpretação diferente da estritamente literal [GL, p. 604].
- ²⁹⁴ Imagem clássica da deusa Fortuna [GL, p. 605].
- ²⁹⁵ O raciocínio de Cipião esconde vários paralogismos e postulados não isentos de contradição, baseando-se em uma divisão estabelecida previamente (literal/alegórica), mas que usa de forma arbitrária e, além disso, não incide na verdade do relato da Canhizares: a profecia poderia ser um embuste e eles, homens. Daí resultam suas dúvidas e contradições (*se acaso for nossa mãe*) [GL, p. 605].
- ²⁹⁶ A resposta de Berganza, mesmo dando razão a Cipião, esconde uma cruel ironia, já que a expressão *Cipião irmão* pressupõe dar por verdadeira a história de Canhizares [GL, pp. 605-06].
- ²⁹⁷ o que estamos passando é sonho: Berganza está propondo uma nova delimitação de gênero para o *Colóquio*, paralela à lucianesca ou milésia [GL, p. 606].
- ²⁹⁸ *Conde* é “título com que os ciganos designam seu chefe” [Covarrubias] e “capitão, chefe ou superior que os ciganos elegem, ao qual todos se sujeitam para receber as ordens dos lugares em que hão de ir buscar a vida. Raras vezes se descobre qual cigano será escolhido, porque fazem disso o maior segredo [Autoridades]. “Conde de ciganos” era um título de nobreza reconhecido no século XV, mas já no século XVI passará a ser tema de gracejo; *Maldonado* é a forma comum de chamar os ciganos da época. Com o episódio do acampamento de ciganos começa o que se considera a “segunda parte” do *Colóquio*. A lenta sucessão de longos episódios bem delimitados e com personagens centrais bastante caracterizadas (magarefe, pastores, aguazil, tamborileiro, a velha Canhizares) dá lugar a uma série de episódios rápidos, às vezes agrupados tematicamente – a loucura, por exemplo, é o elemento nuclear dos últimos quatro –, e nunca se trata de personagens elaboradas, mas de tipos anônimos, como se o *Colóquio*, dentro das verdades já estabelecidas, corresse com pressa ao seu final. Nesse episódio inicial, mostra-se a vida dos ciganos de um ponto de vista muito afastado do da novela *La gitánilla* e de certa forma desmistifica parte da visão idílica que nos é oferecida ali; de fato, tradicionalmente se sublinha o paralelismo dessa história com o argumento de *La gitánilla*: o “conde de ciganos” poderia ser o próprio Andrés Caballero que acaba liderando o acampamento de Preciosa. Nesse sentido, é comparável à dupla perspectiva sobre o pátio de Monipódio que obtemos no episódio do aguazil; uma repetição de episódios de acordo com um ponto de vista diferente (o de Berganza), o que levou a considerar o *Colóquio* como uma espécie de repetição musical de toda a coleção [GL, pp. 606-607].
- ²⁹⁹ pinças... pás: utensílios que na época costumavam ser associados aos ciganos [GL, p. 607]. Verruma: instrumento cuja extremidade inferior é lavrada em hélice e acaba em ponta, usado para abrir furos na madeira [Aurélio].
- ³⁰⁰ de sua raça: a fidelidade conjugal dos ciganos era proverbial e, ao que parece, tinha um fundo de verdade [GL, p. 607].
- ³⁰¹ Era idéia muito difundida na época que a única ocupação real dos ciganos era a compra e venda fraudulenta de gado. Os *graduados* eram aqueles que haviam obtido algum “grau” ou título universitário (bacharel, licenciado, etc.), e nesse caso com o sentido de “peritos” [GL, p. 608].
- ³⁰² Geralmente, vê-se nessa afirmação uma evocação da série de medidas reais contra os ciganos que começa em 1499 [HS, p. 349].

-
- ³⁰³ Trata-se da mesma rota que seguem os ciganos de *La gitanilla* [GL, p. 609].
- ³⁰⁴ Os *mouriscos* eram os muçulmanos que permaneceram na Espanha depois da conquista de Granada, e conservavam sua religião e seus costumes. Suas relações com a sociedade cristã pioraram ao longo do século XVI, até culminar na rebelião das Alpujarras e seu dramático final (1560-1570), para terminar expulsos mediante uma série de decretos que se estendem de 1609 a 1613. O acordo de expulsão foi votado pelo Conselho de Estado em 30 de janeiro de 1608, aplicado exclusivamente a Valência, se bem que, em 4 de abril de 1609, estendeu-se a toda a Espanha; foram expulsos aproximadamente 300 mil mouriscos. Por outro lado, Cervantes nos apresenta aqui um retrato típico do mourisco, culpado de todos os males possíveis, e no qual se observa que imita o tom e os temas das discussões que circulavam contra estes, em especial a *Expulsión justificada de los moriscos de España* (1612), de Pedro Aznar Cardona. Mas tanto o tom como a série de acusações contrastam com a consideração do lado humano dessa minoria religiosa que nos descreve no mourisco Ricote (*Quixote*, II, 54) [GL, p. 609].
- ³⁰⁵ mouriscada canalha (*morisca canalla*): compilando o sentido original de “matilha”, significa “a junta de gente vil, induzida a alvoroçar e prejudicar” [Covarrubias].
- ³⁰⁶ *Cunhar* no sentido de “fazer moedas”, “acumular”, *o real* com o sentido geral de “o dinheiro”, e *sencillo* era a moeda de um real de valor (havia moedas de um real, de dois, de quatro e de oito) [GL, p. 610].
- ³⁰⁷ A caracterização do mourisco não é mais que uma acumulação de lugares-comuns que circularam no início do século XVII: falta de castidade, de fé, avareza sem limites, mesquinharia, etc. [GL, p. 610].
- ³⁰⁸ As primeiras duas metáforas (*arca, traça*) encerram a idéia de acumulação e, no caso de *traça*, de destruição; as duas segundas (*gralha, doninha*), a de destruição ou rapina em benefício próprio [GL, p. 610]. “A *doninha* é prejudicial nos pomares, porque come os ovos das pombas e mata os pombinhos, e o mesmo realiza nos poleiros com as galinhas” [Autoridades].
- ³⁰⁹ seiscentos mil varões: é a quantidade de hebreus que, segundo o Êxodo 12,37, partiram do Egito [GL, p. 611].
- ³¹⁰ saída: “solução”. Essa expressão foi interpretada como proposta próxima da que seria posteriormente a solução histórica, o que às vezes serviu para propor uma datação do *Colóquio* muito anterior a 1609 [GL, p. 611].
- ³¹¹ sorgo: planta anual (*Sorghum bicolor*), semelhante ao milho, com panículas eretas e espiguetas de grãos arredondados, amarelos, brancos ou vermelhos, especialmente importante na África, Índia e China; é o cereal mais cultivado, no mundo, após o trigo, o arroz e o milho [Houaiss].
- ³¹² Parda era a cor da roupa dos camponeses [GL, p. 612]. Baeta: tecido felpudo de lã [Aurélio]. *Autoridades* compila: “tecido de lã que serve para vestes longas de eclesiásticos, mantilhas de mulheres e outros usos. Há de todas as cores, brancas, verdes, pretas, etc.”
- ³¹³ Dar palmadas na testa ou morder as unhas eram sinais característicos da sátira do mal poeta [GL, p. 611].
- ³¹⁴ O mal poeta de comédias é uma das figuras satíricas mais freqüentes na época áurea. Começa aqui um episódio de cruel sarcasmo dirigido ao pedantismo literário e às teorias preceptivas. A relação que Berganza mantém com o poeta, compartilhando seu pão, pode ser comparada à de Lázaro de Tormes e o escudeiro arruinado do tratado III do *Lazarillo de Tormes* [GL, p. 612].

-
- ³¹⁵ A *mutatio caparum* (“mudança de capas”, literalmente) era uma cerimônia litúrgica que os cardeais celebravam no dia de Páscoa de Ressurreição, trocando as capas vermelhas forradas de pele por outras roxas de seda [GL, p. 612]. Sevilla Arroyo observa que a alusão à cerimônia é feita mais para exagerar o disparatado da comédia do que por qualquer outra coisa, pois a denúncia dos despropósitos e da falta de verossimilhança, freqüentemente cometidos pelos autores de comédias, representa a própria medula das idéias dramáticas cervantinas (cf. Florencio Sevilla, “Del *Quijote* al *Rufián dichoso*: capítulos de teoria dramática cervantina”, *Edad de Oro*, V (1986), pp. 217-245) [SA, p. 618]. *Pontifical*: capa comprida, forrada de cetim, usada pelo celebrante durante certos ofícios divinos [Houaiss].
- ³¹⁶ *Ramillete de Daraja*: comédia citada por vários autores da época (Quevedo, por exemplo, em *La hora de todos*) e hoje perdida; pelo título, supõe-se que era de tema mourisco [HS, p. 352].
- ³¹⁷ O *néctar* é a bebida dos deuses na mitologia clássica; e a *ambrosia*, a comida. “Usam-se confusamente estes vocábulos um pelo outro” [Covarrubias]; *Apolo* é o deus da poesia.
- ³¹⁸ mosteiro de São Jerônimo: famoso mosteiro e igreja granadinos da Ordem jerônima fundados em 1492 pelos Reis Católicos e onde foi sepultado Gonzalo Fernández de Córdoba, o Grande Capitão [GL, p. 613]. Amezúa (*op. cit.*, p. 671) assim o descreve: “Muito famoso, por ser fábrica suntuosa, por seu magnífico claustro, e principalmente por sua Capela Maior, que em seu tempo era considerada, com exceção do Escorial, a melhor da Espanha [...] O mosteiro foi fundado pelos Reis Católicos na época da tomada de Granada” [HS, p. 353 e SA, p. 618].
- ³¹⁹ O poeta havia começado a receber esmola do mosteiro; *envergonhada* “aplica-se regularmente ao pobre de recursos que pede secretamente e com recato” [Autoridades]; o pobre *envergonhado* foi outro tema dos escritores satíricos e objeto de atenção dos tratadistas [GL, p. 614].
- ³²⁰ Mais dá o duro que o desnudo: refrão de uso atual [Covarrubias].
- ³²¹ A frase parece estar truncada (‘diferente de outro Angulo’). Andrés Angulo, o *Mau* foi empresário de companhia teatral e ator, citado por Cervantes no *Quijote*, II, 11. Amezúa (*op. cit.*, p. 674) o identifica com Angulo y los Corteses, que representava comédias em Madri em 1582 [HS, p. 353].
- ³²² Era costume da época [GL, p. 615].
- ³²³ passavam de doze: refere-se sem dúvida às pessoas que representam, número freqüente na época [GL, p. 615].
- ³²⁴ Iriam volteá-lo com uma manta, tal como acontece com Sancho no *Quijote* I, 17.
- ³²⁵ Refrão bíblico (Mateus 7,6).
- ³²⁶ entremezista: ator cômico de entremez, que é o intermédio cômico posterior ao primeiro ato da comédia; as *figuras* (ou seja, personagens) *mudas* costumavam representar animais ou personagens ridículas [GL, p. 615].
- ³²⁷ em pauladas: é o típico final do entremez, embora também costumasse terminar em um baile [GL, p. 615].
- ³²⁸ Ou seja, o tema merece um discurso ou colóquio à parte (*conto particular*) [GL, p. 616].
- ³²⁹ O tratamento que Berganza recebe na companhia de comediantes é interpretado como reflexo das polêmicas sobre a licitude do teatro [GL, p. 616].

-
- ³³⁰ recorri ao sagrado: alusão ao costume de ingressar em uma ordem religiosa ao final da vida, tal como fará o próprio Cervantes, e essa afirmação é interpretada como conclusão e sentido total do *Colóquio*. A expressão é tomada do costume dos delinquentes de refugiar-se em lugares sagrados para evitar ser detidos pela justiça [GL, p. 616].
- ³³¹ Vê-se nessas afirmações uma referência a personagens reais da época, talvez o próprio Lope de Vega [GL, p. 616].
- ³³² Cervantes reúne nesse último trecho do *Colóquio* algumas das figuras satíricas da literatura do início do século XVII. A *alquimia* (extração de ouro e prata dos metais menos nobres mediante processos “químicos”) era uma crença fortemente arraigada na sociedade da época. As *matemáticas* incluíam as atividades que precisavam de cálculo que, tal como descreve *Covarrubias*, incluíam as quatro ciências do *quadrivium* clássico (geometria, aritmética, música e astrologia) e tinham grande relação com determinadas técnicas militares (artilharia, por exemplo) e com a navegação. Os *arbitristas* eram os “economistas” da época, que idealizavam “arbitrios” (“soluções”) para resolver os graves problemas econômicos do poder público; o vocábulo adquiriu um certo sentido pejorativo desde o início do século XVII [GL, p. 617]. Segundo *Autoridades*, “arbitrista é o que discorre e propõe meios para aumentar o erário público ou as rendas do príncipe. Vem do nome arbitrio, mas essa voz comumente é usada negativamente e com universal aversão, e por isso os arbitristas foram considerados muito prejudiciais aos príncipes”. Sevilla Arroyo observa que é um dos “tipos cômicos” mais freqüentemente ridicularizados nos textos da época, recordando o arbitrista do *Buscón* e sua proposta para secar o Mar de Ostende [SA, p. 622]. Em relação ao papel do arbitrista na sociedade espanhola dos séculos XVI e XVII, ver, de Maria Cristina Lagreca de Olio, *El tema del dinero en el Quijote* (dissertação de mestrado, São Paulo, USP, 2006).
- ³³³ Sevilla Arroyo observa que é curioso notar, a partir daqui, como o *Colóquio* se encaminha à enumeração de fantoches caricaturescos. Todos os componentes da série (alquimista, poeta, matemático e arbitrista) são material para a caricatura impiedosa [SA, p. 622].
- ³³⁴ tenham passado dez anos: na verdade, Horácio, em sua *Ars poetica*, verso 388, recomenda nove anos: *et patris et nostras nonnumque prematur in annum* [Horácio. *Sátiras/Epístolas/Arte poética*. Ed. bil. de Horacio Silvestre. Madrid, Cátedra, 1996, p.572]; o erro possivelmente tenha se originado na tradução de Vicente Espinel [GL, p. 617].
- ³³⁵ Alusão satírica às novelas de cavalaria de tema bretão ou carolíngio. O Rei Artur e seus pares, cavaleiros da Távola Redonda, foram a fonte de um ciclo literário, a “matéria de Bretanha”, que proliferou diversamente pela Península Ibérica, bem como por toda a Europa, passando da literatura escrita à tradição oral. Mais especificamente, o texto alude à *Demanda del Santo Grial, con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaz, su hijo* (Toledo, 1515) e ao *Baladro del sabio Merlin* (Burgos, 1498). Note-se a confusão burlesca entre *brial* (“saia”) e *grial* (“cálice”), assim como o ciclo carolíngio com a matéria da Bretanha, além do fato de que “a demanda do Santo Grial” é frase proverbial [*Correas*]. O arcebispo Turpin foi conselheiro de Carlos Magno e arcebispo de Reims, e é, principalmente, autor apócrifo da *Historia Karoli Magni et Rotholandi* (geralmente conhecida como “Crônica do Turpin ou do Pseudo-Turpin”), que constitui o quarto livro do *Liber Sancti Jacobi* e narra as aventuras de Carlos Magno na Espanha para livrar a tumba do apóstolo Santiago da dominação árabe; é produto e origem das lendas ou cantares épicos que relacionam o rei franco com o culto a Santiago. Neste caso concreto, aparece citado de forma burlesca como autor de livros de cavalaria por excelência; de fato, na época o arcebispo Turpin se vangloriava com freqüência de obras cavaleirescas ou maravilhosas, como o *Orlando*, ou como faz o próprio Lope de Vega em *La*

-
- hermosura de Angélica*. Escreveu o poema ao que alude em oitavas reais e hendecassilabos soltos, que foram uma moda literária dos últimos anos do século XVI. A expressão *o que deixou de escrever* evoca o primeiro humanista do *Quixote*, II, 22, que também quer escrever um *suplemento* a Polidoro Virgílio; *suplemento* era uma dos títulos usado nos livros de erudição da época [GL, p. 618].
- ³³⁶ esdrúxulo: diacronismo para *proparoxítono*. Verso que termina em palavra *proparoxítona* [Houaiss].
- ³³⁷ *Cresso*: último rei da Lídia (580-546 a.C.), derrotado por Ciro e de riqueza proverbial; *Midas*: legendário rei da Frígia que convertia em ouro o que tocava; *Crasso* se refere a Marco Licínio Crasso, que formou triunvirato com Pompeu e César e foi assassinado por eles em 53 a.C. Crasso e Cresso são citados como símbolo da riqueza [GL, p. 619].
- ³³⁸ pedra filosofal: composto que na alquimia devia fazer com que os metais ordinários se transformassem em ouro ou prata [GL, p. 619].
- ³³⁹ O *ponto fixo*, também chamado de *ponto de longitude*, era o que permitia calcular a posição de um navio no mar, muito difícil de estabelecer na época, pois se sabia determinar a latitude, mas não a longitude [GL, p. 619].
- ³⁴⁰ A *quadratura do círculo*, frase que se tornou sinônimo de “absurdo”, foi um problema que ocupou os matemáticos da Grécia clássica e do início do século XVII, e tem relação com a recuperação de Arquimedes ao longo do século XVI, recuperação esta que está na base da aplicação da matemática à física (Galileu, por exemplo) e constitui a pré-história do cálculo infinitesimal. Era, pois, um problema em moda [GL, p. 619].
- ³⁴¹ Tântalo é personagem da mitologia clássica.
- ³⁴² Sísifo também é personagem da mitologia clássica. Trata-se do lendário rei de Corinto, condenado a empurrar uma enorme rocha até o cume de um montanha, mas esta tornava a cair antes de chegar ao topo.
- ³⁴³ que podem sê-lo do Grão-Turco: “queixar-se ao Turco” era frase hiperbólica equivalente a “queixar-se ao Rei”, “ver o Turco” ou “queixar-se ao Papa” [SA, p. 624].
- ³⁴⁴ *Restauração* foi vocábulo utilizado pelos arbitristas no sentido do moderno “reforma” e, neste caso, com o significado de “solução” [GL, p. 620].
- ³⁴⁵ na sarjeta (*en el carnero*): significa tanto “fossa comum” como “armazém”, “arquivo”, pois “os papéis que não são de proveito e, por ser antigos, não se queimam, colocando-os em uma parte afastada, dizem ‘jogá-los ao carneiro’, à imitação do dos mortos” [Covarrubias].
- ³⁴⁶ *Comissários* eram “os comissionados encarregados de executar as requisitórias”. Cervantes foi comissário de abastecimento para a Armada Invencível na Andaluzia nos últimos anos do século XVI e, como tal, confiscava porções de cereais. Como se pode supor, não era uma função muito popular e, logicamente, estava aberta a todo tipo de corrupção. Talvez daí decorra o fato de que, no texto, Cervantes sugira *recolher pelas paróquias, sem necessidade de comissários*, já que estes destroem a república [GL, p. 621].
- ³⁴⁷ Às vezes, interpreta-se essa afirmação como um elogio ao Corregedor de Valladolid Diego Sarmiento de Acuña, que exerceu o cargo no período de 1602 a 1605 [GL, p. 621].
- ³⁴⁸ Essa cadelinha de saia aparece em outros textos da época, pois se converteu em mascote habitual, e era “coisa muito essencial e própria de uma dama ter um desses cãesinhos” (Mateo Alemán, *Guzmán de Alfarache*). *Perro de falda*: cão que, por ser pequeno, pode se aninhar entre as saias das mulheres [Covarrubias].

³⁴⁹ Espolón: praça e passeio de Valladolid, sobre o Pisuerga. Amezúa (*op. cit.*, p. 42) diz tratar-se de “uma praça quadrada, ao lado do Campo Grande e não distante de São Lourenço, com um muro sobre o rio que chegava ao peito, e de cujos bancos ou assentos de pedras se descortinava uma bela vista, de alamedas, jardins, fontes e mosteiros.” [HS, p. 359].

BIBLIOGRAFIA

- AAVV. *Cervantes. La invención poética de la novela moderna – Estudios de su vida y obra. Anthropos – Revista de documentación científica de la cultura. Nº 98/99, 1989.*
- ALBORG, J. L. *Historia de la literatura española*. Madrid, Gredos, 1979.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. L. “Berganza y la moza ventanera”. In: *Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America* 12.2 (1992).
- AMEZÚA Y MAYO, A. G. de. *Cervantes, creador de la novela corta española*. Madrid, CSIS, 1982.
- APULEIO, L. *El asno de oro*. Madrid, Alianza, 1988.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre, Globo, 1966.
- _____. *Retórica*. Trad. A. P. de Carvalho. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução – a teoria na prática*. São Paulo, Ática, 1986.
- ARTAZA, E. *Ars narrandi en el siglo XVI español*. Bilbao, Universidad de Deusto, 1989.
- ASTRANA MARÍN, L. *Vida ejemplar y heroica de Miguel de Cervantes Saavedra*. Madrid, 1952, vol. IV.
- AUBERT, F. H. *As (in)fideliades da tradução*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1993.
- AUERBACH, E. *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental*. Trad. Suzi Sperber. São, Paulo, Perspectiva.
- AVALLE-ARCE, J. B. “Introducción”. In: CERVANTES, Miguel de. *Novelas ejemplares*. Madrid, Castalia, 1987.
- _____. e RILEY, E. C.(org.) *Suma Cervantina*. Londres, Tamesis, 1973.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BASANTA, A. *Cervantes y la creación de la novela moderna*. Madrid, Anaya, 1992.
- BASSNETT-MCGUIRE, S. *Translation Studies*. Londres e Nova York, Methuen & Co., 1978.
- BATAILLON, M. “Relaciones literarias”. In: AVALLE-ARCE, J. B. e RILEY, E. C.(org.) *Suma Cervantina*. Londres, Tamesis, 1973.
- BLANCO AGUINAGA, C. “Cervantes y la picaresca. Notas sobre dos tipos de realismo”. In: VVAA. *Miguel de Cervantes en su obra. Anthropos – Revista de documentación científica de la cultura. Nº 98/99, 1989.*
- _____. et alii. *Historia social de la literatura española*. Madrid, Castalia, 1979.
- BORGES, J. L. “Pierre Menard, autor del Quijote”. In: *Ficciones*. Madrid, Alianza, 1981.
- CABAÑES, J. M. O. “Las *Novelas ejemplares*”. In: CERVANTES, M. de. *Novelas ejemplares* (Rinconete y Cortadillo, La española inglesa, El licenciado Vidriera). Madrid, Castalia, 1987.
- CANAVAGGIO, J. *Historia de la literatura española*. Barcelona, Ariel, 1994-1995 (tomos I e II).
- _____. *Cervantes*. Madrid, Espasa Calpe, 1987.

-
- CARBONELL I CORTÉS, O. *Traducción y cultura: de la ideología al texto*. Salamanca, Ediciones Colégio de España, 1999.
- CARRETER, F. L. *“Lazarillo de Tormes” en la picaresca*. 2 ed. Barcelona, Ariel, 1983.
- CARRILLO, F. *Semiolingüística de la novela picaresca*. Madrid, Cátedra, 1982.
- CATFORD, J. C. *Uma teoria lingüística da tradução*. São Paulo, Cultrix, 1980.
- CASALDUERO, J. *Sentido y forma de las Novelas ejemplares*. Madrid, Gredos, 1974.
- CASTIGLIONE, B. *El cortesano*. Ed. de Mario Pozzi. Trad. de Juan Boscán. Madrid, Cátedra, 1994.
- CASTRO, A. *La realidad histórica de España*. México, Porrúa, 1982.
- _____. *El pensamiento de Cervantes*. Barcelona, Crítica, 1987.
- _____. “La ejemplaridad de las novelas cervantinas”. In: *Hacia Cervantes*. 3 ed. Madrid, Taurus, 1967.
- CELLORIGO, M. G. *Memorial de la política necesaria y útil restauración a la República de España*. Madrid, ICI/Quinto Centenario/Antoni Bosch/Instituto de Estudios Fiscales, 1991.
- _____. *Cervantes y los casticismos españoles*. Madrid, Alianza, 1974.
- CERVANTES, M. de. *Novelas ejemplares*. Ed. de Jorge García López. Barcelona, Crítica, 2001.
- _____. *Novelas exemplares*. Ed. de F. Sevilla Arroyo e A. Rey Hazas. Madrid, Espasa Calpe, 1996.
- _____. *Novelas ejemplares*. Ed. de H. Siber. Madrid, Cátedra, 1990.
- _____. *O casamento ardiloso e outras novelas exemplares*. Trad. de Vergílio Godinho. Lisboa, Verbo, s/d.
- _____. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2005.
- _____. *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. Trad. de Carlos Nougué e José Luis Sánchez. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- _____. *Don Quixote da Mancha*. Trad. de Valentín Arias López et alii. Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2005.
- _____. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Trad. de Sérgio Molina. São Paulo, Editora 34, 2002.
- _____. *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*. Trad. de Eugênio Amado. 4 ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1997.
- _____. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad. de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- CESAR, A. C. “Bastidores da tradução”. In: *Escritos da Inglaterra*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- CLOSE, A. “Las interpretaciones del Quijote”. *Don Quijote de La Mancha*. Ed. de Francisco Rico. Barcelona, Ed. Crítica, 1998.
- COROMINAS, J. *Diccionario critico etimologico castellano e hispanico*. Madrid, Gredos, 1991.
- CORREAS, G. *Vocabulario de refranes y frases proverbiales y otras formulas comunes de la lengua castellana en que van todos los impresos antes y otra gran copia*. Madrid, Visor Libros, 1992.

-
- COVARRUBIAS OROZCO, S. de. *Tesoro de la lengua castellana o española*. Madrid, 1611, ed. de Martín de Riquer, Barcelona, Horta, 1943.
- DUNN, P. N. “Las Novelas ejemplares”. In: AVALLE-ARCE, J. B. e RILEY, E. C.(org.) *Suma Cervantina*. Londres, Tamesis, 1973.
- _____. “Cervantes De/Re-Constructs the Picaresque”. In: *Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America*, 2 (1982).
- ECO, U. *Cómo se hace una tesis*. México, Gedisa, 2004.
- EGIDO, A. “Introducción” a *El Discreto* de Baltazar Gracián. Madrid, Alianza Editorial, 1997.
- EL SAFFAR, R. S. *Novel to Romance: A Study of Cervantes’ “Novelas ejemplares”*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1974.
- _____. *Cervantes: “El casamiento engañoso” and “El coloquio de los perros”*. Londres, Grant and Cutler, 1976.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio século XXI : o dicionário da língua portuguesa*. Coord. e ed. Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- FORCIONE, A. K. *Cervantes and the Humanist Vision: A Study of Four “Exemplary Novels”*. Princeton, Princeton University Press, 1982.
- _____. *Cervantes and the Mystery of Lawlessness: A Study of “El casamiento engañoso” and “El coloquio de los perros”*. Princeton, Princeton University Press, 1984.
- FRYE, N. *La escritura profana*. Caracas, Monte Ávila, 1970.
- FUENTES, C. *Cervantes o la crítica de la lectura*. México, Joaquín Mortiz, 1976.
- GONZÁLEZ, M. M. *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura brasileira*. São Paulo, Nova Alexandria, 1994.
- _____. *O romance picaresco*. São Paulo, Ática, 1988.
- GRACIÁN, B. *Obras Completas*. Madrid, Espasa-Calpe, 2001.
- GREEN, O. *España y la tradición occidental*. Madrid, Gredos, 1969.
- GUILLÉN, C. *El primer Siglo de Oro*. Barcelona, Crítica, 1988.
- HANSEN, J. A. “Barroco, neobarroco e outras ruínas”. *Teresa - Revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Editora 34, 2001.
- HOLMES, J. S. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdã, Rodopi, 1988.
- HORÁCIO. *Sátiras/Epístolas/Arte poética*. Ed. bil. de Horacio Silvestre. Madrid, Cátedra, 1996.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa / Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar, Francisco Manoel de Mello Franco*. São Paulo, Objetiva, 2001.
- HUARTE DE SAN JUAN, H. *Examen de ingenios para las ciencias*. Ed. de Guillermo Serés. Madrid, Cátedra, 1989.
- HURTADO ALBIR, A. (dir). *Enseñar a traducir: metodología en la formación de traductores e intérpretes*. Madrid, Edelsa, 1999.
- IRIBARREN, J. M. *El porqué de los dichos*. Madrid, Suma de Letras, 2002.

-
- JAKOBSON, R. "Aspectos lingüísticos da tradução". In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- LADMIRAL, J. R. *A tradução e os seus problemas*. Lisboa, Edições 70, 1980.
- LARANJEIRA, M. *Poética da tradução*. São Paulo, Edusp, 1993.
- LÓPEZ, J. G. "Rinconete y Cortadillo y la novela picaresca". In: *Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America*, 19.2 (1999).
- LÓPEZ GRIJERA, L. *La retórica en la España del Siglo de Oro*. Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1994.
- LOPEZ PINCIANO, A. *Philosophia antigua poética*. Ed. A. Carballo Picazzo. Madrid, CSIC, Instituto Miguel de Cervantes, 1973.
- LUKÁCS, G. *La teoría de la novela*. Barcelona, Grijalbo, 1975.
- MARTÍNEZ-BONATI, F. *El Quijote y la poética de la novela*. Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1995.
- MARTINS, M. A. P. (org.) *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, Lucerna, 1999.
- MENÉNDEZ PELÁEZ, J. et alii. *Historia de la literatura española*. Madrid, Everest, 1993-1995 (tomo I).
- MEREGALLI, F. *Historia de la literatura española*. Madrid, Cátedra (tomo I).
- MILTON, J. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- _____. *O Clube do Livro e a tradução*. Bauru, SP, EDUSC, 2002.
- MORENO BÁEZ, E. "Perfil ideológico de Cervantes". In: AVALLE-ARCE, J. B. e RILEY, E. C.(org.) *Suma Cervantina*, London, Tamesis, 1973.
- MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo, Cultrix, 1975.
- NIDA, E. *Language Structure and Translation*. California, Stanford University Press, 1975.
- LAGRECA DE OLIO, M. C. *El tema del dinero en el Quijote*. São Paulo, USP, 2006. Dissertação de mestrado.
- PABST, W. *La novela corta en la teoría y en la creación literaria*. Madrid, Gredos, 1972.
- PAES, J. P. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo, Ática, 1990.
- PARODI, Alicia. *Las Ejemplares: una sola novela. La construcción alegórica de las Novelas ejemplares de Miguel de Cervantes*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 2002.
- PAZ, O. *Traducción: literatura y realidad*. Barcelona, Tusquets Editor, 1971.
- PEDRAZA JIMÉNEZ, F. e RODRÍGUEZ CÁCERES, M. *Manual de literatura española*. Tafalla, Cénlit, 1980 (tomos I e II).
- PERCAS DE PONSETTI, H. *Cervantes y su concepto del arte*. Madrid, Gredos, 1975.
- PORTINHO, W. M. (org.). *A tradução da grande obra literária: depoimentos*. São Paulo, Álamo, 1982.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario de autoridades*. Ed. fac-símile. Madrid, Gredos, 1990.
- REED, H. H. "Theatricality in the Picaresque of Cervantes". In: *Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America*, 7.2 (1987).

-
- REGUERA, J. M. "Entre parejas anda el juego / All a Matter of Pairs: Reflections on some characters in the *Novelas ejemplares*". In: BOYD, S. (ed.) *A companion to Cervantes's Novelas ejemplares*. Londres, Tamesis, 2005.
- REY HAZAS, A. "Género y estructura de El coloquio de los perros, o cómo se hace una novela". In: *Lenguaje, ideología y organización textual en las Novelas ejemplares de Cervantes*. Madrid, Universidad Complutense, 1983.
- _____. "Novelas ejemplares". In: CLOSE, Anthony et alii. *Cervantes*. Madrid, Centro de Estudios Cervantinos, 1995.
- _____. & SEVILLA ARROYO, F. *Cervantes. Vida y literatura*. Madrid, Alianza Editorial, 1995.
- RILEY, E. C. *Teoría de la novela en Cervantes*. Madrid, Taurus, 1971.
- RICO, F. *Historia y crítica de la literatura española*. Barcelona, Grijalbo, 1980 (tomos I e II)
- RODRÍGUEZ-LUIS, J. *Novedad y ejemplo de las novelas de Cervantes*. Madrid, Porrúa, 1980-1982.
- _____. "Autorrepresentación en Cervantes y el sentido del *Coloquio de los perros*". In: *Cervantes: Bulletin of the Cervantes Society of America*, 17.2 (1997).
- RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. 4 ed. Rio de Janeiro, Educom, 1976.
- _____. *A tradução vivida*. 2 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- RUSSELL, P. "*Don Quijote* o la risa a carcajadas". *Temas de la Celestina y otros estudios*. Barcelona, Ariel, 1978.
- STEINER, G. *After Babel: Aspects of Language and Translation*. Oxford, Oxford University Press, 1975.
- THEODOR, E. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1976.
- TORRE, E. *Teoría de la traducción literaria*. Madrid, Síntesis, 1994.
- TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdã-Filadélfia, Benjamins, 1995.
- TRADUÇÃO E COMUNICAÇÃO. *Revista brasileira de tradutores*. São Paulo, Álamo.
- VIEIRA, M. A. da C. *O dito pelo não-dito: paradoxos de Dom Quixote*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1998.
- VILAR, P. *Historia de España*. Barcelona, Crítica, 1980.